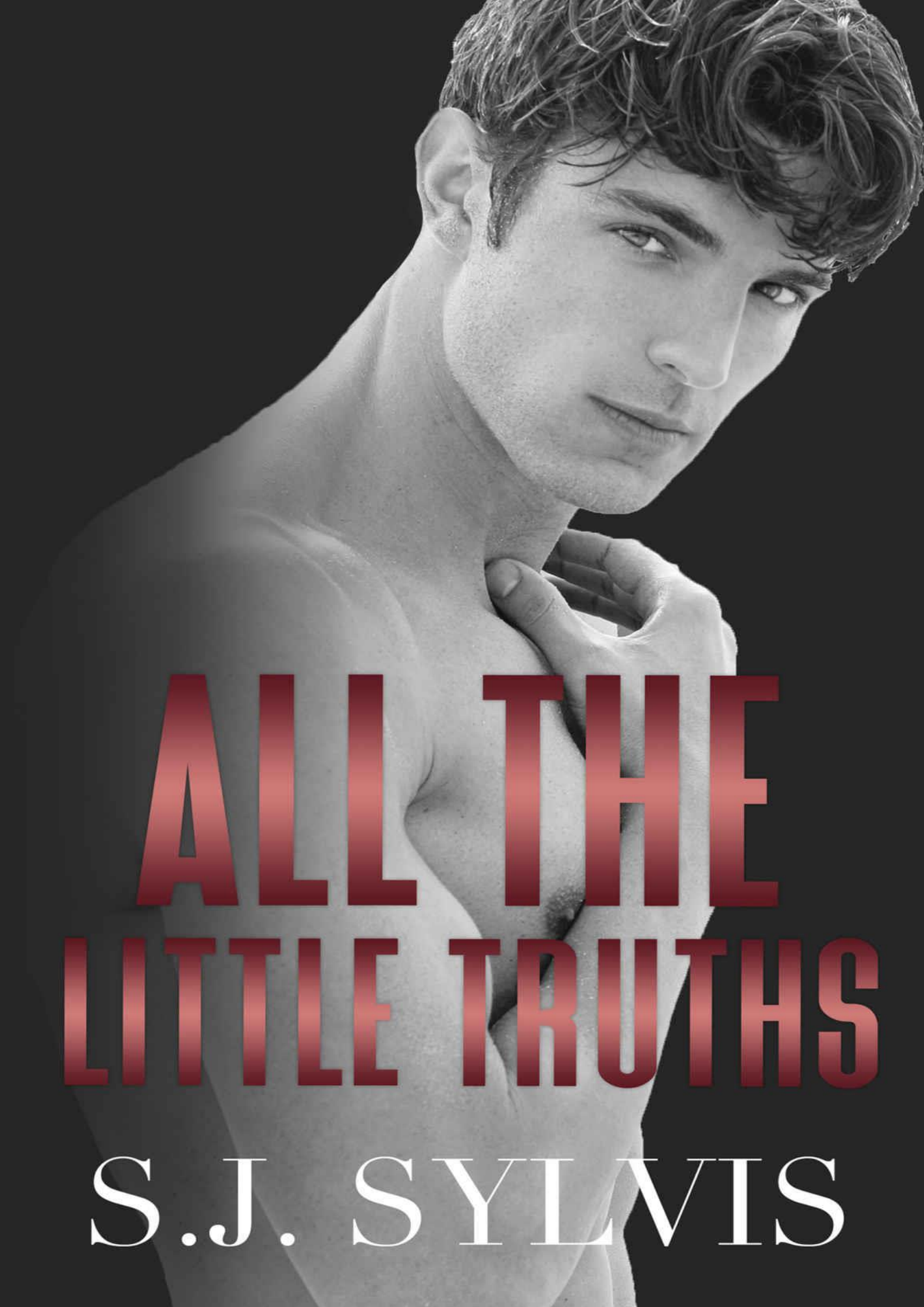




ALL THE LITTLE TRUTHS

S.J. SYLVIS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

all the *Little Truths*

STAFF

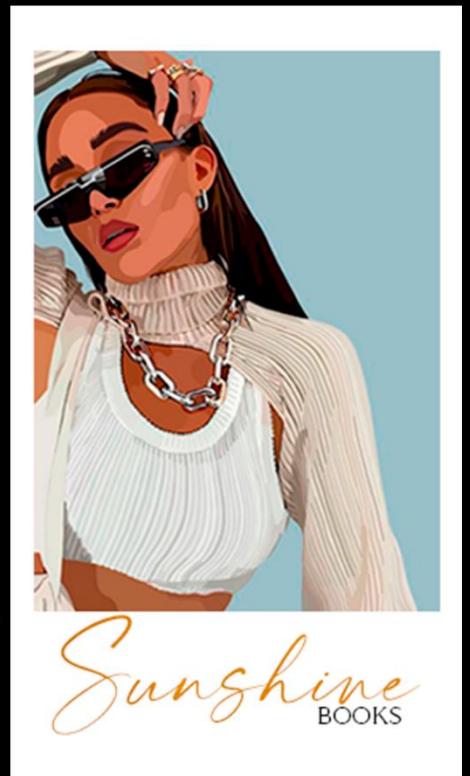
Disponibilização: Sunshine

Tradução: Mandy

Revisão Inicial: Ravena, Cayla Black

Revisão Final: Amora

Formatação: Azalea



all the *Little Truths*

SINOPSE

Vários meses atrás, eu era a rainha da English Prep. Os meninos paravam de andar ao ver minha saia xadrez muito curta, e as meninas se encolhiam atrás das portas dos armários, com inveja, pois governava os corredores com o garoto mais desejado ao meu lado.

Mas a questão das rainhas?

Eles frequentemente caem para sua própria morte.

Os meninos não me dão mais um olhar. As meninas torcem o nariz ao ver meu cabelo dourado. Cada relacionamento que eu formei como governante da escola foi infrutífero e unilateral - e eu não perdi uma única pessoa quando fui empurrada para fora do trono com minha coroa quebrada a reboque.

Exceto Eric.

Na sexta série, dei a ele uma pulseira da amizade, junto com meu coração jovem e ingênuo. Mas as coisas mudaram rapidamente depois disso. A garota bonita e simpática da casa ao lado que já fui, foi transformada em alguém fria e insensível. Eric acha que eu o isolei por causa do meu status na English Prep.

Mas isso não é verdade.

E tanto quanto eu preciso dele agora, eu mereço cada olhar acalorado que ele envia em minha direção.

Eric me odeia.

E eu não posso nem culpá-lo.

AVISOS SUNS!

A tradução foi efetuada pelo grupo *Sunshine Books*, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo *Sunshine* poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo *Sunshine* de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

ALL THE LITTLE TRUTHS

PRÓLOGO

VÁRIOS MESES ATRÁS

Eric

No segundo em que acordei, sabia que algo estava errado. Chame de intuição, ou talvez fosse algo totalmente diferente, mas eu sabia que algo não estava certo. O Rover do meu pai estava na garagem, mas ele não estava em casa. Encarei minha mãe da porta entreaberta do quarto deles. Ela estava enrolada de lado enquanto seu peito subia e descia graciosamente, um cobertor envolto em seu corpo, com o sol mal aparecendo pela janela distante. Meu estômago apertou ainda mais enquanto continuei ali. Eu estava furioso.

Porra.

Eu já vasculhei a casa, de alto e baixo. Meu pai não estava em lugar nenhum. Seu telefone ainda estava na mesa de cabeceira e os lençóis ainda estavam amassados do seu lado da cama. Engoli um grunhido áspero quando meus dedos quase estalaram do aperto que eu tinha no batente da porta.

Dei uma última olhada para minha mãe antes de, rapidamente, me sacudir e descer correndo os degraus.

Darei um basta nessa merda.

Meu pai estava enganado se pensava que eu ia deixar isso passar. Ele era um filho da puta traidor.

— *Isso foi um erro. Um que sua mãe não precisa saber sobre.*

Sim, vá se foder, pai.

Depois de admitir que cometeu um erro, você geralmente para de cometê-lo.

Nossa porta da frente se abriu com minha raiva. Meu olhar percorreu nossa garagem e a grama verde recém-cortada que ficava entre a nossa casa e a do vizinho. Reconheci os dois carros estacionados na frente, o que só aumentou minha raiva. Meu coração batia forte como uma bomba-relógio. Minhas mãos tremiam de fúria enquanto caminhava pelo quintal úmido descalço. Quem precisava de sapatos em um momento como este? Foda-se os sapatos. Arrepios se apegaram ao meu peito nu. Quem precisava de uma camisa em um momento como este? Foda-se as roupas.

Tentei respirar firme para controlar meu temperamento conforme girava a maçaneta e abria a porta.

Tinha certeza que era apenas minha cabeça fodendo comigo, mas jurei que podia sentir o cheiro de sexo de onde eu estava.

Fazia uma eternidade desde que coloquei os pés nesta casa. A menor dor em meu peito se manifestou com memórias esquecidas – memórias que sempre afastei nos últimos anos, a fim de permanecer são. Balancei minha cabeça contornando os degraus e os subindo em conjuntos de três. Meus olhos foram diretamente para a porta do quarto de Madeline, mas rapidamente passei por ela, irritado que seu rosto estava flutuando em meu cérebro tão cedo pela manhã. Inclinei minha cabeça, os fios de meu cabelo escuro caindo em meus olhos quando comecei a ouvir.

O gosto amargo de vômito fez com que um gole áspero descesse pela minha garganta.

Não demorou mais de três segundos para chegar à porta que continha sons de pele contra pele e gemidos estridentes atrás dela. Mas, a partir do segundo em que abri a porta, tudo entrou em câmera lenta.

Meu coração bateu contra minha caixa torácica com tanta força que doeu. Foi o único som que consegui ouvir. Com cada impulso da porra da bunda nua do meu pai se chocando com a boceta da mãe de Madeline, senti minha raiva se intensificar a um pico assustador. Vi vermelho. A sala inteira tingida com uma cor infernal enquanto eu latia as palavras.

— Vamos. Para. Casa. Porra.

— Eric! — Meu pai fez uma pausa, ainda mergulhado na mãe de Madeline.
— Que diabos? Saia daqui!

— Eu mesmo vou arrancar você da porra da boceta dela se você não fizer isso sozinho. Você é nojento.

— Brett. — A mãe de Madeline balançou embaixo do meu pai, e minha cabeça virou para a esquerda enquanto eu desviava meus olhos. Eu me senti doente. E com raiva.

Com muita raiva pra caralho.

Minha pobre mãe.

O farfalhar de cobertores e os suspiros altos e exasperados de meu pai fizeram minha voz aumentar.

— Não estou mais escondendo essa merda. Isso está indo longe demais. Foder a vagabunda do bairro, *de novo*, antes de rastejar de volta para a cama com sua

amada esposa? — Encontrei seu olhar sombrio de frente, o que era irritante porque eu tinha certeza de que minha expressão refletia a dele: sobrelanceiras franzidas e escuras; mandíbula acentuada e tensa; cabelo escuro bagunçado no topo; olhos azul-aço armados e prontos para atacar. Eu era sua cópia carbono.

— Te odeio. Eu te odeio *pra caralho*. Mamãe merece muito mais do que você.

Nem sempre odiei meu pai. Até recentemente, ele era meu ídolo: trabalhador, carismático de um jeito que os outros saíam de seu caminho sem nem mesmo ter sido solicitado, fazia minha mãe corar de vez em quando e intimidava quem precisava ser colocado em seu lugar. Mas, então, cresci pra caralho e comecei a somar dois e dois.

Meu pai desviou o olhar por um momento enquanto a mãe de Madeline puxava os lençóis de cetim até o peito. Eu olhei para ela. Ela era tão culpada quanto meu pai. São precisos dois para foder. Ambos eram uns idiotas de merda.

— Falaremos sobre isso lá fora.

Eu zombei, minha risada sarcástica e dramática cortando o ar. — Não há nada para falar. Você vai levar sua bunda miserável para casa e dizer à mamãe o merda que você é.

Minha raiva ainda estava lá, fervendo sob minha pele, mas, eu estaria mentindo se dissesse que não houve um momento de hesitação da minha parte quando vi a linha da testa de meu pai se aprofundar. Entre os outros atributos que listei, ele também era arrogante. Meu pai não gostava de ficar envergonhado na frente dos outros. Eu assisti, em plena divulgação, como ele pode ficar intimidante quando ameaçado.

— Você não pode falar assim comigo. — Ele fez uma pausa, fechando o zíper da calça enquanto eu estava com os braços cruzados sobre o peito. Minha

mandíbula pulsou contendo um rosnado. — Não estou contando nada para sua mãe. Isso só vai machucá-la.

— Então, eu mesmo direi a ela, *maricas*. — A palavra foi cuspidada com tanto desgosto e raiva crua que notei o leve susto da mãe de Madeline. Virei-me, meus braços caindo rapidamente para os lados, pronto para abrir caminho pelo corredor em uma infeliz missão de partir o coração de minha própria mãe, mas parei no último segundo.

— Mamãe? — *Oh, porra. Oh, porra. Oh, caralho.*

Seus olhos brilhantes se suavizaram por um momento conforme ela suspirava, olhando para o meu rosto. A raiva sumiu instantaneamente. *Merda.* — Mãe... eu estou tão...

Sua mão era como uma pena roçando meu peito. — Você, meu doce menino, — as lágrimas continuaram a encher seus grandes olhos castanhos, — é meu maior amor.

— Heather. — A voz do meu pai estava apressada, um suspiro alojado no fundo de sua garganta.

A mão da minha mãe caiu rapidamente do meu peito enquanto ela piscava para afastar as lágrimas.

Ela se virou e caminhou de volta para as escadas e desceu um por um. Seu robe rosa-claro balançou quando ela desceu as escadas e todo o caminho até a porta, sem olhar para trás nenhuma vez.

Um forte resmungo saiu da garganta do meu pai que correu atrás dela, chamando seu nome a cada passo que dava. Fiquei rígido no mesmo lugar.

Eu sabia que precisava me mover, especialmente antes que Madeline saísse de seu quarto com toda a comoção. A última coisa de merda que eu precisava era vê-la.

Abaixei meu olhar, desejando que a raiva voltasse para que eu não sentisse a culpa de ter mantido o segredo de que meu pai era um bastardo traidor por tanto tempo, mas estava lá e era pesado. A respiração presa clamou da minha boca enquanto eu esfregava o buraco no meu peito.

— Bem, estava na hora, — uma voz feminina flutuou ao meu redor quando eu relutantemente levantei meu queixo.

Meus olhos se voltaram para ela, embora eu implorasse a mim mesmo para não olhar. *E me foda*. O cabelo longo e loiro caía em ondas sobre os ombros delgados e peitos empinados, levando a shorts de algodão muito curtos e pés descalços com esmalte roxo nas pontas. Obriguei-me a olhar para suas pernas em vez de seu rosto, porque não conseguia imaginar ver sua expressão.

— O que diabos isso significa, Madeline?

Meu peito arfava e eu estava grato porque isso significava que minha raiva estava voltando.

Uma risada leve saiu dela e não pude evitar. Concentrei-me naquela boca rosada e carnuda. — Quero dizer, você demorou muito para entender.

Ela... ela sabia, porra, esse tempo todo?

Rastejei ao longo do corredor e fiz meu caminho até ela, finalmente me fixando naqueles olhos azul-celeste que tinham tanta profundidade que ela sempre tentava esconder. Por um momento, vi a velha Madeline. Aquela que uma vez me deu um cartão de melhoras quando peguei catapora na sexta série. Aquela que trouxe biscoitos recém assados quando me mudei pela primeira vez para o bairro.

Aquela que me fez um bracelete da amizade em uma noite de verão, depois que ficamos acordados até a meia-noite jogando basquete na minha garagem. Tive um mero vislumbre da Madeline de rosto fresco, olhos sonolentos e sem maquiagem. O que eu costumava desejar antes de tudo mudar. A sensação fugaz e distante de perdê-la passou por mim, me deixando ainda mais furioso.

Minha cabeça caiu em seu espaço pessoal, e suavemente pressionei suas costas no batente da porta, inclinando seu queixo delicado para encontrar o meu olhar. — *Você sabia?* — Não fiz nenhum movimento para esconder o desgosto absoluto em meu tom.

— Claro que eu sabia. Seu pai tem fodido minha mãe há anos, Eric.

Não queria mostrar minhas cartas, mas não pude evitar. Cada músculo tenso ao longo do meu rosto caiu por um momento. *Por anos?*

O olhar de Madeline saltou para frente e para trás entre os meus e, por um segundo, ela pareceu arrependida.

Se eu não estivesse tão chateado, questionaria a queda momentânea em seu exterior cruel e frio. Mas, estava chateado. *Estava realmente puto pra caralho.* Meu peito estava tocando o dela, e empurrei a queimação no meu interior que me disse que eu não estava burlando a porra do tesão dentro de mim antes de gritar, — Você sabia dessa merda esse tempo todo, e não pensou em me dizer? Ou melhor ainda... — pressionei ainda mais forte contra ela, suas costas agora esmagadas contra a madeira. Fios de cabelo loiro voaram de seu rosto, mostrando-me aquelas maçãs do rosto salientes e lisas. Madeline estava completamente ilegível; ela usava uma máscara o tempo todo. Era difícil decifrar o que se passava em sua cabeça, mas eu podia sentir o desconforto que estava causando nela. — Por que você não disse à sua mãe para fechar a porra das pernas dela? — Uma risada sarcástica irrompeu dela enquanto eu estendia a mão e lentamente movia uma mecha de seu cabelo para fora de seu rosto. Sua respiração engatou quando seus lábios se separaram. — Acho que a maçã não cai longe da árvore, hein?

Seus lábios se fecharam quando ela rapidamente virou a cabeça para o lado. Suspirei com raiva, a pele nua do meu peito esfregando seus seios cobertos. Odiava poder sentir o aperto de seus mamilos através do algodão fino. Odiei ainda mais ter gostado. — Fodeu pra você, Princess. — Recuei devagar e vi suas mãos plantadas com firmeza na madeira atrás dela, nós dos dedos brancos e tudo. — Você acha que Christian foi mau depois que te fez de idiota na festa, algumas semanas atrás? — Virei-me e balancei a cabeça, lhe enviando um olhar perverso por cima do ombro. — Apenas *espere*, porra.

Ela me chamou enquanto eu descia as escadas, tentando recuperar o fôlego. Não tinha certeza se estava sem fôlego por sentir seu corpo pressionado contra o meu, ou se era pela minha raiva, mas, de qualquer forma, parecia que acabei de fazer trezentas quadras consecutivas no campo de futebol.

— Não é minha culpa que seu pai seja um maldito porco, Eric.

Fiz uma pausa, sem me virar para olhar para aqueles olhos sugadores de alma dela. — Não, mas você é uma maldita vadia por não me contar. Sempre dei a você o benefício da dúvida, Madeline; velhas chamadas e tudo. Mas acontece que aquela garota legal que conheci anos atrás realmente se foi.

Ela esperou até eu estar quase na porta antes de gritar escada abaixo: — Não tenho medo dos seus joguinhos, Eric. Nem tenho medo de Christian.

Antes de sair pela porta, bufei: — Você deveria ter.

CAPÍTULO UM

Madeline

Eles disseram que o ensino médio era a melhor época da sua vida. Que aquelas memórias de jogos de futebol noturnos sob as luzes, torcendo com seus colegas de classe, seriam apreciadas para sempre. Os comícios, os questionários populares, os encontros do baile, tudo isso. Mas estou aqui para lhe dizer que o ensino médio *não* é o melhor momento da sua vida. Não poderia ser, porque se fosse, então meu futuro parecia muito, *muito* sombrio.

O som do meu alarme dirigiu a faca nas minhas costas – que, infelizmente, eu mesma coloquei lá – um pouco mais, me lembrando que eu teria que entrar naquele lugar estúpido e prestigioso na próxima hora. Não apenas tive que entrar na English Prep com um alvo nas minhas costas, mas também tive que fazer isso em trinta segundos de sono; *de novo*. Os nervos em meu estômago aumentaram enquanto eu olhava meu telefone em busca de novas mensagens, mas não tinha nenhuma. *Surpresa, surpresa.*

Meu dedo deslizou sobre a tela conforme eu relia os textos sem resposta que enviei para Sky, minha não tão amiga, mas sim uma conhecida que me ajudou em seu próprio caminho desviado.

Eu: Sky, *por favor, me responda.*

Eu: *Ouvi tudo sobre as corridas. Sei que merda bateu no ventilador, mas estou desesperada aqui.*

Eu: *Vou pagar o triplo do preço.*

Eu: *Não durmo há uma semana. Pelo menos me encaminhe para outra pessoa que possa me ajudar.*

Apertei meu telefone na minha mão, respirando profundamente pelo nariz. Se alguém lesse as mensagens no meu telefone, pensaria que sou uma viciada enlouquecida em drogas, mas não era. Pílulas para dormir não eram exatamente uma nova e popular droga de rua, de acordo com meu conhecimento. Se eu fosse ao médico, tinha certeza de que eles me dariam algo, *legalmente*, para ajudar a dormir. Mas, então, eles perguntariam por que não estava dormindo, e não havia absolutamente nenhuma maneira de eu descer naquela toca do coelho — nunca conseguiria sair.

Lentamente sentei na cama, jogando meu telefone no chão com frustração e balancei minhas pernas para o lado. Tudo em meu corpo doía com uma dor aninhada dentro de cada músculo. Eu não torcia há meses, mas parecia haver atrofiado por horas e horas na noite anterior. Minha cabeça estava prestes a explodir, e uma olhada no espelho me fez estremecer. As bolsas sob meus olhos azuis estavam lá, e elas estavam com *raiva*. Minha pele até parecia cansada. *Como isso foi possível?*

Meu uniforme xadrez da English Prep estava deitado na minha mesa no canto mais distante do meu quarto, me provocando com outro dia de inferno. Normalmente, eu usava meus chifres de diabo com orgulho enquanto entrava na escola, observando os olhares sujos de meus colegas, mas com três horas de sono na última semana, eu estava me sentindo muito fraca para fazer qualquer coisa. Até mesmo vestir-me foi uma tarefa difícil. Queria arrancar meu cabelo loiro em vez de escová-lo, mas parecia mais esforço do que realizar a tarefa em primeiro

lugar, então, no final, minhas mechas leves caíram sobre o logotipo do bulldog English Prep enquanto eu abotoava meu blazer.

Entrar na escola todos os dias era uma dose dura de realidade que fui forçada a engolir com orgulho. Em dias como hoje, em que eu realmente não tinha energia para colocar meu sorriso malicioso e meu escudo perfeito, tive vontade de gritar a plenos pulmões o quanto sentia. Como lamento ter tratado as pessoas como se elas não fossem *ninguém*. E como lamentei que toda amizade que já tive foi forçada e unilateral. Que pena que afastei todos porque estava com muito medo de deixar alguém entrar.

Mas eu não pediria desculpas. Não hoje, pelo menos.

Meus dentes rangeram enquanto eu olhava para a cadeira do computador fixada debaixo da porta do meu quarto. Meu coração bateu um pouco mais rápido quando fui até a janela, espiando pelo vidro, tentando ver se o brinquedo da minha mãe ainda não se foi, mas o único carro que vi foi o mesmo Maserati prateado estacionado ao lado da estrada como na noite anterior.

Suspirei, revirando os olhos.

Por que ele ainda estava aqui? Eles geralmente já teriam ido embora.

Voltei minha atenção para a cadeira e depois de volta para a grama verde abaixo da minha janela. Já foi feito antes. Eu pulei pela janela em uma tentativa pobre de evitar um encontro nojento com um homem com o dobro da minha idade, várias vezes no passado. Mas isso foi com mais energia. Isso foi com mais de cinco segundos de sono.

Trouxe meu polegar até minha boca e mordisquei enquanto decidia meu próximo curso de ação. Eu nunca vi esse carro antes, então não tinha certeza de que tipo de homem minha mãe decidiu trazer para casa. Era dia, então não era como se eu fosse me encontrar na mesma situação da última vez. Este homem

provavelmente não me prenderá contra a nossa geladeira e me agredir com a boca, ou correr as mãos sobre minhas curvas, me deixando em pânico. *Mas...*

Um suor frio começou a escorrer pelas minhas têmporas.

Não. Não faça isso de novo.

Depois de mover a cadeira de debaixo da minha porta para quando eu chegasse em casa depois da escola, eu corri e peguei minhas chaves da minha mesa, junto com minha mochila, e joguei meu telefone dentro com a esperança de que Sky finalmente me mandaria uma mensagem de volta com um local para encontrar. Andei alguns metros até a minha janela e a abri com quase nenhum esforço. Tirei a tela e puxei para dentro antes que caísse no chão. Respirei o ar fresco por um momento para acalmar os pensamentos erráticos que passavam pela minha cabeça. *Calma. Só respire.*

Puxei meu cabelo para o lado lembrando que já havia voado pelos ares tantas vezes como líder de torcida que pular para a sarjeta alguns metros abaixo de mim não iria me matar. Afinal, eu já fiz isso antes e provavelmente faria de novo.

Assim que minha perna foi puxada para o lado, puxei meu corpo esguio para a direita e avancei minha outra perna para fora. Meus braços tremiam e minhas pernas pareciam chumbo, de verdade, penduradas na parte inferior do meu corpo, mas, mesmo assim, fui capaz de agarrar o cano ao meu lado e segurar para salvar minha vida.

Inspirei e expirei pelo nariz algumas vezes antes de começar a descer, minha saia xadrez subindo tanto que provavelmente estava tocando meu sutiã. Meu coração parou quando ouvi uma voz deslizar pelos meus ouvidos e pousar bem na parte mais profunda do meu peito.

Eric.

O único garoto com quem realmente me importei. E, infelizmente, nos arruinei antes mesmo de saber o que éramos.

Minha mente lutou para apresentar uma boa fachada. Meu coração disparou para colocar aquele escudo grosso e pesado para proteção. Cada terminação nervosa do meu corpo gritava para agir de acordo para que ele não pudesse ver o quanto eu me arrependia de ter me tornado a pessoa que era hoje. O quanto me arrependi de tê-lo feito me odiar.

Porque vamos ser honestos aqui, se havia uma pessoa nesta terra que eu não queria que me odiasse, era ele.

A voz de Eric estava tão sombria e mal-humorada quanto ele. — Precisa de ajuda, Maddie?

Eu *odiava* quando Eric me chamava assim. E ele sabia disso.

— Como se você realmente fosse me ajudar, — grunhi, preparando-me para pular do cano de esgoto antes de pousar na roseira abaixo. Tive um breve vislumbre de seu cabelo escuro enquanto olhava para o arbusto espinhoso sob meus pés balançando. Os fios escuros foram empurrados para o lado daquele jeito preguiçoso e sexy que fazia as garotas suarem.

— Você tem razão. Eu não iria ajudá-la, mesmo que fosse a última coisa a fazer nesta terra. — Seus pés se arrastaram ao longo da grama quando ele se aproximou da lateral da minha casa. A tarefa de me concentrar no tijolo cor de ferrugem na frente do meu rosto em vez de encontrar seus olhos foi muito mais difícil do que eu jamais admitiria em voz alta. Ele arrastou suas palavras quando, finalmente, fez o seu caminho até mim. — Mas acho que vou ficar aqui casualmente e ver você cair. Parece uma ótima maneira de começar o dia. Então, por favor, continue.

Antes de empurrar para o lado e pular para a direita, errando a roseira de uma vez, juntei coragem para encontrar seu olhar. Tudo sobre mim o repelia. Seu lábio estava levantado, mas não com aquele sorriso sexy e travesso de menino mau que ele dava para outras garotas. Não, isso era um rosnado. Um brilho odioso era evidente em seu brilho de aço enquanto ele esperava que eu caísse. Seu blazer escolar azul-marinho estava puxado com firmeza sobre os ombros, os braços preguiçosamente pendurados ao lado do corpo com um pé chutado para trás, apoiado no esqueleto da minha casa.

Desejei, por um único momento, poder voltar no tempo e tomar decisões diferentes. Teríamos acabado assim? Eu teria acabado assim?

Provavelmente não, não teria.

Mas agora era tarde demais. Havia muitas coisas *ruins* associadas a mim. Eu nem sabia por onde começar se decidisse fazer as pazes.

Meus pés pousaram com um baque no chão macio, a apenas alguns metros de distância dele. Não mais do que um segundo depois, ele empurrou a lateral da minha casa e começou a se afastar com as mãos enfiadas nos bolsos. Sua mandíbula travada se contraiu em sua têmpora enquanto ele balançava a cabeça.

— Acho que você terá que encontrar outra maneira de iluminar o seu dia, Eric. — Minha voz saiu forte, mas por dentro, eu estava trêmula e um pouco desapontada por ele estar indo embora tão cedo.

Ele nem parou de andar quando falou, e eu o segui como uma fã desesperada. — Tenho certeza de que haverá outro episódio emocionante da English Prep em algum momento de hoje, onde você será a atriz principal em algo terrível que acontecerá com você. Eu chamo isso de show de bem-estar. É o meu favorito, na verdade. — Ele finalmente fez uma pausa e virou-se, dando um sorriso que fez meus passos pararem e meu estômago embrulhar. Não era um sorriso genuíno, claro que não, mas seus lábios perfeitamente carnudos se dividiram em dois, e

houve uma pequena centelha de luz dentro de mim. Endireitei meus ombros, preparando-me para algo doloroso sair de sua boca. — O que foi na semana passada? — Sua cabeça inclinada, aquele cabelo escuro caindo em seus olhos. — Peixe no seu armário?

Ah, sim. Como poderia esquecer o peixe no meu armário? O cheiro estava pútrido, e eu tive que agir como se isso não me incomodasse em nada. Caso contrário, isso colocaria uma rachadura na minha fachada de não-dou-a-mínima-que-todo-mundo-me odeia.

Afastei os sinais de dor que estavam escorrendo e inclinei meu queixo para cima para parecer equilibrada e despreocupada. — Foi você?

— Hmm? — ele perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Um carro passou por nossa rua tranquila, provavelmente um vizinho a caminho do trabalho. Assim que tirei os olhos do SUV preto, encontrei seu sorriso arrogante. — Foi você, Eric? Você colocou o peixe no meu armário? — Cruzei meus braços, esperando pacientemente por sua resposta. — Isso tudo é parte daquela amável ameaça que você me deu alguns meses atrás? — Joguei suas palavras de volta para ele. — *Fodeu pra você, Princess.*

Quase todos os dias, algo acontecia comigo. Peixe no armário? Verificado. Pneu rasgado no estacionamento? Verificado. Uma cadeira quebrando no refeitório, enviando minha bunda em um segundo? Verificado. A lista continuava indefinidamente. E, novamente, não tinha ninguém para culpar além de mim mesma. Eu tinha mais inimigos do que Hitler.

Eric se levantou, girando as chaves na mão uma e outra vez, encarando-me. Mudar de posição absolutamente não aconteceria, mas eu queria me contorcer de todas as maneiras. Quando seus olhos escuros desceram pelo meu corpo e voltaram, minha garganta se fechou.

Eu odiava que ele me odiasse.

Odiava que me *importasse* que ele me odiasse.

Finalmente, ele quebrou o silêncio. — Acho que você nunca saberá. Talvez fui eu. Talvez não. — Ele encolheu os ombros com indiferença, mordendo o lábio de uma forma que fez meu coração disparar.

Nada como ser misterioso.

Só então, eu ouvi a fechadura da minha porta da frente abrindo e entrei em pânico por instinto. Meus dedos agarraram as alças da minha mochila enquanto meu cabelo chicoteou em volta do meu rosto como uma leve brisa. Corri passando por Eric, ignorando o quão bom ele cheirava, e rapidamente entrei no meu carro sem olhar para trás. Eu estava fora da garagem antes mesmo que ele chegasse em seu Range Rover. Nem dei uma única olhada ao homem que desceu as escadas da minha varanda — com muito medo de que ele me visse e tivesse uma ideia desagradável em sua cabeça de que eu era exatamente como minha mãe.

Não aguentaria outro pesadelo horrível vagando pelos corredores à noite e "acidentalmente" abrindo a porta do quarto *errado*. Estar na English Prep era um inferno, mas estar em casa também.

CAPÍTULO DOIS

Eric

Ouvir o próprio choro de sua mãe deveria ser proibido. Não deveria existir. Isto era um dilema. O que eu deveria fazer? Confortá-la? Fingir que não a ouvi? Ela estava em particular, então a última provavelmente era a escolha certa, mas algo se acendeu dentro de mim enquanto eu estava lá ouvindo. Cada vez que via seus olhos tristes, eu sentia o ardor. Como um incêndio que acabara de ser apagado, mas as brasas ainda estavam acesas. E toda vez que o via — meu pai, a quem eu não mais chamava pelo nome — sentia as chamas se unindo. Como um fogo rugindo de raiva.

— Mamãe? — Meio que sussurrei através de sua porta fechada. — Estou indo para a escola. — Sua fungada foi ensurdecadora quando descansei minha testa na madeira.

— Certo, docinho. Não estarei muito em casa neste fim de semana. Peguei alguns turnos no hospital. — A falsa alegria em sua voz não passou despercebida, mas eu não estava prestes a criticá-la. Entendi sua necessidade de parecer forte na minha frente, mas eu não era tão estúpido quanto ela pensava. Aparentemente, o mesmo acontecia com meu pai. Como ele achou que eu, eventualmente, não perceberia seu comportamento estava além da minha compreensão.

— Tudo bem, mãe. Vejo você no domingo, então. Amo-te.

Ela pigarreou. — Amo você, querido.

Suspirei quando me virei e desci as escadas para o meu carro, percebendo todo o trabalho doméstico que precisava ser feito. A louça estava se acumulando e a roupa suja transbordando da lavanderia. O cobertor no sofá estava bagunçado, provavelmente porque minha mãe dormiu lá na noite anterior. Mamãe pensa que não notei que ela continuava dormindo no sofá em vez de na cama, mas percebi. Presumi ser porque ela não queria estar em qualquer lugar que meu pai tivesse estado, mesmo que ele não tivesse dormido em sua cama desde que foi pego transando com outra pessoa, mas provavelmente a incomodava do mesmo jeito. Assim como me incomodava quando eu via seu nome piscar no meu telefone.

Nós conversamos um punhado de vezes desde que o vi pegando a mãe de Madeline por trás, e todas às vezes, terminou do mesmo jeito: ele ameaçando me cortar e eu desligando em sua cara.

Contudo, sua última ameaça não era mais uma ameaça. Ele tinha me cortado. Ainda estava tentando se reconciliar com minha mãe, mas ela o interrompeu à sua maneira. Ela voltou a trabalhar e se recusou a aceitar um único centavo dele.

Você poderia dizer que nossa dinâmica familiar era um pouco complicada (leia-se: totalmente fodida).

Antes de fechar a porta da frente, prometi a mim mesmo que limparia a casa antes de sair hoje à noite.

Bem quando estava pegando meu telefone para dizer a Jesse — o capitão do futebol do ano passado que foi para a UCLA, também conhecido como o cara com quem eu agora festejava, já que meus dois melhores amigos estavam afundados na vagina de suas namoradas — que eu estaria na festa mais tarde do que de costume, um flash de cabelo platinado chamou minha atenção.

Não faça isso. Não olhe para lá.

Olhei para o lado da casa da vadia — desculpe, quero dizer a casa da *Madeline*, e a vi pendurada em sua janela em seu uniforme da English Prep. Sua saia xadrez curta foi empurrada para cima além de seus quadris, e minha língua, sem saber, disparou para fora da minha boca para lambeir meu lábio. Se fosse qualquer outra pessoa, eu me entregaria à visão de nádegas lisas divididas ao meio por um pedaço rendado de tecido rosa, mas era Madeline, e essa era uma zona proibida porra.

Não obstante, eu fiz meu caminho até lá para ver o que diabos ela estava fazendo pendurada em sua janela.

Madeline. A garota que vivia se metendo em situações suspeitas nas quais eu parecia estar sempre presente. Ultimamente, Madeline era meu passatempo favorito.

Por meses sentei e observei-a, tentando decidir como queria prosseguir com minha ameaça. Sempre tive um lado suave por Madeline, dando-lhe um pequeno desconto sobre seu comportamento e mudança de personalidade da garota que eu conhecia para o que ela se tornou. Inventava desculpas na minha cabeça, mesmo quando, no fundo, eu sabia que deveria tê-la odiado o tempo todo. Fomos próximos uma vez — *muito* próximos — mas, então, ela mudou. Começou a me ignorar, se distanciando, fingindo que eu não existia, tudo junto — e, eu fiz o mesmo com ela. Até quando namorou Christian — meu melhor amigo — fingi que ela não fazia parte do nosso grupo.

E em algum lugar ao longo do caminho, minha negação de viver em um mundo onde Madeline existia me pegou e me mordeu bem na bunda.

Cada lembrança dela me inundou no dia em que encontrei meu pai transando com sua mãe. Como se suas palavras tivessem me dado um soco. — *Seu pai tem fodido minha mãe há anos.*

Ódio. A odiei naquele momento. Odiava-a porque baixei a guarda e foi o movimento errado. A dor passou por entre os ossos da minha caixa torácica quando percebi que ela sabia o tempo todo que meu pai era um bastardo traidor, e não me contou. Toda uma porra de uma tonelada de dor poderia ter sido evitada se Madeline tivesse pensado em alguém além dela pela primeira vez.

Então, por meses, estive pensando no que fazer. Eu estive esperando, pacificado por observar a Abelha Rainha da English Prep se transformar na leprosa da escola. Definitivamente, isso me deu algum tempo. Era quase todos os dias que alguém a intimidava da mesma forma que ela os intimidou.

Eu não ia mentir; Madeline merecia tudo o que ela conseguiu, e é por isso que me irritou que houvesse uma pequena, e quero dizer *realmente pequena pra caralho*, parte de mim que se sentia mal. Talvez fosse porque eu conhecia a velha Madeline — a garota legal com duas tranças francesas e aparelho de metal nos dentes. Não sabia. Independentemente disso, afastei aquele sentimento desagradável e me entreguei aos sentimentos de fúria e ódio.

Afinal, não era difícil odiar uma garota como Madeline. As bonitas eram sempre as mais mesquinhas.

— Precisa de ajuda, Maddie? — Eu adorava usar seu antigo apelido. Sabia que isso a incomodava além da crença. Deliciava-me em vê-la encolher cada vez que eu o usava.

Ela mal olhou para baixo, segurando a calha de chuva. — Como se você realmente fosse me ajudar.

Sorri, olhando para sua bunda mais uma vez. — Você tem razão. Eu não iria ajudá-la, mesmo que fosse a última coisa a fazer nesta terra. — Comecei a me aproximar dela, tirando meus olhos traidores de seu corpo pendurado e me apoiei contra a lateral de sua casa. — Mas acho que casualmente ficarei aqui e assistirei

você cair. Parece uma ótima maneira de começar meu dia. Então, por favor, continue.

Por um momento, a cabeça de Madeline mergulhou. Seus olhos claros encontraram os meus, seu rosto escurecido por uma nuvem passageira, mas ainda testemunhei a decepção. Foi um momento de curta duração, mas tive orgulho em saber que minhas palavras a atingiram.

Madeline rapidamente saltou para o lado e pousou na grama abaixo, puxando a saia para baixo por suas longas pernas enquanto endireitava o corpo. Mexi minha mandíbula de um lado para o outro, balançando a cabeça. Coloquei minhas mãos nos bolsos da minha calça cáqui e comecei a me afastar, ansioso para colocar alguma distância entre nós.

Sua voz soou atrás, mas continuei empurrando um pé na frente do outro. — Acho que você terá que encontrar outra maneira de iluminar o seu dia, Eric.

Falei por cima do ombro quando cheguei à garagem entre nossas casas. — Tenho certeza de que haverá outro episódio emocionante da English Prep em algum momento de hoje, onde você será a atriz principal em algo terrível que acontecerá com você. Eu chamo isso de show de bem-estar. É o meu favorito, na verdade.

Um sorriso sujo apareceu no meu rosto quando me virei para olhá-la. Eu queria ver o brilho de dor em suas feições. Queria ter a vantagem nesta situação, especialmente porque meu pau ainda estava fixo em sua bunda nua. Minha cabeça pendeu para o lado, meu cabelo subindo em meus olhos. — O que foi na semana passada? Peixe no seu armário?

Não tinha ideia de quem fez isso. A porra do corredor inteiro fedeu a vagina podre quando Madeline abriu seu armário naquela manhã. Dei créditos a ela, no entanto. Não houve nem mesmo uma leve contração muscular em seu rosto. Ela era uma ótima atriz. Sempre foi.

— Foi você?

— Hmm? — Perguntei, agindo como se não tivesse ideia do que ela estava falando. Os olhos de Madeline desviaram, observando um carro passar atrás de mim.

Dei-lhe meu melhor sorriso quando ela perguntou novamente, — Foi você, Eric? Você colocou o peixe no meu armário? — Seus braços se moveram sobre o peito, escondendo seus seios empinados. — Isso tudo é parte daquela amável ameaça que você me deu alguns meses atrás? — Sua voz baixou enquanto ela repetia minhas palavras. — *Fodeu pra você, Princess.*

Meus dedos agarraram minhas chaves no bolso quando as memórias daquele dia voltaram. Foi há meses, mas de alguma forma pareciam segundos. Pra ganhar tempo, tirei minhas chaves do bolso e comecei a girar e girar, olhando-a, esperando a raiva crescente ferver. Corri meu olhar para baixo em seu cabelo dourado, passando por seus lábios em forma de coração e todo o caminho até suas meias até o joelho e voltando. Engoli, lutando como o inferno para me manter equilibrado. Tudo saiu do controle depois daquele dia. Foi sua culpa? Não. Mas ela poderia ter ajudado de alguma forma? Pelo menos me dado um leve aviso de que minha família estava prestes a explodir? Sim. Sim, ela poderia, cacete.

Minhas palavras quase soaram como um latido. — Acho que você nunca saberá. Talvez fui eu. Talvez não. — Dei de ombros, tentando parecer imperturbável.

A boca de Madeline se abriu ligeiramente enquanto ela continuava a olhar para mim, mas o som da porta da frente abrindo a fez sair correndo rapidamente. Ela se moveu cautelosamente ao meu redor, colocando espaço suficiente entre nós para caber em um trem de carga, e quase mergulhou de cabeça no carro. Ela estava fora de sua garagem e na rua antes mesmo de eu abrir a porta do meu Rover.

Desviei minha atenção para um homem saindo da varanda de Madeline e para seus faróis apagados antes de balançar a cabeça e virar a chave na ignição.

Não. Não quero nem saber, porra.

Algo estava errado com Madeline; isso ficou muito claro para mim nos últimos meses, mas isso era problema dela.

Ela não me ajudou quando tive problemas, e eu não estaria ajudando ela.

Era simples assim.

Uma comoção perto da fila do almoço me fez parar com a banana na boca. Meus dentes afundaram na maciez enquanto meus olhos percorriam todos, que também estavam observando o estrondo. Mordi a ponta da banana, mastigando lentamente, observando Madeline suspirar dramaticamente e se abaixar para pegar o conteúdo de sua bandeja. Uma garota de cabelos castanhos, alguém que eu tinha certeza que Madeline já havia intimidado no passado, estava rindo atrás dela. A garota se amontoou com suas amigas apontando e rindo ainda mais forte de Madeline enquanto ela colocava todo e qualquer macarrão espaguete de volta em sua bandeja. Tirei meu olhar de Madeline e me virei para olhar para meus amigos.

— Me sinto mal por ela, — murmurou Hayley, roubando uma batata frita da bandeja de Christian.

Ele empurrou para ela, pedindo-lhe que pegasse mais, quando perguntou: — Quem? Certamente você não está falando sobre Madeline.

Ollie, irmão de Christian, zombou. — Como você pode se sentir mal? Ela era uma vadia louca com você, Hayley. — Ele fez uma pausa. — Era uma vadia louca com todos.

Ele não estava errado. Madeline era uma cadela com Hayley e todos os outros. Ela jogava os outros no chão, jogava o cabelo loiro sobre o ombro e continuava o dia.

Hayley deu de ombros, enxugando as mãos na blusa da escola. — Ela foi definitivamente má comigo. Uma grande vadia, para ser franca. Mas...

— Há um mas? De você? — Christian perguntou, inclinando-se sobre a mesa do almoço e olhando-a como se ela estivesse delirando. Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo. — Ela jogou comida no seu uniforme em seu primeiro dia no English Prep.

Hayley ergueu as sobrancelhas de volta para ele, dando-lhe um olhar severo. — Porque *você* lhe pediu.

Christian era o ex-namorado de Madeline. Os dois formavam um casal poderoso, embora seu relacionamento não fosse nada mais do que um show. Não tinha certeza disso, não queria saber detalhes sobre meu melhor amigo e a garota que uma vez olhei com estrelas nos olhos, mas Christian nunca olhou para Madeline do jeito que olhou para Hayley. E Madeline nunca olhou para Christian do jeito que ela olhou para mim.

Mas aquilo foi antes. Isso era agora. Madeline não olhou mais para ninguém. Não realmente.

Piper, a melhor amiga de Hayley, riu baixinho antes de enterrar o rosto no pescoço de Ollie.

— Isso não é justo, — gemeu Christian. — Eu tinha um motivo para intimidar você. Ela não.

Hayley brigou com ele. — E daí? Você é o único que pode ser mau comigo?

Ele acenou com a cabeça com confiança. — Isso mesmo.

Hayley revirou os olhos, dispensando-o rapidamente. — Só estou dizendo que me sinto mal por ela. Há uma razão pela qual ela é má com todos. Posso ver isso.

— Não sei sobre isso, — confundiu Christian. — Acho que ela é apenas uma vadia fria.

Engoli meu refrigerante lentamente, mudando meus olhos para Madeline em sua mesa de almoço solitária perto das latas de lixo e, depois, de volta para Hayley e Christian discutindo sobre ela.

— Você não pode julgar um livro pela capa, Christian. Você já deveria saber disso.

Ele deu uma risadinha. — Eu estive entre as páginas dela. Ela não tem desculpa.

Piper engasgou quando Hayley se virou para olhar para ele mais uma vez. Esperei com o queixo caído para ver como Hayley retaliaria. Esses dois tinham um relacionamento estranho. Eles se amavam, mas às vezes suas pequenas brigas brincalhonas ficavam sujas.

Christian era um idiota, mas Hayley não aceitava sua merda. Era divertido, para dizer o mínimo.

— Mas, — ela se inclinou perto de seu rosto, sua boca quase tocando a dele, — por acaso você *leu* aquelas páginas, Christian?

Eu o observei engolir um grunhido feroz. Hayley sabia como apertar seus botões e como fazê-lo engolir suas palavras. Recostando-me na cadeira, cruzei os braços e sorri.

As mãos de Hayley se fecharam nas coxas de Christian, realmente perto de seu pau, esperando por sua resposta.

Piper estava apertando os lábios, olhando para cima da curva do pescoço de Ollie, que mal conseguia conter o riso.

Christian lambeu os lábios antes de sorrir. — Eu não li as páginas dela como li as suas...

Hayley sorriu antes de beijá-lo na boca. — Boa resposta.

Alguns segundos se passaram com todos rindo de seu show antes de Hayley voltar sua atenção para mim. — Quais são seus pontos de vista sobre isso, Eric? Você está terrivelmente quieto aí.

Minha boca fechou quando virei meus olhos para Piper. Ela rapidamente desviou o olhar, sem encontrar meus olhos.

Infelizmente, Piper sabia que havia algo acontecendo comigo quando se tratava de Madeline. Ela era observadora. Muito observadora. Ela sabia que eu observava Madeline como um falcão. Sabia que Madeline mergulhou debaixo da minha pele e me fez coçar de inquietação. Eu estava supondo que Piper havia contado a Hayley.

Essas duas eram problemas às vezes. Mas não o tipo de problema que Madeline era.

Bufei, empurrando minha bandeja com força antes de anunciar — bem *alto*, devo acrescentar — o que pensava sobre Madeline. — Acho que Madeline é uma vadia egoísta que só pensa em si mesma. Ela merece tudo o que está recebendo.

Algo voou através de minhas veias com minhas palavras — algo semelhante à inquietação, até mesmo culpa. Mas afastei quando encontrei seu rosto estoico, mas suave, olhando para mim de sua mesa de almoço.

Nós mantivemos os olhares um do outro por não mais do que um segundo, mas naquele segundo, vi muita emoção passar por trás de seus olhos azuis.

— Muito bem, — grunhiu Christian, erguendo o punho para socar o meu.

Quando deixei cair minha mão com um sorriso, olhei para trás para Madeline, mas ela estava saindo rapidamente do refeitório, sua saia xadrez balançando e os ombros encolhidos até as orelhas.

Antes de atravessar as portas, ela fez uma pausa e olhou para o telefone. Seus ombros caíram em um chiado com o que parecia ser alívio.

Não pude evitar minhas sobrancelhas se juntando, me perguntando o que estava em seu telefone que pareceu fazê-la relaxar.

Minha mandíbula estalou quando desviei o olhar, ignorando todos os sinais estranhos que Madeline estava emitindo nos últimos meses.

Não me importo.

Ela não merecia a quantidade de pensamentos que lhe dei. Madeline era como uma estação passageira, mudando ocasionalmente, apenas para deixar você com mais saudades. Mas eu estava perdendo a saudade de Madeline. Esse barco zarpou anos atrás.

CAPÍTULO TRÊS

Madeline

SKY: Pelo amor de Deus, Madeline. 2 4 1 8. Casa da Fraternidade, East Corbin St. Alpha Phi, hoje à noite às 21h. Ele atende por Atticus. Estará esperando por você. Vazei depois que Tank foi preso. Não estou vendendo mais. Policiais estão bisbilhotando. Não me envie mais mensagens.

Alívio. Alívio instantâneo. Esse texto não poderia ter vindo em melhor hora, também. Assim que cheguei em casa da escola, corri escada acima, grata por não haver veículos novos estacionados na frente, e tirei meu uniforme. Chutei meu blazer azul-marinho e minha saia até a metade do meu quarto e corri para o meu armário, puxando minha minissaia preta e meia-calça. Puxei meu suéter creme enorme para baixo do cabide, enfiando-o na frente da minha saia, e escorreguei no meu coturno Doc Martens preto. O spray de cabelo cobriu o topo da minha cabeça e desceu até meus ombros enquanto eu bagunçava meu cabelo para cima. Meu batom vermelho ficou liso e meu corretivo escondeu a cor cinza-escuro sob meus olhos.

Aí está.

Eu estava gostosa. Parecia uma garota universitária, em vez de uma estudante secundarista perdida entrando em uma festa de fraternidade para comprar drogas que nem mesmo eram boas.

Tudo que eu precisava era dormir um pouco e me sentir melhor. Tudo o que eu precisava era de uma boa noite feliz de sono, e minha cabeça não estaria tão confusa. Eu não me sentiria tão ansiosa.

Puxei meu telefone e reli a mensagem novamente antes de digitar o endereço no meu telefone. Levaria pelo menos uma hora para chegar lá, especialmente com a hora do rush enquanto eu viajava por Pike Valley e pela cidade. UCLA não era muito longe em termos de quilômetros, mas com o tráfego, era melhor eu sair em breve.

Enfiei meu telefone e as chaves na minha bolsa e olhei pela janela mais uma vez para ter certeza que nenhum cara assustador estava fazendo o seu caminho para a nossa porta da frente.

Um em particular.

Dois, se você contar meu próprio pai, que não estava em casa há meses.

Os nervos tensos em minha barriga afrouxaram quando vi que a barra estava limpa. Rapidamente olhei para o Range Rover de Eric estacionado em sua garagem. Por que olhei para o carro de Eric? Não fazia ideia. Simplesmente não pude deixar de me perguntar o que ele estava fazendo e se estava em casa.

Era uma doença pensar no cara que mais me odiava, mas tanto faz.

No segundo em que meus Doc Martens pousaram no patamar abaixo do último degrau, a voz da minha mãe gritou: — Madeline? É você? Onde está indo? No Christian?

Revirei meus olhos. *Quando você vai contar que não está mais namorando Christian? Na verdade, quando vai dizer-lhe que é a perdedora em vez da rainha da escola?*

Coloquei meu melhor sorriso. — Sim. Voltarei mais tarde esta noite. Tchau, mãe.

— Ei. Espere um segundo.

Minhas costas ficaram rígidas quando minha mãe deu a volta por trás e passou os dedos pelo meu cabelo. — Provavelmente poderíamos arrumar seu cabelo de novo. Seu pai gosta quando está claro assim.

Virei-me lentamente. — Isso significa que ele está voltando para casa?

Eu não tinha certeza do que era pior: meu pai ou os namorados aleatórios de minha mãe que ficavam uma noite. Tenho medo de ambos formigando meu pescoço por dois motivos muito diferentes.

Minha mãe passou a mão pelas próprias mechas de platina. Elas caíram em seus quadris com sua maciez brilhante quando ela os empurrou por cima do ombro. Apesar de seu comportamento, minha mãe era, na verdade, uma mulher muito bonita, mesmo sem toda a maquiagem que usava. Mas também era uma mulher quebrada. Uma mulher que estava perdida e acreditava em cada palavra que todo homem já havia lhe dito.

Linda. Sexy.

Vadia.

Lixo.

Ela não sabia quem era ou o que era. Ela deixou o que quer que estivesse sentindo no momento a conduzir em suas ações.

Você deve respeitar sua mãe, querer se tornar metade da mulher que ela é. Mas eu queria ser o oposto da minha. Só não tinha certeza se algum dia seria. Porque de onde eu estava, éramos duas ervilhas em uma vagem.

Medo e pavor. Nós duas sentíamos isso, e ambas estávamos presas por isso.

— Não tenho certeza de quando ele estará em casa da próxima vez, mas é melhor estar preparada. — Ela piscou para mim com um sorriso caloroso, mas faltou qualquer emoção real.

— E você está preparada para explicar ao papai porque outro homem está na sua cama todas as noites?

Os olhos verdes de minha mãe caíram no chão em um instante e eu odiei que fosse tão fácil para mim ser fria e insensível. Meu tom não era suave. As palavras foram cortadas e secas, uma maldade arrastando a cada sílaba, e não era justo. Meu pai também me assustava. Ela estava presa e solitária.

Eu deveria ter pedido desculpas. Deveria ter segurado suas mãos e dito que entendia, mas o ressentimento me fez recuar, um pé após o outro, até chegar à porta da frente. Antes de me virar e sair, gritei de volta para ela: — Eu não estava dizendo isso para ser maldosa. Só quero que você esteja preparada para uma visita inesperada dele, e se ele te encontrar na cama com outra pessoa... — Engoli o pânico em minha voz. — Bem, sabemos como isso vai acabar.

Minha mãe fechou a boca com um tapa e me deu um único aceno de cabeça antes de eu abrir a porta e deixar o ar fresco lavar minha pele pegajosa.

Desta vez, fiz meu caminho para o meu carro sem olhar uma vez para a casa de Eric. Minha mente estava muito envolvida em outras coisas para me preocupar com o que o garoto da porta ao lado estava fazendo.

CAPÍTULO QUATRO

Eric

Minhas costas estavam apoiadas em um sofá sujo de uma grande sala de estar que era uma mistura de móveis novos e antigos. A sala estava escura e sombria, com algumas lâmpadas de pé para a luz e uma lâmpada no teto que eu tinha certeza que tinha apenas uma das três lâmpadas funcionando, mas a festa da fraternidade foi uma boa mudança de ritmo para a cabana onde a maioria das festas era.

Todas as sextas e sábados à noite, eu dava uma festa na cabana dos meus pais nos arredores da cidade, mas desde que Ollie e Piper começaram sua coisa e tiveram problemas com corridas de rua, as coisas estavam mais lentas do que o normal.

E para não falar que as Cabin Parties¹ estavam se tornando cansativas. Estive com metade das garotas que apareciam todo fim de semana, então nenhuma delas estava mantendo meu interesse por mais tempo, e tudo e todos pareciam estar me irritando ultimamente.

¹ Festas onde o principal objetivo é se embriagar e fazer sexo.

Estava me isolando. Ollie e Christian me perguntaram o que havia de errado, mas eu disse-lhes que estava bem, porque não queria falar sobre isso.

Até o mero pensamento de mergulhar na tempestade de merda que meu pai criou alguns meses atrás me fez querer beber todo o barril armado a poucos metros de mim. Cerveja quente e tudo. Não me importava.

Mas, por enquanto, me sentaria bem aqui neste sofá, que provavelmente tinha gozadas suficientes para engravidar todas as garotas nesta sala, e aproveitar o fato de que estava fora de Pike Valley à noite e longe de todos que me conheciam.

Exceto por Jesse, que estava jogando beer pong com duas garotas agarradas ao seu lado. Ele chamou minha atenção e inclinou a cabeça para que eu comparecesse enquanto acenava um copo vermelho cheio de cerveja em minha direção.

Olhei para o meu telefone, vendo a mensagem da minha mãe, me agradecendo por limpar a casa, e as três do meu pai que não foram abertas.

Sim. Eu preciso de uma bebida. Agora mesmo, caralho.

— Quer ser meu parceiro, mano? — Jesse perguntou, enxotando as duas universitárias com vestidos justos. — Eu vi o que aquele braço pode fazer durante o futebol.

Eu ri. — Sim, sim. Você é quem está brincando com os meninos grandes agora.

Ele bateu no meu peito com as costas da mão antes de alinhar os copos de cerveja perfeitamente simétricos sobre a mesa. Eu quiquei a bola de pingue-pongue na minha mão, ansioso para começar e poder beber minha própria versão fodida da realidade. — Mano, você estará onde estou em menos de um ano. Já recebeu sua carta de aceitação?

E com essa pergunta, travei meu queixo e parei de quicar a bola. Claro que recebi minha carta de aceitação. A UCLA quase chupou meu pau para que eu me inscrevesse. Com meu pai sendo um ex-aluno e doando seu dinheiro todos os anos, eles provavelmente nem deram uma olhada no conteúdo da minha inscrição. Eles viram meu nome e imediatamente o colocaram na pilha de “aceitar”.

O único problema agora era que meu pai havia me cortado. Ele não me deu um centavo desde que o joguei debaixo do ônibus. Não me entenda mal, ele tentou falar comigo. — *Se você apenas falasse comigo para podermos resolver isso como uma família...*

Mas recusei. Toda vez que ouvia minha mãe chorando ou olhava em seus olhos cansados enquanto ela trabalhava em outro longo turno no hospital, não querendo contar com meu pai para nada, eu ficava com raiva de novo.

Se ela ia dar gelo nele, eu também faria. Estava do lado dela. Não dele.

De qualquer forma, de acordo com meu pai, ele não pagaria minha faculdade até que eu *crecesse* e conversássemos. Bem, eu seria uma porra de uma criança pelo resto da minha vida se isso significasse que ele nos deixaria em paz.

As chances eram de que não iria. Mas, por enquanto, ele estava cumprindo sua palavra. Minha conta bancária havia diminuído lentamente a nada.

— Cara, você está bem?— Jesse me cutucou novamente e afastei-me dos meus pensamentos. Me inclinei para trás e engatei uma das bolas de pong em um copo sobre a mesa. Sorri, minha bochecha subindo para o lado.

— Eu estou bem. Só estou entrando na zona.

Ele riu. — Aww, merda. Já vi esse visual antes. — Então, colocou as mãos em volta da boca e gritou: — Oh, *senhorasss*? Meu homem, Eric, está em casa esta noite, e deixe-me dizer, ele está à espreita.

Várias garotas gritaram por toda a sala, uma onda de vozes estridentes pressionando meus ouvidos. Eu não ia mentir; meu pau estremeceu com o pensamento.

Boceta nova.

Carne fresca para distrair minha mente da única na English Prep que continuava a chamar minha atenção. Aquela que jurei odiar para não amar. Essa minha obsessão doentia e irritante.

Assim que joguei outra bola em um copo, peguei o borrão de cabelo dourado se movendo pela multidão atrás do time adversário.

Meu peito vibrou com um pequeno ping. Eu odiava como o simples pensamento dela me deixava todo torcido por dentro. Meu coração parou repentinamente quando continuei observando a loira tecer no meio da multidão. Levou apenas três segundos para perceber que era ela em carne e osso, e apenas quatro para sucumbir àquela sensação de pura alegria.

Nossa, minha nossa... Olha o que o maldito gato trouxe.

Tanto para conter essa minha obsessão *doentia*.

Um sorriso torto se fixou em meus lábios quando ela finalmente olhou por cima do ombro para mim. Nossos olhos se encontraram instantaneamente.

Meu sorriso *não* espelhava o dela.

O rosto sombreado de Madeline acendeu como um maldito foguete. Suas maçãs do rosto salientes brilhavam com um vermelho que eu podia ver claramente do meio da festa da fraternidade de estudantes universitários agitados. Não tinha certeza se a tonalidade vermelha era de vergonha ou raiva. Tanto faz, eu presumo.

Pousei o copo que estava segurando e, lentamente, levantei minha mão para acenar. Meus dedos menearam na direção dela de uma forma ameaçadora. Eu tinha certeza de que o sorriso no meu rosto estava cheio de sarcasmo com uma ponta de malícia ao lado.

Madeline rapidamente disparou para longe, empurrando e manobrando em torno de grupos de garotas bêbadas agarradas a caras igualmente bêbados, para se afastar de mim.

Ri suavemente.

Como se fosse tão fácil se esconder de mim, Madeline.

CAPÍTULO CINCO

Madeline

Atticus. Atticus. Atticus.

Tudo o que eu tinha que fazer era encontrar um cara que parecia se chamar Atticus. Engraçado, porque não havia um único cara aqui que parecesse pertencer a esse nome. Que tipo de nome era esse?! O que era isso? A porra do To Kill a Mockingbird²?!

Continuei procurando pelo mar de pessoas, irritada porque todos, ao meu redor, estavam se divertindo muito enquanto eu tentava encontrar uma pessoa sem rosto para que conseguir, apenas talvez, dormir um pouco.

Ah, e não vamos esquecer aquela sensação de formigamento que tive na base do pescoço de que *alguém* estava observando cada movimento meu.

Claro que Eric estaria aqui.

Porque o universo *estaria* do meu lado pelo menos uma vez?

² To Kill a Mockingbird: Nome original do filme O sol é para todos, onde o personagem principal se chama Atticus.

Era carma. Tinha que ser.

Empurrei meu cabelo atrás da orelha deslizando ao longo da parede que parecia pegajosa, contra meu suéter, tomando cuidado para não tocar no casal que estava transando com a batida da música, e continuei examinando rostos de caras que pareciam vender drogas; como se isso reduzisse qualquer coisa.

Meus olhos escanearam a multidão, meu nariz franziu quando cerveja quente espirrou de um copo cheio até a borda e pousou em meus Doc Martens. Rapidamente empurrei a garota bêbada para longe, uma respiração irritada me deixando rapidamente e me concentrei em um cara encostado em um sofá de aparência monótona com seus dois braços engatados atrás dele enquanto descansavam nos ombros de um par de garotas. Ele tinha um aspecto sujo. Seu cabelo estava grudado nas laterais da cabeça por baixo de um gorro cinza-escuro. Ele tinha aqueles olhos caídos de cachorrinho que já reconheci antes. *Estava chapado. Bingo.*

No segundo que dei um passo à frente, ouvi uma voz. — Ei, *Maddie*.

Senti meus olhos se arregalarem num curto momento antes de me recuperar, virando-me para encarar Eric, que eu esperava que apenas me deixasse em paz. Isto era muito importante para ficar toda envolvida por sua expressão quente.

— Me deixe em paz, Eric, — falei, revirando meus olhos com tanta força na parte de trás da minha cabeça que fiquei impressionada.

Eric passou a mão pelo cabelo escuro e bagunçado, jogando a cabeça para trás no processo e deixando escapar uma risada profunda. Assisti com a boca entreaberta seu pomo de adão balançar para cima e para baixo. Cerrei minha mandíbula quando ele parou de rir abruptamente para olhar os meus lábios.

Sua expressão mudou rapidamente. — Vai me dizer o que você está fazendo aqui?

— Por quê você se importa? — Meus braços se cruzaram sobre meu peito, enquanto endireitei minha coluna.

Eric se encostou na parede pegajosa, aquela que eu tinha certeza que tinha penugem grudada no meu suéter, levantando um ombro maliciosamente. — Só estou me perguntando por que você continua aparecendo nos mesmos lugares que estou. — Sua sobrancelha se ergueu, ao mesmo tempo que sua mandíbula se contraiu. — Me perseguindo?

Uma risada forte me escapou. — Até parece, porra. Eu deveria estar te perguntando o mesmo.

Agora era minha hora de agir com calma e indiferente. *Parecíamos* continuar aparecendo nos mesmos lugares ao mesmo tempo, mas tinha certeza de que eram coincidências totais. A maneira do destino de esfregar algo que eu queria bem na minha cara, sabendo que nunca, jamais conseguiria ter. Eu poderia ser a última garota na terra e Eric não ousaria me tocar. Podia ver em seu rosto. Ficou claro no dia em que casualmente disse-lhe que seu pai fodeu minha mãe por anos. Ele me odiava naquela época e me odiava agora.

Ele grunhiu, se afastando da parede para ficar *muito perto* de mim. Mantive meu rosto simplesmente relaxado. — Tenho coisas para fazer, Eric. Então, se você me der licença. — Fui me mover ao redor dele, mas ele rapidamente se esquivou bem na minha frente, fazendo com que eu batesse meu rosto em seu peito duro. Senti o cheiro de sua colônia e quase inalei uma segunda vez. Eric cheirava exatamente como ele parecia: sombrio e misterioso com um pouco de tempero.

Ele deu um passo para trás, olhando para mim com aquele sorriso arrogante. — Coisas para fazer? Ou *pessoas* para fazer? — Ele deu de ombros novamente, colocando uma das mãos no bolso da calça jeans. — Quero dizer... — Sua língua lentamente deslizou uma linha sobre seu lábio inferior rechonchudo, e eu estava começando a suar. — Uma garota como você? Só posso assumir ser o último.

Suas palavras me viraram completamente do avesso. E não estava errado. A Madeline que ele conhecia transaria com um cara qualquer em uma festa da faculdade em que ela não devia estar, mas isso foi *antes*. Antes de tudo ficar feio.

— Saia do meu caminho, Eric. — consegui grasnar, esperando como o inferno que minha voz não quebrasse como eu estava quebrando por dentro. Ele foi de boa vontade enquanto eu empurrava seu peito. Juro que ouvi sua risada o tempo todo em que me aproximei de quem presumi ser o Atticus.

Engoli meu nervosismo e coloquei minha máscara de pura confiança. — Você é o Atticus? — Perguntei, olhando para o cara nas almofadas do sofá que parecia que iam engolir ele e suas duas namoradas inteiras.

Sua bochecha levantou enquanto ele corria seu olhar preguiçoso pelo meu corpo. Calafrios revestiram meus braços e os cabelos da minha nuca ficaram eretos. — Sou eu. E... — Ele começou a se levantar, usando os joelhos das duas meninas como apoios. — Aposto que você é Madeline.

Balancei a cabeça uma vez enquanto ele estava olhando para mim de sua estatura alta. Ele tinha que ter, pelo menos, um metro e oitenta, senão mais.

— Siga-me, — ele persuadiu, agarrando minha mão suavemente. Sinais de alarme soaram em cada fenda do meu corpo, mas eu estava desesperada demais para fazer qualquer coisa a respeito. Disse a mim mesma para não baixar a guarda nunca mais, e aqui estava eu, seguindo um cara estranho subindo as escadas de alguma casa de fraternidade suja.

Afastando o medo, certifiquei-me de ter uma mão na minha bolsa, segurando meu spray de pimenta que coloquei lá meses antes — apenas no caso — e o segui de qualquer maneira.

Assim que subimos o lance de escadas, esquivando-nos de alguns casais se beijando, e contornamos a fila para o banheiro, Atticus parou em frente a uma única porta e a abriu lentamente.

Ele ficou meio no corredor e meio no quarto e mal balançou a cabeça uma vez para eu entrar.

Uma respiração constante encheu meus pulmões enquanto eu caminhava até a soleira, minha mão estava escorregadia de suor quando agarrei o spray de pimenta com ainda mais força.

Assim que a porta se fechou atrás de mim, meu estômago embrulhou. *Está tudo bem, Madeline. Respira.*

— Então, — Atticus começou, caminhando até uma pequena mesa encostada na parede. — Ambien. Esse é provavelmente o pedido mais estranho que já recebi de uma droga.

Corri meu olhar ao redor da sala, permanecendo quieta. Era uma sala escura com uma cor bronzeada profunda por toda parte, com pôsteres aleatórios de bandas coladas ao acaso ao redor do espaço. Havia uma cama de solteiro no meio do quarto com cobertas bagunçadas e livros embaralhados no chão.

— Tenho certeza que foi, — finalmente respondi, tirando meu olhar do romance *Orgulho e Preconceito* e pousando de volta nele. Atticus tirou o gorro da cabeça, jogando-o sobre a mesa atrás de si, e passou os dedos pelo cabelo comprido.

— Posso perguntar por quê?

— Porque o quê? — Eu estava perto da porta, minha mão ainda dentro da minha bolsa. Cambaleei em meus pés, ignorando a necessidade de puxar minha saia para baixo. *Esse é um cara normal, em uma situação normal. Tipo...*

Ele olhou minha mão na minha bolsa por um segundo antes de responder. — Porque a necessidade de pílulas para dormir?

Oh! Pensamentos sobre meu quarto escuro e mãos que não pareciam familiares começaram a surgir. Quase fiquei sem fôlego. — Não. Você não pode perguntar.

Ele riu, baixando a cabeça. — Ok, é justo. — Ele se virou e pegou um pequeno saquinho de plástico e balançou na minha frente. Quase corri até ele e chorei ao vê-lo, mas ele o puxou de volta em um segundo. — Como estaremos fazendo isso?

Uma faixa apertada espremeu minhas costelas. — Fazendo o quê?

Ele me lançou um olhar cético. — Você não achou que vai receber isso de graça, não é?

Revirei meus olhos. — Claro que não.

— Ok... — ele arrastou a palavra. — Então, você está pagando em dinheiro ou de outra forma?

— Outra maneira? — Perguntei com cautela.

Ele riu, e parecia muito que estava rindo de mim. — Algumas garotas pagam em dinheiro e outras... — ele olhou para minha boca, — pagam de outras maneiras.

Porra. Não entre em pânico.

Endireitei meus ombros e levantei meu queixo. Inalei pelo nariz antes de deixar minhas palavras cortá-lo. — A única maneira de pagar é em dinheiro.

Ele sorriu. — Que pena.

Meus pés estavam me pedindo para recuar. Eles queriam me arrastar até a porta e voltar para o meu carro enquanto Atticus avançava. — Será por quatrocentos.

Eu me afastei. — Quatrocentos?! — Gaguejei sobre minhas palavras. — Isso é, tipo, o triplo do preço que paguei à Sky!

Ele encolheu os ombros, estendendo a mão. — Não é exatamente fácil colocar as mãos em algo tão incomum. É pegar ou largar... ou me pagar de uma maneira diferente.— Ele piscou e quase vomitei.

Esse cara fodido.

Enfiei a mão na bolsa com força, retirando todo o dinheiro que tinha; que não era quatrocentos dólares. Então, quase explodi: — Qual é o seu nome no app? Vou transferir o resto.

Ele estendeu a mão e coloquei meu telefone nela. Ele digitou algo rapidamente e eu paguei o resto do dinheiro.

Atticus me entregou o saquinho, deixando seu dedo deslizar na palma da minha mão antes que eu a pegasse de volta e saísse para o corredor. Rapidamente coloquei o saco na minha bolsa.

— Me dê um toque quando quiser um pouco mais. Coloquei meu número no seu telefone. — Eu nem sequer acenei para ele, antes de descer correndo as escadas e ziguezaguear pela festa.

Consegui o que vim buscar e agora era hora de dar o fora antes que eu tivesse um ataque de pânico com o simples olhar de outro cara.

CAPÍTULO SEIS

Eric

Madeline foi para o andar de cima com um cara que parecia cheirar cocaína para se divertir e, embora eu tenha dito a mim mesmo para não me importar, ainda sim, fiz.

Eu a odiava pra caralho. Odiava-a muito porque não *consequia* odiá-la. Odiava que, anos mais tarde, depois de vê-la se transformar em uma garota arrogante e autoritária que intimidou seu caminho até o topo, eu ainda sentia uma pontada de ciúme sabendo que ela estava com outra pessoa.

Eu havia enganado minha mente no passado, ignorando a maneira como a mão dela envolvia o braço do meu melhor amigo, olhando para o outro lado quando ele mordiscava sua orelha, mas não havia absolutamente nenhuma maneira de enganar meu coração ou meu pau. Ambos tinham vontade própria e não eram influenciados tão facilmente.

Apesar de tudo, fiz o que sabia fazer de melhor, afastei cada sentimento que passava por meu corpo e fiquei entorpecido. *Eu não me importo. Não me importo com nada.*

Balancei meu braço para trás e coloquei outra bola no copo na minha frente.

— Meu garoto está pegando fogo, porra! — Jesse deu um tapa nas minhas costas, apontando para a dupla na nossa frente. — Vocês ouviram isso? Eu disse que ele está pegando fogo!

— Sim, nós ouvimos, porra. Você está a um metro de nós, — disse um de seus irmãos de fraternidade. Jesse e eu éramos obviamente ótimos no pong, e eles não eram. Eles beberam quase todos os copos e, infelizmente, Jesse e eu tomamos apenas um copo cada.

Um copo de cerveja não afetou meu humor. Eu precisava de muito mais álcool se quisesse sentir até mesmo o leve formigamento de um zumbido.

Depois que ganhamos o jogo, comecei a reorganizar os copos novamente, esperando o próximo time demolir. Olhei para as escadas pela décima quinta vez em três minutos e cerrei os dentes.

Lá estava ela.

Porra, finalmente.

Avaliei seu cabelo, para ver se estava bagunçado daquele jeito que acabou de ser fodida. Suas roupas estavam arrumadas, suas meias-calças sexy como o pecado ainda apertadas nas pernas. Notei que seus lábios tinham uma aparência normal e não o todo vermelho e inchado de um beijo violento.

Ela parecia bem fisicamente, mas a maneira como seus ombros estavam encolhidos e como ela empurrava e empurrava as pessoas, segurando sua bolsa como se fosse sua salvação para fugir para a porta, aumentaram minhas suspeitas.

Madeline, a garota sempre tão equilibrada que era consistentemente em seu jogo A, nunca desistindo de uma luta, estava correndo. Se eu não estava enganado, ela até parecia um pouco assustada.

Olhei para as escadas e de volta para Madeline algumas vezes antes de decidir que preferia ir atrás dela do que espancar um cara que pode não ter merecido isso.

Até onde eu sabia, Madeline foi quem fez algo errado. Não ele. Ela tinha um jeito de distorcer as coisas para se beneficiar.

— Eu já volto, mano, — disse a Jesse. — Tem essa coisinha linda, — agarrei a mão de uma garota, aquela que ficou me olhando e piscando seus olhos verdes brilhantes em minha direção, e puxei-a para perto, — tome o meu lugar. — Sorri pra ela. — Você vai me deixar orgulhoso, certo?

Ela riu, suas bochechas ficando vermelhas no processo. — Certo. Contanto que você me recompense no final.

Pisquei. — Pode apostar.

Então, contornei a bonitinha e alcancei Madeline quando ela estava descendo os degraus da frente da casa da fraternidade. Havia um frio cortante do anoitecer quando a alcancei. — Para onde você vai, Maddie?

Ela congelou, suas costas indo direto para a calçada cheia de latas de cerveja vazias. — Pare de me chamar assim, Eric.

Então, decolou de novo, sua bunda redonda naquela porra de saia estúpida chamando minha atenção enquanto eu ficava parado. Desviei meus olhos depois de alguns segundos e a segui, ansioso para saber por que ela estava fugindo tão rápido.

— Sobre o que era tudo isso? — Perguntei, inclinando minha cabeça para a festa atrás de nós. — Você realmente veio aqui só para foder alguém? — Ri baixinho, odiando a maneira como estar perto dela me fazia sentir como se estivesse constantemente tentando ganhar sua atenção. — Quer dizer, eu sei que

você não consegue nenhum pau na English Prep ou, porra, até mesmo na Wellington Prep... Mas vir aqui e escolher o cara que parece mais vagabundo? Você realmente baixou seus padrões.

Estávamos no carro dela agora, meu Rover estacionado a apenas algumas vagas de distância. Ela se virou rapidamente, uma chama furiosa em seus olhos que me despertou por dentro. — O quê você quer, Eric? Volte para dentro e vá curtir. Faça as merdas que quiser. Apenas me deixe em paz, porra. Estou tão farta de você me seguir como um cachorrinho perdido e se metendo na minha merda! Por que simplesmente não me deixa em paz?

Meus dentes rangeram de um lado a outro, observando sua boquinha bonita jorrar sobre mim antes que eu a nivelasse com um olhar. — Falei a você meses atrás. Não se lembra?

Ela revirou os olhos antes de procurar as chaves em sua bolsa. — Oh, certo, — rosnou, olhando para mim uma vez com aqueles olhos claros. — *Fodeu pra você, Princess.* — E voltou a me ignorar quando sua mão começou a se mover mais rápido dentro de sua bolsa. Murmurando baixinho algumas vezes, soltou os ombros. Ela rapidamente se virou e olhou para dentro da janela do carro. — Puta merda. É claro. — Ela olhou para o céu e gemeu antes de bater na janela.

— Trancou suas chaves no carro?

Ela me lançou um olhar duro, que só me fez rir. — Por quê você se importa?

— Oh, — meditei, colocando minhas mãos nos bolsos da minha calça jeans casualmente. — Não me importo, nem um pouco. Divirta-se chegando em casa. Talvez você possa pedir àquele cara com quem subiu para lhe dar uma carona.

Lutei para manter o sorriso preguiçoso no rosto.

Assim que mencionei o outro cara, o rosto de Madeline mudou. Ela passou de zangada a vazia em três segundos rápido. Estreitei meus olhos, me perguntando o que aconteceu lá em cima.

Quem se importa, Eric? Volte para dentro.

Baixei meus olhos para sua bolsa, voltando minha atenção para seus olhos que não estavam mostrando absolutamente nada e percebi como sua pequena mão agarrou-a mais perto de seu corpo. Ela balançou para frente e para trás em seus pés, ajustando sua saia algumas vezes, arremessando seus olhos para longe antes que meu sorriso preguiçoso se transformasse em um sorriso perverso.

As pedras soltas embaixo do meu sapato rangeram quando dei um passo para mais perto dela. Madeline não encontrou meu olhar. Em vez disso, ela olhou para a esquerda, pressionando a bolsa ainda mais contra o estômago. Quase ri, me perguntando se ela iria tão longe a ponto de enfiá-la por baixo do suéter creme para escondê-la. — Então, o que exatamente você estava fazendo lá em cima... Madeline?

Meu sapato tocou no dela e ela se empurrou para a lateral do carro, com as costas apoiadas na janela. Invadi seu espaço, minha respiração caindo entre nós. Sua cabeça inclinou para cima, seus lindos olhos fixos nos meus, e pela primeira vez, eles pareceram suaves. *Ela* parecia suave. Delicada. Quebrável, até.

Era uma pena que eu estava prestes a quebrá-la.

E garotas como Madeline? Elas mereciam ser quebradas.

Um dos meus dedos afastou um fio de cabelo de sua bochecha, prendendo-o atrás da orelha. Um hálito mentolado e fraco graciosamente caiu de seus lábios quando levantei seu queixo. — Você transou com ele, Madeline?

Sua boca se fechou e eu ri, arrancando sua bolsa de seus braços tão rápido que ela nem teve tempo de reagir.

— Ei!, — ela gritou, estendendo a mão.

Rapidamente me virei e saltei para a frente de seu carro, derrubando sua bolsa sobre o capô, deixando o conteúdo cair rapidamente.

— Eric, não! Pare! — ela gritou, tentando me afastar, o que, é claro, não funcionou.

Madeline tentou se mexer e colocar as coisas de volta onde pertenciam, mas seu suspiro fez meu sorriso desaparecer. — Não, não, não, — ela murmurou, caindo para pegar algo.

Olhei para baixo e vi pequenas pílulas rosas espalhadas por toda a estrada, algumas até mesmo caindo no bueiro que ficava a apenas trinta centímetros de onde eu estava. Eu me afastei, acidentalmente pisando em algumas, no processo.

Drogas? Foi para isso que ela subiu? Tudo faz sentido agora. A exaustão que eu via em seu rosto todos os dias na escola. As corridas de rua no mês passado com a garota de aparência feia. *Merda.*

Madeline estava usando drogas.

— Então é por isso que você subiu? — Perguntei, cruzando meus braços sobre minha camiseta. — Para comprar drogas?

Madeline me ignorou completamente. Ela estava no chão, pegando pílulas meio dissolvidas que caíram na estrada ainda úmida da chuva rápida que veio. Ela olhou para mim, uma mistura de emoções em seu rosto. — Você sabe quanto eu acabei de gastar com isso? — Sua cabeça caiu rapidamente quando seus olhos ficaram marejados.

Minha respiração acelerou, observando-a no chão em suas meias estúpidas, ficando toda rasgada e suja, segurando as lágrimas. Ela se virou, sentando-se no asfalto molhado, e trouxe os joelhos até o queixo, apoiando as costas na frente do carro. Suas mãos se ergueram e cobriram o rosto enquanto seus ombros tremiam.

Que se foda.

Fiquei de pé ali, completamente pasmo pra caralho que Madeline estava chorando.

Fiquei ainda mais estupefato por não estar me regozijando em alegria. Em vez disso, encontrei-me querendo fazer isso parar.

Algo tinha que estar realmente muito errado para Madeline chorar — especialmente na minha frente.

E para ser honesto, eu estava enjoado e cansado de ouvir as pessoas chorarem. Esta era a segunda mulher que ouvi chorar em menos de vinte e quatro horas. Isso era suficiente.

— Vamos, — eu disse, suspirando. — Vou te dar uma carona para casa. Você pode voltar amanhã com sua chave reserva ou ligar para um chaveiro.

As mãos de Madeline caíram de seu rosto coberto de lágrimas enquanto ela olhava para mim. — Prefiro caminhar do que pegar uma carona com você.

Uma linha turva de raiva me cortou. Eu nem estava necessariamente chateado com ela. Estava chateado por oferecer-lhe uma mãozinha — a primeira em muito, muito tempo — e ela jogou-a de volta na minha cara. — Tudo bem, — rebati. — Melhor começar a andar então.

— Tudo bem! — ela bufou, ficando de pé. Jogou o resto que eu havia despejado de sua bolsa de volta, pegando tudo, exceto as pílulas agora quase dissolvidas, e jogou a alça sobre a cabeça, colocando-a sobre o corpo. — Vá se foder, Eric.

Bufei uma risada, observando-a ir embora. — Vá se foder também. Espero que você goste de ser abordada e arrastada por esses becos escuros porque é teimosa demais para entrar no meu carro.

Madeline parou em seu caminho com as minhas palavras. Lamento por ser tão grosseiro, mas as palavras são verdadeiras. Não era inteligente para uma garota tão gostosa andar por essas ruas cheias de universitários bêbados à noite. Ela era estúpida por fazer isso.

E eu era estúpido por estar preocupado com ela.

Madeline olhou por cima do ombro, apenas uma vez, mas eu vi uma pequena queda em sua fachada teimosa. — Não aja como se você se importasse agora, Eric. Você não tem uma ameaça para seguir?

Apenas a encarei, sabendo que deveria voltar para a festa e deixá-la resolver tudo sozinha. Afinal, era Madeline. Ela sempre teve um jeito de sair por cima.

Mas quando ela continuou descendo a calçada, abraçando os braços contra o peito, puxei-me para o meu Range Rover.

Cada um dos meus músculos estava tenso, pronto para quebrar, quando abri a porta e coloquei a chave na ignição.

Eu poderia dizer a mim mesmo que odiava Madeline o quanto quisesse. Poderia sacanear com ela e rir quando alguém colocasse peixes em seu armário, mas se algo acontecesse com ela, algo *ruim*, não tinha certeza se seria capaz de me olhar no espelho.

Havia uma linha muito tênue entre o ódio e o amor, e, por um curto momento, eu ficaria em cima dela.

Para meu próprio bem. Não para o dela.

CAPÍTULO SETE

Madeline

Chorar era uma ação inútil. Chorar não fazia seus problemas desaparecerem ou criar algum plano incrível do nada para consertar as coisas. Nenhuma fada madrinha apareceria ao mero som das minhas lágrimas caindo no chão para me ajudar.

Mas eu estava fazendo isso de qualquer maneira. Lágrimas quentes, raivosas e traidoras escorreram pelo meu rosto sob o céu escuro como breu enquanto caminhava por uma calçada rachada, olhando para o meu telefone com instruções que diziam que eu andaria por *horas* antes de chegar em casa.

Não conseguia decidir o que me chatearia mais: caminhar por estradas desconhecidas no escuro, usar uma saia curta e meia-calça com coisas (leia-se: homens) espreitando nas sombras ou ligar para um Uber e ter um ataque de pânico no banco de trás por estar em um espaço pequeno e escuro, sozinha com um homem que não conheço.

Tecnicamente, *poderia* ser uma motorista mulher, mas como o destino tem me tratado ultimamente? Seria um homem, e ele seria assustadoramente estranho com um maldito bigode pornô.

Pelo menos aqui, eu tinha Eric me seguindo em seu Range Rover. Eu ainda estava furiosa com ele. Tão brava que nem conseguia ver direito. Mas também não podia negar que me sentia um pouco melhor com ele me seguindo.

Ele provavelmente estava apenas me seguindo para ver o quão longe eu chegaria antes de *pedir* sua ajuda. De jeito algum, estava me seguindo para se certificar de que eu estava segura, porque se antes não era evidente que ele me odiava, agora definitivamente era. Suas palavras duras ainda ardiam em minha pele. — *Espero que você goste de ser abordada e arrastada por esses becos escuros.*

Se ele soubesse, porra.

Enxuguei furiosamente outra lágrima perdida da minha bochecha, lançando a umidade no abismo escuro que me rodeava. A quantidade de decepção no meu estômago era quase o suficiente para me fazer dobrar e vomitar. Eu estava tão perto. Tão perto de dormir um pouco, de desligar o medo e a ansiedade e afastar aqueles pesadelos incômodos. E Eric estragou tudo.

Quatrocentos dólares desceram pelo maldito ralo – literalmente. Outras quatrocentas noites sem dormir à minha frente, e os pesadelos que eu sabia que viriam me provocavam, zombando de mim, fazendo-me sentir ainda menor do que já me sentia.

Suspirei, minhas lágrimas eventualmente parando, enquanto eu olhava para a hora. Estava caminhando há, pelo menos, quarenta minutos e Eric ainda estava dirigindo atrás de mim, as brasas soltas do asfalto esmagando a cada movimento lento de seu pneu.

Meu dedo mindinho esquerdo estava com uma bolha por causa da caminhada, mas preferia amputar meu pé do que entrar em seu Range Rover.

Eric e eu estávamos em guerra agora.

Deixei essa pequena farsa durar muito tempo, a culpa finalmente me alcançando e tornando difícil respirar, mas agora eu estava absolutamente chateada.

Ele não tinha ideia do que fez. Não tinha ideia do quanto eu precisava daquelas minúsculas pílulas rosas. Ele provavelmente pensava que eu era uma drogada, mas o que me importava com seus pensamentos sobre mim? Provavelmente não poderiam ficar muito piores do que já eram.

Meus olhos dispararam para a esquerda quando seus faróis ficaram mais brilhantes. Continuei andando, mesmo quando ouvi sua janela baixar. Seu carro continuou a avançar lentamente por mais cinco ou dez minutos antes de eu ouvir seu suspiro exasperado.

Isso cravou uma estaca quente nas minhas costas. — Por que diabos você está me seguindo?— Cerrei, parando na calçada para cruzar os braços sobre o meu suéter. — Quer um lugar na primeira fila em me ver sendo estuprada?

Meus dentes tilintaram enquanto as palavras voavam. As batidas do meu coração entraram em velocidade tripla e me esforcei para manter meu nível de respiração. *Por que acabei de dizer isso?*

— Você é tão maluca, Madeline. Entra no meu carro antes que eu realmente deixe sua bunda irritante aqui.

Não conseguia acreditar que acabei de dizer isso, dadas as minhas circunstâncias.

Gotas de suor se formaram instantaneamente na minha testa. Empurrei meu cabelo fora do rosto, sentindo os fios grudarem como cola na minha pele. Engoli um caroço apertado, um gosto azedo de vômito queimando minha garganta. Flashes de memórias reprimidas cortam meu cérebro como cortes de uma faca.

Virei minhas costas para Eric, ofegando pelo ar da noite para acalmar meu pânico crescente.

Apenas entre no carro, Madeline. Eu sabia que precisava. Sabia que não duraria quando chegasse à cidade. Arrepios cobriram cada centímetro da minha pele apenas com o mero pensamento daqueles becos que Eric trouxe à tona.

— A merda do relógio está passando, — disse Eric com um tom tenso.

Virei-me rapidamente, minha minissaia subindo com o movimento. — A única razão pela qual estou entrando no seu carro é porque você me deve agora.

O tique de sua mandíbula não passou despercebido enquanto eu subia no banco da frente. Nem o rosnado em minha direção. — Eu te devo, porra?— Meu rosto queimou quando ele jogou a cabeça para trás e uivou de tanto rir. — Você só pode estar brincando comigo, Madeline.— Ele puxou de volta para a estrada principal, passando por carros estacionados na lateral. — Primeiro, você me exclui quando éramos mais jovens, se transformando em uma vadiazinha psicótica e arrogante. — Estremeci internamente com suas palavras. — Então... *então*, — ele gemeu, tirando a mão do volante, flexionando o punho antes de passá-lo pelo cabelo preto escuro, — você quase joga na minha cara que meu pai estava fodendo sua mãe há anos.— Engoli, tirando meus olhos de seu antebraço venoso conforme ele agarrava o volante com ainda mais força. — Você poderia ter me contado. Mas, em vez disso, só se preocupou consigo mesma. Você está fodida, Madeline. Sempre dei a você o benefício da dúvida, mas não depois disso. É verdade que você só se preocupa consigo mesma. E porra, eu adoraria saber o que se passa em sua casa com as portas fechadas. Sua mãe é uma vagabunda, não só derrubando o casamento dos meus pais, mas provavelmente o dela também. Pergunto-me quantos outros casamentos ela estragou. — Ele lentamente olhou para mim e vi o reflexo do que coloquei lá no segundo em que terminei nossa amizade: traição. Ele se sentia traído por mim e com razão. Eu era egoísta e só me *importava* comigo mesmo.

Mas se eu não me protegesse, quem o faria?

Então, é claro que o excluí quando éramos crianças. Como eu poderia ser amiga dele — ou mais — quando sabia que seu pai estava sendo um escroto junto com minha mãe? Como poderia confiar que ele não arruinaria tudo e de alguma forma meu pai descobrisse?

— Você não tem a mínima ideia do que está falando, Eric. Você não sabe absolutamente nada sobre o que se passa em nossa casa.

E acredite em mim, você não quer saber.

Eu fiz Eric me odiar por uma razão.

Fiz todo mundo me odiar por um motivo.

Estávamos nos aproximando dos arredores de Pike Villey quando ele disse cinco palavras que deixaram meus ombros tensos.

— Talvez eu apenas descubra...

Tentei manter minha voz firme. — O que isso significa?

Uma risada profunda e sarcástica saiu de seu peito, e eu juro que o otário me deu um soco.

— Talvez eu apenas descubra o que está acontecendo em sua casa. Talvez eu espere até que seu pai volte para e buzine no ouvido dele, dizendo que sua mãe é a vagabunda da vizinhança, e, — ele estalou a língua, — acho que posso dizer-lhe que sua filha também é uma viciada.

Minha mão bateu na lateral da porta do passageiro e o rosto de Eric se dividiu em dois. Ele estava sorrindo como o idiota presunçoso que era, e isso só fez meus

nervos aumentarem. Minha pele estava coçando. Urticária provavelmente estava cobrindo meu peito.

Inalei e expirei pelo meu nariz, me firmando antes de perder completamente o controle de tudo. Mas foi exatamente assim que me senti. Sentia-me fora de controle. Cada coisa na minha vida estava girando e se torcendo de maneiras insondáveis.

— Pare a porra do carro.

Pela primeira vez, Eric realmente ouviu e pisou no freio. Minha mão disparou para me proteger de bater no painel e rapidamente abri a porta, permitindo que o ar frio cobrisse meu corpo como um cobertor.

Eu não estava nem na metade do caminho para fora da porta quando o olhei, sangue enchendo minha boca com a força que mordi o interior da minha bochecha. Ele estava me olhando também, seus olhos cinza parecendo piscinas de escuridão completa. — Eu não sou uma maldita viciada. Você não tem ideia do que está falando ou do que estaria fazendo se dissesse algo ao meu pai.

Minha voz quebrou no final, e os olhos de Eric estremeceram, me dizendo que ele percebeu o pequeno amassado na minha armadura.

Se ele contar ao meu pai...

Não podia nem mesmo deixar o pensamento me consumir. Bati a porta do carro com todas as minhas forças, o que não foi muito, e Eric saiu em disparada na direção oposta. Ouvi o guicho dos seus pneus em meus ouvidos pelo resto da caminhada para casa.

CAPÍTULO OITO

Eric

Meus dedos pairaram sobre o meu telefone enquanto eu continuava discutindo comigo mesmo sobre o que estava prestes a fazer. Olhei ao redor da cabana, notando que todos os meus amigos estavam ocupados festejando com cerveja espirrando de seus copos e flertando uns com os outros incessantemente como irritantes alunos do ensino médio. Me inclinei no sofá, alternando minha atenção para meus melhores amigos e suas namoradas, que estavam todos os quatro em seu próprio pequeno mundo de conto de fadas, e digitei uma pequena descrição sorrateira no mecanismo de busca.

Não.

Apaguei as palavras com tanta força que pensei que meu telefone fosse quebrar. Fazia exatamente uma semana desde que dei a Madeline uma meia carona da festa da fraternidade para sua casa. Evitei-a o máximo que pude durante esta semana na escola. Alguém a fez tropeçar no corredor, a poucos centímetros de mim, e ela caiu de joelhos no chão de porcelana com um baque surdo. Um ex-jogador de futebol e um de nossos amigos mais próximos, Taylor, fez um comentário que me fez desviar minha atenção para ver como ela reagiria.

— *Oh, veja. Madeline está de joelhos. Nenhuma surpresa nisso.* — Todos ao nosso redor riram, exceto eu. Em vez disso, inclinei meu ombro no meu armário, puxando meus livros para o lado para poder observar cada movimento dela.

Não demorou muito para ela se levantar, esfregando os joelhos vermelhos no processo. Seu rosto nunca vacilou. Cada característica impecável estava neutra e no lugar, como se ela estivesse entediada com a coisa toda. Mas eu vi através disso. Madeline estava exausta. A maquiagem que aplicou não fez nada para esconder o inchaço em torno de seus olhos azuis. Seus movimentos eram lentos e preguiçosos. Ela não estava reagindo porque queria parecer durona e despreocupada. Simplesmente não tinha energia.

E isso, meus amigos, era exatamente porque não se deve usar drogas. O efeito posterior simplesmente não vale a pena.

A curiosidade estava me matando, no entanto. Não apenas com as drogas que ela obviamente estava usando, mas com outras coisas também. Algo simplesmente não estava certo com ela.

Apertei meu telefone com força, levantando-me abruptamente no meio da festa. Todos os olhos estavam em mim. — Vamos começar um incêndio. Estou entediado pra caralho.

Todos aplaudiram, seguindo-me pela cabana e descendo a colina abaixo do convés. Todos, exceto Ollie e Christian. Ambos me encararam com seus olhos franzidos, mas passei por eles, pegando uma cerveja da mão de uma garota no processo. Bebi em segundos, nem mesmo sentindo o sabor do malte.

Depois de acender o fogo, preso demais na minha cabeça para conversar com alguém, acabei me sentando em uma cadeira dobrável, mas assim mesmo, os pensamentos voltaram. Era como uma coceira nas minhas costas que eu não conseguia alcançar. Um arranhão na garganta que nada acalmava.

Meu coração ricocheteou em cada plano duro em meu peito enquanto eu puxava meu telefone mais uma vez.

Digitei as palavras “*pílula rosa AMB*” e esperei.

Meus olhos voaram sobre a tela iluminada quando eu engolia cada palavra que o mecanismo de busca jogava para mim.

Após alguns segundos de processamento das informações, lentamente desliguei meu telefone, colocando-o de volta no bolso. Encarei o fogo; diferentes tons de vermelhos e laranjas dançavam na frente dos meus olhos. Ollie, Piper, Christian e Hayley estavam todos sentados à minha esquerda, algumas outras pessoas se misturando ao redor, gritando e rindo de nada importante, mas continuei a olhar.

Tentei afastar as perguntas incômodas, participando de conversas e até perguntando a Piper como seu irmão estava na reabilitação. Mas nada, e quero dizer nada, poderia conter a necessidade irritante de saber mais.

Queria machucar Madeline para poder parar de sentir coisas que não queria sentir. Eu sabia que estava descontando minha raiva nela e não era totalmente culpa sua. Eu estava furioso com meu pai, chateado por ele ter machucado minha mãe — *por anos, aparentemente* — com raiva por ele continuar me mandando mensagens de texto e ligando para casa. Eu estava puto pra caralho.

O tempo todo.

Hayley chamou-me de *pensativo* hoje cedo na escola quando basicamente joguei minha bandeja do almoço com a mera presença de Madeline. Claro, ninguém sabia que eu estava dando o fora por causa dela. Mas foi exatamente por isso que agi daquela maneira. Madeline. Vê-la, mesmo de relance, me fez sentir e pensar coisas nas quais não queria pensar.

Ela era aquele pequeno lembrete irritante de que as coisas estavam fodidas.

— Mano, você está bem? — Ollie perguntou enquanto Piper descia de seu colo e se dirigia para a cabana.

Eu engoli a raiva que fervia sob a superfície. *Por que diabos estou tão chateado?* — Bem pra caralho. Só curtindo o show.

— Que show? — Christian perguntou, rindo. — Você quer dizer o fogo?

Balancei a cabeça, recostando-me ainda mais na minha cadeira, tentando escapar de suas perguntas irritantes. — As meninas.

Ollie deu uma risadinha. — Você não olhou para uma única garota, meu caro. O quê está acontecendo com você?

Não essa merda de novo.

As palavras saíram rapidamente. — Meu pai está chateado comigo. As coisas estão simplesmente complicadas. Não quero falar sobre isso. Problemas familiares.

Sua expressão caiu por um momento, um lado de seu rosto sombreado pela escuridão, o outro iluminado pelo fogo. — Ah. Sim. Christian e eu sabemos tudo sobre problemas familiares.

— O mesmo, — disse Hayley, sentando-se ao lado de Christian.

— Pipe também, — concordou Ollie, apoiando os cotovelos nos joelhos, chegando um pouco mais perto de mim. — Você sabe que estamos aqui, certo?

Como diabos eu poderia explicar anos de merda para eles, principalmente relacionados a Madeline — a porra da ex-namorada de Christian, principal valentona de sua atual namorada — sem estragar tudo na minha vida?

Oh! ei. Beleza, então é o seguinte: Madeline e eu já fomos algo, mas então ela parou de falar comigo e começou a namorar Christian e eu estava basicamente apaixonado por ela o tempo todo, mas tive que agir como se não estivesse e, então, descobri que meu pai tem transado com a mãe dela há anos e Madeline sabia o tempo todo e não disse uma única palavra. Eu também não consigo parar de pensar nela e fantasiar sobre o que sua boca pode fazer, mas também a odeio pra caralho. Quão fodido é isso? E minha mãe está deprimida, meu pai não vai voltar atrás. Também não tenho dinheiro porque ele está me congelando. Bons tempos de merda.

Até o pensamento me exauriu.

— Eu vou para casa. Não estou com humor para uma festa. — Levantei-me da cadeira, meus punhos cerrados ao lado do corpo. — Vocês vão se certificar de que ninguém quebre nada? — Perguntei, olhando para meus amigos que estavam todos claramente confusos pra caralho.

— Sim, cara. Nós entendemos. Mas, falando sério, você está bem?

— Você está bem para dirigir? — Hayley perguntou, totalmente sincera. — Posso te levar para casa. Eu não bebi álcool.

— Só bebi uma cerveja. Estou bem. — E com isso, me virei e marchei meu caminho para o meu carro, saindo da minha festa, não dando a mínima se as pessoas destruíssem a cabana.

Assim que cheguei em casa, ignorei as mensagens de algumas pessoas que perguntavam para onde eu fugi e lentamente dei a volta no sofá. Todas as luzes da casa estavam apagadas, exceto a pequena acima do nosso fogão na cozinha.

Minha mãe estava dormindo no sofá de novo, desta vez com seus sapatos brancos e uniforme azul ainda. Ainda era estranho vê-la trabalhando, dado o fato de que ela não tinha um emprego desde antes de se casar com meu pai. Meu pai ganhou dinheiro mais do que suficiente para nos sustentar, então minha mãe foi uma dona de casa a minha vida inteira – até encontrar meu pai transando com a vizinha. Isso a empurrou para uma versão independente de si mesma que eu nunca vira.

O cabelo escuro da minha mãe estava espalhado por todo o rosto e seu braço estava estendido para fora da almofada, pendurado. Gentilmente puxei o cobertor para cima e coloquei ao redor de seu corpo antes de olhar para seu telefone no balcão de mármore da cozinha.

Certifiquei-me de que ela estava realmente dormindo antes de me aproximar furtivamente e abrir a tela, digitando sua senha — meu aniversário, é claro — e lendo todas as mensagens de meu pai. Grunhi divertido com o nome dele em seu telefone.

Cretino: Não entendo por que não podemos falar sobre isso pessoalmente.

Mãe: Não há nada para conversar.

Cretino: Há muito o que falar. E o que está acontecendo com Eric? Ele não retorna uma única mensagem minha. Eu o cortei, pensando que imploraria por dinheiro, mas não fez.

Mãe: Ele está magoado e confuso. Te encontrou fazendo sexo com a mãe de sua amiga. Você achou que ele iria te perdoar, simplesmente assim?

Cretino: Acho que nós três precisamos sentar e conversar.

Mãe: *Não há nada para conversar. Eric vai perdoá-lo em seu próprio tempo. Quanto a mim? Estou em contato com um advogado.*

Cretino: *Isso é ridículo.*

Cretino: *Não há necessidade de advogado. Não vamos nos divorciar.*

Cretino: *Por favor, me ligue de volta.*

Nem percebi que meu peito estava pesando até que senti os músculos latejando dentro de mim, fazendo hora extra. Afrouxei o aperto que eu tinha no telefone da minha mãe e coloquei-o de volta no balcão como estava antes. Havia uma pasta de arquivo empurrada para o lado e eu sabia que provavelmente era do advogado.

Foi a primeira vez que ouvi falar de divórcio. Quer dizer, fazia sentido. Por que ela continuaria casada com um homem como meu pai? Não deveria ter me surpreendido, mas surpreendeu.

Divórcio.

Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

Estava aliviado? Nervoso? Feliz?

Durante todo o tempo que tomei banho, tentei decifrar meus sentimentos, mas saí de mãos vazias. Não sabia o que estava sentindo.

Eu odiava meu pai.

O odiei por nos colocar nessa situação fodida.

Porra.

Depois de vestir minha calça de moletom cinza, recostei-me na cadeira do computador e olhei pela janela.

O brilho da janela de Madeline chamou minha atenção — não que fosse fora do comum; sua luz estava sempre acesa. A cadeira se moveu para cima e para baixo enquanto meu pé quicava no chão abaixo. Muitos pensamentos, muitas perguntas, muitos sentimentos.

Havia muita merda acontecendo na minha cabeça para colocar qualquer uma das minhas paredes habituais quando se tratava de Madeline esta noite. Seu rosto apareceu ali, seus lábios carnudos e maçãs do rosto salientes. Minha pesquisa anterior na Internet era como um letreiro de néon piscando atrás dos meus olhos.

Por que ela estava tomando pílulas para dormir?

Minha perna parou de bater para cima e para baixo e continuei a olhar para sua janela. Não houve movimento do outro lado, nenhuma sombra passando por trás da cortina fechada, mas sua luz estava acesa e era como um chamado para mim.

Suspirei, levantei e caminhei um pouco mais perto, olhando para o chão abaixo. O carro de sua mãe havia sumido. Madeline era a única estacionada na garagem. Seu pai também não estava em casa — nenhuma surpresa nisso.

Era hora de fazer uma visita à pequena senhorita Madeline.

Era uma decisão inteligente?

Provavelmente não.

Mas isso absolutamente serviu como uma distração decente e talvez parasse alguns desses pensamentos incômodos dos quais eu não conseguia escapar.

CAPÍTULO NOVE

Madeline

Uma semana infernal. Era o que essa semana foi. Uma semana realmente infernal. Não necessariamente na English Prep. Apenas quis dizer em geral. Dormi algumas horas aqui e ali; pelo menos uma hora na minha aula de História Mundial. Hayley Smith derrubou um livro de sua mesa segundos antes de o sinal tocar e, embora ela não tenha olhado para trás, em minha direção, eu tinha certeza de que era para me acordar. Não conseguia decidir se ela estava tentando me ajudar ou se estava sendo má.

Eu merecia o último, mas conhecendo-a, provavelmente era o primeiro.

O Diretor Walton me chamou em seu escritório algumas horas depois disso, durante o almoço. A Sra. Boyd, a velha secretária viúva com o cabelo preso em um coque na nuca, me lançou um olhar estranho antes de eu me dirigir ao escritório dele. O homem gordo estava sentado atrás de sua mesa expansiva e, quando a porta se fechou atrás de mim, não pude deixar de pular no meu lugar. Sua testa franzida, suas rugas profundas parecendo mais com cavernas escondidas em seu rosto. — Madeline, sente-se, querida.

— O que é desta vez? — Perguntei preguiçosamente, sentando-me na poltrona de couro fingindo que não estava incomodada por ser chamada em primeiro lugar. A última vez que fui chamada ao escritório dele foi porque alguém

deixou escapar que eu roubei o uniforme de Hayley depois da ginástica, uma vez. Tive que comprar um novo para ela. Eu gostava de chamar aquela época da minha vida de fase "*eu odiava*" todo mundo.

Eu ainda odiava todo mundo, mas me odiava ainda mais. Suponho que uma epifania faz isso com você. O trauma tem um jeito de mudar você de dentro para fora.

O Diretor Walton tirou os óculos da ponta do nariz, colocando-os suavemente sobre a mesa. — Chamei você aqui, porque alguns de seus professores estão preocupados.

Lutei muito para manter meus ombros nivelados e o queixo erguido. *Não dê a ele nenhum motivo para ligar para seu pai, Madeline.* — Oh? Sobre o quê? Minhas notas são excelentes.

Ele sorriu, folheando alguns papéis em sua mesa bagunçada. — Sim, elas são. Tenho certeza de que seu pai está orgulhoso. Ouvi dizer que você entrou em Stanford.

Balancei a cabeça, um buraco em chamas se aprofundando na minha barriga. — Sim, eu fiz. — Não tinha ideia se meu pai estava orgulhoso ou não. Não falei ou o vi há vários meses. Ele sempre desaparecia depois de uma briga com a mãe.

— Então... — Ele ergueu as sobrancelhas em expectativa. — Por que exatamente você está adormecendo na aula?

Eu adormeci somente uma vez, maldição...

— Foi apenas uma vez, Diretor Walton. Fiquei acordada até tarde.

Ele me olhou com desconfiança.

Nesse momento, eu sabia que precisava me recompor. Se ele ligasse para meu pai e levantasse suas suspeitas, o querido papai voltaria rastejando de volta para casa por um fim de semana para fazer o check-in e isso era a última coisa que eu queria e era a última coisa que minha mãe *precisava*.

Eu tinha que me recompor e o primeiro passo para fazer isso era dormir.

Infelizmente, não era tão fácil quando eu estava em casa.

Minhas costas estavam apoiadas na minha cama já feita, e eu estava assim a pelo menos uma ou duas horas. Algo sobre deslizar entre o colchão e o cobertor me deixou em pânico. Eu não queria me sentir presa. Só queria ficar aqui, na claridade do meu quarto e respirar.

Parte de mim, queria que o sono viesse. A outra parte, estava completamente aterrorizada.

Tentei pensar em tudo de bom e fofo, empurrando as memórias horrendas para a última extremidade do meu cérebro para que pudesse relaxar. Não era nem mesmo a memória real que estava me incomodando tanto; eram os pesadelos. Porque era como revivê-lo indefinidamente.

Se fosse apenas um e pronto, talvez eu estivesse bem.

Mas não, eu continuava ouvindo a mesma voz toda vez que fechava os olhos.

Era exaustivo.

O piscar dos meus olhos me assustou no começo, enquanto eu tentava me segurar, mas logo, não consegui mais lutar. O medo e a ansiedade ainda estavam lá, mas finalmente o sono venceu.

A escuridão estava sombria quando me puxei para acordar. Pisquei algumas vezes, tentando permitir que meus olhos se ajustassem, mas não adiantou. Não

conseguia ver. Eu tinha quase certeza de ter ouvido o trinco da minha porta, que foi o que me acordou em primeiro lugar. Empurrei as cobertas macias das minhas pernas e virei minha cabeça para os números vermelhos brilhantes na minha mesa de cabeceira, mas eles não estavam em lugar nenhum. Minha mão se esticou para encontrar meu relógio, pensando que ele se moveu de alguma forma, mas bati em algo forte em vez disso.

Instantaneamente, puxei minha mão de volta.

— Desculpe, estou tentando ficar quieto, — disse uma voz profunda.

Devo ainda estar um pouco desorientada e confusa por causa do sono, porque não entendi. Minha voz estava rouca e quebrada. — O quê?

— Estou tentando me apressar. Afaste-se, linda.

— Apressar para o quê?

Finalmente, percebi o que estava acontecendo.

— Uau, idiota. — A raiva me fez acordar muito rápido. — Você está no quarto errado. O quarto da minha mãe fica duas portas abaixo.

Eu bufei, voando de volta para a minha cama com um sopro. O quarto não estava tão escuro como antes, então meus olhos estavam bem ajustados para o abismo. Minha mãe tinha coragem de merda. Foi apenas alguns dias atrás que Eric encontrou seu pai transando com ela. Ela ficou envergonhada. Até se desculpou comigo, pedindo desculpas por fazer sexo com o pai do meu amigo. Ela não sabia que não éramos mais amigos, mas isso era irrelevante. Aqui estava ela, já acenando para um novo cara em sua vida temporariamente para manter o lado do meu pai na cama quente até ele decidir mostrar o rosto novamente. Nunca quis ser como ela. Jamais. Motivo pelo qual acabei de falar com um homem que não conhecia.

De jeito nenhum eu deixaria um homem me tratar do jeito que ela permite que eles a tratem.

Era por isso que eu sempre estava no comando, fazendo os outros caírem de joelhos no meu rastro.

— Eu sei onde fica o quarto da sua mãe, querida.

Meus olhos se abriram novamente, minhas costas ainda viradas para o homem de pé ao lado da minha cama. Senti um pequeno filete de ansiedade formigando meu pescoço, mas ignorei e lentamente rolei de volta.

— Então dê o fora do meu quarto. — Meu tom era calmo, mas afiado. Eu estava olhando para sua silhueta enquanto ele pairava sobre mim, tentando distinguir suas feições. Uma luz externa da minha janela, provavelmente os faróis de Eric, brilhou por tempo suficiente para que eu pudesse dar uma olhada nele. Ele era mais velho, muito mais velho do que eu, com cabelo curto e escuro. Sua mandíbula estava inclinada com um leve arranhão. Eu não consegui distinguir a cor de seus olhos, mas a forma como suas feições estavam tensas me disse que ele não ligava para o meu tom, absolutamente.

— Você não quer saber como é estar com um homem?

Meu coração disparou a uma velocidade doentia.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, sua mão apertou minha boca com força e rapidez. Meus olhos se arregalaram. Por um momento, apenas fiquei lá. Atordoada. Ele me pegou de surpresa.

Eu nunca ficava surpresa. Estava no controle de todas as situações em que me encontrava, a menos que fosse pelo meu pai, mas aquele era um jogo totalmente diferente.

Só que isso também era.

Finalmente, recuperei minha coragem e a raiva voltou voando. Como ele ousa tocar em algo que não era dele? Minhas mãos se sacudiram e arranhei sua pele, tentando arrancar seus dedos que estavam apertando meu rosto com força.

Isso não estava acontecendo. Isso não poderia ter acontecido.

Quando o homem enganchou uma perna sobre a minha e montou em meu corpo, minha força interna foi embora. Lágrimas rolaram de meus olhos. Espere. Por que eu ainda não estava lutando?

Era carma. Eu fiz muitas escolhas ruins. Disse muitas coisas más. Estava recebendo o que merecia.

Por que eu não estava lutando de volta? Por que isso estava acontecendo?

Dê uma joelhada na porra do pau dele, Maddie!

A última voz me fez vacilar. Eric? Por que Eric estava aqui? Não foi assim que essa memória foi. Eu sabia o que aconteceu a seguir, e foi o suficiente para fazer todo o meu corpo entrar em choque.

Meus olhos se abriram enquanto eu engasgava por ar. Afastei as cobertas que nem estavam lá e virei de barriga para baixo, caindo no chão com um baque. A dor irradiou para o meu quadril, apesar do tapete macio abaixo, e me levantei antes de correr para a porta do meu quarto. Minha mão bateu na maçaneta de metal frio e eu a girei pelo menos cinco vezes, certificando-me de que estava travada. O suor escorria pelo lado do meu rosto quando me virei para agarrar a cadeira do computador e empurrar contra a porta para ter uma cautela extra, mas em vez disso gritei.

Minha mão voou para cobrir minha boca enquanto eu estava lá, toda suada e ofegante, olhando para Eric, que estava sentado em minha cadeira com nada além de uma calça de moletom cinza com um livro apoiado na mão. Seu cabelo escuro

estava úmido, não se movendo um centímetro quando ele cortou seus olhos escuros em minha direção.

— Teve um pesadelo, Maddie?

Meus olhos se fecharam com força. *Ainda estou na porra de um pesadelo, Eric.*

CAPÍTULO DEZ

Eric

A porta da frente de Madeline estava trancada, mas ser seu vizinho por muitos anos me ensinou onde estava a chave reserva. Movi o vaso de planta mais para a esquerda da porta frontal e a encontrei em um segundo. Eu ri baixinho, abrindo a porta dela rapidamente, notando que não havia alarme.

A casa inteira estava às escuras. A mãe de Madeline havia saído há muito tempo. E seu pai? Bem, quem diabos sabia onde ele estava.

Enquanto subia os degraus um por um, lembrando-me da última vez que fiz exatamente isso, parei na frente de seu quarto e escutei por um momento.

Nada. Eu não ouvi um único pio. Uma parte perversa de mim se perguntou se Madeline estava no banho, e me dei três segundos para imaginá-la molhada e nua antes de afastar esses pensamentos e lembrar que a odiava e seu rosto bonito.

Devo bater?

Não. Prefiro invadir e pegá-la desprevenida. Assim que virei a maçaneta, a pergunta sobre o uso da pílula na ponta da minha língua, meus ombros caíram.

Bloqueada?

A decepção estava lá, e estava alta.

Fiquei desapontado porque não iria vê-la e isso não me agradou. Eu precisava me virar e voltar para casa. Poderia encontrar uma distração em outro lugar. Foi muito ruim da minha parte vir aqui de qualquer maneira. Nada de bom sairia disso.

Eu a odiei.

E mesmo se eu não fizesse, nada de benéfico surgiria ao cavar em sua vida. Madeline tinha sua própria merda para lidar e de jeito nenhum eu iria ajudá-la com isso.

Ela me empurrou há muito, muito tempo. Eu precisava aceitar isso; apesar de ela não estar mais namorando meu melhor amigo.

Minha cabeça estalou com o som de uma porta se abrindo no andar de baixo. *Porra.* A risada de uma mulher ecoou pela casa e chegou aos meus ouvidos.

Seu tom era repulsivamente flertador. — Shh. Minha filha provavelmente está dormindo. Precisamos ficar quietos.

Porra. Porra. Porra.

Não entenda isso distorcido. Eu *realmente* não me importava se a mãe de Madeline me visse em sua casa ou não. Só não queria vê-la. Se você achou que o rosto de Madeline me irritou, o que você acha que a mãe dela fez?

Então, em vez de mergulhar em uma piscina ainda mais profunda de ódio, entrei no quarto ao lado da de Madeline e fechei a porta silenciosamente. Demorou apenas alguns segundos para perceber que estava no banheiro de Madeline e outros poucos depois disso para que duas vozes passassem flutuando. Descansei sobre a penteadeira em silêncio, olhando toda a maquiagem espalhada no balcão enquanto pesava minhas opções e discutia comigo mesmo se deveria ou não sair.

Peguei um de seus batons e o girei na minha mão, rindo do nome na parte inferior: Pretty Liar. *Quão adequado.* Coloquei o batom de volta para baixo e continuei olhando para a porta oposta à que eu vim. *Isso levava ao quarto de Madeline?*

Um pouco de maldade infiltrou-se em meu sangue quando pulei para o chão e caminhei até a outra porta. Ignorei meus apelos para ir para casa quando abri rapidamente, preparado para assustá-la como o inferno com o sorriso ameaçador em meu rosto, mas hesitei por um momento quando a vi deitada em sua cama.

O lustre luxuoso e brilhante acima dela brilhava intensamente, assim como uma pequena luz na beirada da mesa. No canto mais distante de seu quarto, havia uma lâmpada de pé que também estava acesa.

Estranho.

Eu não tinha certeza do meu próximo movimento, mas me vi caminhando até a cadeira rosa do computador e relaxando nela, cruzando os tornozelos na minha frente. Meu olhar dançou ao redor da sala enquanto eu olhava sua decoração, atordoado com a confusão.

Isso não era nada parecido com ela.

Madeline era ousada e mal-intencionada. Um pouco sombria e sádica às vezes. Mas seu quarto era o oposto completo. Meus braços caíram para minhas coxas quando olhei para o lustre cintilante novamente, e depois para as cortinas brancas transparentes penduradas no chão. Suas paredes eram rosa-claro e seu tapete felpudo era um tom diferente do branco. Alguns ursinhos de pelúcia estavam encostados em um tapete de pele no canto de seu quarto, perto da lâmpada de pé, e havia pilhas e mais pilhas de livros por todo o lugar. Alguns deles até mesmo foram abertos. Tudo, e eu quis dizer tudo, em seu quarto era macio e feminino. Quase angelical. Era como ver algo proibido. Como um vilão entrando em um final de conto de fadas. Parecia errado vê-la em um espaço que provavelmente era mais dela do que ela jamais quis que as pessoas vissem.

Girei a cadeira do computador, pegando um livro de sua mesa que estava preso na página 17, e me virei para ficar de frente para sua cama.

Meus olhos estavam apenas começando a examinar as páginas, percebendo que era algum livro de romance, quando ouvi um barulho choramingando. *Oh, perfeito. Ela estava acordando.* Mal podia esperar para ver seu rosto quando ela me encontrasse sentado aqui, todo indiferente.

Outro gemido veio dela, e não pude evitar a risada que estava borbulhando na minha garganta. *Ela estava tendo um sonho molhado?* Eu nunca, jamais a deixaria viver. Era mais munição para tortura. Isso era um ouro *do caralho*.

Comecei a sorrir enquanto continuava a observá-la, mas meu sorriso lentamente desmoronou quando Madeline começou a chutar as pernas, choramingando ainda mais alto. Seu cabelo loiro estava emaranhado ao redor de seu rosto, pequenas rugas aparecendo ao redor de seus olhos cerrados.

O livro caiu no meu colo quando me sentei um pouco mais ereto. Minha sobrancelha franziu enquanto sua cabeça balançava para frente e para trás. Sua voz soava distante, dolorida até, quando ela murmurou: — Não. *Não*.

Algo na maneira como ela disse a palavra fez meus punhos cerrarem. Meu peito parecia que estava desabando, quase dificultando a respiração.

— Não. Não me toque!

A cadeira rangeu quando me levantei para poder acordá-la. Isso estava errado. Isso não era mais divertido.

Ela estava chorando?

As pernas de Madeline começaram a chutar de um lado para o outro. Ela estava claramente tentando fugir de algo. Minha mente estava indo a um milhão de milhas por segundo. Eu poderia dizer a mim mesmo que a odiava. Poderia me

lembrar de cada coisa maldosa que ela já fez. Mas não havia nada que faria meu coração parar de bater como se eu estivesse a segundos de cair de um penhasco. Devo admitir, gostei de intimidá-la um pouco. Gostei de ver seu rosto desmoronar quando a lembrei do quanto a odiava.

Mas eu não era um filho da puta doente. Eu não estava gostando disso.

Isto era real. Muito real.

Assim que fiquei de pé, Madeline engasgou e eu congelei. Ela pulou da cama em tempo recorde, caindo no chão. Ela se levantou e correu para a porta, balançando a maçaneta com tanta força que achei que fosse quebrar.

Lentamente sentei de volta na cadeira, afastando a preocupação do meu rosto. Pensei rápido, dizendo a mim mesmo para não agir de qualquer preocupado, porque ela só empurraria mais se soubesse que eu estava preocupado. Madeline tinha uma parede grossa quando se tratava de outras pessoas, e era exatamente por isso que ela era cruel com as pessoas. Eu não era estúpido. Observei-a de longe. Sua crueldade chegava ao ponto mais alto quando alguém se aproximava demais. Sempre soube que havia uma razão por trás disso.

Quando Madeline se virou, com os olhos azuis selvagens de medo, ela soltou um grito.

Nem um único músculo do meu rosto se moveu. Chamei minha atenção para ela enquanto ficava parada na porta em nada além de shorts de algodão e uma camisa larga. Lágrimas molhadas brilharam em suas bochechas pálidas.

Madeline colocou a mão sobre o coração e cerrou os olhos, linhas fracas se formando nos cantos. Seu cabelo loiro estava grudado nas laterais das têmporas com suor. Eu não tinha ideia do que ela havia sonhado, mas pretendia descobrir.

Eu fiquei calmo. Minha voz estava quase estranha. — Teve um pesadelo, Maddie?

O livro que eu estava folheando casualmente alguns segundos atrás, estava de volta na minha mão, fazendo parecer que eu estava sentado aqui por horas, lendo vagarosamente, esperando ela acordar.

Madeline moveu algumas mechas de cabelo para trás da orelha com os dedos trêmulos que ela tentava desesperadamente esconder. Suas mãozinhas se formaram em punhos ao lado do corpo após o pequeno gesto. — Que porra você está fazendo no meu quarto? Como... — Ela olhou de volta para a porta de seu quarto, seu corpo flexível brilhando na lâmpada atrás dela. — Como você chegou aqui?

Inclinei minha cabeça para a porta do banheiro antes de colocar minha atenção de volta no livro. Eu não aguentava mais olhá-la. Eu estava preocupado. *Estava preocupado pra caralho com ela.*

A sensação *quase* me fez jogar o livro no chão e sair do quarto dela. Fiquei enojado. Eu não deveria estar preocupado com ela.

Minha cabeça estava toda fodida. Eu olhei para a porta atrás dela, pronto para sair correndo.

— Merda, — ela murmurou, esfregando a mão na lateral do rosto. Para minha surpresa, seu rosto ficou ainda mais branco. Eu esperava que ela ficasse envergonhada por eu estar aqui olhando-a. Talvez um pouco corada nas bochechas.

Mas não. Ela estava pálida. Uma palidez doentia.

Continuei a observar cada movimento dela. O olhar rápido para a porta do banheiro e para a cadeira em que eu estava sentado. Sua pequena caixa torácica subindo por baixo de sua camiseta. O tremor de suas mãos.

Madeline finalmente pareceu lembrar que eu estava em seu quarto, porque ela lançou um olhar furioso para mim e perguntou: — Por que você está aqui, Eric?

Estalei minha língua, levando minha atenção e colocando-a de volta no livro em minha mão. Eu preguiçosamente virei uma página. — Bem, — comecei, — vim perguntar por que você estava tomando Ambien, mas acho que já sei.

Eu trouxe meus olhos de volta para os dela puramente para ver sua reação.

Desta vez, suas bochechas coraram. Uma pequena propagação de rosa lavou suas maçãs do rosto esculpidas. Seus lábios carnudos e curvos formaram uma linha reta quando ela desviou o olhar.

— O que você estava sonhando? — Perguntei.

Ela rangeu os dentes. — Não é da sua conta.

— Humm. — Estalei minha língua. — Tente novamente.

— Saia do meu quarto.

Eu ri, jogando o livro na mesa atrás de mim. Ele pousou com um pequeno baque. — O quê você estava sonhando, Madeline? Por que você está tomando pílulas para dormir? — Meus olhos tremeram enquanto tentava parecer relaxado. Mas eu não estava. Sentia-me um pouco enlouquecido. Não importa o que ela fizesse ou dissesse, eu ainda tinha essa pequena e minúscula parte de mim que se importava com ela. Era sensação mais agonizante do mundo; preocupar-se com alguém que não merecia. Era como ter alguma forma desviante da Síndrome de Estocolmo, e estar sozinho com ela só piorava as coisas.

Madeline caminhou até mim enquanto eu me sentava em sua cadeira de computador, sentindo todo tipo de raiva por sentir uma merda que eu não devia sentir.

— Por que você se importa? — Perguntou, parando a poucos metros de mim.

— Eu não, — apressei-me. — Apenas curiosidade, só isso. — Minha cabeça inclinou para trás quando encontrei seu olhar, nivelando meu tom. — Não é todo dia que vejo uma garota como você desmoronar. Estive me perguntando o que era tão importante sobre aquelas pequenas pílulas rosas desde que eu testemunhei você agindo de forma tão patética por elas na outra noite. Então fui em frente e fiz uma pesquisa na Internet mais cedo e descobri o que eles eram. Então, Maddie... o quê a mantém acordada à noite?

Ela riu sarcasticamente sob sua respiração. — Parece muito atencioso comigo, Eric. — Cruzou os braços sobre os seios empinados. — Não gostaria de confundir isso com me *odiar*, certo?

— Oh, eu ainda te odeio, Madeline. Não pense por um segundo que não.

Ela riu sarcasticamente de novo, jogando o queixo delicado para trás. — Oh, certo. Eu esqueci. Você me odeia porque seu pai fodeu minha mãe. Parece legítimo.

Levantei-me rapidamente de sua cadeira, olhando para ela. — Não é por isso que eu te odeio, Madeline.

Ela ergueu as mãos, fingindo inocência enquanto zombava de mim. — Ah não. Ele usou meu nome completo em vez do nome fofo de bichinho. Isso deve significar que você está *chateado*, hein? — Madeline se aproximou de mim, seu perfume suave envolvendo meu corpo como a porra de uma videira espinhosa, sufocando até a última gota de oxigênio do quarto.

— Estou chateado pra caralho. — Eu *estava*. Estava tão bravo o tempo todo. Na maioria das vezes, nem mesmo era direcionado a ela, mas estava lá, sob cada risada falsa e sorriso forçado.

Madeline revirou os olhos. — Por Deus, Eric. Deixe isso para trás. — Ela bateu as mãos nos quadris depois de jogá-los para o ar. — E daí, eu sabia que seu pai fodia minha mãe, mas há coisas muito piores por aí para ficar puto. Apenas me deixe em paz. Vá foder algumas garotas com raiva. Tire isso do seu sistema. Eu não tenho tempo para essa merda. — Ela jogou as mãos para cima novamente, mas desta vez não foi para mostrar. Ela estava ficando irritada, sua voz aumentando, suas bochechas ficando ainda mais vermelhas. — Seu pai bate em você? Ou sua mãe? Ele a estrangula com raiva?

Eu ri alto. — Sim, claro, porra. Eu quebraria seus malditos braços, e ele sabe disso.

— Então pare de ser uma vadia, Eric! Deixe isso para trás. Homens traem. Não é o fim do mundo. Se eu soubesse que você seria ridículo pra caralho com isso, teria te contado na sétima série. Poderia ter evitado tudo isso.

Tudo se acalmou. Meus braços caíram para os lados. Meu coração bateu dolorosamente lento em algum tipo de ritmo calculado enquanto eu olhava para seu peito arfante. Espere um minuto, porra. Fiz uma pausa antes de encontrar seu rosto. — É... É por isso que você parou de falar comigo?

Madeline fez uma pausa também. Ela desviou o olhar rapidamente, olhando para a janela para que tudo que eu pudesse ver fosse a pequena curva delicada de seu nariz. — Saia do meu quarto, Eric.

— Não até que você responda à minha pergunta.

O silêncio caiu entre nós, mas não era do tipo quieto. Não, era alto, pesado e frio.

— É por isso que você parou de falar comigo, não é? Porque você descobriu que meu pai estava fodendo sua mãe.

Ela virou a cabeça, seus olhos azuis me penetrando. — Sim, agora dê o fora do meu quarto. — Ela caminhou até a porta do quarto, destrancou-a e abriu-a.

Não perdi tempo. Eu precisava estar muito, muito longe dela agora. Um segundo eu estava fodidamente furioso, querendo criar problemas em seu quarto, e no próximo eu estava ansioso para envolver minhas mãos em torno de seus quadris para foder as emoções intensas dela. Eu estava quente como o inferno por fora, mas muito frio por dentro.

Caminhei com raiva até a porta dela, mas parei bem em sua frente. Encarei o corredor escuro e vazio bem acima da soleira de seu quarto antes de dar-lhe um olhar questionável. — Por que você perguntou isso?

Seus olhos se abaixaram por um momento, mas sua voz ainda era afiada como uma faca de açougueiro. — Perguntei o quê?

— Por que você perguntou se meu pai me bateu? Ou em minha mãe?

Sua boca se abriu, o som de seus lábios se separando caindo entre nós. — Eu... o quê?

Minha sobrelanceira franziu. Havia uma mão invisível em volta da minha garganta, apertando e apertando até que eu não conseguia mais respirar. — O que... — *Não. Não vá lá. Não pergunte.*

— Cuidado, Eric, — ela sussurrou. — Você está começando a agir como se realmente se importasse comigo de novo.

Uma risada sinistra saiu da minha boca antes de me aproximar, invadindo seu espaço, respirando em seu rosto meio escondido. — Nós não queremos isso agora, não é? Caso contrário, posso apenas ver através daquela parede grossa que você ergueu para manter todos fora.

Madeline não disse uma palavra.

Antes de entrar no corredor e descer as escadas, sussurrei alto o suficiente para ela ouvir: — Me pergunto o quão feio é, por trás desse seu rosto bonito.

Não tinha certeza se Madeline disse algo em resposta, porque eu escapei para fora de lá antes de dar-lhe a chance.

Madeline estava mais ferrada do que eu pensava e, aparentemente, eu também estava, porque tudo que queria fazer era fodê-la até deixá-la sem sentido e desmoronar cada uma das paredes que ela havia colocado.

CAPÍTULO ONZE

Madeline

Quando você não dorme uma quantidade adequada de sono, faltam suas habilidades de tomada de decisão. Quando você não dorme o suficiente, começa a questionar coisas que nem deveria ser questionadas. Quando dorme pouco, você começa a imaginar coisas que não eram de verdade. Quando você não dorme uma quantidade adequada, você fica fraca; e eu não queria dizer isso apenas fisicamente, mas também emocionalmente.

Passaram-se quatro dias desde que encontrei Eric em meu quarto.

Meus pensamentos estavam espalhados como cinzas em um cinzeiro. Continuei voltando para a nossa conversa; ou devo dizer *discussão*. Eric e eu não poderíamos ter uma conversa normal sem cuspir insultos um no outro, mas continuei questionando suas reações naquela noite. Ele me observou como um falcão, seus olhos traçando meu corpo, passando sua atenção por todo o meu rosto, tentando decifrar cada movimento. Ele queria saber o que estava acontecendo comigo.

Mas realmente não era da sua conta. Não era da conta de ninguém.

Claro, era solitário lidar sozinha com tudo, e era exaustivo afastar todos e criar essa aura odiosa ao meu redor, mas era melhor assim.

Em breve, eu estaria de partida para a faculdade — Stanford (os desejos de meu pai) — e recomeçaria. Ninguém me reconheceria como a garota má da English Prep. Ninguém me chamaria de vagabunda, indicando que a maçã (eu) não caía longe da árvore (minha mãe). Eu não teria que trancar minha porta à noite ou espiar pela janela todas as manhãs, me perguntando se precisava escapar pelo cano de esgoto para evitar um encontro indutor de trauma com o amigo de foda da minha mãe. Eu poderia deixar este lugar para trás e, com sorte, ter um sono decente sem pesadelos.

A ansiedade era uma cadela perversa, rastejando no último segundo antes de eu cair em um sono profundo, acordando-me com o medo arranhando minha garganta.

Eu me sentia pequena e inferior.

Meu olhar vagou até Hayley Smith.

Uma vez, ela disse algo para mim, depois que lhe dei minhas melhores táticas de intimidação, que não tinha saído de meus pensamentos. Ela olhou para mim, com seu rosto bonito e expressão suave, e disse: — *Alguém fez você se sentir inferior uma vez; é por isso que você é do jeito que é.* — No momento, eu estava com raiva. A senti se aproximando. Hayley Smith não era boba; ela viu através de mim, e isso me deixou em pânico.

Mas ela estava certa.

Eu me *senti* inferior. Alguém tirou a coroa da minha cabeça e a dobrou antes de colocá-la de volta. Assim como meu pai fez com minha mãe. Prometi a mim mesma que nunca permitiria que ninguém me tratasse mal ou me olhasse como se eu não fosse *nada*, mas agora olhe para mim.

— Madeline?

Pisquei várias vezes, interrompendo meu olhar. Meus olhos úmidos e ardentes olharam ao redor do vestiário e percebi que quase todo mundo da E.F. foi embora. Eu ainda estava sentada no banco de madeira, meu uniforme xadrez apertado firmemente em minha mão.

— Madeline? Você está bem? — Voltei minha atenção para Hayley, que ainda estava se vestindo. Ela deslizou a blusa por cima do sutiã preto e começou a abotoá-lo, enfiando-o na saia xadrez, enquanto me olhava com hesitação.

Eu não podia alegar que Hayley não era bonita desse jeito resistente, o estilo “*Eu já passei por algumas merdas*”. Seu cabelo castanho mal caia abaixo de seus ombros esguios, e seu rosto estava sem maquiagem, mas ela ainda era bonita.

A inveja me atingiu bem no rosto com tanta força que me afastei. Eu tinha ciúmes de Hayley, mas não porque ela estava perdidamente apaixonada pelo meu ex-namorado. Era porque eu sabia que ela teve uma vida difícil, e sabia que tinha passado por momentos de merda, mas *ainda* saiu por cima. Ela era a garota legal. Aquela que as pessoas adoravam porque queriam. Não como era comigo. Eu assustei as pessoas. Eles me seguiram porque eu os forcei. Hayley era todas as coisas boas, apesar das más. Eu era o completo oposto.

Finalmente respondi, ainda sentada no mesmo lugar. Meus músculos estavam doloridos de jogar vôlei na academia, mas provavelmente porque eu estava muito cansada e fraca para me recuperar como de costume. — Não, Hayley. Eu não estou bem.

Dei uma olhada rápida nela, me sentindo indiferente com a minha resposta não tão sutil. A preocupação gravada em seus traços suaves me fez recuar. *Por que falei isso?* Levantei-me rapidamente, ainda segurando minhas roupas. — Mas realmente não é da sua conta.

Ela acenou com a cabeça, concordando comigo. — Você tem razão. Não é.

Bom. Agora me deixa em paz.

Virei-me e comecei a tirar minhas roupas de ginástica, puxando minhas meias tão rápido que pensei que elas poderiam rasgar. O arrastar de pés me fez morder o lábio. Por alguma razão estranha, lágrimas se formaram por trás dos meus cílios grossos. Estava culpando a falta de sono, mas sabia que era porque estava quebrando. Eu estava quebrando ao meio. Estava cansada, física e emocionalmente.

Voltar para casa mais tarde nem era um alívio. Era sexta-feira. Eu deveria ter ficado emocionada por ter o fim de semana longe de todos na English Prep, mas os fins de semana eram quase piores. O inferno era o inferno, não importa onde eu estivesse.

— Madeline?

Um caroço apareceu na ponta da minha garganta. Não respondi a Hayley, com muito medo de dizer algo insensível como uma forma de autopreservação ou sucumbir completamente ao peso no meu peito e quebrar ao meio bem na frente da pessoa que provavelmente deveria me odiar mais.

Quase queria que ela me odiasse. Basicamente, ansiava pelo castigo que merecia.

O que estava errado comigo?

— Madeline, — Repetiu enquanto eu mantinha minhas costas para ela. Parei de mexer na saia e baixei os olhos para o chão. O ar-condicionado começou com um zumbido, uma corrente de ar frio cobrindo minha pele fria. — Você precisa de ajuda?

Minha voz saiu fraca e meu rosto ficou vermelho de vergonha. — Ajuda com o quê?

— Está... — Ela fez uma pausa, sua voz mais perto. — Você está em algum tipo de perigo? É só que... sei como é o medo. Eu sei como é. Você tem medo de algo. Eu posso ver em seus olhos. Posso ver na sua postura. Vejo na maneira como você afasta as pessoas.

Tentei pensar em algum insulto, algo desagradável para dizer-lhe. Algo que faria seu rosto ficar tenso e fazê-la fugir do vestiário, mas não saiu nada.

Comecei a me virar. Para fazer o quê? Eu não fazia ideia. Não tinha certeza do que dizer ou fazer, mas por algum motivo, tive o desejo de olhá-la no rosto. Talvez eu lhe perguntasse como fez isso. Como ela saiu por cima depois de passar por um trauma. Mas uma voz familiar fez minha espinha se endireitar e minha determinação cair.

— Querida? Você ainda está aqui?

— Sim, me dê um segundo, — gritou Hayley de volta, mas era tarde demais. Christian estava definitivamente no vestiário. Eu podia sentir sua presença. Rapidamente coloquei o resto do meu uniforme.

— Oh, — ele rosnou. — *Madeline*. — Ele fez uma pausa antes de cuspir as palavras: — Saia.

— Christian, — advertiu Hayley.

Eu ainda estava de frente para os armários, incapaz de me virar para encarar o casal poderoso da English Prep. Comecei a enfiar os botões da minha blusa enquanto suas palavras ecoavam.

— O quê? — ele perguntou inocentemente. — Eu poderia ter dito '*sai fora, porra*', mas me abstei de ser maldoso; não que ela merecesse.

— Christian, — Hayley o repreendeu. — Pare.

Eu estava totalmente vestida com meu uniforme agora. Meus sapatos estavam desamarrados, mas isso realmente não importava. Juntei meu cabelo loiro para um lado do meu pescoço e lentamente me virei para encarar Christian e Hayley. Ela estava inclinada em direção a ele, meio entre nós, com os braços cruzados sobre a blusa. Seus grandes olhos redondos estavam erguidos, um olhar de advertência cintilante. Christian estava me encarando com seu olhar ardente, me odiando assim como todo mundo.

— Ele está certo, — falei, quase sussurrando.

Devo ter pego Christian desprevenido e, honestamente, nos poucos anos em que ele e eu namoramos, nunca evoquei uma única emoção dele. Éramos superficiais, usando um ao outro como distração. Curvando nosso tédio.

Ele era gostoso, admitiria, mas não sabia nada sobre ele. E ele não sabia nada sobre mim.

— O que você quer dizer com *estou certo*? — Christian caminhou até Hayley e ficou com as mãos nos quadris, puxando um pouco o blazer azul-marinho da English Prep.

Olhei para Hayley, que estava me observando com olhos arregalados. Normalmente, ela e eu nos encarávamos ou nos ignorávamos completamente, mas parecia que, dessa vez, estava olhando através da minha parede. Ela sabia como era a luta, mesmo disfarçada. Sabia que eu estava fodida.

— Você está certo, — repeti com mais confiança. — Eu mereço isso. — Peguei minha mochila e joguei por cima do ombro. Passei pelos dois rapidamente, saindo pela porta antes de hiperventilar. Corri para o final do corredor e pressionei minhas costas ao longo dos armários de metal para manter minha respiração intacta. Esses momentos de fraqueza não eram mais poucos e distantes entre si. Eles vinham com mais frequência e duravam muito mais tempo do que deveriam.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem rápida para Atticus, pedindo-lhe para encontrar-me novamente para mais Ambien. Eu precisava dormir. Precisava me curar. Precisava me segurar até a faculdade.

Então eu poderia respirar.

Então, não teria que trancar minha porta.

E não teria que temer o carro do meu pai na garagem.

Assim que coloquei meu telefone de volta no bolso, ouvi vozes familiares vindo do corredor. Corri para os banheiros logo após o vestiário e pressionei minhas costas no canto para ficar temporariamente escondida.

A risada de Ollie cresceu e ecoou ao longo dos armários, e mesmo que fosse fraca, eu poderia dizer que Eric estava rindo ao lado dele.

Eu dei uma espiada minúscula ao virar da esquina, pegando um vislumbre dele. Um calor cobriu minha barriga e um sorriso fraco e satisfeito apareceu em meus lábios. Eric estava sorrindo para Ollie e Piper, felicidade evidente em seus olhos escuros. Era raro vê-lo feliz. Sempre que estava perto de mim ou olhava em minha direção, sua atitude alegre caía e ele transformava aquele sorriso atrevido em uma carranca maliciosa.

Rapidamente me afastei, guardando aquele raro visual de um Eric feliz no bolso de trás para mais tarde, e continuei a ouvir.

Deus. Como a situação mudou para mim. Aqui estava eu, do outro lado da vara de popularidade da English Prep, me escondendo e espreitando nos cantos para ouvir o que os garotos descolados tinham a dizer.

Tão patético. No entanto, eu não conseguia parar. Mordisquei meu lábio, apurando meus ouvidos. — Isso foi muito estranho.

— O quê? — Piper perguntou, falando com Christian.

Ele e Hayley devem ter saído do vestiário quando eu estava em meu transe de Eric.

— Madeline... no vestiário.

Hayley bufou. — Eu disse para você parar de ser um idiota. Algo está totalmente errado com ela. Ela não me disse um comentário sarcástico há semanas. Nem mesmo um olhar sujo. Ela fez com você, Pipe?

Piper falou. — Na verdade... não. Percebi algo estranho com ela na loja de vestidos algumas semanas atrás. Você se lembra de como ela parecia querer nos contar algo, Hay? Então, se calou no final?

— Sim. Eu sei que algo está errado com ela. Algo ruim. Posso ver isso.

— Quem se importa? — Disse Christian. Suas vozes estavam ficando cada vez mais distantes, e tive que me forçar a ficar escondida contra a parede em vez de segui-los. Queria ouvir o que Eric tinha a dizer, embora provavelmente me machucasse.

Aparentemente, eu gostava da sensação de uma faca torcendo minhas entranhas.

— O que aconteceu no vestiário? — Meu coração disparou ao som de sua voz. Meu estômago embrulhou.

— Ela praticamente disse que merece o bullying quando eu fiz um comentário idiota para ela. — Ele fez uma pausa. — Me surpreendeu pra caralho. Nunca pensei que veria um dia em que Madeline parecesse realmente arrependida. Triste, até.

O silêncio encheu o corredor e não tinha certeza se eles saíram ou se a conversa havia terminado.

Quando eu estava saindo para o corredor, Hayley falou. — Algo a fez do jeito que ela é. É só conversando com ela agora. Acho que devemos ajudá-la.

Meu corpo se acalmou.

Comecei a me sentir um pouco instável em meus pés. Minha pele estava úmida ao toque.

Ouvi o som de lábios estalando. — E isso, querida, é por que você é *você*. — Christian deve ter dado um beijo em Hayley por ser legal. O pensamento costumava me fazer rosnar, mas agora estava esperançosa. Esperançosa de que algum dia eu sentiria que merecia esse tipo de amor.

Assim que senti que a barra estava limpa, corri rapidamente pelo corredor oposto e saí pelas portas laterais da English Prep. O estacionamento estava basicamente desolado, todos a caminho de suas fodidas festas de fim de semana e tudo mais, vivendo suas melhores vidas de colégio.

Olhei para onde os caras costumavam estacionar, onde eu costumava estacionar, e parei bem ao longo do pedaço de grama que separa o estacionamento da calçada.

Eric estava recostado em seu Range Rover com os braços cruzados sobre a camisa de botão. Sua gravata estava frouxa em volta do pescoço, os primeiros dois botões desabotoados, mostrando sua pele bronzeada. Minha boca ficou seca quando seus olhos cinzentos cercados por cílios longos e escuros se estreitaram. Muitas vagas de estacionamento vazias estavam entre nós para qualquer coisa além de um longo olhar, mas vi a maneira como ele me questionou com a inclinação de sua cabeça.

Eric estava começando a ver muito mais do que eu queria que visse. Ele estava prestando atenção às minhas mudanças sutis de humor e comportamento. Não tinha certeza do porquê, pois ele tinha uma séria vingança contra mim. Talvez quisesse me ver desmoronar. Talvez quisesse tornar minha vida ainda mais difícil ganhando algum reconhecimento.

Eu não sabia e realmente não queria descobrir.

Desviei minha atenção enquanto destrancava meu carro e entrava.

Quando estava saindo do estacionamento, fingindo não ter notado Eric ainda encostado em seu carro, todo quente e misterioso, recebi uma mensagem de Atticus.

Atticus: *Eu vou pegá-los. Encontre-me às 9. Mesma casa. Mesmo quarto. Mesmo preço.*

Revirei os olhos na última parte, mas, ainda assim, apareceria. E desta vez, Eric não estaria lá para interferir.

CAPÍTULO DOZE

Eric

A música no Charger de Christian sacudiu a mudança no porta-copos ao meu lado enquanto íamos para a casa da fraternidade de Jesse novamente. Normalmente, ele e Ollie estariam com Piper e Hayley em uma noite de sexta-feira, mas elas estavam tendo uma noite de garotas ou algo assim com Ann, a ex-assistente social de Hayley.

Eu nem tinha certeza do que era uma noite de garotas. Nunca tive um relacionamento longo antes e era filho único; o que significa que não tinha uma irmã. *Passei* noites com garotas — várias, até — mas não acho que isso seja nada perto do que Hayley e Piper estavam fazendo com Ann. Eu certamente esperava que não.

Minha mãe estava trabalhando no turno da noite novamente no hospital, e eu não tive coragem de perguntar sobre o divórcio iminente. Os papéis foram movidos do balcão para o quarto dela, então presumi que isso significava que ela não estava pronta para falar comigo sobre isso. O que era ótimo. Eu estaria aqui quando ela precisasse de mim.

Quanto ao meu pai... Bem, ele desistiu das mensagens de texto ameaçadoras e agora me ligava uma vez por dia. Eu ignorei até o último toque. Assim como eu

tinha ignorado a luz acesa no quarto de Madeline todas as noites na semana passada. Eu era ótimo em ignorar.

O carro de Madeline sumiu quando Christian me pegou, e não pude ignorar o pensamento emocionante de que ela poderia aparecer na casa de Jesse novamente. Quer dizer, era provável, considerando que todas as pílulas que comprou na festa no fim de semana passada acabaram. Mas se soubesse o que era bom, ela não estaria aqui esta noite.

Madeline estava jogando um jogo muito perigoso ao tomar aquelas pílulas para dormir. Aprendi o suficiente sobre drogas ultimamente pra saber que nada de bom vinha delas se fossem tomadas ilegalmente. Ela não sabia a merda que estava fazendo.

— Por que você está sacudindo a porra do meu carro inteiro?

Virei minha cabeça para Christian, que estava me olhando. — Por que você está tão irritado, mano? Olhe para os seus punhos. — Ele acenou com a cabeça para minhas coxas, onde minhas mãos repousavam em punhos dolorosamente apertados em cima da minha calça jeans.

— Nada, — rebati. — Vamos.

Puxei a maçaneta da porta enquanto Christian mal conseguia estacionar o carro. O barulho do motor foi cortado rapidamente quando comecei a contornar os degraus da casa da fraternidade.

O sol estava terminando, a lua bem acima da minha cabeça. Mas mesmo na escuridão da noite, eu poderia dizer que a clássica casa de fraternidade de aparência Vitoriana era de uma cor verde-caçador. O topo tinha o revestimento recortado e me lembrava um pouco uma casa de pão de gengibre. Ignorei alguns grupos de estudantes universitários vagando no gramado com copos vermelhos em

suas mãos quando uma mão agarrou meu ombro. O aperto era firme e parecia que garras saíam dos meus dedos.

— O quê, Christian? — Perguntei, me virando. Ollie estava sorrindo ao lado dele, esperando que trocássemos uma palavra.

— Vai agir tão tenso a noite inteira? Porque estou farto de toda essa vibração raivosa e pensativa que você tem ultimamente.

Ollie esfregou os lábios, rindo baixinho.

Corri minha língua sobre meus dentes com raiva. — Você só pode estar brincando. Você foi um idiota nos últimos anos do ensino médio. Só porque tem Hayley agora, e está feliz pra caralho, não significa que o resto de nós está.

As mãos de Christian flexionaram. — Então por que você não faz algo sobre isso? Vá foder alguém. Vá foder muitas pessoas. Tire o que estiver enfiado em sua bunda, porque temos alguns meses restantes da escola, e então estaremos por conta própria. Você realmente quer passar sendo assim?

Como se fosse tão fácil simplesmente sair dessa. Minhas passadas largas me levaram até ele rapidamente. Éramos como dois touros furiosos, prontos para lutar, nossas sobrelanceiras franzidas de raiva. — Você não tem ideia do que está falando. Você ouviu Ollie ou eu pedindo para você parar de ser um idiota deprimido quando você estava odiando o mundo? — Cheguei mais perto, minha voz retumbando pela minha boca. — Não. Nós apoiamos você, porra, *sempre*. Agora, estou pedindo que você me apoie. Deixe-me ficar bravo. Deixe-me odiar a todos. Deixe-me trabalhar minha merda. Jesus. Você é tão ruim quanto meu maldito pai. — Eu queria bater nele. Queria socar seu nariz estúpido e reto e torná-lo torto.

Brigar não era estranho para mim. Ou para Christian. Mas já faz anos que ele e eu não brigamos. Certa vez, havíamos entrado em uma briga, no primeiro ano, o que decidiu nosso destino na English Prep. Ele pensou que eu estava lutando

para provar um ponto na frente de todos, mas não estava. Estava lutando porque ele tirou Madeline de mim, e eu estava tão farto de fingir que isso não escurecia minha alma nem um pouco cada vez que eles se beijavam.

Lembrei-me de bater em seu rosto até que vi a boca em forma de coração de Madeline franzida em uma carranca através da multidão formada. Deixei Christian vencer naquele dia. Eu o deixei vencer porque sabia que estaria sempre do lado perdedor se continuasse a persegui-la. Que continuaria ressentido por ele estar com ela, mesmo quando ele não tinha ideia.

Algumas universitárias passaram por nós enquanto eu voltava à realidade. Christian estava prestes a cuspir mais alguma coisa na minha cara, mas seu telefone tocou. Ele suspirou com raiva e deu um passo para trás. Uma vez que puxou o telefone, ele se virou e atendeu.

— Ei, baby.

Seu tom não era mais irritante e dominador. Ele obviamente estava falando com Hayley.

— Sim, acabamos de chegar aqui. Não se preocupe. Eu sou o DD³. Ollie e eu acabamos de sair para ficar com Eric. — Ele olhou por cima do ombro para mim e me encarou, como se estivesse me dizendo que não tínhamos encerrado a conversa.

Foda-se ele.

Ollie caminhou ao meu lado e cutucou meu ombro tenso. — É honestamente impressionante a rapidez com que ele pode ir de puto para um namorado chicoteado em três segundos. Não é?

³ É uma sigla para motorista designado, o colega que vai ficar sem beber para dirigir pro resto da galera.

Eu não respondi, mas, aparentemente, Ollie não entendeu meu humor não-fale-comigo-porra. Lá estava alguma agressão reprimida tentando abrir caminho para fora do meu peito.

Entre a merda da minha família e os pensamentos inflexíveis de Madeline e sua luz estúpida do caralho brilhando em minha janela a cada noite, eu estava me afogando numa merda que não queria fazer parte.

Não era nem que eu estivesse negando a merda que está acontecendo na minha vida atualmente. Só queria parar de me preocupar com a noite.

Ollie ainda estava falando. — É quase nauseante. Ouça-o falando docemente com Hayley e aposto, que quando desligar o telefone, ele vai voltar à sua verdadeira forma alfa e começar com você de novo.

Grunhi em resposta. Christian era um alfa, mas eu também. As pessoas não fodiam comigo. As pessoas não me respondiam. Eu não era um cara fácil de lidar, de forma alguma.

A única razão pela qual Christian dominou os corredores da English Prep foi porque eu o deixei voltar quando éramos calouros. De jeito nenhum eu lutaria por esse papel, porque se o fizesse, isso significaria que teria que lutar ainda mais para negar meus sentimentos por Madeline. Porque até recentemente, ela era a rainha da English Prep. Eu não queria absolutamente nenhuma parte em seu mundo.

No entanto, de alguma forma, eu continuava circulando os abismos do inferno com Madeline bem no centro.

— Eric, você que sabe. Estamos aqui para ajudá-lo, mesmo se você tiver uma vara enfiada na bunda.

Finalmente deixei meu olhar vagar para Ollie. Ele estava sorrindo com seu jeito despreocupado típico, mas vi o olhar aguçado em seus olhos. Ele estremeceu

no último segundo. Ele sabia que algo estava acontecendo comigo, e eu não tinha certeza do que Piper havia lhe dito. Ela era a mais invasiva de todos nós, mas em seu próprio jeito secreto.

— Valeu, — consegui forçar, evitando-o e deixando Christian, que continuou falando com sua namorada no telefone.

Examinei os carros alinhados na rua e não vi o carro de Madeline em lugar nenhum. Parecia que ela foi para outro lugar esta noite, o que era bom. Eu agarraria firmemente essa pequena pausa em meus pensamentos em espiral pelas próximas horas.

Madeline não estava ganhando esta. Não me sentiria mal por ela ou me perguntaria por que ela dormia com a luz acesa todas as noites.

Talvez Christian estivesse certo. Talvez eu *precisasse* foder outra pessoa.

CAPÍTULO TREZE

Madeline

Pulei para a festa da fraternidade pouco antes do relógio bater oito e senti o alívio se instalar em meus ossos. O carro de Eric estava estacionado em sua garagem quando eu cheguei em casa do meu compromisso de cabelo, aquele que minha mãe marcou para eu manter meu cabelo loiro platinado que era para agradar meu pai, que só aparecia em nossas vidas ocasionalmente, então eu sabia que Eric não estaria aqui esta noite.

Eu precisava entrar, sair, dirigir de volta para casa e dormir pelo resto do fim de semana sem a ansiedade de outro pesadelo me acordando.

Chutando uma garrafa de cerveja vazia do caminho, fiz meu caminho através da porta aberta da casa. A festa estava muito mais movimentada esta noite do que no fim de semana passado. Muitas pessoas foram amontoadas na planta de piso aberto. Erva daninha e cerveja velha pairavam no ar, junto com colônia barata e perfume de quem estava se esforçando demais para transar. Mal consegui inalar o odor pútrido.

Desviei meu olhar da sala rapidamente, tentando localizar Atticus. Havia um jovem casal discutindo no canto, algumas garotas reunidas no sofá nojent, conversando com a cabeça baixa, e um cara solitário com longos cabelos loiros na outra cadeira, digitando em seu telefone. Olhei para o outro canto da sala,

passando por algumas garotas dançando bêbadas, e meus olhos se arregalaram. O salto dos meus Doc Martens rangeu na madeira quando me virei rapidamente.

Merda! O que diabos os meninos da Wellington Prep estão fazendo aqui?

Me arrepiei com a lembrança muito vívida de quando eu inevitavelmente fodi toda a minha existência tanto na English Prep quanto na Wellington Prep — a escola preparatória oposta na área — com um terrível rumor de que comecei a girar em torno de uma delas.

Nem me lembro por que fiz isso. A velha Madeline foi maliciosa na tentativa de proteger a si mesma e sua imagem de garota durona. A nova percebeu que não importava o quão maliciosa ou sociável fosse, você ainda não era invencível.

E não muito depois de eu começar o boato e tudo desmoronar, o carma parou na minha casa e me arruinou completamente. Tudo antes daquele momento se tornou um borrão gigante. Foi cruel como a pior lembrança da sua vida foi a que mais se destacou. O medo era uma emoção forte e cegante.

Arrastei meus pés para as escadas, mantendo minhas costas para Cole, o único cara que deveria odiar a porra das minhas entranhas, e comecei a subir rapidamente.

A garota machucada que vivia agora dentro de meus ossos implorou para que me desculpasse, mas eu estava com vergonha de até mesmo olhar em sua direção. Também estava com um pouco de medo.

Eu fui injusta com ele.

Muito injusta.

Todas as portas do corredor de cima estavam fechadas, até mesmo a de Atticus, mas eu não estava perdendo tempo. Levantei meu punho trêmulo para bater, e foi quando a voz suave de Cole soou por trás.

— Você achou que poderia passar furtivamente por mim?

Já que você estava de costas para mim, sim. Na verdade, eu fiz, Cole.

Minha mão caiu lentamente para o lado e tive que decidir entre lutar ou fugir. Meus membros doíam para me levar para o quarto na minha frente e bater a porta na cara dele. Mas eu era mais forte do que isso. Eu era. *Pelo menos costumava ser.*

Corri minha língua sobre meus lábios antes de me virar e me fixar em seus olhos verdes. Cole era um cara atraente. Ele era um menino mau por completo. Cabelo escuro e brilhante. Cílios grossos e uma mandíbula forte. Seu lábio inferior tinha uma cicatriz minúscula e fraca que descia até o queixo; o toque perfeito para seu apelo de menino mau.

— Cole, — consegui resmungar. Enfureceu-me ouvir o medo em meu tom.

— Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que encontrasse você.
— Balancei minha cabeça enquanto meus olhos caíram.

Eu o ouvi arrastando-se perto de mim. Não havia mais ninguém no corredor. Todos estavam trancados atrás de portas fechadas, fazendo Deus sabe o que em quartos aleatórios. Por um momento, tirei os olhos dos sapatos e olhei para o patamar da escada. Toda a equipe de Cole estava olhando para nós no meio da festa ao redor deles, todos com sorrisos sedentos cobrindo seus rostos.

Oh, Deus. O que ele planejou? Comecei a entrar em pânico. O chão parecia gelatina sob meus pés. — Escute, Cole, — comecei, recuando apenas um fio de cabelo. — Eu estou... — Lancei meu olhar para longe da sua arrogância.

Ele deu um passo à frente, aproveitando minha paranoia. — O que? O gato comeu sua língua, Madeline? É engraçado, porque não parecia ter sua língua presa quando contou aquela porra de boato desagradável para o maldito Christian Powell. — Seus ombros largos se aproximaram dos meus, prendendo-me contra a

porta. Queria que Atticus estivesse do outro lado e ele abrisse para eu cair para trás e saísse da armadilha de Cole. Provavelmente Atticus não era o herói de nenhuma situação, mas por enquanto, poderia ser meu se apenas abrisse a porra da porta. Minha respiração vinha em espasmos curtos. Minha pele ficou úmida.

Eu costumava ser forte. Não tolerava a merda das pessoas. As pessoas ficavam com medo de mim, não o contrário.

Mas agora estava fraca e com medo. Eu queria me virar e bater com os punhos na porta, implorando a alguém que me salvasse.

O joelho de Cole foi entre as minhas pernas enquanto seu peito duro pressionava contra o meu. Ele cheirava a oceano e seria refrescante se eu não estivesse congelada de medo. Mereço isso. Assim como merecia o carma que recebi depois.

Um gemido veio do fundo do meu peito, e o de Cole o brilho desapareceu por uma fração de segundo. — Você disse a ele que eu era um estuprador.

Meus olhos se fecharam quando a palavra me agrediu. A escuridão nublou minha visão enquanto eu tentava afastar os pensamentos arranhando as paredes do meu cérebro. Minhas mãos se estenderam sozinhas e eu as coloquei no peito de Cole. — Sinto muito, — sussurrei, prestes a empurrá-lo para longe.

— Por que você fez isso, Madeline? Huh? Você estava tão desesperada para me foder?

Balancei minha cabeça apressadamente, meus olhos ainda fechados. — E-eu... — Eu não conseguia pensar direito. — Sinto muito, Cole. Eu não estava... — Engoli em seco, tentando recuperar o fôlego. — Não estava em meu juízo perfeito. Estava tentando provar... — As palavras se perderam na minha língua.

Quando comecei esse boato, meses atrás, eu estava no meu pior. Estava tentando provar a todos que Christian era meu cavaleiro de armadura brilhante, que ainda o mantinha, porque o sentia escorregando pelas minhas mãos. Sentia toda a minha existência na English Prep escorregando. Queria provar a todos que Christian me amava, mas meu plano deu errado.

— Tentando provar o quê? Huh? — Pulei com a frieza no tom de Cole.

Assim que uma lágrima mortificante estava começando a cair na minha bochecha, a sombra ameaçadora de Cole foi arrancada da minha visão.

Uma voz trovejante e áspera ecoou por todo o corredor. — Diga-me um bom motivo pelo qual eu não deveria jogá-lo sobre a porra deste corrimão e quebrar seu corpo ao meio.

Minha boca se abriu com a visão de Eric segurando Cole pela gola de sua camisa sobre o corrimão do corredor. O rosto de Cole ficou vermelho como uma beterraba, linhas de raiva correndo por todo o seu rosto.

Eric estava de costas para mim, mas eu podia ver a tensão em seus ombros largos. As veias de seus antebraços incharam com sangue correndo. Ele iria matá-lo, porra.

Oh meu Deus.

— Eric! — Gritei, correndo em direção a eles. — Pare! O que você está fazendo? — Não importa o fato alucinante de que Eric estava vindo em *meu* resgate. Pois ele estava balançando Cole sobre um mar de pessoas que estavam começando a nos dar atenção. As pessoas tiraram seus telefones, gravando o incidente. *Isso era ruim.*

— Eric, deixe-o ir! — Falei entre os dentes cerrados. Minha pele estava quente e coçando, a sensação incômoda subindo pelo meu pescoço.

Os punhos de Eric estavam brancos como um fantasma enquanto ele se agarrava à camisa de Cole. Ele me lançou um olhar que parecia uma faca cortando minha garganta. — Foi ele? — Ele demandou.

Encarei seus olhos tempestuosos que estavam nublados com raiva. — Foi ele, o quê?! Eric, deixe-o ir agora. Você vai matá-lo.

Ele riu sarcasticamente. Era algo sinistro. — Essa é a porra do ponto, Madeline. — Ele se virou para Cole, que estava ativamente tentando ficar parado. — Você a estuprou, porra?

Cole olhou para mim como se quisesse torcer meu pescoço. — Que porra é essa, Madeline?! Novamente?

— Não, não, não! — Bati minha mão no antebraço de Eric. — Esse foi um boato inventado meses atrás, Eric. Deixe ele ir! Eu estava me desculpando com ele.

Eric balançou a cabeça com raiva. — Isso não foi um boato de merda, Madeline.

Oh meu Deus. — O quê? Sim, foi! Cole não me estuprou. Ou a Cara!

Cole zombou, tentando empurrar o aperto de Eric de sua camisa. — Porra, finalmente. Posso pegar minha câmera?

— Feche a merda da sua boca, — Eric ferveu em sua direção. Um movimento abaixo chamou minha atenção quando vi os meninos da Wellington Prep começando a se aproximar da escada. Cada um deles parecia letal enquanto mantinham seus olhos fixos em Eric.

Cole grunhiu. — Eu não a estuprei, cara. — Ele olhou para mim por um momento antes de continuar. — Embora ela provavelmente malditamente merecesse por inventar esse boato.

Meu coração sangrou dentro do meu peito. *Ele estava certo*. Uma nuvem escura começou a invadir minha visão novamente quando minha respiração começou a soluçar. *Não*. Afastei a memória o mais forte que pude e fechei os olhos com força. Quando os abri novamente depois de recuperar minha compostura, travei em Eric, que estava me observando atentamente.

Ele me deu mais um olhar rápido e, em seguida, puxou Cole para longe do corrimão antes de bater nele com tanta força que ouvi algo estalar. Cole se ajoelhou e gritou. O sangue começou a correr de seu rosto para o chão. Eric rosnou, dando um passo para trás. Seu cabelo escuro estava suado na cabeça, grudando na testa. Os músculos de sua mandíbula pulsaram de um lado ao outro enquanto ele esfregou os nós dos dedos. Por cima do ombro, no meio da escada, vi Christian e Ollie correndo com todos os amigos de Cole atrás deles.

Seria uma briga e eu era a única que estava entre os dois lados opostos.

— Que porra está acontecendo? Por que diabos Eric está lutando em seu nome? — Ollie exigiu, correndo na minha frente enquanto Christian caminhava para ficar ao lado de Eric. Ouvi Christian fazer um comentário sarcástico para Cole quando Ollie bateu os dedos na minha cara. — Madeline? Que porra você fez?

Comecei a balançar minha cabeça. — Nada! Eric entendeu mal. Eu disse a ele para parar! — Tropecei nas minhas palavras. — Ele pensa... — Uma grande comoção fez Ollie e eu pararmos de conversar.

Cole estava gritando com Eric, dizendo-lhe para ir até ele novamente. E Christian estava segurando Eric, dizendo-lhe para parar. — Eric, acalme-se, porra. Somos três e eles são dez. Teremos que escolher outra hora.

Eric gritou por cima do ombro de Christian. — Você está doente pra caralho, dizendo merdas assim! Você merece mais do que a porra de um nariz quebrado.

Christian virou a cabeça para Ollie e para mim enquanto lutava para segurar Eric pelos ombros. — Uma pequena ajuda, porra? Madeline, tire ele daqui! Conserte tudo o que você fez para causar isso. — Não perdi tempo correndo e agarrando o antebraço de Eric para puxá-lo para longe.

Christian gritou com Ollie: — Você é amigo do primo de Piper. Conserte essa merda para que não caíamos na porra de uma emboscada. — Ele agarrou o rosto de Eric com força. — Vai. Agora mesmo. Acalme-se, porra.

Eric arrancou sua mandíbula do aperto de Christian e travou em mim. Me virei rapidamente, incapaz de suportar ser examinada, e puxei seu braço comigo. O empurrei para a porta no final do corredor e tranquei-a atrás de nós, ignorando a placa colada na frente que dizia: — *Fora de ordem; vá fazer xixi lá fora.*

A luz acendeu em segundos e seu braço foi arrancado do meu alcance ainda mais rápido.

Ele invadiu a pequena sala, caminhando sobre o chão de vinil sujo. Vai e volta. Vai e volta. Sua mão trêmula se ergueu e ele tirou o cabelo preto, agora encaracolado, da testa e continuou a respirar pesadamente pelo nariz.

As partes ocas de suas bochechas estavam tingidas de um vermelho forte. Seus olhos estavam disparando. Ele olhou para todos os lados, menos para mim. O que foi ótimo. Dificilmente poderia formar palavras sem seus olhos em mim, muito menos se estivessem.

Quase como se tivesse ouvido meu pensamento, ele parou de andar e ficou bem na minha frente. Eu mantive meus olhos no tapete do banheiro bronzeado que estava entre nós, sentindo como se meus pulmões fossem explodir.

— Quem tocou em você, porra?

Meu estômago embrulhou e, de alguma forma, encontrei forças para levantar o olhar, mas estava com vergonha de olhá-lo nos olhos. Em vez disso, olhei no espelho por cima do ombro e segurei um arrepio.

Fios de cabelo loiro emolduravam meu rosto, mas não fizeram nada além de acentuar minhas bochechas pálidas. Meus olhos azuis brilhavam com lágrimas não derramadas e meus lábios tremiam. *Porra.*

Me puxei para fora do transe e tentei manter meus olhos ilegíveis enquanto os colocava em Eric, que estava esperando pela minha resposta. Seu nariz forte e reto estava inflando enquanto ele respirava profundamente.

— O que você está falando? — Tentei desviar. — Eu disse que era um boato que inventei meses atrás. Você lembra. Você estava na festa quando eu disse a Christian.

Houve uma leve contração nos olhos de Eric. — Quem foi o maldito que estuprou você, Madeline? Foi ele? Porque vou quebrar seu corpo ao meio.

Minha voz estava trêmula. *Porra. Porra. Porra.* — Eu disse a você... Isto...

Eric correu para mim e pressionei minhas costas ao longo da porta trancada, minha respiração presa na minha garganta. — Pare de mentir.

Jurei, naquele momento, Eric estava removendo minhas camadas uma por uma e estava vendo todas as pequenas verdades que estavam por trás. Engoli, tentando equilibrar minha respiração. — Eric...

Sua mão envolveu meu queixo. Não foi um aperto forte e raivoso. Foi gentil, mas seus olhos eram tudo menos isso. As piscinas escuras estavam cheias de raiva e todas coisas alfas. Ele estava com raiva. E isso gerou uma nova onda de ansiedade em meu corpo já acelerado.

— Não foi ele, — finalmente engasguei, quase me dobrando de náusea.

Os olhos de Eric fecharam, suas têmporas balançando para frente e para trás. Seus cílios escuros dançaram enquanto ele mantinha as pálpebras fechadas. A mão calejada no meu rosto apertou apenas o suficiente para me trazer de volta à realidade. *O que eu acabei de fazer?*

No último segundo, seus olhos se abriram. Eles não estavam mais cheios de raiva, mas de algo totalmente diferente. — Mas alguém fez? Alguém estuprou você?

Lá estava aquela palavra novamente. A palavra que me arrastou para baixo da maré alta e continuou me afogando. *Estuprada. Alguém te estuprou.*

Meus olhos ardiam e minha garganta estava fechando. Nunca na minha vida quis alguém tanto quanto eu o queria naquele momento. Queria desabar nele. Queria enterrar minha cabeça na curva de seu pescoço e fazer com que ele me fizesse esquecer tudo.

Então fiz a única coisa que pude pensar para sair daquela situação difícil. Olhei para baixo para sua boca e pressionei meus lábios nos dele. Sua mão caiu rapidamente do meu queixo quando minha língua encontrou a dele. Sua boca era quente e tinha gosto de cerveja barata. Minhas costas arquearam quando ele agarrou meus quadris — forte, os seus dedos apertando a pele debaixo da minha camisa.

Esperei que ele me empurrasse e dissesse que me odiava. Eu queria deixá-lo louco. Queria que ele me odiasse novamente. O beijo deveria ser uma jogada em um jogo de xadrez. Queria lembrá-lo de que não valia a pena salvar. Eu precisava que ele parasse de olhar para mim com pena.

Mas o beijo foi o oposto. Foi como abrir uma inundação de emoções aprisionadas dentro do meu coração. Eu esperava que isso desencadeasse algo sombrio e implacável, mas o beijo foi tudo menos isso.

Rapidamente, muito brevemente, me perguntei como seria a sensação de ser amada por um cara como ele. Qual seria a sensação de ser adorada por um cara como ele. Qual seria a sensação de ser protegida por um cara como ele.

A sala girou ao meu redor quando ele me pegou e bateu minha bunda na pia do banheiro, derramando produtos aleatórios no chão. Eu deslizei para frente e pressionei meu meio contra a protuberância em sua calça jeans enquanto suas mãos seguravam meu rosto. Seus dedos estavam emaranhados no meu cabelo, seus dentes arranhando os meus.

Meu corpo estava pegando fogo.

A única coisa que pude ver foi ele.

A única coisa que pude sentir foi ele.

Um grande estrondo atingiu a porta do banheiro e, instantaneamente, sabia que o momento tinha acabado.

A boca de Eric deixou a minha e suas mãos foram arrancadas do meu cabelo. Ele colocou a distância necessária entre nós. — Maldição, Madeline, — ele rosnou. — Eu deveria ter previsto isso! Você joga sujo. — Ele parecia chocado. — Essa era a última coisa que pretendia fazer esta noite. *Especialmente agora.*

Pulei da penteadeira com as pernas trêmulas, irritada por estar desfrutando. O beijo deveria colocar uma barreira entre nós. Ele deveria me afastar e lembrar que me odiava. Eu precisava que ele parasse de me intrometer. Mas não parou.

— O que isso deveria significar? — Perguntei com uma mordida no meu tom, mas a verdade é que me senti mais envergonhada do que nunca. Eu sabia o que ele estava pensando. Ele pensou que eu estava machucada agora. Pensou que eu era fraca.

Eric limpou a boca com as costas da mão como se estivesse se livrando do meu beijo. — Você achou que me beijar me faria esquecer?

Meu estômago embrulhou de inquietação. — Esquecer que eu te traí? Esquecer que arruinei nossa amizade tantos anos atrás? Esquecer que você me odeia? — Comecei a balançar minha cabeça. — *Não...* — *Esse era o ponto.*

— Não, — ele respondeu com raiva. — Estou me referindo ao fato de você ter sido estuprada por alguém. É por isso que você não dorme, certo? Porque você continua tendo pesadelos com isso?

Meus pulmões começaram a queimar. Meu coração bateu forte atrás dos meus ouvidos. *Eu sou fraca.* Roubei um pequeno olhar para Eric e me senti desmoronar. *Eu preciso sair daqui.*

Eu normalmente não fugia do confronto, mas, se não corresse agora, provavelmente desmaiaria e não estava fazendo isso. Uma estranha onda de sentimentos que nunca senti antes estava atingindo minha pele e eu precisava parar.

Antes que Eric pudesse dizer qualquer outra coisa, voei por ele e abri a porta. Corri pelo corredor, evitando Ollie e Christian, junto com a gangue da Wellington Prep, e não parei de hiperventilar até chegar ao meu carro e descer a rua.

Estacionei ao lado, logo abaixo de um poste de luz bruxuleante quando meus olhos começaram a embaçar. Um alto soluço irrompeu do fundo do meu peito.

Eu me odiava.

E odiava Eric por trazer à tona a única coisa que eu queria esquecer.

Estava com raiva, triste, com vergonha e todo tipo de outras coisas. Exausta por ser um deles.

Fiquei ainda mais irritada, percebendo que nem mesmo encontrei Atticus.
Minha mão doeu de bater no volante.

Merda!

CAPÍTULO QUARTOZE

Eric

— Você está me dizendo... — Ollie empurrou a cabeça entre os bancos do motorista e do passageiro, onde Christian e eu estávamos sentados, estacionados na minha garagem. — Que seu pai fodeu com a mãe de Madeline?

— Por anos, — respondi tristemente, olhando para sua janela estúpida que estava, você adivinhou, *iluminada*.

Eu finalmente tive que confessar e contar-lhes o que estava me corroendo nos últimos meses. Embora Ollie e Christian fossem as duas pessoas em quem mais confiava nesta terra esquecida por Deus, não consegui contar sobre Madeline. Eles sabiam que eu a odiava; sabiam que ela sabia tudo sobre meu pai transando com sua mãe, mas era isso.

Não ia contar-lhes o que descobri. Não ia dizer-lhes que tinha essa atração indescritível dentro do meu corpo que me fez considerar invadir seu quarto agora para terminar nossa conversa anterior.

Ela me beijou, porra. *Ela me beijou!*

Nos últimos anos, nos meus piores dias, me permiti imaginar como seria a sensação de beijar aqueles lábios quentes. Como seria a sensação de envolver

minhas mãos em seus cabelos dourados e fazê-la desmoronar em meus braços. Me perguntei qual seria o gosto dela e como seria a sensação contra minhas palmas. E não foi nada como eu imaginei.

Eu odiava, mas amava ao mesmo tempo. História da minha maldita vida quando se tratava dela.

E agora que ela estava longe de mim e eu era capaz de me acalmar e colocar meus pensamentos em ordem, estava tão chateado. Não fiquei bravo por ela ter me beijado, mas não deveria tê-la beijado de volta. Não porque eu estava de volta ao meu juízo perfeito e odiando-a novamente; parecia tão errado pra caralho. *Ela foi estuprada*. Minha cabeça estava girando quando a voz de Christian soou novamente.

— A mãe dela sempre pareceu sacana. Muito parecida com Madeline. — Meu peito se apertou; meu pescoço enrijeceu. Pressionei minhas costas no assento para me manter firme.

Eu sabia que Christian desprezava Madeline. Para ser honesto, ele desprezava qualquer pessoa que não fosse Hayley, mas ainda era um cara legal. Se soubesse o que eu sabia, ele não teria dito isso.

— Sim, — finalmente respondi. — As coisas estão apenas fodidas agora. Tenho certeza de que meus pais estão se divorciando, e até que enfim, mas minha mãe está se metendo em turnos no hospital, e provavelmente é porque ela não consegue olhar para a casa de Madeline sem ser lembrada disso.

Ollie resmungou. — Eu diria. Que coisa mais fodida de se fazer. Foder a vizinha, a apenas alguns metros de sua esposa.

Uma dor aguda atingiu meu peito.

— Sim, meu pai é um idiota. — Suspirei, abrindo meu punho apertado. — De qualquer forma, é isso que está acontecendo. É por isso que surtei quando vi Madeline.

Não é exatamente verdade.

Olhei no espelho retrovisor, mal conseguindo ver a expressão de Ollie devido à escuridão dentro do Charger de Christian, mas senti a suspeita persistente.

— Por que você estava prestes a matar Cole então? Parecia que você estava bravo porque ele estava dando em cima dela ou algo assim. — Christian aparentemente também estava um pouco desconfiado.

Dei de ombros, dando-lhe um olhar de lado. — Talvez eu esteja pegando uma pequena página do manual do todo-poderoso Christian. Madeline é minha inimiga. Sou o único que pode ferrar com ela. — Levantei uma sobrancelha. — Não faz muito tempo que você ameaçou a todos que ousassem olhar na direção de Hayley. *'Ela era sua para intimidar'*, eu acho que foi o que você disse no vestiário.

Christian zombou. — Isso era diferente.

— Nah, irmão. Não é, — brincou Ollie. — É *literalmente* a mesma merda.

Ri quando Christian zombou novamente.

— Excelente. Ela é sua. Eu vou te dar isso. — Ele me lançou um longo olhar, como se estivesse tentando desvendar meus pensamentos. — Mas não se apaixone por ela, mano. Não quero ver você se embrulhar na teia de Madeline. Ela tem problemas.

Sim, assim como Hayley tem.

— Que tipo de problemas? — Perguntei pacientemente. *Ele sabe mais do que está deixando transparecer?*

Ele encolheu os ombros, voltando-se para enfrentar a estrada à nossa frente. — Não sei. Talvez Hayley estivesse certa. Talvez algo tenha acontecido com ela para torná-la do jeito que ela é, mas aquela garota tem espinhos pra caralho. Se você chegar muito perto, ela vai te cortar.

Engolindo as palavras que eu queria dizer, balancei a cabeça. — Não precisa se preocupar com isso. Eu não quero ter nada a ver com ela. Só gosto de fazê-la sofrer. Ela merece, certo?

As palavras tinham um gosto amargo na minha língua. Eu basicamente repeti o que Cole havia dito. *Eu não a estuprei, cara. Embora ela provavelmente merecia.* Meus pulmões queimaram com o pensamento. Minha pulsação disparou. Os resquícios de raiva ainda estavam correndo em minhas veias como uma represa sendo quebrada. O sangue correu rápido e forte.

Minha mão disparou para a maçaneta da porta. — Estou cansado. Aquelas doses de vodka que tomei com aquela garota chata estão me alcançando.

— Ela era irritante, — concordou Ollie. — Por que ela estava gritando como uma foca toda vez que você tomava uma dose?

Eu não tinha a porra da ideia.

— Vejo vocês na segunda-feira, — disse eu, saindo do carro. Me abaixei no último segundo. — Obrigado por me apoiar com Wellington Prep.

Christian balançou a cabeça antes de olhar pela janela. — Não é a primeira vez que tivemos que dar as costas um ao outro quando se tratava daqueles malditos maricas.

Eu ri, batendo a porta e caminhando até minha casa escura. Minha mãe estava trabalhando de novo; a quinta noite consecutiva. Ela me mandou uma

mensagem mais cedo e pediu para gastarmos algum tempo juntos no próximo fim de semana, no entanto, e presumi que estaria me contando sobre o divórcio então.

Mexi na fechadura da porta da frente até que Christian e Ollie foram embora. Então, no último segundo, me virei e olhei para a janela de Madeline, apenas para encontrá-la olhando para mim. Seus olhos azuis se arregalaram quando ela viu que foi pega. A cortina se fechou rapidamente e sua silhueta sombreada desapareceu.

Eu fiquei lá, olhando para a janela dela por, pelo menos, mais cinco minutos antes de encontrar meus pés me arrastando pela calçada e para dentro de sua casa.

A porta da frente estava trancada novamente, então peguei a chave de baixo da panela e destranquei. Subi os degraus devagar, tentando descobrir porque eu estava na casa dela, mas nada me veio à mente.

Eu não deveria ter estado lá. Mas estava.

O brilho de sua luz brilhou por baixo da porta de seu quarto no corredor escuro. Minha mão se esticou para entrar, mas reconsiderei.

Normalmente, eu faria. Não daria a mínima se a assustasse. Na verdade, teria sido melhor se eu o fizesse. Mas agora, me sentia em desacordo com isso.

Peguei meu telefone e trouxe o nome dela, **Shedevil**, e digitei: — ***Estou entrando. Destranque a porta.***

Seu telefone tocou levemente de perto, e eu sorri. Então, rapidamente, limpei o sorriso do meu rosto.

Eu não deveria estar sorrindo, porra.

Shedevil: Não

Revirei os olhos e disse através da porta: — Eu sei como abrir uma fechadura, Madeline. Destranque a porra da porta.

Meu telefone pingou novamente.

Shedevil: *Boa sorte. Há uma cadeira encostada na minha porta para um cuidado extra.*

Minhas sobrancelhas franziram. Houve um puxão incômodo no meu peito. Olhei para a porta do banheiro que levava ao quarto dela e sorri.

— Tudo bem, — finalmente disse antes de caminhar até ela e abri-la. Madeline era inteligente, sempre um passo à frente de todo mundo, então as chances de ela correr pelo quarto para trancar a porta do banheiro contíguo eram prováveis, mas a menos que pressionasse a cama contra ela do outro lado, eu seria capaz de arrombar a fechadura, e então não poderia se esconder ou correr como na festa.

Assim que pisei no ladrilho, Madeline gritou: — Eric!

Meus olhos se arregalaram e senti a verdadeira dilatação das minhas pupilas quando a encontrei. Água em cascata para fora da banheira e no chão com um respingo quando suas pernas nuas surgiram para esconder seu corpo.

Meu queixo caiu. Eu deveria ter me virado e batido minha cabeça na parede para tirar o visual do meu cérebro, mas não era nada além de fraco quando se tratava dela.

Mudei meu olhar de seus joelhos escorregadios e brilhantes para seus lábios carnudos e fui levado de volta para um par de horas atrás, quando eles estavam na minha boca. O beijo me atormentou porque eu estava morrendo de fome por mais, mas sabia que não deveria. Madeline era um veneno. Ela só me beijou porque sabia que eu a estava cercando. Ela usou nossa atração contra mim.

E eu não gostei muito disso.

Não gostei porque agora eu podia senti-la toda. Deslizando em minhas veias. Envolvendo meu pau.

— O que você está fazendo aqui? — Madeline perguntou enquanto colocava os braços em volta dos joelhos.

Graças a Deus, havia bolhas ao redor dela no banho; caso contrário, eu continuaria pastando seu corpo nu com meu olhar faminto.

O que eu estava fazendo aqui?

Fechei a porta atrás de mim, observando-a pular enquanto a porta trancava.

— Você não respondeu minha pergunta, então por que eu responderia a sua?
— Inclinei meu queixo para ela, levantando uma sobrancelha em sua direção.

O cabelo loiro de Madeline estava caindo na banheira ao redor dela, flutuando em cima das bolhas graciosamente. Seus braços se apertaram ainda mais em torno de suas pernas e ela pressionou o rosto corado contra os joelhos, afastando-se do meu olhar fixo.

— Qual é a sua pergunta? — ela suspirou, olhando para mim por um momento.

Lambi meu lábio, cruzando meus braços contra minha camiseta preta. — Você foi ou não foi... — Fiz uma pausa, incapaz de dizer a palavra. Minha garganta apertou no último segundo e lutei para manter meus braços cruzados em vez de agarrar a sensação indesejável.

— Você pode dizer a palavra, Eric.

— Tudo bem, — falei asperamente. — Quem te estuprou?

Madeline virou a cabeça abruptamente, descansando-a ao longo dos joelhos novamente. Ela pode ter pensado que não vi a maneira como ela vacilou com a palavra, mas eu vi.

— Quem te disse que eu fui estuprada?

Segurei um grunhido enquanto me afastava da porta. — Bem, considerando que você não tem estômago para ouvir a palavra, eu diria que *você* me disse.— Parei a apenas um pé de distância da banheira, olhando para seu rosto escondido. — E sem falar no pesadelo.

Água espirrou quando ela olhou para mim, toda inocente e parecida com uma corça. Duas coisas que nunca, nunca esperei ver dela. Espuma branca semelhante a uma nuvem colocada ao longo de seu peito, exceto pela pequena lasca de decote aparecendo para mim. — O quê você quer dizer?

— Você falou durante o sono na outra noite. Eu te ouvi.

O rosado em suas bochechas desapareceu.

— Sim, — reiterei, dando um passo para trás antes de fazer algo que me arrependeria, como puxá-la para fora da banheira e beijá-la novamente. — Então, quem fez isso?

Seu ato inocente desapareceu. Sua raiva voltou, cortando a garota vulnerável na minha frente. — Pare de me olhar assim! — Suas palavras estalaram como um elástico, então retruquei.

— Como o quê?

Um pequeno ruído de raiva veio dela. Se eu não tivesse aquela voz na minha cabeça, me lembrando de todas as razões pelas quais eu a odiava, eu poderia ter pensado que era meio fofo. — Como se você quisesse ser meu herói. E o que

exatamente disse a Ollie e Christian quando viram que você estava prestes a matar alguém por mim?

Olhei para ela. — Pare de fugir da pergunta.

— Por que você se importa?! — ela gritou, seus braços caindo de seus joelhos por um instante. Desviei meus olhos, olhando para o teto. — Você me odeia tanto que achei que ficaria feliz.

Meu sangue pulsou. — Você nunca me conheceu se realmente pensa que eu gostaria que algo assim acontecesse com qualquer pessoa, até mesmo *você*. — Minha voz aumentou de volume. Me virei antes de ficar ainda mais irritado. *Isso é o que ela quer. Quer que você fique bravo e a deixe em paz.* O maior mecanismo de defesa de Madeline era afastar as pessoas, mas eu não ia deixar isso acontecer novamente.

— Eu conheço quem foi? — Eu perguntei, mantendo minhas costas para ela. *Vou matá-lo.*

Demorou muito para responder. — Não.

Meus ombros cederam. Não sei por que esperava que ela negasse novamente. Algo sobre ela admitir que foi estuprada me fez sentir doente pra caralho. Isso me confundiu, me preocupou e me irritou de uma vez.

— Termine seu banho e vista-se, — exigi, sabendo que estava a cinco segundos de socar algo neste banheiro feminino. Cheirava a ela. Todo florido e inebriante.

— O que você está fazendo? — perguntou hesitante. Eu tinha certeza de que ela estava chorando, mas estava com muito medo de olhar, então, em vez disso, abri a porta do quarto, entrei e bati a porta atrás de mim.

CAPÍTULO QUINZE

Madelaine

Minha água do banho estava fria. Arrepios estouraram em todos os meus braços e pernas. Eu sabia que era hora de sair, mas ainda estava com muita raiva. Cada lágrima que escorria pelo meu rosto me traiu.

Eu odiava chorar.

Mas estava tão nervosa que não conseguia parar.

Meu peito arfou enquanto eu secava meu corpo, e a pele do meu rosto gritou em agonia quando peguei a toalha e enxuguei minha fraqueza. Eu não choraria na frente de Eric. Tive que rapidamente colocar minha armadura, minha fachada fria, e lidar com ele dentro do meu quarto.

Nem tinha certeza do que ele estava fazendo lá. Esperando por mim? Mas por quê?

Meus dedos tremeram quando amarrei meu short de cordão que descansava ao longo de meus quadris e quando puxei minha camisa pela cabeça. Meu cabelo ainda estava úmido, pequenas gotas d'água caindo das pontas e no chão.

Eu não conseguia nem me olhar no espelho. Estava com medo de começar a chorar de novo; ou ficar com muita raiva e quebrar. Eu sabia que a garota que olhava para mim era uma sombra de quem costumava ser. Ela estava fragmentada. E estava com raiva e magoada. Me senti traída por mim mesma e esse foi um sentimento verdadeiramente perturbador e solitário.

Minhas bochechas incharam enquanto eu soprava o ar para fora da minha boca e estendia a mão para a maçaneta. Dei-me uma palestra de cinco segundos para manter minha compostura, reagrupando-me contra Eric e suas ações confusas. Ele foi muito rápido em me lembrar que me odiava todos os dias, mas seu comportamento contradizia isso completamente.

Assim que entrei no meu quarto, fechando a porta do banheiro atrás de mim e verificando duas vezes para ter certeza de que estava trancada, meu escudo começou a tremer. Eric estava empoleirado na ponta da minha mesa, suas longas pernas vestidas com jeans ainda tocando o chão. Um pequeno mergulho no meu estômago me disse tudo que eu precisava saber sobre meus sentimentos por ele. Fazia muito tempo desde que eu senti aquelas borboletas mágicas em meu estômago ao ver um menino, e aqui estava eu, espantando-as furiosamente enquanto lutava para me lembrar que Eric e eu nunca seríamos mais do que éramos agora; um cruzamento entre inimigos e amigos esquecidos.

— O que você quer, Eric? — Suspirei. Eu estava orgulhosa de como soei irritada. Mas a verdade é que não fiquei nem um pouco irritada. Na verdade, ele estar no meu quarto de alguma forma reprimiu toda a minha ansiedade usual.

— Eu vou te dar uma noite, Madeline. É isso.

Lentamente caminhei até minha cama, puxando minha camisa longa para baixo para cobrir minhas pernas antes de sentar em meu cobertor fofo. — O que você está falando?

Eric cutucou suas unhas, me evitando. Seu cabelo parecia que tinha sido puxado com força pelas pontas antes de eu sair do banheiro. Sua forte mandíbula estava cerrada. Suas maçãs do rosto estavam mais afiadas do que o normal, como se fossem me cortar se eu ousasse tocá-las.

Um suspiro me escapou quando encontrei meu caminho de volta para seus olhos. Ele estava me olhando atentamente antes de olhar pela janela, cruzando os braços sobre a camiseta. — Vou te dar uma noite para dormir, e é isso. — Mordi meu lábio quando ele suspirou exasperado. — Vou te acordar ao primeiro sinal de um pesadelo. Você obviamente precisa dormir pra caralho se está tentando conseguir mais pílulas para dormir; o que, a propósito, é tão estúpido.

Ignorei as emoções nublando minha visão. — Por quê?

Suas sobrancelhas fortes levantaram quando seu olhar tempestuoso encontrou o meu. — Por que isso é estúpido? — Ele revirou os olhos dramaticamente. — Bem, para começar...

— Não, — o interrompi. — Por que você faria isso por mim? Por que ficaria sentado aqui a noite toda enquanto eu durmo, só para ter certeza de que não tive um pesadelo?

Ainda não conseguia acreditar que tinha falado enquanto dormia na outra noite. Aparentemente, meu subconsciente de sonho também estava me traindo.

As narinas de Eric dilataram-se quando ele me prendeu no meu lugar. Ele instantaneamente passou de aborrecido para zangado. Uma pequena ruga se formou entre suas sobrancelhas, e seus lábios perfeitos que antes haviam atacado os meus estavam tensos. — Porque estou me sentindo muito generoso. É pegar ou largar.

Minha decisão caiu, minha armadura se espatifando no chão. Mordi minha língua para não agradecê-lo em uma bagunça chorona. Eu não iria agradecê-lo.

Não pedi sua ajuda, então certamente não fingiria que ele estava me fazendo um favor.

Mas ele estava.

Ele não tinha ideia do quanto eu queria chorar.

A ideia de dormir, conhecer alguém — em que, acredite ou não, eu realmente confiava — ia me acordar antes que eu chegasse ao ponto em meus sonhos que me fazia correr para o banheiro para vomitar, foi o suficiente para me fazer quebrar metade.

— Quão ruim foi? — Sussurrei, abaixando-me para deitar. Deitei de costas com os braços apoiados na barriga. — Meu pesadelo, quero dizer. O que foi que eu disse?

Eric esperou um pouco antes de responder, o que só me deixou mais nervosa. Seu tom foi cortante e direto ao ponto. — Foi ruim. Agora vá dormir.

— Eu chorei? — Perguntei, fechando meus olhos, não porque eu estava tentando dormir, mas porque estava nervosa demais para ver sua expressão.

— Sim, — respondeu com naturalidade. — E isso não é tudo. Agora vá dormir. — Ele fez uma pausa. — E pare de tomar pílulas para dormir que não sejam prescritas por um maldito médico.

Uma resposta mordaz estava na ponta da minha língua. Um comentário repentino estava bloqueado e carregado, pronto para sair disparado da minha boca, mas algo me segurou. Eric estava me dando um ramo de oliveira e eu estava segurando pela minha vida. Eu sabia que quebraria eventualmente e ele voltaria a ser mau comigo e me encarar do outro lado do refeitório, mas, por agora, eu me permitiria segurar isso.

Depois de alguns minutos me sacudindo e virando, meu corpo finalmente começou a relaxar. Espiei Eric algumas vezes, levantando apenas uma pálpebra, até que ele voltou sua atenção estoica em minha direção. No início, pensei que me sentiria desconfortável com ele aqui, dado tudo, mas, no fundo, sabia que Eric nunca me machucaria. Ele pode ter me odiado, mas eu sabia que ele não era um cara mau. A menina de 12 anos dentro de mim, confiava em Eric de todo o coração, e eu estava confiando nela. Mas, novamente, eu poderia confiar em alguém hoje em dia?

Esse foi o último pensamento que tive antes de adormecer.

A conversa baixa de minha mãe e meu pai me assustou de um sono profundo. Meus olhos pareciam grogue e minha boca estava seca. Abri meus lábios, precisando desesperadamente de água, mas foi quando percebi que minha boca não abria. Havia algo sobre isso.

Fita?

Minha mão tentou alcançá-la para movê-la, mas meus membros não funcionaram. As vozes dos meus pais ficaram mais altas, os gritos familiares do meu pai atravessando as paredes do meu quarto. Quando ele chegou em casa? E por que ele já estava com raiva? Isto geralmente levava alguns dias para ele estourar.

Tentei balançar meus braços, meus olhos se ajustando ao meu quarto escuro, mas era como se eu estivesse em areia movediça. Meus membros estavam pesados.

Por que eu não conseguia me mover? O pânico começou a se infiltrar em todas as saídas do meu corpo. Pele bateu contra pele, e um gemido alto da minha mãe me fez chutar minhas pernas para fora dos cobertores, mas foi inútil. Elas também não estavam funcionando.

O que está acontecendo? Isso era paralisia do sono ou algo assim?

Só então, meu coração começou a disparar como se soubesse que algo estava por vir e não sabia. Um grito se alojou na minha garganta quando comecei a sentir a presença de algo escuro e pesado em cima de mim. Meus olhos não se ajustavam. Eu poderia muito bem estar cega.

Por que minha luz não estava acesa? Sempre mantive minha luz acesa. — Fique quieta, baby.

A voz me deixou completamente trêmula. Eu conhecia aquela voz. Isso me assombrou. Repetindo em minha cabeça sempre que eu baixava minha guarda. Comecei a respirar mais pesado, as lágrimas se acumulando em meus olhos.

Tentei gritar e arranhar enquanto a presença ficava mais pesada. A voz alta do meu pai explodiu ao fundo e minha mãe gritou. Eu precisava chegar até ela, ajudá-la, mas o homem em cima de mim estava dominando tudo.

Não. Não. Não.

Uma grande mão segurou minha coxa, pronta para abrir minhas pernas, e eu chorei por dentro.

De novo não.

Meu estômago convulsionou enquanto meu corpo inteiro tremia e estremecia.

— Maldição, Maddie. Acorde, porra!

Meus olhos se abriram ao som da voz de Eric. Pulei da minha cama rapidamente, meus olhos mal se ajustando à luz fraca.

— As luzes. Acenda as luzes! — Gritei, rastejando apressadamente para fora da minha cama. Assim que meus pés tocaram o chão, corri passando por Eric e me agarrei na maçaneta da porta do banheiro. Meus dedos moveram-se rapidamente,

destrancando-a rapidamente, e assim que meus joelhos atingiram o piso do banheiro, pulei no vaso sanitário, o ácido queimando minha garganta.

Meus olhos ficaram ainda mais lacrimejantes quando coloquei minha cabeça suada no antebraço. Meu corpo inteiro tremia e gotas de suor escorriam lentamente pela minha espinha.

Eu odeio isso.

Assim que soube que tinha parado de vomitar, lavei o vaso sanitário e tentei ficar de pé, mas minhas pernas cederam e caí de bunda no chão. Cerrei os dentes trêmulos e suguei os lábios para não chorar de novo enquanto me encolhia contra a banheira, fechando os olhos.

Eu era mais forte do que isso. Por que eu não conseguia me recompor? Por que os pesadelos continuam voltando? E por que havia dois males desnecessários neste?

Respirei dentro e fora do meu nariz, acalmando meu corpo por longos e agonizantes minutos antes de recuperar a força para ficar de pé novamente. Assim que abri meus olhos e me levantei, pronta para voltar ao meu quarto e enfrentar Eric, parei. Ele estava lá, dentro do banheiro, olhando para mim como se tivesse visto um fantasma.

Meu lábio tremeu quando travamos os olhos e eu queria me esconder. Ele estava vendo uma parte de mim que nem eu queria ver. E odiava que estivesse me olhando tão estoicamente. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo em sua cabeça. Não havia aquele brilho maligno em seus olhos que ele costumava me dar, e não havia aquele sorriso arrogante e esperto em seu rosto também.

Ele apenas olhou, seus olhos azul-acinzentados melancólicos em mim. De repente, me senti ainda menor do que o normal.

O constrangimento me fez passar por ele. Que se moveu apenas o suficiente para que eu não o tocasse e, em seguida, lentamente se virou e continuou olhando para mim.

Quando me sentei na cama e puxei os joelhos até o queixo, sem ousar lançar outro olhar para o menino que acabou de me ver completamente em carne viva, ele sussurrou: — Presumo que tenha acontecido no escuro.

Eu ainda não queria olhar para ele. Em vez disso, encarei o ursinho de pelúcia que minha avó me deu quando eu tinha sete anos, empoleirado no chão, no canto do meu quarto. — Sim. — Absolutamente me matou que minha voz saiu rouca e quebrada. Eu não precisava que Eric me visse assim. Não precisava que ninguém me visse assim.

— Aconteceu aqui? É por isso que você tranca as portas? Alguém entrou aqui e te machucou, Maddie?

A mortificação rodou em minha barriga. Eu deixei minha cabeça cair sobre meus joelhos e lentamente balancei a cabeça conforme uma lágrima escapava.

Fiz uma pausa ao som dos nós dos dedos de Eric estalando. Eu dei uma espiada nele, e pela aparência de seus ombros tensos e sua mandíbula apertada, eu poderia dizer que ele estava com raiva. Esse foi o comportamento conflitante de que falei antes. Eric estava furioso.

E por um momento fugaz, eu me permiti saborear sua proteção repentina, mas apenas por um segundo, porque eu sabia, sem dúvida, que ele voltaria a me desgostar eventualmente. Este foi um pequeno lapso de tempo em nossa história. Talvez se estivéssemos em uma realidade diferente, em um tempo diferente, isso pudesse ter acontecido de forma diferente.

— Estou bem, Eric. Você pode ir para casa agora. Não vou conseguir dormir pelo resto da noite. — O relógio na minha mesa marcava pouco depois das três da

manhã, o que significava que eu realmente dormi uma boa quantidade de sono pela primeira vez.

O peito largo de Eric subiu rapidamente por baixo de sua camiseta apertada. Seus braços ainda estavam cruzados e sua expressão era ilegível. Quando ele voltou seus olhos para mim, pulei. — Quem mais sabe sobre isso?

Engoli em seco, segurando meus joelhos ainda mais forte. *Deus, eu tenho que parecer tão... vulnerável.* — Ninguém.

Seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo. — Ninguém? Ninguém mesmo?

Balancei minha cabeça lentamente. Claro que ninguém sabia. Para quem eu contaria? Todos os meus amigos? Meu namorado? Isso mesmo, eu não tinha nenhum. — Não. — O pânico me atingiu rapidamente. Coloquei minha espinha no lugar. — Por favor, não conte a ninguém.

Eric não tirou sua atenção de mim. Nem mesmo um leve mergulho de seus olhos. Nada. Ele apenas piscou algumas vezes antes de deixar seus braços caírem.

— O negócio é o seguinte, — ele começou, avançando em direção à cama com passos largos e confiantes. — Amanhã, você pode voltar a ser forte e espinhosa... cutucando qualquer um que se aproximar... e eu voltarei a lembrar todas as razões pelas quais absolutamente te odeio. — Minhas sobrancelhas se juntaram enquanto inclinei meu queixo para cima para encontrar sua postura de cima da minha cama. Ele engoliu em seco, seu pomo de Adão proeminente balançando para cima e para baixo. — Mas por agora... o que você geralmente faz depois de um pesadelo como esse? Você disse que não dorme, então o que você faz?

Lambi meus lábios secos, confusa como o inferno. Meu coração voou pelo meu peito com a perspectiva de Eric não me odiar por apenas mais algumas horas. —

Eu... eu leio... ou assisto a um programa. Algo interessante... para me manter acordada.

Ele acenou com a cabeça, olhando ao redor do meu quarto antes de pousar no controle remoto na minha cômoda. Ele se aproximou rapidamente, agarrou-o com uma das mãos velozes e, em seguida, aproximou-se e apontou o queixo para mim.

Me mexi para me mover, todo o caminho até a beirada da minha cama, e me sentei ereta. O colchão afundou quando Eric se sentou e jogou as pernas sobre ele. Ele cheirava a limpo e fresco.

O que ele estava fazendo?

— Pare de me olhar assim, — ele disse antes de chamar sua atenção para mim. Nossos olhos se encontraram e me senti recuar. Eric pode não ter sido o quarterback estrela ou o alfa em seu trio de amizade com os irmãos Powell, e pode não ter sido rotulado como o rei da English Prep, mas ele era tão intimidante quanto. Seus olhos de aço, traços escuros e o corte em forma de faca de sua mandíbula inclinada em minha direção emparelhado com sarcasmo rouco em seu tom e atitude surpimida... Eric era tão aterrorizante quanto quente. E isso significava muito vindo de uma garota como eu. Normalmente não permitia que os homens me intimidassem, mas Eric fez exatamente isso. Talvez fosse porque eu sabia que ele me odiava, ou talvez porque todo homem estava agora distorcido da pior maneira possível dentro do meu cérebro, ou talvez porque estava tão atraída por ele. De qualquer forma, fui jogada para fora do curso.

— Olhe para você como o quê?— Eu finalmente resmunguei, desviando o olhar.

— Como se eu fosse um herói. Não foi há apenas algumas horas que você me disse para parar de *te* olhar como se eu quisesse ser uma coisa dessas? — Uma risada leve veio dele, e as borboletas voltaram. Elas me atordoaram tanto que eu realmente olhei para o meu estômago, mas naquele momento, um barulho ecoou

por toda a casa, seguido por uma leve risada. Senti toda a mudança de comportamento de Eric. Suas costas se endireitaram e ele sibilou por entre os dentes.

Minha mãe estava em casa. E ela não estava sozinha.

O cabelo em meus braços ficou ereto conforme meu coração galopava em meu peito. As pancadas eram fortes e dolorosas. Espiei Eric pelo canto do olho, e ele estava esperando, pronto para quebrar alguma coisa com os punhos cerrados. A voz arrastada de um homem flutuou por debaixo da minha porta trancada, e o alívio começou. Nem percebi que estava prendendo a respiração até que engasguei por ar. Os punhos de Eric se afrouxaram e parecia que nós dois estávamos nadando de alívio.

Fiquei aliviada por não ser a voz sombria do meu pesadelo. E ele provavelmente estava aliviado por não ser seu pai. Em que situação difícil ele e eu estávamos.

Minutos se passaram, o relógio passando lentamente. O controle remoto ainda estava entre nós, nenhum de nós o tocando.

Antes que eu pudesse voltar atrás e colocar minhas paredes de volta no lugar, soltei um pedido de desculpas. — Sinto muito.

O quarto inteiro congelou como se estivéssemos em um castelo de gelo. Nem um único som foi ouvido. Nem um único movimento foi feito.

— Você sente muito?

Um suspiro saiu da minha boca, e eu honestamente esperava vê-lo no quarto gelado. — Lamento que minha mãe tenha dormido com seu pai.

Eric riu sarcasticamente, balançando a cabeça. Seu tom estava mais afiado do que antes. — Não é por isso que você precisa se desculpar.

Peguei os pequenos fios do meu cobertor. — Eu sei.

Segundos dolorosamente longos se passaram, a sala de alguma forma ainda mais fria do que antes.

— Por que você simplesmente não me contou?

Porque eu não podia arriscar que meu pai descobrisse. Havia muito para explicar. Muitas perguntas que Eric faria se eu contasse toda a verdade. Então não contei.

— Porque sou egoísta, Eric. — Assim que as palavras saíram, chamei sua atenção. Cravei minhas unhas nas palmas das minhas mãos, quase recuando com a validade da minha resposta. Eu realmente era egoísta. Não era mentira; simplesmente não era toda a verdade.

A expressão severa de Eric nunca vacilou. Estávamos prontos e preparados para qualquer coisa. Ele estava com raiva e eu estava com raiva. A única diferença era que sua raiva era dirigida a outra pessoa além de si mesmo. Mas eu? Eu estava com raiva de mim mesma. Estava louca por me permitir sentir assim. Por me permitir sentir culpa por meu egoísmo.

Quem protegeria minha mãe e a mim se não fosse eu?

Eu não deveria me sentir culpada por isso. Mas fiz. Fiz porque olhar para o quão magoado e zangado Eric estava me fez sentir coisas que não sentia há muito tempo.

Eu estava ficando mais fraca a cada segundo que estava sozinha com ele. Estava permitindo que verdades ocultas ditassem a espessura de minha parede de aço.

O olhar severo de Eric foi arrancado do meu. Olhei para o tique em sua mandíbula enquanto ele pegava o controle remoto e ligava a TV.

Ficamos estranhamente rígidos em minha cama, sem nos tocarmos ou nos olharmos quando algum show da Netflix tocou ao fundo. Assim que o sol começou a aparecer, nós dois olhamos para minha janela.

Eric finalmente se mexeu, jogando as pernas para o lado da minha cama e se levantou. Ele não olhou para mim nenhuma vez, tirando a cadeira de debaixo da minha porta e a destrancando, passando pela soleira. Ele saiu sem dizer uma única palavra.

Era como se a noite inteira nunca tivesse existido, e provavelmente era melhor assim.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Eric

— A gravidade da guerra foi incomparável. Dezenas de milhares de jovens soldados morreram, nunca mais voltando para suas famílias ou entes queridos.

A voz do Sr. Kahn era monótona. Seus ensinamentos eram como observar a tinta secar por horas e horas. Gostava de me considerar um bom aluno. Tirei notas excelentes — você meio que tinha que fazer para cursar a English Prep — mas quando o Sr. Kahn começou um discurso retórico sobre uma guerra que poderia ser resumida em dez minutos ou menos, não havia fim à vista. Ele falou sem parar até que o sino tocou e foi chamado de volta à realidade.

Acrescente sua voz irritante e contração de seu nariz a cada três segundos acima de seu bigode grisalho junto com a cabeça de Madeline balançando para cima e para baixo de adormecer de vez em quando, e eu estava agitado.

Cada vez que olhava para ela, com sua voz ao fundo, eu ficava ainda mais irritado. Estava em alfinetes e agulhas quando se tratava dela. Quando saí de sua casa no sábado de manhã, pulei no chuveiro e bati meu punho contra a parede de azulejos. O sangue vazou dos meus dedos, levado pelo ralo junto com cada pensamento racional na minha cabeça. Seu grito estava se repetindo e a necessidade de recolher seus pedaços quebrados foi um peso substancial na minha consciência. Berrei pelo resto da noite, agindo como se estivesse fazendo um favor

a ela ao ficar em seu quarto, mas realmente, eu estava me fazendo um favor. Eu sabia que se deixasse o quarto dela, não faria nada além de perder minha cabeça com o fato de que alguém a tocou assim.

A garota vulnerável e soluçante, com cabelos tão brilhantes quanto o sol sobre os joelhos trêmulos, me sacudiu profundamente. Eu estava com raiva. Tão incrivelmente zangado com o fato de que alguém a pegou e quebrou.

Também estava profundamente abalado com o fato de que estava perdendo a calma. Eu deveria estar odiando-a. Porra, o que minha mãe diria se soubesse que eu estava na casa delas? Se ela soubesse que eu estava ajudando a filha da mulher que contribuiu para arruinar seu casamento, como isso a faria se sentir? Provavelmente tão traída quanto se sentiu quando meu pai a traiu.

Eu estava dividido. Puto ainda mais do que o normal. Madeline estava fodendo tudo. Eu gostaria de ter deixado para lá. Deveria ter ignorado todas as pistas de que algo grande estava acontecendo com ela, porque, agora, olhe para mim. Eu estava preso em uma rede emaranhada.

A cabeça de Madeline caiu para frente novamente e o lápis na minha mão se partiu ao meio. Hayley olhou para mim por trás e me lançou um olhar questionável. Eu a ignorei e, graças a Deus, a campainha tocou em toda a sala e todos começaram a recolher seus livros. Madeline deu um pulo, seu cabelo claro balançando para trás enquanto sua cabeça ficava atenta.

Alguns rosnados e risos soaram ao nosso redor. Eu não conseguia olhar para seus olhos cansados, sabendo que era apenas uma questão de tempo antes que isso também me assombrasse.

Assim que eu estava no corredor, encontrando todos antes do almoço, minhas correntes se levantaram.

— Você viu como a cabeça dela estava balançando? Acho que meu pau ainda está duro.

Engoli em seco, concentrando-me em Hardin e em sua risada infantil de sua própria piada. Ele era um calouro, mas costumava ficar perto de nós e do resto do time de futebol porque era muito bom no campo. Provavelmente seria o zagueiro no próximo ano, já que partiremos para a faculdade. Ele era um atirador de elite com as meninas das classes abaixo. Elas o admiravam e ficavam maravilhadas com ele a cada chance que tinham, pendurando-se em seu braço durante a temporada de férias pela chance de se tornar popular. Mas seu sorriso de comedor de boceta me fez recuar por causa das palavras que saíram de sua boca. — Não, não. Sério. Você acha que eu poderia tocar nisso? — Ele ficou sério, dando um passo para trás e olhando para Madeline vasculhando seu armário. Suas longas pernas, tonificadas e suaves sob a saia xadrez, também chamaram minha atenção. Eu daria isso a ele. Mas ele não podia dizer esse tipo de coisa. Agora não. Não depois de saber o que sabia. Ele riu e Christian e Ollie reviraram os olhos brincando. — Ninguém mais a quer. Não depois que nosso rei a expulsou. — Algumas meninas riram de nós quando começamos a andar pelo corredor até o refeitório. Mantive minha atenção à frente, tentando ignorar sua voz cansativa e suas pernas.

Não faça isso. Não faça isso. Porra, Eric, continue andando. Eu não seria seu herói.

Meu coração bateu violentamente atrás das minhas costelas, subindo, subindo, subindo...

— Ok, espere. Com ela balançando assim na aula, aposto que dá um bom boquete. Alguém se apresse, empurre-a de joelhos e coloque suas mãos atrás das costas. Aposto que ela estaria em cima de mim e eu fodendo sua boquinha malvada.

Snap.

Fui até ele em meio segundo, seu corpo voando de volta para os armários de metal. — Retire... — Empurrei meu antebraço até sua traqueia, ouvindo-o respirar fundo. — Isso.

Seus olhos ficaram escuros, as sobrancelhas franzidas em confusão. Eu podia sentir a profundidade da minha raiva e ela rolou de mim em ondas estrondosas e estrondosas. — Você gostaria se eu colocasse você de joelhos e segurasse seus braços atrás das costas... Tenho certeza de que alguém nesta escola foderia essa sua boquinha irritante, Hardin.

— Mano... que porra você está fazendo? — O rosto de Ollie entrou em minha visão, seus olhos se arregalando. — Pelo amor de Deus, deixe-o ir antes que um professor saia. Não há muito que Christian pode fazer com o diretor para evitar punições para nós três. Não comece uma porra de uma briga. *Novamente.*

Forcei minha raiva a se dissipar, tentando empurrar a emoção desencadeada para baixo. Meus braços pulsantes escorregaram do pescoço de Hardin e ele ofegou. — Se eu ouvir você falar sobre ela assim de novo, vou quebrar aquele glorioso braço de arremesso em dois. Você está me ouvindo, porra?

Meus colegas murmuravam ao meu redor, tentando confirmar se eu estava me referindo ou não a Madeline.

Porra.

Rosnei, empurrando meu dedo em seu peito. — Se você falar sobre qualquer garota assim, vou parti-lo ao meio. Você entendeu? Seja um maldito homem. Não um garotinho arrogante que pensa que garotas são brinquedos. Vê se cresce, caralho.

Ollie ainda estava me olhando, sua mandíbula severa estalando para frente e para trás. Finalmente deixei cair minha mão e todo o corredor ficou em silêncio. Christian se afastou, apenas longe o suficiente para não interferir, mas perto o

suficiente para que eu soubesse que ouviu tudo. Ele parecia cético e desaprovador ao mesmo tempo. Seus olhos se afastaram dos meus, e quando me virei para ver o que ele estava olhando, senti como se tivesse acabado de desistir de minhas rédeas.

Madeline estava parada ali, seus livros apertados com força contra o peito uniformizado. Ela estava furiosa. Seus traços bonitos, que apenas alguns dias atrás pareciam tão completamente quebrados e tristes, estavam distorcidos juntos em uma traição consternada e ruidosa. Ela se virou rapidamente, tirando sua atenção de todos que agora a encaravam, e correu pelo corredor. A porta que dava para as escadas bateu com tanta força que as pessoas na multidão pularam.

— Agora, qual é a sua desculpa? — Ollie meio sussurrou para mim.

— Do que você está falando?— Arranquei minha gravata do pescoço e a afrouxei.

— Já é a segunda vez que você defende Madeline. E aí, ainda indo com toda aquela mentira de ‘*eu a odeio*’ ou...? — Ele parecia divertido, e eu queria empurrá-lo contra um armário também.

— Cai fora, — gritei antes de abrir caminho através da multidão que se dispersava para encontrar a única pessoa que deveria estar me agradecendo, em vez de lançar um olhar sujo na minha direção.

Madeline teve muita coragem de agir como se eu fosse o cara mau nesta situação.

Empurrei a porta que ela havia atravessado e imediatamente fiz uma careta. Ela estava andando com seus livros espalhados por todo o chão brilhante como se os tivesse jogado no segundo em que ficou sozinha. Seus minúsculos pés pisaram para frente e para trás, ecos persistentes alcançando a escada e descendo novamente.

— Eu disse que não preciso de um herói, Eric! — ela gritou quando me perfurou com aqueles olhos azuis. Tirei minha mochila dos ombros e a deixei cair no chão com um baque forte. Era como se estivéssemos nos preparando para entrar no ringue. Punhos para cima e tudo.

Minhas mãos foram para meus quadris quando eu abaixei minha cabeça em uma risada baixa. Fios escuros, do meu cabelo, caíram nos meus olhos. Minhas palavras foram legais saindo da minha boca. — Bem, você, com certeza, age como se precisasse de um.

— Eu não preciso de ninguém! — gritou novamente. Eu podia ouvir o pânico crescente em sua voz que ela estava tentando desesperadamente encobrir com raiva.

Suas pernas a levaram até onde eu estava e meu coração bateu forte. Eu podia ouvi-lo batendo violentamente em meus tímpanos. — Agora todo mundo vai ficar desconfiado! Eu te odeio por trazer aquela atenção indesejada para mim!

Minha cabeça se levantou rapidamente e seus olhos se arregalaram. Coloquei minhas mãos em sua cintura e a girei, puxando-a para a porta atrás de nós. Suas costas bateram com um leve solavanco e eu me abaixei em seu rosto. — Você não quer que eu seja seu herói, Maddie?

Sua fachada forte começou a escorregar levemente, como um véu sendo lançado o suficiente para que eu pudesse ver a garota por trás da raiva cega. — Não. Não preciso de você ou de mais ninguém.

Eu ri, ainda a prendendo com meu corpo. Minhas mãos flexionaram em seus quadris e seus exuberantes lábios de boneca se separaram apenas o suficiente para que eu me sentisse queimando por dentro. — Bom, — eu fervei. — Porque é a última coisa que quero ser.

Seus olhos caíram para minha boca, e algo dentro de mim, estava se dobrando de maneiras inimagináveis. Se não houvesse aquela vozinha na parte de trás da minha cabeça, me lembrando do que ela passou, eu arrancaria até a última de seu uniforme e transaria com ela.

Merda. O pânico se apoderou de mim e eu estava a segundos de largar minhas mãos e deixá-la pressionada contra a porta, sem fôlego, mas suas palavras me impediram de fazer qualquer coisa. — Então pare de agir como tal.

Eu não posso evitar, porra.

Minhas mãos lentamente deixaram seus quadris delgados e observei-a dar um suspiro de alívio.

— Tudo bem, — deixei escapar antes de me abaixar e pegar minha mochila, incapaz de olhar nos olhos dela. Ela tinha sua parede erguida novamente. E era grossa. Os traços de Madeline estavam enrolados juntos, pequenos pontos em sua linda pele. Mas eu não conseguia tirar aqueles olhos tristes da minha cabeça. Não conseguia parar de ouvir seus soluços torturantes que de alguma forma sentia em meu próprio peito.

— Ótimo! — ela retrucou.

Dei-lhe uma última chance. Um olhar de saudade. Ela sabia o que eu estava dizendo sem dizer as palavras. Eu a protegeria se ela precisasse. Seria um herói durante o dia ou a noite, se isso significasse que ela pararia de estar tão destruída. Era um lapso de julgamento contraditório. Uma pequena queda em minhas próprias crenças pessoais quando se tratava dela, mas, de qualquer forma, não conseguia me mover sem lhe dar mais uma chance.

Meu coração parou em atenção quando seus olhos caíram no chão. Flagrei seu lábio tremendo enquanto ela se escondia de mim. *Aí está você, Maddie.* O ar estalou com uma energia tensa quando seus olhos azuis encontraram os meus. Sua

atenção mudou da minha boca para os meus olhos várias vezes antes de ela cuidadosamente passar por mim e começar a pegar seus livros.

Mantive minhas costas para ela enquanto as palavras saíam fortes. — Última chance, Maddie.

Que porra eu estava fazendo?

Ela respondeu suavemente: — Não tenho ideia do que você está se referindo. Você disse que voltaria a me odiar... e está fazendo um péssimo trabalho. Se eu não soubesse melhor, diria que você ainda tem uma queda por mim.

Me virei rápido, pegando-a desprevenida. Seus fios loiros passaram por suas maçãs do rosto salientes quando ela nivelou os ombros. Vasculhei meu olhar em suas feições perfeitas. — Você não está me enganando, Madeline. Não pode se esconder de mim. Eu sei por que você age dessa maneira. No momento em que alguém se aproxima e começa a enxergar além de todas as suas barreiras, você começa a afastá-lo. Trata as pessoas como merda para que elas não possam chegar perto de você. Mas eu te vejo. Você precisa de um herói. Só é teimosa demais para admitir.

Seu pequeno corpo estremeceu de raiva. Ou talvez constrangimento. Eu não tinha certeza. Só soube que apertei um botão quando uma respiração deixou sua boca, cortando o ar tenso. Se eu ficasse perto dela por mais tempo, tinha certeza de que a escola inteira explodiria. Eu estava com raiva e ela também estava. E o fato de que eu queria devorar sua boca com a minha também era uma questão urgente.

— Eu não preciso de um herói! — ela cuspiu entre seus dentes brancos e perfeitos.

Um sorriso sarcástico gravou em meus lábios. — Bem, divirta-se com seus pesadelos esta noite. — Levantei uma sobrancelha antes de girar preguiçosamente no meu calcanhar e caminhar de volta para o corredor.

Um suspiro pesado saiu do meu peito apertado quando fechei os olhos. Não tinha ideia do que tinha acontecido comigo.

Em um segundo, eu estava odiando Madeline e, no seguinte, estava implorando para que ela me deixasse entrar. Estava culpando a garota que vi duas noites atrás. A parte fraca dela. A versão que me fez querer pegá-la e pressionar meus lábios nos dela, persuadindo-a a acreditar que ela estaria segura comigo.

Eu estava com calor e frio — e, obviamente, completamente fodido da cabeça. Mas essa era Madeline. Ela estava sempre brincando comigo, mesmo que não fosse de propósito.

Assim que abri os olhos e recuperei a compostura, me deparei com dois rostos familiares.

Ollie e Piper.

Ambos tinham sorrisos comedores de merda estampados em seus rostos.

Fodidos bisbilhoteiros.

Passei por eles rapidamente. — Nenhuma palavra, porra. — Nenhum deles me respondeu, o que só me irritou mais.

CAPÍTULO DEZESSETE

Madeline

Oito horas de um sábado à noite e eu estava tão pateticamente fraca que meu entretenimento noturno era olhar pela janela ao lado da casa de Eric, esperando dar uma olhada nele.

Não importa o quão malicioso e intimidador Eric tentasse parecer, eu sabia que ele era bom, no fundo, apesar de tudo. Era o menino que costumava me deixar ganhar quando jogávamos basquete em sua garagem. Foi o menino que certa noite pegou fogos de artifícios e os colocou dentro de uma jarra para que eu pudesse vê-los de perto. Ele era o garoto que esperava todas as noites para acenar boa noite para mim da janela de seu quarto antes de nós dois apagarmos as luzes e irmos dormir. E era o menino que continuou esperando em sua janela, mesmo quando o coloquei no gelo.

Sempre me perguntei como ele nunca percebeu que seu pai dormia com minha mãe. Talvez não tivesse olhado para minha casa tanto quanto olhei para a dele, porque se ele tivesse apenas *olhado*, teria visto o que estava acontecendo.

Mas esse era o problema da maioria das pessoas. Elas olhavam, mas nunca viam de verdade. Se fosse esse o caso, talvez as pessoas notariam que eu era uma garota quebrada escondida atrás de uma bela maquiagem e uma atitude agressiva.

Isso era o que eu queria, no entanto. Queria enganar as pessoas. Não queria que elas me vissem. Por isso, suas falhas eram benéficas para mim, suponho.

Exceto com Eric. Ele via através de mim. Pensou que eu precisava de um herói, mas não. Não mais. O dano já estava feito. Eric não poderia me salvar, mesmo se eu quisesse.

Ainda não pude deixar de me perguntar o que ele estava fazendo esta noite. Eu já tinha me infiltrado nas redes sociais, lamentavelmente procurando para ver se havia uma famosa festa na cabana da English Prep que *costumava* ser minha favorita, mas, pelo que eu poderia dizer, não havia uma festa esta noite.

Então, onde ele estava? Provavelmente com alguma universitária. Talvez ele tenha voltado para a festa da fraternidade já que a da semana passada foi interrompida por minha causa.

Falando nisso... Meus dedos digitaram rapidamente outra mensagem para Atticus, que provavelmente estava me ignorando.

Eu sabia como era arriscado e perigoso tomar comprimidos, mesmo que fossem tão inofensivos quanto um sonífero. O problema era que eu simplesmente não me importava.

Às vezes, pela manhã, mesmo no meu estado grogue-sem-sono, eu me dava uma conversa estimulante no espelho. Eu percorria meus olhos sobre minhas sardas tênues nos arcos altos de minhas bochechas e olhava em meus olhos azul-claros. Eu dizia a mim mesma que tudo estava bem e que eu estava segura agora. Que quando eu trancasse minha porta à noite, ninguém poderia entrar. Que eu não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Mas é claro, agora que estava escuro lá fora e o sono se aproximava rapidamente, um arrepio percorreu minha espinha. Eu estremeci, segurando meu telefone ainda mais forte em minhas mãos, antes de cair na cama.

Suspirei ansiosamente. — Você é mais forte do que isso.— Eu engoli um pouco de água e deitei na minha cama, meu telefone ainda no meu peito. Cruzei os tornozelos e olhei para o teto, tentando me convencer a relaxar.

O que costumava me relaxar? Eu não tinha certeza. A velha Madeline era um borrão na minha cabeça que eu nem lembrava como eu costumava ser. Porém, os olhares severos e todo mundo me odiando na English Prep me lembraram que eu nunca fui uma pessoa legal.

Que eu sempre estive um passo à frente de todos os outros, me colocando em um pedestal para que ninguém pudesse me tocar.

Até que fizeram.

Levantei minha cabeça com o pensamento e me certifiquei de que minha cadeira ainda estava empurrada contra a minha maçaneta. Mudei meu olhar para a porta do meu banheiro e vi que também estava trancada. *Eu precisava desesperadamente conseguir outra cadeira aqui para aquela porta.* Suspirei de novo e voltei a olhar para o teto acima de mim, meu dossel transparente deitado graciosamente nas laterais da minha cama.

Corri meu dedo pelo tecido macio até que meu telefone vibrou no meu peito.

Atticus: Não posso fazer. Seu namorado veio ao meu quarto ontem à noite e o revirou até encontrar o Ambien. Jogou tudo no vaso sanitário antes que eu o encontrasse. Também me deu um soco do caralho, seguido por uma ameaça, então é aqui que nosso relacionamento platônico termina, querida. Vai ter que encontrar algum em outro lugar.

Minha boca ficou em desacordo com o meu rosto. Meu peito ardeu e meus olhos lacrimejaram. Não de tristeza, mas de puro ódio do caralho.

Como ele ousa?!

Levantei-me da cama e corri para a janela para ver se ele voltou para casa nos últimos dez minutos. Minha mão doeu para dar um tapa no rosto dele. Eu *falei* que não precisava dele para ser meu herói. Assim que ele me deixou na escada ontem, eu soube que nossa pequena versão fodida de amizade havia acabado.

Última chance, Maddie. Suas palavras ecoaram na minha cabeça a noite toda, mas eu sabia que fiz a coisa certa.

Eric não poderia me salvar agora. O estrago estava feito.

Além disso, eu não o merecia, nem um pouco. Por que ele não conseguia ver isso?

E por que diabos ele iria até Atticus e o ameaçaria? Era alguma forma doentia de retaliação? Era parte de seu grande plano para me arruinar?

Notícia rápida, Eric: eu já estava arruinada pra caralho.

Eu podia ver o reflexo da minha expressão de aço na janela. Não parecia que alguém estava na casa de Eric. De qualquer maneira, ainda não. Mas estava tudo bem. Eu ficaria aqui a noite toda esperando ele voltar para casa, e então o confrontaria. Não era como se eu tivesse qualquer outra coisa para fazer.

Gemi, passando minha mão pelo meu cabelo comprido.

Eu o odeio.

Mas então por que havia essa pequena parte de mim que quase se deliciava com o fato de ele ter ameaçado algum cara por minha causa? Eu sabia que era altamente improvável que ele estivesse fazendo isso para me proteger. Mas, por um momento, me permiti acreditar. Eu me deixei aproveitar.

As borboletas estavam superando a raiva que estava lentamente destruindo meu estômago, mas antes que eu pudesse me concentrar nisso, meu corpo inteiro esfriou.

Eu tremi no meu próprio lugar. Minhas pernas ficaram instáveis. Minha parte superior do corpo balançou.

Não.

O medo como nenhum outro me deu um tapa no rosto, e minha voz interna gritou: *Corra. Agora.*

Afastei-me da janela que exibia o meu pior pesadelo — *literalmente*. Ele estava andando na frente de um Porsche vermelho brilhante para abrir a porta da minha mãe, e minha garganta fechou. Um lance de seus olhos para a janela do meu quarto teve bile queimando a parte de trás da minha língua, mas eu não tive absolutamente nenhum tempo para realizar tal ato. O vômito teria que esperar por enquanto.

Abri a porta do meu armário e coloquei um par de leggings e minha jaqueta azul. Meu cabelo foi recolhido em um rabo de cavalo alto em segundos, e eu estava empurrando meu telefone e coisas aleatórias em minha mochila na velocidade de um raio. A risada arrastada da minha mãe se prolongou escada acima e por baixo da minha porta enquanto uma lágrima perdida escorria pelo meu rosto. *Como ela tinha esse gosto ruim para os homens?* Não sentiu aquela sensação de mal-estar no estômago com ele? Não ficou com aquela sensação de mal-estar no estômago com meu pai?

Eu sabia que ela gostava de meu pai. Mas, infelizmente, minha mãe morava em uma terra chamada negação e isso a levava a tomar as piores decisões de todos os tempos.

A voz suave e profunda que ouvi várias vezes nos últimos meses era alta quando passou pela porta do meu quarto. Ele queria que eu soubesse que ele estava aqui.

Isso me colocou em ação. Minha janela estava aberta e minha perna estava na beirada. Mudei-me rapidamente para a calha e agarrei-me para salvar minha vida. Algo cortou meu estômago quando comecei a deslizar para baixo. Gritei quando o que quer que fosse, cortou minha mão também. Queimou, junto com meus pulmões que estavam ofegando por ar quando eu pousei na grama abaixo. Meu tornozelo torceu e eu sabia que estava me movendo muito rápido, selvagem de medo e caos. Olhei para minha janela e não vi nada além de minhas cortinas transparentes dançando inocentemente com a brisa, mas o medo de ver seu rosto fez minhas pernas empurrarem através da minha dor no tornozelo e quase correr sobre a nossa garagem e para a próxima casa.

O filho da puta estacionou atrás do meu carro, então eu não poderia sair, a não ser a pé. Era como se soubesse que eu fugiria assim que o visse.

Ele achou que três meses era tempo suficiente para eu simplesmente esquecer? Ou ele estava apenas com fome por mais? O medo desceu pela minha espinha e minhas pernas se moveram ainda mais rápido.

Encarei a porta da frente amarela de Eric como se ela estivesse me chamando com sua cor brilhante para abri-la. E eu fiz exatamente isso. A abri quando toda a racionalidade deixou meu cérebro e a nebulosidade das decisões erradas entrou.

Nada realmente importava mais, além de ficar longe da minha casa.

Só tinha esperança de poder me esconder até de manhã sem que ninguém descobrisse que eu estava aqui.

Eric provavelmente voltou a me odiar. E a mãe dele? Bem, ela provavelmente me odiava também. Mas quem poderia culpá-la?

CAPÍTULO DEZOITO

Eric

A caixa de comida chinesa para viagem deslizou no couro do meu banco da frente enquanto eu contornava a rua em direção ao meu bairro. Parei na placa de pare e atendi ao telefone, a maldita caixa quase derramando no chão.

— Mamãe? — Respondi. — Estou quase em casa.

Ela deu um suspiro de alívio do outro lado da linha quando comecei a dirigir por uma das ruas laterais. — Oh, bom. Podemos apenas conversar quando você chegar aqui. Fiz brownies e tenho sorvete no freezer.

Sorri. — Parece bom, mas sobre o que precisamos conversar?

Eu odiava quando alguém dizia isso. *Precisamos conversar... mas não agora, mais tarde.* Que coisa inútil de se dizer. Basta dizer o que você quer dizer no momento em que deve ser dito. Não adianta contornar um assunto. Apenas cuspa.

Minha mãe deve ter pensado que eu precisava de um amortecimento para o que quer que ela fosse me dizer, se está puxando as cartas grandes como tirar o fim de semana inteiro de folga do hospital e comprar sorvete. Esta foi uma situação cautelosamente semelhante a quando eu tinha dez anos e Sammy foi atropelado.

Precisamos conversar, querido. É sobre Sammy. Mas oh, eu tenho sorvete para você.
Como se o sorvete fosse me ajudar a lidar com o atropelamento do meu cachorro.

Eu estava prestes a entrar em nossa estrada, mas, ainda assim, a questioneei. Metade de mim se perguntou se meu pai estava esperando em casa, os dois prontos para me dizer que estavam se divorciando.

Meu peito ardeu com o pensamento repentino dela fazendo o oposto.

Putá merda. E se ela o aceitasse de volta e fosse sobre isso que queria falar comigo?

Meu pé pisou forte no freio, os recipientes de comida voando para a frente, mas eu os bloqueei com meu braço.

— Oh não, podemos apenas conversar quando estiver aqui. Eu acho que é melhor se você apenas ver por si mesmo.

— Mãe, — forcei seu nome entre meus dentes, tentando soar casual. — Papai não está aí, está?

Ela engasgou. — Não. Claro que não. Eu não iria te enganar assim. Embora, eu realmente sinto que você deve falar com ele eventualmente.

Não posso fazer.

O alívio me fez pisar no acelerador novamente. — Estou quase em casa. Te vejo em um segundo.

Assim que estacionei na garagem e desliguei o motor, olhei para a janela de Madeline. Eu sabia que ela estaria em casa esta noite. A luz dela estava acesa, como sempre, mas a janela estava aberta. Apertei os olhos antes de olhar para minha junta quebrada e, em seguida, balancei minha cabeça.

Não é problema meu. A noite passada foi outro lapso na minha sanidade, mas eu estava de volta. Não estava mais preocupado com Madeline. Cumpri meu dever público, e agora ela poderia lidar com suas merdas sozinha como queria.

Não me permiti olhar para a janela dela novamente enquanto contornava os degraus da frente da varanda. O cheiro de brownies flutuou ao redor quando abri a porta da frente, carregando a comida para viagem. Entrei na cozinha e caminhei até minha mãe, dando um beijo rápido em sua bochecha. — Ei mãe. Cheira como se eu estivesse de volta à sexta série, quando você fez brownies para suavizar o golpe de me dizer que estávamos nos mudando. — *Outra vez, ela tentou usar brownies para me ajudar a enfrentar.*

Suas bochechas se ergueram enquanto ela tirava o cabelo do rosto. — Funcionou, não é?

Uma risada gutural saiu da minha garganta. — Um pouco. — *Isso e o fato de que nossa nova vizinha era quente como o inferno.* Que pena que ela mudou do jeito que fez. Madeline ainda era quente, entretanto; uma das muitas razões pelas quais eu tinha dificuldade em estar na mesma sala que ela.

— Eu sei por que você fez brownies esta noite; pelo menos, acho saber.

Os olhos castanhos da minha mãe estavam brilhantes quando ela desviou o olhar. — *Nós devíamos* falar sobre seu pai e o futuro. — Ela suspirou, colocando a faca para os brownies no balcão. — Mas precisamos discutir outra coisa primeiro.

Me endireitei um pouco mais, preocupado. — O que há de errado, mãe? Papai ameaçou você ou algo assim?

Seu pequeno sorriso me acalmou. — Você é um bom menino, Eric. Tão protetor sobre mim.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Não sou um menino, mas é claro que sou protetor com você. Você é minha mãe.

Ela balançou a cabeça suavemente, caminhando em direção à escada. — Não, meu doce filho, você apenas tem esse feroz protecionismo dentro de você que implora para ser liberado. Eu tenho visto isso ao longo dos anos. Comigo, seus amigos, para aqueles que você ama.

Eu ri, seguindo-a escada acima. — Não há muito que eu amo, mãe. Você e alguns amigos. Isso é tudo.

Ela riu baixinho e balançou a cabeça novamente. Estávamos do lado de fora da porta do meu quarto agora, e eu estava cem por cento confuso. — O que está acontecendo?— Olhei para a porta do meu quarto e depois de volta para ela.

— Diga-me você.

Minha mãe abriu a porta silenciosamente e a empurrou para frente. Minha lâmpada de cabeceira banhou meu quarto com um brilho suave e, quando olhei para minha cama, minha expressão caiu. *Que diabos? Madeline?*

Lá estava ela, enrolada de lado em cima das minhas cobertas, espalhando seu perfume florido por toda a minha merda. Meu travesseiro provavelmente estava envolto pelo cheiro de seu xampu. Madeline parecia tão pequena e frágil deitada ali. Seus braços estavam em volta de sua cintura, os joelhos dobrados até o queixo. Ela estava em posição fetal com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Seu rosto suave em forma de coração que parecia muitas vezes uma estátua estoica era suave e relaxado. Se eu olhasse com atenção, provavelmente poderia ver a linha de sardas delicadas em seu nariz.

— O que ela está fazendo aqui? — Perguntei, olhando para minha mãe.

Seus olhos estavam arregalados quando ela encolheu os ombros. — Eu a encontrei dormindo em sua cama quando trouxe algumas roupas limpas.

Não detectei nenhum ressentimento da minha mãe. Apenas curiosidade. Mas isso não me impediu de me sentir culpado. Eu tinha certeza de que Madeline, a filha da mulher que meu pai fodeu, era a última pessoa que minha mãe queria encontrar no meu quarto. *Deus. Me senti um merda.*

— Dê-me um segundo e ela irá para casa. Não tenho ideia de porque ela está aqui.

Hesitei por um momento, quase me sentindo mal por estar prestes a acordá-la. Eu sabia que ela raramente dormia e parecia tão incrivelmente tranquila. *Não. Porra, não.* Madeline não pode me fazer sentir assim. Ela estava sempre brincando com a minha cabeça.

Dei um passo no meu quarto, mas meu braço foi puxado, me puxando para trás. Minha mãe fechou a porta silenciosamente.

— O que você está...

Ela me calou e me puxou escada abaixo e para a cozinha. O cheiro de brownies me atingiu mais uma vez.

— Mãe, o que você está fazendo? — Perguntei.

Ela tirou a mão do meu braço e olhou para mim. Eu era muito mais alto do que minha mãe, eu tinha 1,80 m, mas ela sempre foi mais baixa. — Essa é Madeline, certo? Da porta ao lado?

Engoli, apertando minha mandíbula enquanto desviava o olhar. Minha resposta saiu mais dura do que eu pretendia. — Sim.

— Ela está bem? Porque está aqui?

Ela estava bem? Não. Não, não estava.

Mantive minha expressão imperturbável. — Não tenho certeza. Não somos amigos. Não sei por que ou como ela estaria no meu quarto.

Suas sobrancelhas uniram-se quando ela desviou o olhar, olhando para a comida intocada no balcão. — Mas você costumava ser, certo? — Seus olhos percorreram a cozinha como se ela estivesse perdida em seus pensamentos. — O que aconteceu entre vocês dois? Lembro que vocês eram próximos. Achei suas lindas conversas de janela que vocês dois costumavam segurar durante a noite, quando deveriam estar dormindo.

Me afastei, meu rosto com calor. — Eu não sabia que você os encontrou.

Ela sorriu, e seus olhos brilharam como um telão colocado no final do nosso campo de futebol. — Encontrei todos eles enfiados embaixo do seu travesseiro uma vez. Claro, eu coloquei todos de volta em seus lugares corretos para que você não soubesse que os toquei. Como você achou que eu não os encontraria? Arrumava sua cama todos os dias. — Ela riu, colocando a mão no meu peito. — Eu tinha certeza de que vocês dois iriam se tornar um casal. — Sua mão caiu. — Mas, então, as coisas mudaram.

Mudei minha mandíbula para frente e para trás, voltando para descansar contra o balcão para olhar para ela. — O que você quer dizer?

Ela começou a pegar talheres e pratos, de costas para mim. — Eu vi a mudança em vocês dois. Você se tornou um pouco fechado. Mal-humorado, até. E depois...

— E depois? — O suspense me pegou cerrando os punhos. O que ela não estava me dizendo?

Ela se virou e sua expressão ficou preocupante. — Madeline parou de acenar para mim e sorrir. Ela nem olhava mais para a nossa casa. Lembro-me de acenar para ela uma vez quando voltava da escola, e a pobre garota congelou. Apenas me olhou antes de baixar a cabeça e correr para dentro para bater a porta. — Ela balançou a cabeça, limpando a memória. — Foi tão estranho. Achei que algo pudesse ter acontecido entre vocês dois. — Minha mãe me lançou um olhar penetrante. — Você quebrou o coração dela, Eric?

Eu ri. Realmente ri. Saiu alto e com raiva, sarcasmo pairando sobre cada gargalhada ecoante. — Não posso partir um coração que não existe, mãe.

Ela me olhou. — O que isso significa?

É melhor acabar com isso. — Madeline sabia que papai estava te traindo com a mãe dela. Por um longo, longo tempo. Foi por isso que ela parou de acenar para você e foi por isso que parou de falar comigo. Ela não queria contar seu segredinho sujo.

Eu odiava o jeito que minha mãe desviou o olhar com minhas palavras. Não queria que elas a machucassem, mas também não gostei que ela estivesse insinuando que eu parti o coração de Madeline. Para ser honesto, foi o contrário.

Seu pequeno suspiro me fez voltar minha atenção para ela. Ela caminhou alguns metros e suas mãos quentes agarraram meus antebraços. — Querido, você não pode ficar com raiva dela por isso.

Zombei, meus braços flexionando sob seu alcance. — O inferno que não posso.

Ela olhou para mim, seus olhos tão quentes e reconfortantes. Minha mãe era a pessoa mais legal do mundo. Eu tinha certeza disso. Odiava o que meu pai fez com ela. — Madeline era uma criança. Uma criança que, em hipótese alguma, deveria saber tal coisa sobre os adultos de sua vida. Ela provavelmente estava confusa e chateada.

Balancei minha cabeça. — Ela poderia ter me contado. Teve anos para me dizer. Madeline não é mais uma criança.

Minha mãe me deu um sorriso lamentável. — Não era responsabilidade dela, e não era sua. — Ela se afastou rapidamente e começou a colocar comida em nossos pratos. — Você sabe, — disse ela por cima do ombro. — Estou mais zangada com seu pai por colocá-lo em uma posição tão terrível do que por ele ter me traído. — Minha mãe se virou e eu mordi minha língua. Seus olhos estavam lacrimejantes, e jurei que se ela começasse a chorar na minha frente, eu caçaria meu pai e arrancaria a porra da sua cabeça. — Sinto muito pelo que você passou, sabendo o que ele estava fazendo e tendo que escolher entre manter seu segredo ou me machucar. Isso não foi justo, e quando seu pai perceber isso, vai acabar com ele, Eric.

Minha voz falhou sob o peso da raiva. — Ele não vai perceber porque só se preocupa consigo mesmo, mãe.

Ela desviou o olhar novamente. — Ele se preocupa com você, querido. E, um dia, admitirá seus erros. Ele vai se desculpar com você. Eu prometo.

— Não significa que eu tenho que perdôá-lo.

Minha mãe bateu no meu peito levemente e me lançou um olhar penetrante. — Eric.

Mas nossas cabeças estalaram com o barulho descendo as escadas. Meus olhos se arregalaram quando meu estômago ficou tenso. *Ah, Merda.*

Minha mãe e eu paramos por alguns segundos antes de ouvirmos novamente. *Porra. Madeline.*

Os gritos de Madeline ficaram mais ásperos e minha mãe entrou em pânico, correndo para os degraus, mas felizmente, eu fui mais rápido. — Mãe, não. Ela

está tendo um pesadelo, — falei por cima do ombro enquanto a contornava. — Eu posso consertar isso.

Muito cegamente deixei a declaração sair da minha boca com confiança. *Eu posso consertar isso?*

O grito estridente de Madeline fez meu peito se abrir. Subi o último degrau, bati a porta e quase mergulhei na cama, pronto para sacudi-la para acordá-la.

Seus gritos pareciam pregos sendo feitos de drogas em um quadro-negro. Eles eram altos e reais. Muito, muito real.

— Madeline! — Gritei, agarrando-a e sacudindo seus ombros. Seu cabelo loiro estava todo bagunçado, caindo do rabo de cavalo. Ela não parecia mais tranquila. Seu rosto estava molhado de lágrimas que escorriam de seus cachos de longos cílios escuros. — Acorde.

Eu sabia que ela estava em um lugar diferente, em uma época diferente. Sua cabeça balançou para frente e para trás enquanto seu peito arfava. Suas longas pernas chutaram na cama.

— Maddie! — Gritei, sacudindo-a novamente. Seu nome em meus lábios parecia torturado. — Porra, — murmurei, empurrando meus braços sob seu corpo e correndo para o banheiro. Sua cabeça estava se movendo para frente e para trás, e eu não tinha a maldita ideia de como ela não acordou ainda.

Quem está com você, Maddie?

Quem quer que fosse, ia sair em 3, 2, 1.

A água fria atingiu nós dois, descendo sobre nossas cabeças como uma chuva torrencial no meio da primavera.

Seus olhos azuis se abriram conforme ela tentava respirar. Quase caiu dos meus braços escorregadios antes de eu persuadir: — Madeline, sou eu. Você está bem.

Ela virou a cabeça para mim, o chuveiro ainda chovendo sobre nós. Pequenas gotas de água escorreram por seu rosto e se misturaram com suas lágrimas. Um gemido de alívio soou de seus lábios pressionados. Desliguei a água ao mesmo tempo em que ela jogou os braços em volta do meu pescoço com mais força. Seu corpo tremia e tremia como se ela própria fosse um terremoto destruindo o mundo. *Me destruindo.*

— Você está bem, — silencieei, saindo da banheira. Estávamos ensopados, pingando água por todo o chão de ladrilhos.

O que eu estava fazendo?

Madeline lentamente se afastou para olhar para mim, seus braços ainda agarrados firmemente ao meu pescoço com os meus debaixo de suas pernas.

Eu queria salvá-la.

Nós nos olhamos pelo que pareceram anos, mas ela não se soltou. Seus lábios rosados não se moveram um centímetro. Seus olhos nunca se desviaram dos meus.

E pela primeira vez, eu estava realmente bem com isso.

Eu estava bem em querer salvar Madeline e, por uma fração de segundo, acho que ela também.

CAPÍTULO DEZENOVE

Madelaine

O quarto de Eric era tão diferente da versão dele que eu estava acostumada. Era caloroso e convidativo. Eu nunca vi o interior de seu quarto, não de perto e pessoalmente. Costumava ver pequenas brechas quando ele segurava aquelas notas para mim no ensino médio, mas desde que o excluí da minha vida, ele manteve as cortinas fechadas o tempo todo.

Suas paredes eram da cor marinho escuro, mas de alguma forma, elas me fizeram sentir quente. Sua mobília era da mais escura e rica madeira. Até a lâmpada tinha um brilho suave, como um fogo aconchegante brilhando em uma noite fria.

— Aqui. — Eric voltou para seu quarto enquanto eu estava lá, olhando para as cobertas em sua cama que baguncei em meu terror noturno psicótico. Seus olhos tempestuosos não encontraram os meus quando ele empurrou as roupas em minha direção. — Você pode usar isso.

Eu não conseguia acreditar que adormeci; na sua cama, no entanto. As cortinas estavam abertas do outro lado da sala e eu as estava olhando há, pelo menos, algumas horas. Eu sabia que sua mãe estava em casa, então não acendi a luz do teto, apenas a pequena lâmpada em sua mesa de cabeceira. Meu plano era apenas ficar em seu quarto com o brilho fraco de sua lâmpada até que meu agressor

fosse embora. Eu pularia pela janela, assim como fiz na minha, e voltaria para casa.

Mas seu travesseiro cheirava tão bem. Igual a ele. Tão amadeirado e limpo. A última coisa que me lembro de fazer foi tentar descobrir exatamente como descrever o cheiro quando fechei os olhos e adormeci. *Isso foi tão constrangedor.*

Antes de tirar as roupas de suas mãos, movi meu olhar com cautela para a janela. O carro ainda estava lá. Esse maldito carro vermelho estúpido.

Talvez eu devesse contar para minha mãe. Mas havia muitas incógnitas ligadas a isso. Eu estava com medo de que ela não acreditasse em mim e estava com mais medo ainda que ela acreditasse em mim e contasse ao meu pai, causando um monte de coisas ruins.

Me sentia suja. E culpada. E um pouco merecedora. Fiquei com vergonha de contar a alguém. Odiava que Eric soubesse.

— Está... está tudo bem. — Balancei minha cabeça, meus braços ainda em volta da minha cintura. — Eu vou para casa.

Não podia ir para casa. Mas também não podia ficar aqui. Eu só teria que descobrir outra alternativa.

Comecei a andar para pegar minha bolsa que não continha nada além de meu telefone, chaves e um livro qualquer, e estremeci quando me lembrei de minha dor no tornozelo.

— Por quê você está aqui?— Eric jogou as roupas que presumi serem de sua mãe na cama quando eu não as peguei. *Eu não podia usar as roupas dela.*

Puxei meu lábio inferior entre os dentes, basicamente escondendo meu mancar quando me abaixei para pegar minha bolsa. Tentei arremessá-la por cima

do ombro, mas Eric a arrancou da minha mão no último segundo, fazendo-me cair para frente.

— Ai. — Agarrei meu estômago. Tinha esquecido que também o arranhei. Eu estava uma bagunça. Tão diferente de como eu era apenas alguns meses atrás, quando todos na escola pensavam que fui feita com o lindo laço azul-marinho que enfeitava meu rabo de cavalo nos dias de jogo.

Nada sobre mim era bonito. Não antes e não agora.

Quando finalmente me permiti ver Eric, ele estava olhando para minha mão segurando minha barriga. Deixei cair e fingi estar bem. — Dê-me minha bolsa, Eric.

Ele não disse uma palavra. A sala estava pesada. Seu olhar persistente nunca se moveu de onde eu estava segurando meu estômago. — Levante sua camisa.

De repente, eu estava pisando em brasas; cada parte do meu corpo estava banhada em calor. — Desculpe?

— Eu disse... — Eric começou a se aproximar de mim, e meu coração parou de bater. — Levante sua camisa.

— Não. — Oh meu Deus. Esta noite poderia ficar pior?

Sim. Poderia. Você poderia estar em sua casa, hiperventilando em posição fetal.

Eric estava tão perto de mim que senti seu hálito quente lavar minhas feições quando ele suspirou exasperado. — Madeline. Porra, me mostre o que está escondendo debaixo da sua camisa. Eu mesmo arrancaria, mas acho que você já foi violada o suficiente, não é?

Levantei meu queixo, sufocando a necessidade avassaladora de chorar. Eu queria ficar com raiva de suas palavras, mas ele estava certo. E significava muito para mim que ele não ultrapassaria os limites. Significava algo, ele estar realmente me respeitando pela primeira vez. Ele pode ter me desprezado, mas estava provando que não era o monstro que fingia ser.

Meus dedos tremiam enquanto eu mexia na bainha da minha camisa. Lentamente, puxei o tecido de algodão para cima e olhei para baixo, para o arranhão fino e avermelhado na minha barriga. Vi isso antes, quando entrei pela primeira vez no quarto de Eric, mas afastei a preocupação, muito empolgada com a adrenalina de pular pela minha janela e estar dentro de sua casa.

Eric deu um passo mais perto, invadindo cada pedacinho do meu ar. Esse cheiro amadeirado me atingiu de frente e tentei equilibrar minha respiração. Ele parecia tão preocupado, mas contraditoriamente zangado ao mesmo tempo. Seu cabelo preto caiu para a frente com um salto, cobrindo as duas linhas de preocupação entre suas sobrancelhas naturalmente esculpidas. Sua mandíbula já cortada estava ainda mais firme do que antes. Ele era perfeito tão de perto. A pele de seu rosto estava livre de qualquer imperfeição. Eric era frio com seus traços escuros, mas também era de tirar o fôlego. Como um pingente de gelo; tão incrivelmente lindo, mas poderia te cortar também.

Quando sua mão se estendeu, ele olhou para mim por um segundo rápido, avaliando minha reação. Quando nem pisquei, seus dedos quentes pousaram suavemente na minha pele ao redor do arranhão. Eu quase cambaleei. Eles eram calorosos e ternos enquanto quase me acariciavam. Ele arrastou o dedo indicador ao longo da vermelhidão e arrepios se espalharam pelos meus braços. Um puxão familiar puxou minhas entranhas e eu estava longe demais com seu toque para sequer me importar.

Sua voz estava baixa quando ele voltou seus olhos escuros para mim. Sua outra mão envolveu minhas costas quando ele olhou para baixo, roubando cada

respiração dos meus pulmões. — Por que você está aqui e por que está ferida? Alguém fez isso?

Não tecnicamente.

Minha atenção mudou de Eric para a janela quando o flash de luz se moveu pela sala. Afastei-me, quebrando o momento intenso entre nós, e corri para o vidro.

Ele estava indo embora.

O filho da puta estava indo embora.

Meus olhos se fecharam, minha respiração voltando e retornando ao normal.

Graças a Deus.

Me virei rapidamente e corri para minha bolsa que Eric jogou em sua cama, ignorando a leve pontada no meu tornozelo. Estava ansiosa para sair de seu quarto com todas as coisas ao meu redor que me faziam sentir coisas que eu não tinha absolutamente nenhum direito de sentir. — Eu... eu tenho que ir. — Assim que dei um passo em direção à porta de seu quarto, fiz uma pausa.

Esperar.

Não poderia enfrentar a mãe de Eric. Era a última coisa que eu queria fazer.

Mas minhas opções eram limitadas. Eu poderia pular pela janela e machucar meu tornozelo já dolorido, ou poderia ficar cara a cara com minha consciência culpada olhando nos olhos da doce mãe angelical de Eric. Ela provavelmente me odiava tanto quanto odiava minha mãe.

— Você não vai embora até me dizer o que está acontecendo, Madeline. — Eric deslizou bem na minha frente e se apoiou contra a porta do quarto. Olhei-o e dei um passo para trás. Por que eu estava deixando ele me atingir? Foi porque tive

um vislumbre do lado terno dele? Eu estava alimentando minhas esperanças e permitindo que aquela pequena rachadura na minha parede se dividisse ainda mais ao deixá-lo entrar?

— Eu não deveria ter vindo aqui, — respondi, sendo completamente verdadeira.

Eric estava agindo de maneiras tão conflitantes que eu estava achando difícil pensar com clareza perto dele. Em um segundo ele me odiava e no seguinte estava cuidando de mim. Num segundo estava me encarando e no próximo estava me queimando com um olhar acalorado.

O que ele queria de mim?

— O que é tudo isso? — Ele inclinou a cabeça para o lado, saltando seus olhos para frente e para trás de mim para a janela.

— O quê? — Perguntei, cruzando meus braços sobre o peito. Eu podia sentir que estava me fechando, a parede subindo, empurrando-o para longe. Era agravante que eu estivesse fazendo isso, mas era a única maneira que sabia fazer.

Até com ele.

A boca de Eric se contraiu. — Você não disse, apenas um dia atrás, que não queria que eu fosse seu herói? — Minha boca abriu e fechou. Ele aproveitou a oportunidade para continuar, se afastando da porta e lentamente me empurrando para o outro lado da sala. — Ainda assim, aqui está você. No meu quarto. Então me diga, por que está aqui?

— Você realmente quer saber, Eric? — Eu estava voando às cegas. Não tinha ideia do que dizer ou fazer. Eu estava tentando desenterrar a velha Madeline. A garota inquebrável que empurrou todos de joelhos em seu rastro, mas era diferente

com ele. Com seus olhos sugadores de alma e língua afiada. Eric não toleraria minhas merdas. E me viu quebrar mais de uma vez agora.

Meus ombros se endireitaram, minha cabeça inclinando para encontrar a dele. Eu podia sentir os fios do meu rabo de cavalo balançando contra minha espinha. — Não foi ontem que você me disse que ser meu herói era a última coisa que você queria fazer? Então saia do meu caminho, Eric. Vou voltar para casa.

— Pare com isso. — Suas palavras foram afiadas e realmente me fizeram vacilar. Elas foram um tapa em meu rosto, picando minha pele sensível. Ele estava de repente no meu espaço de novo e de alguma forma me apoiou todo o caminho até a parede do outro lado da sala. Sua grande mão envolveu minhas costas. Uma emoção que eu não sentia há muito tempo nublou minha visão, quebrando minhas paredes uma por uma. — Você já me empurrou uma vez, Madeline. Você se fechou para mim e para o resto do mundo. Eu sei porque fez isso. Era algum tipo de forma distorcida de autopreservação. Mas de jeito nenhum vou deixar você fazer isso de novo. Eu sou o responsável aqui, e você vai me dizer por que está no meu quarto.

Jurei que o chão sob meus pés tremeu. Meu corpo inteiro vibrou de raiva e medo, e tudo mais. Eu me senti queimando por dentro. — Muito bem! — Gritei na cara dele, levantando meu queixo delicado para encontrar o seu de aço. Meus lábios estavam quase tocando os dele. — Estou aqui porque o homem que me estuprou voltou para casa com minha mãe. Então, pulei da janela, me machucando no processo, para fugir antes de ficar cara a cara com ele novamente. Eu não tinha outro lugar para ir. Só sabia que tinha que fugir e ir para algum lugar e, de alguma forma, acabei aqui. No seu quarto. — Meus pulmões queimaram. Minha garganta estava apertada. Até minha língua estava formigando.

Eric estava ilegível. Completamente em branco. A única coisa que notei foi que seu aperto nas minhas costas ficou mais forte enquanto meus gritos ficavam mais altos. Depois de um momento de minha respiração difícil, conosco em um impasse, seus olhos mudaram lentamente dos meus para a janela.

— Ele se foi agora, — consegui sussurrar, quebrando a tensão no ar. Eu podia sentir a tensão crescente de nós dois cair lentamente no chão em forma de alívio.

— Você sabe quem fez isso, então? — Eric não olhou para mim. Ele não se moveu. Apenas olhou muito severamente para a janela com seu aperto forte no meu corpo. Sua mão estava começando a queimar a pele por baixo da minha camisa. Isso estava me deixando louca. Não porque não gostei, mas porque gostei demais.

Minha voz ainda era um sussurro. — Não necessariamente. Eu simplesmente sei o quê ele dirige e tive um vislumbre de seu rosto. Estava... estava escuro a noite...

Ele me interrompeu com um tom gelado. — E o que ele dirige?

Tracei o lado de seu rosto, desejando que ele se afastasse para que eu pudesse voltar a construir minhas paredes. Mas ele estava muito perto, muito quente e muito protetor. — Por que isso importa agora?

— O que ele dirige? — Ele demandou.

— Se você está se perguntando se foi seu pai, pode relaxar, Eric. Seu pai pode ter traído sua mãe, mas ele não é um canalha.

— Que porra ele dirige? — Rosnou, me olhando com um olhar assassino. Ele balançou a cabeça, fechando aqueles olhos profundos e escuros por um momento antes de abri-los novamente e perguntar calmamente: — Apenas me diga o que ele dirige. Por favor. — Meu coração torceu dentro do meu peito enquanto eu observava a raiva ir embora apenas para ser substituída por uma súplica.

— Ele dirige um Porsche vermelho. — Minha resposta foi fraca. Olhei para baixo para sua boca e notei que seus lábios formaram uma linha sombria. Então, ele acenou com a cabeça uma vez antes de recuar e me dar espaço para respirar.

Meus ombros caíram e tentei recuperar o fôlego que nem sabia que estava segurando.

Eric começou a andar de um lado para o outro em seu quarto com as mãos no topo da cabeça. Ele estava vestindo jeans escuro e uma camisa Henley cinza que grudava em seu corpo e eu não conseguia parar de olhá-lo com admiração. Ele parecia tão protetor comigo de repente, e mesmo que eu negasse até ficar com o rosto azul, sua proteção era a única coisa que mais desejava.

O medo estava batendo na minha porta dos fundos, pronto para me atacar com sua presença pesada com o pensamento. Durante anos, estive fingindo que era a pessoa mais corajosa de todas, dizendo a mim mesma que o medo era uma emoção inútil, mas eu *estava* com medo.

Eu desconfiava dos homens.

Estava com medo dos que minha mãe trazia para casa.

Estava com medo do meu próprio pai.

E estava com medo de Eric.

Não estava com medo porque pensei que ele me machucaria, mas porque sabia que haveria um tempo no futuro em que eu teria que baixar a guarda e confiar em alguém o suficiente para ser *tão* vulnerável e, no fundo, eu queria que fosse ele.

Eric rosnou, virando-se, e meus braços cruzados caíram enquanto eu me puxava para fora dos meus pensamentos indutores de pânico. Meu coração deu um salto quando ele pegou as roupas da cama e as jogou na minha direção novamente. — Você não vai para casa. Coloque isso e desça. Tem comida chinesa... e brownies.

Não, não, não.

— Eric...

Ele me deu um olhar severo, sua mandíbula batendo para frente e para trás.
— Você não vai para casa.

— Por que? — Por que ele estava agindo assim? Por que se importava tanto?

— Porque, e se ele voltar esta noite?

Meus ombros caíram. *Oh. Eu não tinha pensado nisso.*

— Vou ficar olhando pela janela e, se ele voltar, o que não acho que vá, vou pular pela janela e descer pelo cano de esgoto novamente.

— Não, — retrucou. — Se ele voltar, vou arrancar a porra dos braços de seu corpo para ensiná-lo que não deve tocar em coisas que não lhe pertencem.

Uau. Meu rosto inflamou quando o desejo envolveu meu corpo. Eric não perdeu tempo gritando para que eu me vestisse antes de sair da sala e, pela primeira vez, escutei.

No segundo em que saí do quarto de Eric e fui para o corredor, meus músculos ficaram tensos. Me senti como uma criança pequena se preparando para contar aos pais que ela tinha feito algo ruim. Como se eu estivesse esperando algum tipo de punição.

Lembrei-me da mãe de Eric sendo a adulta mais legal que já conheci. Minha mãe não era “má” de forma alguma, ela era apenas egoísta – assim como eu. A mãe de Eric, não. Heather era o tipo de mulher que fazia biscoitos caseiros para as vendas de bolos na English Prep Middle, e que gritava por Eric nas arquibancadas de um jogo de futebol, usando pintura de guerra no rosto para combinar com a

dele. Ela era genuinamente legal. Motivo pelo qual me senti ainda pior quando descobri que seu próprio marido a estava traindo. Não consegui nem olhar nos olhos dela depois que descobri o pai de Eric saindo do quarto da minha mãe pela primeira vez. Mesmo aos doze anos, eu não era ingênua o suficiente para acreditar que ele veio consertar uma pia que estava vazando ou algo assim. Foi logo depois que meu pai desapareceu por alguns meses, bem na época em que as coisas se tornaram muito reais na minha vida.

Eu estava no segundo degrau depois de descer os degraus sem pressa, vestindo as roupas de Heather: um par preto de calças de corredores confortáveis e uma camisa da English Prep que tinha "Mãe de Eric" nas costas. Ela me odiava? Provavelmente sim. Eu também parecia com minha mãe. Ambas com cabelos dourados de salão. Olhos azuis brilhantes. Corpos delgados. Ela seria capaz de me olhar nos olhos? Todos os sinais apontavam para sim, por causa do quão legal ela sempre foi, mas eu ainda estava preocupada.

Não. Apertei meu rabo de cavalo duramente em forma de disciplina. Ter medo de que ela me odiasse era algo além do egoísmo. Ela estava autorizada a me odiar. Afinal, eu poderia ter contado a Eric e colocado um fim nisso tudo anos atrás.

Mas é claro, o meu egoísmo atrapalhou.

Escolha um lado, Madeline. Malvado ou bom? O que vai ser?

Às vezes, eu desejava poder voltar a ser uma vadia egoísta que não se importava com nada além de si mesma. Mas agora eu estava um pouco cansada. Dividida em dois bem no meio. Fui derrubada do alto do meu cavalo e estava tendo dificuldade em subir de volta. Todos na English Prep achavam que o rompimento muito público de Christian comigo era a razão de eu ser uma reclusa agora, mas eles estavam errados.

Outra pessoa me arruinou. E não foi ele.

— Eu te disse, — Heather cantou. — Você é protetor.

A voz de Eric estava rouca. — O que você está falando?

— Você sabia que, quando você era pequeno, costumava procurar por monstros embaixo da minha cama? — Ouvi alguns embaralhados enquanto eu descia mais um passo para ouvir melhor.

— O quê?

A risada suave de Heather subiu as escadas até onde eu estava ouvindo. — Sim. Em vez de ficar preocupado que monstros estivessem embaixo da sua cama para pegá-lo no meio da noite, você verificava debaixo da minha cama. Costumava dizer: ‘Mãe, só estou garantindo que você esteja protegida de monstros à noite’. — Ela riu de novo. — Era tão fofo. E ainda prova meu ponto de que você é ferozmente protetor.

— Tanto faz, — Eric disse indiferente, como se ele nem estivesse prestando atenção.

— Estou apenas dizendo. Você é protetor por natureza, querido. E acabou de provar meu ponto pelo que aconteceu lá em cima.

Ela estava certa. Eric *era* protetor, mesmo que fingisse não ser. Senti meu coração despertar com suas palavras: — *Se ele voltar, vou arrancar a porra dos braços de seu corpo para ensiná-lo que não deve tocar em coisas que não lhe pertencem.* — Eu sabia que não tinha o direito de gostar disso, mas gostava.

— Devemos ir ver como ela está? Você deu as roupas para ela, certo?

Olhei para a camisa branca da English Prep. Talvez sua mãe não me odiasse? Ela não parecia odiosa, mas, novamente, isso não era surpreendente. Heather era simplesmente legal. Ela era o tipo de mulher que ainda conseguia sorrir, mesmo depois que seu marido fodeu a vizinha.

— Ela está bem, — Eric suspirou.

Engoli o resto do oxigênio da escada e nivelei os ombros, preparando-me para nadar em minha consciência culpada enquanto dava o último degrau.

— Oi, — sussurrei, entrando na sala de estar.

Eric e sua mãe olharam para mim e congelei. Meu estômago caiu no chão com um baque. Eu estava nervosa e cheia de nervosismo.

— Oi docinho. — O rosto de Heather se dividiu em dois com o sorriso mais caloroso que eu já tive. — Você está se sentindo melhor?

O calor cobriu minhas bochechas e desviei meus olhos. — Sim. Estou bem. Sinto muito.

— Não! — Sua voz estava alegre. — Não quero ouvir falar disso. Não há necessidade de desculpas. Todos nós temos pesadelos às vezes.

Não como esse.

— Eric costumava ter eles também. Eu não posso te dizer quantas vezes eu o encontrei em pé no meu quarto, perguntando se ele poderia dormir lá.

As sobrancelhas escuras de Eric se juntaram. — Mamãe. Pare.

Meus lábios se contraíram quando ela sorriu inocentemente e revirou os olhos. — Bem, venha aqui. Você gostaria de um pouco de chá quente? Ou temos brownies e comida chinesa.

Por que ela era tão legal? E acolhedora?

Isso só me fez sentir pior.

Dei um passo adiante na sala de estar, meus pés descalços afundando no tapete confortável. — Oh, não, — respondi suavemente. — Eu não quero incomodar. — Meus braços foram diretamente para o meu torso enquanto eu me recompunha. Eric me deu um olhar estranho, como se não pudesse acreditar que eu estava agindo dessa maneira. Eu também não conseguia acreditar. *Sai dessa, Madeline!* Cada palavra que eu disse até agora quase tremeu saindo da minha boca. Minha consciência culpada estava sussurrando incertezas em meu ouvido a tal ponto que quase saí pela porta da frente.

Eu tenho que me desculpar. Minha mãe era egoísta e estava muito ocupada perseguindo sua própria felicidade para se preocupar com a de qualquer outra pessoa; mesmo a minha. Eu não a culpava por isso. Eu entendia. Mas só porque entendia algo, não significava que achava que era a escolha certa. Ela fazia escolhas erradas o tempo todo.

— Você não é um incômodo! Vou pegar um pouco de chá para você.

Fui protestar novamente, mas Eric falou. — Eu vou fazer isso. Vocês duas podem escolher algo para assistir. — Sua voz estava relaxada e suave, mas quando ele olhou na minha direção, seus olhos contaram uma história diferente. Muita coisa estava acontecendo em sua cabeça. Ele provavelmente estava recebendo uma chicotada com o meu comportamento, assim como eu estava com o dele.

Eu não estava agindo como a Madeline da English Prep. Eric estava vendo mais e mais a garota que estava arruinada em vez da garota que arruinou.

— Você vai fazer um pouco para mim também? — sua mãe perguntou, sorrindo para ele.

— Claro, mãe. — Meu coração gaguejou até uma parada completa quando vi a mandíbula dura de Eric suavizar em um sorriso relaxado. Seus lábios mostraram um vislumbre de seus dentes brancos e seus olhos escuros de alguma forma brilharam.

— Obrigada, querido.

Quando ele voltou seu olhar para mim, seu sorriso desapareceu rapidamente. Ele se virou e entrou na cozinha, deixando a mim e meu coração gaguejante sozinho com sua mãe.

— Aqui. — Heather me entregou um cobertor de tricô cinza enquanto me puxava para sentar na poltrona. A sala de estar deles era grande, mas ainda aconchegante. Uma TV de tela plana pendurada acima de uma lareira com um número ridículo de fotos de Eric no topo, mostrando o quanto ele havia crescido ao longo dos anos.

— Obrigada.

Uma vez que sentei no sofá e enrolei minhas pernas embaixo da minha bunda, coloquei o cobertor quente sobre meu corpo e mordi meu lábio. Estar sozinha com Heather me deixou em pânico. Era quase tão ruim quanto estar em minha casa à noite, lutando contra o sono porque outro homem estava na cama com minha mãe. Meu corpo inteiro estava tenso a ponto de meus músculos doerem.

— O que você gostaria de assistir, Madeline? Do que você gosta?

Lentamente virei minha cabeça e olhei para Heather. Seu cabelo castanho estava preso em um rabo de cavalo baixo, e seus olhos calorosos estavam olhando para os meus com tanta intensidade que não consegui evitar que as palavras cortassem o ar. — Eu sinto muito.

Suas sobrancelhas perfeitamente esculpidas uniram-se quando ela me testemunhou quebrar. Mordi meu lábio ainda mais forte para evitar que tremesse. Eu sabia que o pai de Eric e minha mãe eram os culpados. A primeira vez que ele veio à nossa casa foi quando cometeu um erro. Mas eu poderia ter contado a Eric. Eu tinha o poder de pará-lo antes que continuasse por muito tempo, mas não o fiz.

— Não, — Heather disse suavemente. Suas feições caíram, seus lábios formando uma carranca. — Você não tem nada para se desculpar.

Sim, eu tenho.

Engoli em seco o caroço firme apertando meu pescoço. Eu sabia por que não tinha contado a ninguém e sabia por que parei de falar com Eric; por que o retirei da minha vida. Mas, novamente, só porque entendi por que fiz isso, isso não significava necessariamente que foi a escolha certa.

Era difícil saber qual era a escolha certa quando você não tinha certeza de quais consequências eram piores.

Valeu a pena minha culpa? Valeu a pena perder Eric? Porque de onde eu estava sentada no momento, não valeu.

Ainda mais quando Eric entrou na sala, equilibrando duas xícaras de chá em sua mão grande e um recipiente cheio de brownies caseiros na outra.

Ele parecia tão indiferente na escola, tão preguiçosamente calmo e imperturbável com muita coisa. A única mudança de expressão que eu já vi em seus traços relaxados foi um olhar furioso em minha direção ou ele nem olhava para mim. Mas aqui, em sua casa, ele estava relaxado de uma forma harmoniosa, mostrando seu sorriso de parar o coração para sua mãe, dando-lhe um cobertor e rindo livremente de algo que ela disse enquanto ele lhe entregava os brownies. Tudo parecia tão *normal*.

— Por que você está olhando assim para mim? — ele sussurrou, sentando-se ao meu lado. Havia um grande porta-copos dobrável entre nós, impedindo que nos tocássemos. Graças a Deus.

Encolhi os ombros timidamente, pegando a xícara de chá quente dele. — É simplesmente estranho. Vendo você sendo tão... legal.

Ele se sentou mais para trás nas almofadas do sofá, mas não antes de falar baixo o suficiente para que sua mãe não ouvisse. — Pessoas boas merecem um bom tratamento. Por que acha que tenho sido mau com você nos últimos anos?

Tomei um gole do meu chá antes de largá-lo e me virar para a TV. Eu esperava que a mãe de Eric não tivesse me ouvido quando disse: — Está tudo bem em me odiar, Eric. Eu também me odeio.

Especialmente agora. Heather não merecia o que o pai de Eric fez com ela. E Eric não merecia o que fiz com ele.

Eu o tinha excluído e estava me arrependendo disso.

CAPITULO VINTE

Eric

A negação era uma coisa bonita, linda. Eu amava a facilidade com que podia negar tudo o que meu cérebro estava me dizendo.

Madeline precisa de você. Não, ela não precisa.

Você precisa dela. Absolutamente não.

Você deve ajudá-la. Ela poderia ajudar a si mesma.

Assim que minha mãe adormeceu no sofá, desliguei a TV e olhei para Madeline, tentando lembrar que ela e eu não éramos nada mais do que inimigos passageiros.

Ainda sentia uma leve fervura de raiva por dentro, sabendo que o homem que a transformou nessa garota fraca e quebrável estava há apenas uma casa perto de mim horas atrás. Se eu soubesse desde o início porque ela estava no meu quarto, teria caminhado direto para a casa dela e para o quarto de sua mãe — *de novo* — e socado o filho da puta — no meio do golpe ou não — repetidas vezes até que ele admitisse o que fez. Então, eu o levaria direto para o hospital para que eles pudessem reconstruir seu rosto, apenas para eu foder tudo de novo.

Se eu realmente odiasse Madeline tanto quanto disse a ela que odiava, a teria feito sair quando estávamos lutando no meu quarto. Ele se foi, não estava mais lá em cima, transando com sua mãe, então não era necessariamente perigoso para ela voltar para casa. Mas, a verdade é que me senti melhor sabendo que ela estava comigo, aqui na segurança da minha casa.

O que só provou que eu estava perdendo minha cabeça com ela.

A odiei. Mas eu não a odiava mais.

Talvez eu a odiasse porque não *consequia* odiá-la.

Gemi, esfregando minha mão no rosto. Que coisa mais fodida de se dizer. Nem mesmo fazia sentido. Nada disso fez.

Madeline se mexeu ao meu lado, o cobertor caindo em seu colo. Seus braços delgados estavam enrolados firmemente em torno de sua barriga, e a camisa que minha mãe emprestou-lhe foi puxada apenas o suficiente para que eu pudesse ver a pele macia enfeitando seu osso do quadril. Seus lábios tinham a forma de um pequeno arco bonito, seus cílios balançando como as asas de um anjo.

Ela era a coisa mais distante de um anjo.

— O quê? — ela perguntou, sentando-se meio grogue. — Por que você está olhando assim para mim? — Ela de repente ficou rígida. — Eu estava sonhando de novo? Disse algo durante o sono? — Seu cabelo loiro brilhante flutuou entre nós enquanto ela procurava pela minha mãe na sala. Seus ombros caíram de alívio quando ela viu que estava dormindo.

— Não, você não estava sonhando.

— Oh, bom. Então por que você estava me olhando assim? — Seu olhar era interrogativo, se eu tivesse que descrevê-lo, mas também um pouco esperançoso.

Se eu permitisse que a verdade aparecesse, teria dito: — *Estou olhando para você assim porque quero te beijar.* — Porque eu queria. Realmente queria isso. Estava loucamente atraído por ela, meu sangue disparando quando estava perto. Tive dificuldade em manter minhas mãos para mim mesmo, e era por isso que cada vez que estávamos sozinhos em uma sala juntos, eu me encontrava ocupando seu espaço, envolvendo minhas mãos em volta de sua cintura ágil. Mas fui excepcional em fugir de uma verdade com outra. — Estou me perguntando por que você não contou para sua mãe.

Não era exatamente por isso que eu estava olhando para ela, *mas* a pergunta estava na minha cabeça.

Madeline desviou o olhar rapidamente, seus olhos azuis brilhantes se afastando. Houve um leve puxão no meu peito, e eu honestamente queria abrir minhas próprias costelas para fazer meu coração parar de pular com ela por perto. Normalmente batia com uma raiva oculta quando ela estava perto, mas agora estava pulando e balançando como se eu tivesse algum tipo de sopro no coração.

— Podemos conversar lá em cima? Não quero que sua mãe ouça.

Madeline começou a dobrar o cobertor e estendeu-o sobre o sofá.

— Lidere o caminho. — Eu conduzi, acenando com a cabeça para as escadas.

Puxei o cobertor até o queixo da minha mãe e apaguei as luzes antes de ir atrás de Madeline. Eu queria dar-lhe algum tempo para subir as escadas para não precisar fingir que não ficaria olhando para a bunda dela o tempo todo que ela subisse os degraus.

Assim que fechei a porta do meu quarto, a trava ecoando, observei Madeline pular. Seus olhos foram diretamente para a maçaneta antes de se virar para olhar pela janela que ficava em frente à dela.

— Diga-me, — entoei, caminhando para sentar na minha cadeira do computador. Madeline se virou lentamente com o lábio inferior rosa enfiado entre os dentes brancos.

— Não.

Abaixei minha cabeça, o peso dela esticando os nós em meu pescoço. Uma risada profunda e sarcástica retumbou do meu peito antes de me sentar e colocar um tornozelo sobre o joelho.

— Como está sua mão? — ela perguntou.

Mudei meu olhar para ela e inclinei minha cabeça. Minha boca se contraiu enquanto eu segurei um sorriso. — Do que você está falando?

Seus cílios escuros vibraram contra sua pele enquanto ela balançava a cabeça. — Então, quebrar a mandíbula do Atticus foi antes ou depois de você dizer que ser meu herói era a última coisa que você queria?

Trouxe minha mão até meu queixo. — Mmmm. Você sabe, eu simplesmente não consigo me lembrar.

Os braços de Madeline caíram para os lados. Ela bateu o pé e tive que lutar contra a vontade de rir. — É algum jogo que você está jogando? O quê? É uma forma de retaliação? Fodendo com a minha cabeça?

— Oh, quer dizer como você fodeu com a minha?

Ela zombou. — Como eu fodi com a sua?

De repente, sentei-me para frente, apoiando meus cotovelos no topo da minha calça jeans preta, olhando para ela. O endurecimento da minha mandíbula fez meus dentes doerem. — Um dia você era minha melhor amiga e no outro não. Um dia você estava flertando comigo e no outro estava namorando meu melhor amigo.

Um dia você esfregou na minha cara que meu pai estava transando com sua mãe, e no dia seguinte você estava se desculpando. — Zombei dela, cruzando os braços sobre o peito em expansão. — Desculpe se não estou com vontade de me explicar.

A boca carnuda de Madeline abriu e fechou, apenas para fazer a mesma coisa novamente. Ela bufou e se virou rapidamente, colocando-se de costas para mim.

Eu não precisava responder a Madeline e ela não tinha o direito de me pedir para me explicar. Eu não tinha certeza de porque estava indo contra tudo que defendia quando se tratava dela, mas era o que estava fazendo.

Claro que não ameacei Atticus como forma de retaliação. Claro que eu não estava jogando uma porra de jogo. Essa era a última coisa que ela precisava. Madeline já havia sofrido o suficiente. Ela merecia o hiato que estava recebendo de todos na English Prep? Provavelmente. Mas eu sabia que havia muito mais em seu comportamento nos últimos anos do que ela estava demonstrando. O que me lembrou...

— Quando isso aconteceu? — Questionei, relaxando meus braços de volta aos joelhos. Esperava que ela soubesse a que eu estava me referindo.

Madeline olhou por cima do ombro por um segundo antes de responder, — Logo depois que Christian e eu terminamos.

Isso provou meu ponto de que outra coisa a tornava a garota insensível que era. Ela afastou as pessoas. Ela estava no controle de todos os relacionamentos que já teve. Madeline ansiava por esse controle. Mas por quê? Ela tinha relacionamentos superficiais com todos e eu simplesmente não conseguia entender o porquê.

— Você deveria contar para a sua mãe, — finalmente disse, saindo de uma guerra interna de perguntas sem respostas sobre Madeline. Elas estavam caindo como bombas atômicas ao meu redor.

— Eu não posso, — ela respondeu rapidamente.

— Você pode. Você simplesmente não vai.

Madeline se virou lentamente, e eu jurei que vi o conflito se apresentando bem atrás de seus olhos, como se estivesse tentando se justificar por não contar à mãe, mas nós dois sabíamos que deveria. Ela deveria ter contado logo depois que aconteceu. Deveria ter contado a alguém.

Senti minha traqueia como se estivesse sendo esmagada enquanto eu pensava em quão sozinha e com medo ela deve ter se sentido depois. Se foi logo depois que Christian terminou com ela, Madeline *não tinha ninguém* por perto. Mas ela realmente teve alguém ao seu lado? Eu poderia garantir que ninguém conhecia a verdadeira Madeline; eles só conheciam o que estava na superfície.

— Você pode ficar com a cama, — eu disse, apontando meu queixo para ela. Foi uma mudança abrupta do que diabos ela e eu estávamos fazendo no momento, mas eu precisava passar antes que dissesse ou fizesse algo de que me arrependesse pela manhã.

Ela olhou para minha cama por um segundo antes de olhar para mim. — Por que você está sendo tão legal comigo, Eric? É porque você se sente mal por mim?

Sim. Não.

Dei de ombros. — Claro, se é isso que você quer ouvir. Mas, realmente, você não está em posição de perguntar essas coisas, então por que você simplesmente não aceita e dorme um pouco enquanto pode. — Eu estava sendo duro. Sabia que estava. Mas era a única maneira que eu poderia ser sem ser submisso quando se tratava dela.

Ela olhou para a cama novamente, hesitando. — Onde você vai dormir? — Sua voz estava insegura enquanto ela permanecia enraizada no meio do meu chão, engolida pelas roupas da minha mãe.

— Não se preocupe. Eu não vou rastejar para a cama depois que você adormecer. — Provavelmente não era a melhor ideia, considerando a situação dela; ou a minha, se eu fosse honesto. Ficar muito perto dela era uma péssima ideia. Eu já estava no limite entre o ódio e o amor, mesmo que sem querer.

Seu pequeno ombro se ergueu. — Você pode, sabe. Eu não tenho medo do que posso ver. Apenas do que não posso. Portanto, as luzes precisam estar acesas à noite.

Eu entendi isso. — Se eu ficar cansado o suficiente, com certeza. Mas, por agora, gostaria de sentar aqui e observar se um certo Porsche vermelho decide voltar.

Gostaria que tivéssemos câmeras de segurança para que eu pudesse pegar uma placa para fazer algumas escavações, mas minha mãe e meu pai achavam que um sistema de segurança de alto nível não tinha objetivo porque morávamos em um condomínio fechado.

Eu ouvi Madeline suspirar.

Não estava brincando quando disse que arrancaria os braços de seu corpo.

É melhor aquele filho da puta nunca mais voltar a esta vizinhança.

CAPÍTULO VINTE E UM

Madeline

Eu preciso de boias. Ou talvez uma âncora. Precisava de algo para me impedir de me afogar, mas também para evitar que eu flutuasse.

Um filete de antecipação dançou sobre minha pele quando me sentei em cima da minha cama, ainda em meu uniforme escolar. Minha saia xadrez caiu sobre minhas coxas quando me sentei de pernas cruzadas, terminando um capítulo em meu livro de cálculo. Estava quase escuro, o sol se pondo atrás das árvores, não brilhando mais no Range Rover de Eric estacionado entre nossas casas. Eu percebi que ele estava em casa com muito mais frequência ultimamente. Desde que me encontrou em seu quarto no último fim de semana, ele estava em casa todas as noites com as cortinas abertas. Eu queria acreditar que era porque estava me checando, mas isso não podia ser verdade. Ele não só voltou a me ignorar na escola, mas também fez questão de rir quando Missy, em toda a sua glória de spray bronzeado errado, acidentalmente “tropeçou” e jogou toda a bandeja de comida no meu colo durante almoço esta semana. Não pude deixar de ver a ironia *nisso*, considerando que fiz a mesma coisa com Hayley Smith meses atrás.

Minha primeira reação foi gritar, agarrando um punhado de seu cabelo loiro platinado mal penteado e bater seu rosto na mesa. Mas, então, me lembrei que isso

era carma e a única coisa que eu podia fazer era *aproveitar* até que finalmente parasse.

A cereja do bolo, porém, foi quando Hayley e Piper vieram me ajudar a limpar a bagunça. As pessoas riram enquanto passavam, apontando e sussurrando, mas, eventualmente, Christian e Ollie agarraram suas namoradas envolvendo as mãos em cada uma de suas cinturas e as puxaram para o corredor quando o sinal tocou. Atirei a ambas um meio sorriso, quase imperceptível a olho nu, mas esperava que pudessem sentir minha gratidão. Elas não me deviam nada. Na verdade, deveriam ter sido elas a despejarem a bandeja em mim em vez de em Missy. Eu fui muito mais cruel com elas do que fui com Missy.

Minha mãe tem saído cada vez mais ultimamente, trazendo homens para casa quase todas as noites. Ela fazia isso sempre que meu pai ligava e dizia que logo voltaria para casa. Era como se usasse outros homens para conter sua ansiedade até que ele chegasse em casa. Ela saíria e flertaria, mostraria sua calcinha para algum vagabundo bonito e, em seguida, o levaria para casa para tirar o estresse de seu sistema.

Minha mãe e as más escolhas andavam de mãos dadas. Não era nada novo.

Assim que fechei meu livro de cálculo, dei outra espiada na janela de Eric. Congelei quando vi que sua luz estava acesa. Suas cortinas estavam abertas para que eu pudesse ver diretamente em seu quarto. A cadeira cinza do computador em que ele ficou a noite toda no fim de semana passado enquanto eu dormia em sua cama, ainda estava de frente para minha janela. Eu não o tinha visto sentado nela desde então, mas achei estranho que ainda estivesse voltada para aqui, assim como achei estranho que suas cortinas ainda estivessem abertas.

Eric era nada além de perplexidade ultimamente. Ele tinha me ignorado na escola durante a semana inteira, mas todas as noites, quando minha mãe chegava em casa com um novo amigo de foda, ele imediatamente me mandava uma mensagem para me dizer que não era um certo Porsche vermelho que eu temia.

Eu reli as três mensagens que enviou nos últimos cinco dias repetidamente, fingindo que ele realmente se importava com meu bem-estar.

E talvez ele tenha feito um pouco. Mas também gostava de me lembrar que me odiava e que não me devia nada. E estava absolutamente certo. Ele não me devia nada. Eu só queria saber por que ele ficava todo quente e confuso em mim em um segundo e, em seguida, gelado. Eu realmente não tinha que me preocupar com os sentimentos de Eric, mas era difícil não me preocupar quando meu coração de doze anos ainda lhe pertencia.

Coloquei algumas mechas de cabelo atrás das orelhas, olhando pela janela novamente. *Oh, Merda!* Um grito fraco voou de mim quando o vi de pé ali, sem camisa. Suas costas eram perfeitamente esculpidas com músculos ondulantes enquanto ele movia seus braços para puxar um diferente. Eu poderia dizer que ele tinha acabado de tomar banho quando se virou, seu cabelo úmido caindo em seus olhos. Meu rosto ficou quente quando comecei a imaginá-lo em um banho quente e fumegante, lavando seu corpo enquanto gotas de água caíam sobre suas bochechas esculpidas. Meu rosto estava em chamas quando senti um formigamento na parte inferior do estômago.

Uma sensação estranha começou a se infiltrar, pegando meu desejo e atração e torcendo tudo, me deixando inquieta.

Pouco depois do incidente, eu fiz sexo. Rapidamente quis lavar a sujeira que sentia, então substituí por um adolescente que não tinha problemas para me deixar estar no controle. Foi rápido e perfeito, com absolutamente nenhum sentimento envolvido.

Isso não tirou os pesadelos, no entanto, e não me fez sentir melhor por querer algo assim com Eric. Eu sabia que era porque não estava apenas sentindo atração por ele. Era mais. Muito mais. E por mais que me matasse admitir, isso me assustava.

Um leve ruído de batidas soou pela janela e rapidamente balancei minha cabeça, permitindo que meus pensamentos se dispersassem. Comecei a sorrir quando encontrei Eric olhando para mim. Ele estava parado ali, completamente vestido agora — felizmente — segurando um pedaço de papel de caderno rasgado abaixo do peito com um sorriso malicioso no rosto. Lia-se: ***Aproveitando a vista?***

Rapidamente rasguei um pedaço de papel, me sentindo tonta por dentro, e pulei da cama. Peguei minha caneta roxa e escrevi: ***Eu não sei. Você está?***

O aumento de minhas bochechas parecia estranho enquanto eu segurava o papel rasgado. Eric revirou os olhos cinza e eu tinha certeza de que podia ouvir sua zombaria através da janela. Ele sacudiu os fios escuros do rosto e caminhou até sua mesa, apoiando um braço sobre ela enquanto arrancava a tampa do marcador com os dentes. Depois de rabiscar algo mais, ele colocou a tampa de volta e foi até a janela.

Dizia: ***Onde está sua mãe? Fodendo outro, eu presumo?***

Os sentimentos de Eric, em relação à minha mãe, não mudaram nem um pouco. Ele a odiava, e talvez eu devesse ter defendido-a, mas ela fez um monte de escolhas erradas. Não havia como voltar atrás no que ela tinha feito. Não havia desculpas válidas.

Pegando outro pedaço de papel, escrevi: ***Muito vulgar?*** E o ergui.

Houve um instante em que quase rabisquei: ***Onde está seu pai? Fodendo com outra loira?*** Mas eu simplesmente não conseguia fazer isso. A velha Madeline estava rolando em seu túmulo, chutando e gritando para ser solta, mas algo me segurou. ***Talvez eu tenha realmente mudado.*** Talvez eu simplesmente não fosse mais aquela garota. Talvez essa versão de mim, tenha ido embora para sempre.

Não tinha certeza se isso era bom ou ruim. Estava tudo bem que eu estava me tornando submissa e segurando as respostas cruéis e grosseiras que costumavam me levantar? Eu estava ficando legal de repente?

Isso não foi um pensamento muito reconfortante, porque garotas legais eram pisoteadas e eu estaria condenada se fosse pisoteada novamente.

Uma vez que olhei para a janela de Eric novamente, depois de segurar a nota *Muito Vulgar*; ele se foi.

A decepção foi como um trem vindo direto pela janela e entrando no meu quarto. Eu podia basicamente ver o vapor do motor quando comecei a virar, enfurecida comigo mesma por estar realmente me permitindo sentir decepcionada pelo garoto da porta ao lado, que ainda me odiava muito, mas algo chamou minha atenção.

O que você está fazendo, Eric?

Eric estava na garagem, vestindo tênis preto e uma camisa de manga comprida da English Prep puxada até os antebraços, jogando uma bola de basquete com as mãos. Não conseguia me lembrar da última vez que o vi jogando basquete do lado de fora. Já fazia anos.

Memórias de nós que eu havia trancado começaram a vir à tona e meu coração esquentou. Essas foram as memórias que sempre evitei porque me lembravam do que deixei para trás em meu egoísmo.

Quando a bola parou de quicar e Eric deu um sorriso malicioso em minha direção, mordi meu lábio. Ele ergueu uma sobrancelha, tirando o cabelo da testa.

Ele fez...?

Ele murmurou as palavras: *O que você está esperando?*

Estava esperando o outro sapato cair. Isso era o que eu estava esperando. Ele realmente queria que eu fosse lá e jogasse basquete com ele? Como se estivéssemos de volta ao fundamental?

Não vá lá embaixo.

E se eu descesse lá e ele se virasse e entrasse, apenas para me fazer sentir uma idiota por acreditar que queria que eu jogasse basquete com ele? Não me permitiria parecer uma garota desesperada com grandes esperanças por um cara que não queria nada com ela.

Eric e eu não éramos nada mais do que amigos há muito perdidos transformados em rivais.

Eu era sua inimiga.

E embaraçosamente, ele era meu aliado.

Estávamos em lados opostos com sentimentos muito diferentes.

Dei-lhe outro olhar rápido, pronta para balançar minha cabeça, quando ele me deixou completamente chocada.

Ele sorriu.

Eric apenas sorriu para mim.

E foi lindo. Foi um rápido vislumbre daquele menino de 12 anos com quem eu era mais feliz. Meu telefone vibrou enquanto eu puxava meu olhar atordoado para longe.

Eric: Pare de tentar se enganar pensando que você tem grandes planos para esta noite... desça aqui, perdedora.

Mandei uma mensagem de volta rapidamente, golpeando as borboletas.

Eu: *Ou o quê?*

Por que eu estava flertando com ele? Por que estava flertando com o cara que me disse que arruinaria minha vida?

Minha resolução caiu tão rápido quanto subiu. *Ele também é o cara que tem afugentado seus pesadelos.*

Eric: *Ou eu irei buscá-la.*

O pensamento me animou. Um ímpeto despertou meu sangue. Quando foi a última vez que senti isso? Quando foi a última vez que me senti tão feliz com a perspectiva de um cara? Parecia bom vadear em águas desconhecidas. Para sentir algo real. Eric me odiava? Pode ser. Mas mesmo se fizesse, eu não poderia negar que ele acabou de acender uma pequena quantidade de felicidade em mim que eu não sentia há muito, muito tempo.

Eu sabia que não duraria muito, mas, pelo menos, não estava tão arruinada a ponto de não conseguir sentir de novo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eric

Minha guarda caiu quando o sol se pôs. Todas as noites, me encontrava sentado na cadeira da mesa do computador, inevitavelmente de frente para a casa de Madeline. Mesmo se eu virasse minha cadeira e a puxasse para cima da minha mesa, de alguma forma giraria para trás e ficaria olhando para seu quarto iluminado com as cortinas esvoaçantes novamente.

Continuei captando pequenos vislumbres dela. Seu cabelo loiro atraía minha atenção como um holofote, eu me sentava um pouco mais ereto na esperança de que ela estivesse tendo um pesadelo louco e haveria uma desculpa para correr até lá.

Normalmente, quando esse pensamento entrava em ação, eu tinha uma percepção séria de estar fazendo algo puramente egoísta e totalmente fora do meu personagem. Eu não me importava com muitas pessoas, especialmente com ela, então estar envolvido em sua merda foi um grande passo para fora do penhasco: o-que-você-está-fazendo-porra.

Mas parecia que não importava quantas vezes falei a mim mesmo que ela não importava para mim e que era uma vadia insensível que se importava com ninguém além de si mesma, eu ainda me encontrava revisitando o passado, me perguntando por que ela se voltou contra todos.

Eu merecia um Emmy pela atuação que fiz durante toda a semana na escola, fingindo que estava de volta a odiá-la. Até mesmo Hayley e Piper pegaram no meu pé ao rir quando uma das minhas antigas peguetes "*derrubou*" comida em seu colo. Mas quando éramos apenas Madeline e eu, em nossas casas, sozinhos com apenas um simples pedaço de grama entre nós, minha guarda desaparecia completamente.

Ansiava por estar perto dela.

Esquecia porque eu a odiava. Esquecia que ela me deixou para trás anos atrás. E percebia que, apesar de suas lágrimas e gritos indutores de pesadelos, ela era provavelmente uma das pessoas mais fortes que eu conhecia.

Madeline prosperou em ser independente. Ela empurrou todos para longe e ainda se manteve firme.

Então, aqui estava eu, esperando que ela me agraciasse com sua presença para podermos dar um passeio pela estrada da memória juntos, com um velho jogo de um-contra-um. *Estúpido*.

Chamei a atenção quando ouvi a abertura e o fechamento da porta da frente e novamente enquanto ela caminhava sob o luar. Corri meu olhar para baixo em seu corpo, demorando-me na leggings preta apertada que ela estava usando, que, sem dúvida, deixava sua bunda ainda mais redonda. Seu longo cabelo loiro caía em ondas sobre seus ombros, e seus lábios estavam brilhantes, como se ela tivesse colocado um brilho labial antes de descer.

— Tentando me impressionar? — Perguntei com um sorriso, me sentindo em casa com a minha provocação.

— Não. Por quê? — Perguntou, colocando as mãos no bolso do capuz. Seus olhos se desviaram e eu soube naquele momento que estava certo.

Ergui um ombro, segurando a bola de basquete sob meu braço casualmente. — Parece que você gastou algum tempo se preparando, antes de vir aqui.

Os olhos azuis de Madeline brilharam e eu senti o choque. Suas pequenas mãos enfeitaram seus quadris. — Essa é sua maneira indireta de me dizer que estou bem, Eric?

Eu não tinha certeza se gostava da maneira como meu nome soava em seus lábios. Na verdade, eu não tinha certeza se gostava do jeito que *meu pau gostava* da maneira como meu nome soava em seus lábios.

— Confie em mim, Maddie. — Levantei uma sobrancelha. Corri meu olhar para baixo em seu corpo novamente antes de travar os olhos. — Você saberia se eu achasse que você parece bem.

Sua boca se abriu com um suspiro audível.

Me virei rápido, colocando minhas costas para ela para arremessar a bola de basquete como se eu não fosse afetado por seu pequeno corpo sexy. Foram seus olhos que fizeram isso. Os observei ganhar vida quando um comentário agudo saiu de sua boca e gostei. Gostei muito.

Talvez houvesse algumas partes da Madeline mal-intencionada que eu gostasse. Talvez eu devesse fazer uma mistura dos dois.

— Você pode ser um verdadeiro idiota, Eric. Você sabe disso?

— Apenas para você. — Joguei a bola em sua direção, sem permitir que meus lábios se abrissem em um sorriso malicioso. Tive que me dar créditos. Eu era muito bom em zombar dela quando necessário.

Embora, por dentro, fosse uma maldita zona de guerra de sentimentos não derramados, memórias ocultas e pensamentos lascivos, todos me emboscando de todos os ângulos do caralho.

— Por que está aqui embaixo? — Ela revirou seus lindos olhos que brilhavam junto com as estrelas acima de nossas cabeças. — Por que você não saiu com seus amigos? Ou em alguma festa da fraternidade com garotas da faculdade? Huh? Me atormentar é realmente tão divertido?

Ela estava certa. Eu deveria ter estado com meus amigos ou em alguma festa da fraternidade, mas eu não era mais bem-vindo na casa da fraternidade de Jesse — algo sobre quebrar o nariz de seu irmão da fraternidade. Não importa.

Independentemente disso, sabia exatamente por que estava em casa em uma noite de sexta-feira, jogando um-contra-um com Madeline. Eu simplesmente não conseguia admitir em voz alta.

— Sim. Atormentar você é *tão* divertido. É para isso que eu vivo, na verdade.

Ela fez um som irritado, jogando a bola de volta para mim com um pouco de força demais. Peguei rápido.

— Eu tenho uma ideia, — falei, sentindo a excitação em meus ossos. — Se você ganhar um jogo de um-contra-um, prometo que vou parar de odiar você. Vou até mesmo fazer amizade com você na escola para que todos os outros te deixem em paz.

Sem chance no inferno que ela estava ganhando.

— E se você ganhar? — Sua voz estava hesitante, como um pequeno rato tentando implorar por sua vida na frente de um leão.

Eu a olhei bem nos olhos. — Então você conta a sua mãe sobre o que aconteceu.

Sua cabeça baixou, seu cabelo loiro cobrindo suas feições suaves. Mal a ouvi quando ela disse: — Não.

— Muito bem. Então diga ao seu pai, — rebati.

Minhas mãos apertaram a bola quando sua cabeça se ergueu. Seus traços suaves estavam desenhados em linhas nítidas, mostrando o quão mortificada ela estava com o pensamento. *Interessante*. Gostaria de saber mais sobre esse pai dela que só aparecia de vez em quando. Eu sabia tudo sobre casamentos fodidos, mas parecia que havia um pouco de medo ali.

— Não. Escolha algo diferente. Prefiro ficar de pé no meio da English Prep e pedir desculpas a todos com quem eu sempre fui uma vadia em vez de fazer isso.

— Hmm, — cantarolei, me sentindo travesso. — Que tal essa? Se eu ganhar, você tem que me dizer por que tem tanto medo de seu próprio pai.

Eu juro, todo o barulho do lado de fora parou. Não havia grilos cantando. Nenhum farfalhar do vento. O mundo poderia muito bem ter parado de girar. Madeline estava congelada em seu lugar. Seus olhos eram como pires e seus lábios brilhantes se separaram enquanto sugava o oxigênio. Ela se recompôs rapidamente, fechando a boca e juntando as sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Mas eu vi. Notei como ela estava abalada.

— Quem disse que eu tenho medo do meu pai?

Inclinei meu queixo, apagando o espaço entre nós. — Você realmente acha que pode se esconder de mim, Madeline? Se eu não soubesse melhor, diria que sou a única pessoa neste planeta que realmente sabe o que está por trás de toda a beleza falsa. — Eu olhei para seus lábios com gloss e voltei para sua expressão horrorizada.

— Você não me conhece como pensa, Eric. — Suas palavras estavam cheias de veneno. Era fofo que ela pensasse que tinha uma vantagem sobre mim.

Eu ri, segurando a bola de basquete com tanta força que pensei que poderia entrar em combustão. — É aí que você está errada, Maddie. Não aja como se você tivesse esquecido todas às vezes que nos flagramos nos olhando nos últimos anos. Não aja como se não tivesse percebido quando eu estava te olhando enquanto você chupava o pescoço do meu melhor amigo, deixando aqueles chupões idiotas como um lembrete de que você era dele. — O peito de Madeline subiu e ficou assim como se ela nem pudesse respirar. — Você sabia que toda vez que você ria, soava como unhas se arrastando contra um quadro-negro até meus ouvidos? Porque adivinha? — Dei um passo mais perto dela, a bola de basquete única coisa que separa nossos corpos. — Nunca vou esquecer a forma como a sua verdadeira risada soa. Quando foi a última vez que você riu de verdade?

Isso ficou muito profundo, muito rápido. Por que sempre era assim entre nós? As coisas nunca poderiam ser deixadas por dizer; merdas que não podiam ser deixadas intocadas. Eu queria saber mais sobre ela. Queria ajudá-la a voltar para aquela garota que eu esperava ver todas as manhãs.

Madeline finalmente falou, olhando diretamente nos meus olhos, sem um pinga de sua raiva anterior. — Não quero contar para minha mãe e *não posso* contar para meu pai. Sob nenhuma circunstância ele pode descobrir.

Levantei minha cabeça questionando, mas em vez de perguntar mais, porque era completamente redundante neste ponto, dei um passo para trás e estendi a bola para ela. — Então acho melhor você ganhar, hein?

Demorou um pouco, mas ela arrancou a bola rapidamente e foi para o nosso ponto de partida original. Ela me lançou um olhar furioso quando começou a driblar a bola, sua pequena mão batendo no couro.

Eu tive que me virar para que ela não me visse sorrindo como um idiota.

As coisas estavam definitivamente prestes a ficar interessantes.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Madelaine

Lá estava ele com seu sorriso glorioso, mas irritante inclinado em minha direção. Eric ficou com as mãos nos quadris, seu peito robusto expandindo rapidamente, mesmo com sua resistência de alto nível, a lua e as estrelas brilhando atrás de seu corpo, delineando-o da maneira que meu coração queria ver na vida real, em vez de nesta bolha estranha e fantasiosa em que estávamos atualmente.

Ele estava radiante, a felicidade evidente em suas bochechas coradas. Uma gota de suor escorrendo pela borda de sua mandíbula reta e caindo no concreto abaixo.

Eu estava cheia de memórias que fingi nunca ter existido. O som de uma bola de basquete batendo na calçada de concreto, o cheiro do céu noturno frio, tão fresco e revigorante, a expressão familiar nos olhos de Eric quando ele arrancou a bola de mim e fez uma tacada. Era quase demais para aguentar.

Se havia uma coisa em que era boa, era desligar meus sentimentos. Eu era boa em fazer as pessoas me odiarem.

Mas eu não queria que ele me odiasse mais.

Demorou anos agindo como se Eric não significasse absolutamente nada para mim para realmente acreditar nisso. Foi fácil quando pensei que ele me odiava. Mas em pé na entrada de sua garagem, correndo para fora de seu controle e assistindo a caída da bola de basquete no ar e em uma cesta... era difícil fazer meu coração continuar jogando. Era difícil lembrar por que o afastei e a todos os outros em primeiro lugar.

Uma lufada de ar quente soprou ao meu redor enquanto Eric estava de volta, tentando tirar a bola quicando de minhas mãos. — Estamos empatados, Maddie. Mais um ponto e eu ganho.

Sua grande mão saltou rapidamente para frente e me virei com um grito animado. — Você está certo, — disse sem fôlego, — mas isso também significa mais um ponto e eu ganho também.

Minhas costas estavam para Eric enquanto continuava driblando a bola na minha frente. Era engraçado como estar sozinha com ele, fazendo algo tão inofensivo, poderia me fazer esquecer tudo de ruim que tinha acontecido. Meu coração batia com liberdade, uma vibração dançando em minha barriga, meus lábios formigando enquanto minhas bochechas queimavam de um sorriso.

— Pare com isso, Madeline, — sussurrou em meu ouvido, sacudindo sua mão novamente. Posso ser menor que ele, mas também era muito mais rápida.

— Pare com o quê? — Perguntei com falsa inocência, sentindo-me descarada com ele atrás de mim.

Gritei quando ambas as mãos caíram em meus quadris, me segurando no lugar. A respiração ficou presa na minha garganta e uma onda de expectativa suculenta corou minha pele. Seu hálito quente fez cócegas em minha orelha. — Eu sei que você está usando essa bunda durinha como arma, assim como usou aquela boca carnuda algumas semanas atrás na festa da fraternidade.

Um leve sorriso enfeitou meus lábios. Nem percebi o que estava fazendo, mas estava certo. Eu *estava* me esfregando nele enquanto ele estava atrás de mim e tinha certeza que era porque não estava presa dentro da minha cabeça pela primeira vez.

— Sou imune às suas táticas. Não vai funcionar. — Suas mãos me agarraram com mais força, mas ele não se moveu.

Eu ainda estava me sentindo ousada. Talvez um pouco alta em êxtase por estar tão perto dele e por me sentir tão livre.

Sorri ainda mais e me empurrei ainda mais forte. Ele gemeu, seus dedos cravando em minha pele. Inclinei minha cabeça para trás, ainda segurando a bola de basquete. Encontrei seus olhos, cor de aço. Suas pupilas estavam dilatadas e sua mandíbula estava tensa. — Você tem certeza disso, Eric?

Uma inclinação de cabeça e ele se foi em um segundo. Me virei rapidamente, apenas para congelar. Eric estava parado ali, olhando para mim como se eu fosse uma fodida presa. Sua boca se curvou em um sorriso ameaçador, seu cabelo escuro emoldurando sua testa, fazendo-o parecer o vilão. — Dois podem jogar esse jogo, baby.

O desejo percorreu meu corpo. Mudei de pé, me contorcendo com a sensação. Me sentia viva com seus olhos em mim, e isso era algo que eu não tinha certeza se sentiria novamente.

Eric estendeu a mão por baixo da bainha de sua camisa e puxou-a sobre a cabeça em um piscar de olhos.

Eu tive que manter meu rosto firme para não mostrar o quanto seu peito nu me seduzia. Ele era tonificado com peitorais redondos assentando bem acima de seu abdômen tanquinho que se inclinava naquele V delicioso que levava ao cóx de suas calças.

Ele era perigosamente atraente. Tão quente que ele fez minha boca formigar.

Empurrando meu cabelo loiro por cima do ombro, eu estalei minha língua e joguei com calma. — Já vi melhor.

A boca de Eric caiu antes que ele jogasse a cabeça para trás e risse alto. Minhas bochechas ficaram vermelhas mesmo quando disse-lhes para não fazer. Depois que parou de rir tanto, ele balançou a cabeça e sorriu para mim. — Você não pode mentir para mim, Madeline. Eu vejo através de você.

Minhas bochechas ainda estavam levantadas quando recuei, olhando para ele com seu sorriso meio crescente e olhos brilhantes, e assim, fui levada de volta ao passado. Eu não estava olhando para o menino que magoei profundamente e que me odiava, mas em vez disso, estava olhando para o menino que fazia todo o meu corpo cantar, mesmo tão jovem quanto éramos.

E quanto mais eu ficava parada e olhava para Eric, mais doía. Meu sorriso caiu rapidamente e de repente me deparei com uma perda de parar o coração que foi como um soco no peito. Meus braços caíram e a bola de basquete rolou lentamente para onde ele estava. Minha garganta queimou enquanto forcei as palavras para fora. Eu estava pisando levemente. Minha voz tremeu. — Eu... eu sinto muito.

Mal podia vê-lo enquanto ele caminhava em minha direção, muito preso no meu lugar com as memórias anteriores me atacando.

Seus pés pararam de se mexer e o ar ao redor subitamente pareceu sufocante. O pequeno roçar de sua mão jogou minha cabeça para trás e fiquei completamente sem palavras. Seus olhos saltaram entre os meus por muito tempo antes de ele sussurrar: — Eu sei.

Engoli minhas emoções, minha boca de repente muito seca. — Me odeio por me tornar essa pessoa desligada. Por te afastar. Por fazer você me odiar.

— Você afastou todo mundo... não só eu. — Seu polegar acariciou minha bochecha e levou tudo que eu tinha para manter meus pés enraizados no chão em vez de estender a mão e beijá-lo. Meus lábios pareciam que iam murchar e morrer se não tocassem os dele e onde isso deveria ter me desligado em todos os sentidos, não aconteceu. Em vez disso, isso me despertou. Isso abriu meus olhos. Que erro idiota, estúpido que eu cometi.

— Era mais fácil desse jeito.

— Por quê? — perguntou suavemente, olhando nos meus olhos tão profundamente quanto eu estava olhando para ele.

A verdade parecia vil quando caiu para fora, a vulnerabilidade me fazendo estremecer. — Porque se você não permite que ninguém se aproxime, eles não podem te machucar.

Seu polegar roçou meu lábio inferior. — Isso não é verdade. Você e eu temos sido estranhos desde o dia em que você me excluiu, mas cada dia depois, um olhar seu e o corte ficava mais profundo. Estávamos tão distantes que você poderia ter colocado um continente entre nós, e eu ainda sentiria aquela dor e ressentimento. *O ódio.*

De repente, tudo estava se fechando. Minha garganta estava apertada. — Eu não quero que você me odeie mais. — As palavras não eram mais que um sussurro e eu tinha certeza de que havia surpreendido a nós dois ao deixá-lo sair.

A voz de Eric também estava baixa. — O que aconteceu com você de tão ruim que você nem me queria do seu lado? Huh? Não foi o estupro. Outra coisa aconteceu. — Ele balançou a cabeça, ambas as mãos segurando meu rosto. Sua necessidade de preencher esse buraco enorme de confusão persistente era profunda. Podia ver por trás de seus olhos. Ele queria que eu o deixasse entrar. — Diga-me o que te fez assim. Diga-me por que você me fez te odiar. Por que fez todo mundo te odiar.

O momento estava bem ali.

As palavras na ponta da minha língua.

Meus lábios se separaram enquanto meu estômago revirava.

Minha respiração acelerou quando o dedo de Eric pousou sobre o ponto de pulsação em meu pescoço. Ele deve ter percebido minha ansiedade crescente.

Tudo se resumiu a um único momento que me fez afastá-lo, junto com todos os outros. Eu poderia contar-lhe. Poderia contar a verdade a ele. Poderia contar-lhe sobre meu pai. Eu poderia confiar nele.

Os faróis chamaram minha atenção do lado, e assim que Eric e eu vimos sua mãe entrando na garagem, nós dois imediatamente nos separamos. A distância entre nós quebrou o momento, o ar da noite soprando e partindo-o ao meio. Passei meus braços em volta do meu torso e respirei fundo.

— Ei, vocês dois! — A mãe de Eric saiu de seu SUV em seu uniforme azul e com uma cara cansada, dando a nós dois um sorriso caloroso. — Eric. Por que está sem camisa? Não está tão quente assim.

Lancei um olhar furtivo para ele enquanto se abaixava para pegar sua camisa do chão. Ele o puxou pela cabeça em um movimento rápido antes de me dar um olhar ilegível.

— Madeline, você gostaria de se juntar a nós para jantar? Posso pedir pizza. Eu não sabia que você estaria em casa esta noite, huh. — Ela dirigiu sua última frase a Eric. — Você geralmente sai nos fins de semana.

— Você sabe, está tudo bem, — eu disse quando comecei a recuar. Não parei até chegar aos degraus da frente. — Estou me sentindo cansada. Obrigada por me convidar, no entanto. — Rapidamente sorri antes de correr para a minha varanda

e fechar a porta atrás de mim. Deslizei para minha bunda no segundo em que fiquei sozinha e bati minha mão contra minha cabeça.

O que você está fazendo, Madeline?!

Estar perto de Eric era uma coisa perigosa.

O quão estúpido eu teria sido por colocar minha confiança em um garoto que jurou que me odiava?

O dia seguinte foi dolorosamente lento e o número de vezes que verifiquei meu telefone para ver se Eric tinha me enviado uma mensagem foi totalmente embaraçoso. Quando me tornei essa garota carente que estava totalmente envolvida em um cara? Quase engasguei com o pensamento. Mas era Eric. Ele entrou na minha cabeça e me fez questionar cada grama de força que me restava.

Eu já dei a mim mesma uma conversa enquanto estava deitada na minha cama a noite toda, dormindo o mínimo possível — embora, um pouco mais agora que eu senti que Eric estava cuidando de mim — sobre como evitar a pergunta persistente que ele continuava jogando em minha direção.

Ele queria saber o porquê. Estava começando a cavar. O ódio que pairava entre nós, parecia estar se dissipando lentamente às vezes.

Eu sabia que era do meu interesse evitá-lo, mas diga isso para a garota desesperada dentro de mim que me forçou a colocar minhas melhores leggings e suéter azul-claro que eu sabia ficar bem com meus olhos, apenas no caso de eu vê-lo esta noite. Até enfeitei meus lábios com brilho labial de cereja e fiz meu cabelo.

Absolutamente patética e inteiramente desesperada.

— Madeline?

Minha cabeça se virou em direção à porta do meu quarto quando minha mãe gritou. Ela entrou e olhou ao redor do quarto por um momento antes de me encontrar na minha mesa.

— Eu vou sair, não tenho certeza de quando estarei em casa. — Mesma história. Noite diferente. — O que você vai fazer hoje à noite?

Recostei-me na cadeira do computador, fechando meu livro. *O que eu estava fazendo? Encarando a casa de Eric como a perdedora desesperada que eu era agora. Provavelmente vou stalkar as redes sociais e sentir aquele pequeno ressentimento pelo fato de que todos estão se divertindo, exceto eu.* — Não tenho certeza, — respondi em vez disso. — Provavelmente sairei com amigos.

Ela sorriu, empurrando seu cabelo lustroso, exatamente do mesmo tom que o meu, para trás do ombro. — Está bem então. Tome cuidado.

Ela foi se virar, mas a impedi. — Eu pensei que você disse que papai voltaria para casa em breve.

Minha mãe parou de costas para mim. Seu vestido vermelho curto mal chegava ao meio da coxa. — Você sabe como é. Ele volta para casa quando tem vontade.

E não devemos questionar isso. As palavras estavam no ar, como um pecado não dito que nós duas odiávamos tanto, mas não podíamos evitar. Exceto, algo estava se mexendo dentro de mim. Não era raiva. Nem mesmo ressentimento.

— Por quê?

Suas bochechas arquearam quando ela se virou. — Porque o quê?

Engoli, puxando meus joelhos até o queixo antes de ganhar coragem. — Por que você ainda está com ele, mãe? Você é muito mais do que apenas uma dona de casa bonita. Você pode conseguir um emprego; nós poderíamos nos mudar. Só você e eu.

Sua expressão se suavizou, sua espessa massa de cílios postiços balançando contra suas bochechas. — Não é tão simples assim. E não se esqueça, Madeline, ele é seu pai e a ama.

Amor. Que palavra corrompida.

— Você não deve ter medo das pessoas que amam você, mãe.

E foi assim que eu sabia que cada relacionamento que já tive, amizade ou não, não era de substância real. A maioria dos meus “amigos” tinha medo de mim; eles costumavam ter, de qualquer maneira, até que perdi meu status na English Prep.

Seus olhos caíram, sua boca carnuda curvando-se em uma carranca. Quando ela olhou para cima, vi o medo deitado ali. O medo e a animosidade.

Eu não entendi. Eu não entendia como ela podia ter tanto medo do meu pai, mas ainda o amava do jeito que amava. Ela se curvava para agradá-lo quando ele estava em casa, apenas para ser machucada no final.

— Um dia, você vai entender, Madeline. Eu prometo.

Tive dificuldade em acreditar nisso, mas concordei mesmo assim. — Te vejo mais tarde, ok?

— Ok. Tome cuidado.

Minha mãe parecia desconfiada do meu aviso e eu queria me bater por dizer isso. Mas ela se virou e saiu de qualquer maneira. Me levantei da minha cadeira e olhei para Eric. Sua luz estava apagada, seu carro não estava mais na garagem.

Caí na cama e disse a mim mesma que era melhor assim. Eric e eu éramos um território perigoso. Eu ia acabar me machucando, e se fosse esse o caso, então simplesmente desperdicei toda a minha existência de colégio me protegendo sem motivo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Eric

Sentei na cabana, tamborilando os dedos contra a perna ao som da música que ecoava nos alto-falantes. Não foi minha ideia dar uma festa esta noite, mas achei que era uma coisa boa, considerando que ontem à noite quase beijei Madeline em um frenesi até que derramasse cada verdade sombria que estava por trás de seus lábios rosados.

Ollie e Christian estavam casualmente sentados no sofá ao meu lado, assistindo suas namoradas massacrarem em um par de calouros musculosos no beer pong. Ri quando eles lançaram olhares para os pobres bastardos jogando contra suas meninas e sorri quando Piper e Hayley pularam, gritando para eles tomarem um shot. Mas mesmo com os movimentos, minha cabeça estava em outro lugar.

Puxando meu telefone, digitei uma mensagem para Madeline, mas depois apaguei rapidamente, colocando-o de volta no bolso. Corri a mão pelo meu cabelo e recostei-me nas almofadas do sofá novamente. Eu estava ficando louco, me perguntando se a mãe dela estava trazendo outro para casa e se ele manteria as mãos para si mesmo. Estava furioso por continuar voltando àquela sensação de perder algo; esse algo sendo Madeline.

Quando a mudança aconteceu? Quando me descobri querendo vê-la em vez de prosperar no meio de uma festa notória na cabana cheia de garotas dispostas e álcool? De alguma forma, substituí esses dois vícios por outro, mais potente.

Porra.

Minha mãe estava trabalhando hoje à noite, então eu não conseguiria obter atualizações sobre quem estava estacionando na garagem de Madeline. Dei-lhe informações suficientes sobre o pesadelo que Madeline teve no último fim de semana para ela não questionar quando pedi o favor. Ela sorriu para mim e disse: — *Veja. Protetor. Mas sim, querido. Vou garantir que nada de suspeito aconteça lá, embora sua mãe tenha feito um grande nome para si mesma.*

Então, como um relógio, me senti uma merda porque deixei escapar por uma fração de segundo que meu pai fodeu a mãe de Madeline e meus pais estavam prestes a se divorciar por causa disso. Ela ainda não tocou no assunto e eu ainda não falei com meu pai. Porque, foda-se ele.

Esse era mais um motivo para manter distância de Madeline. Ela e sua mãe, estavam no meio do drama da minha família.

Cortei um olhar para Christian e Ollie, que estavam a segundos de arrancar as cabeças dos oponentes de Piper e Hayley, antes de me levantar devagar e me mover preguiçosamente em torno de garotas bêbadas e vadias que continuavam ronronando para mim e o resto dos meus colegas bêbados. Entrei no meu Range Rover e esperei até que estivesse na metade do caminho para casa antes de enviar uma mensagem de texto para Ollie e Christian em uma mensagem em grupo.

Eu: Fui embora. Certifique-se de que nada seja quebrado. Voltarei para limpar amanhã.

Joguei meu telefone no porta-copo, aumentando a música para bloquear qualquer mensagem de texto recebida. De propósito, esperei para mandar uma

mensagem de texto em vez de dizer pessoalmente para onde estava indo, porque não estava pronto para seus olhares incrédulos.

Ollie e Christian me conheciam como a palma de suas mãos e ambos sabiam quando algo estava errado. Suspeitava que eles sabiam que eu estava indo para a casa de Madeline, e particularmente não gostava de mentir para eles, então evitar era a chave.

Praticamente o que eu deveria ter feito com Madeline.

Ri com a falta de controle que eu tinha sobre a situação com ela. De alguma forma, ela entrou na minha cabeça com seus olhos azuis sóbrios e me chamou para invadir sua vida. Para tirar sua privacidade e jogá-la pela maldita janela. Eu queria saber tudo. Ela me deu pequenos vislumbres, como uma espiada no sol atrás de nuvens escuras e preocupantes.

Nem sempre foi fácil ignorá-la quando ela estava transando com meu melhor amigo, mas era terrivelmente fácil odiá-la quando eu a culpava pela dor da minha mãe. Ela também aceitou. Madeline queria que eu a odiasse. Ela fez coisas para que todos a odiassem.

Mas agora, as coisas estavam mudando.

Foi fácil para ela na primeira vez que me empurrou. Eu deixei acontecer. Mas não ia facilitar dessa vez.

Tínhamos uma conversa para encerrar.

E um jogo de um-contra-um para completar.

Quando entrei na garagem, imediatamente olhei para a janela de seu quarto. A luz dela estava acesa, como de costume, mas eu não a vi olhando para baixo como se ela fosse uma Rapunzel da vida real ou algo assim. Se uma coisa era certa, Madeline não era uma Princess. Ela era mais como uma bruxa malvada disfarçada de Princess com sua bela aparência e cabelos dourados.

E se eu a conhecia, ela provavelmente estava planejando me evitar por causa do quão perto estava de desvendá-la na noite passada. Sabia que eu estava desabando sobre ela e se estava se sentindo como eu — e vamos encarar, ela estava —, então não conseguiria resistir muito.

Fechei a porta do meu carro com uma batida forte, esperando para ver se ela espiaria entre as nossas calçadas. Mas não fez isso. Não havia nem mesmo uma silhueta remanescente atrás das cortinas.

Ri enquanto corria até a porta da frente dela, usando a chave reserva que estava sempre no mesmo lugar. Quando fechei a porta atrás de mim, massageei um ponto no meu peito, esfregando o algodão que estava entre minha mão e meu coração. Estava batendo mais forte do que o normal. Rápido e alto, subindo a cada passo que dava para o quarto dela.

Meu punho se ergueu para bater, mas em vez disso, deixei cair minha cabeça contra a madeira, colocando as duas mãos no carvalho duro. — Eu sei que você está aí, Madeline. Abra.

Olhei para baixo para a luz saindo da parte inferior de sua porta, sorrindo para a pequena sombra dela parada do outro lado. — Deixe-me entrar.

Eu quis dizer isso tanto física quanto metaforicamente. — Por quê? — ela perguntou através da madeira.

Eu ri. — Porque temos uma conversa para terminar.

Seu suspiro foi quase inaudível. — Você deveria ir para casa.

Ela realmente achava que seria tão fácil se livrar de mim uma vez que ela me deixasse entrar?

— Vou quebrar a porta se for preciso.

Ouvi sua risada suave. — Você não vai.

— Me teste. — Fiquei sério e acho que ela me conhecia melhor do que eu pensava, porque abriu a porta depois de apenas alguns segundos.

A primeira coisa que notei foram seus lábios brilhantes novamente. Eles estavam mais vermelhos do que o normal e lambi os meus enquanto continuava a olhar. Seu cabelo loiro era sedoso e caindo sobre seus seios perfeitos. Uma fina camisa azul de manga comprida era a única coisa que me impedia de vê-la naquele sutiã rendado que estava me provocando.

Não lhe dei a chance de dizer nada enquanto caminhava para dentro de seu quarto. Eu imediatamente me sentei em sua cadeira, sorrindo para o livro em sua mesa. É o mesmo livro que peguei algumas semanas atrás, quando entrei sorrateiramente.

— Fazendo uma leitura um pouco perversa esta noite, não é?

Madeline fechou a porta atrás dela e descansou ao longo dela. Ela estava tentando colocar tanto espaço entre nós tanto quanto possível. Suas bochechas rosadas chamaram minha atenção quando ela olhou para o livro em minha mão.

— O quê? Não. — Ela balançou a cabeça rapidamente.

Me inclinei para trás e comecei a folhear as páginas. Podia vê-la se contorcendo, movendo-se de um lado para o outro com aqueles lindos pés descalços.

— Sabe, — comecei, virando as páginas lentamente. — Eu não sabia que você era uma leitora ávida, Madeline.

— Há muita coisa que você não sabe sobre mim, Eric. — Seus braços cruzados sobre o peito em seu comportamento indiferente típico.

Tínhamos feito muito progresso na noite anterior, para minha consternação, mas ela me fisgou. Ela realmente fez.

Coloquei o livro lentamente, nenhuma vez tirando meu olhar dela. — Exatamente por isso que estou aqui. — Meu coração estava batendo mais rápido, as coisas dentro do meu corpo enlouquecendo com ela em pé do outro lado da sala. Eu a queria perto. — Você nunca respondeu à minha pergunta.

Eu esperava que Madeline fosse se fingir de tímida. Para fingir que de alguma forma ela teve amnésia nas últimas vinte e quatro horas, agindo como se não tivesse ideia do que eu estava me referindo, mas para minha surpresa, ela não tinha. — Eu quero que você volte a me ignorar. Não gosto disso, Eric. Pare de bisbilhotar.

— Mmm, — cantarolei. — Lá está ela. — Madeline revirou os olhos, cruzando os braços ainda mais apertados sobre o peito. — Há essa garota espinhosa que eu observei ao longo dos anos, afastando todo mundo quando eles chegam perto demais para ser confortável.

Sua expressão nunca mudou. Ela apenas continuou olhando para mim, seus lábios em forma de arco franzidos.

Pulei da cadeira e seus olhos se arregalaram apenas uma fração. Se tivesse espaço para se mover, eu tinha certeza que ela teria dado mais um passo para trás quando eu chegasse mais perto. — Você disse que não queria que eu te odiasse mais, certo?

Seus olhos permaneceram um pouco mais na minha boca antes de ela desviar o olhar, e essa foi a coisa errada a fazer, porque algo estava explodindo dentro de mim. *Desejo*. Eu a queria. Queria sua boquinha sarcástica na minha. Queria devorá-la e mostrar-lhe o quanto *não* a odiava.

— Isso é você não me odiando? — Seu hálito quente atingiu meu rosto e um gole áspero desceu pela minha garganta. — Porque, de onde estou, parece que você está tentando me intimidar e fazer com que eu diga merdas que não são da sua conta. Isso parece muito com um jogo de poder odioso, não é?

Eu não disse nada. Em vez disso, atirei-lhe um sorriso quando senti seus mamilos endurecerem no meu peito. *Pise com cuidado, Eric*.

— Acho que você gosta de onde estou. Acho que você gosta muito.

Agora foi a vez dela engolir. Suas bochechas voltaram para aquela cor rosada que me disse tudo que eu precisava saber.

— Por que você tem medo de seu pai, Maddie?

— Você não pode me intimidar, Eric.

Sorri para ela, avançando meu joelho entre os dela. Madeline inclinou a cabeça para cima e nossas bocas estavam tão perto de se tocar que fiquei instantaneamente duro. Não havia como negar agora. Ódio ou não, eu a queria. A queria muito.

— Eu posso, Madeline. Ou... — Meu sorriso desapareceu quando senti o desejo surgindo em minhas veias. — Eu posso simplesmente tirar isso de você.

Seus olhos azuis ficaram encobertos, seu peito esfregando contra o meu com respirações pesadas. Eu realmente iria lá com ela? Agora mesmo?

— E se eu te disser para parar?

Fiz uma pausa, minhas mãos segurando sua cintura suavemente. Apenas o suficiente para deixá-la saber que eu não iria me exceder como os namorados de sua mãe que não tinham modos. — Então vou parar. Mas saiba... seu corpo me conta uma história diferente. — Empurrei contra ela e um gemido sem fôlego escapou dela. *Porra*. Eu precisava recuar. Se não fizesse, eu a beijaria. A beijaria com tanta força e rapidez, como na festa da fraternidade, e se ela me dissesse para parar, talvez eu tivesse que me jogar pela janela para fazer isso.

— Rápido, — sussurrei ao longo de sua orelha, arrastando minha boca para longe da dela. — Melhor me fazer odiar você, antes de fazer algo que ambos nos arrependemos pela manhã.

— Shh, — ela retrucou, colocando a mão no meu peito palpitante.

Fiz uma pausa, afastando-me dela apenas ligeiramente. Ela estava olhando para a janela. Senti a mudança de humor quase que instantaneamente. Seus olhos se arregalaram, sua mão empurrando meu peito com mais força. Ela estava no vidro antes que eu tivesse a chance de deixar meu pau mole novamente.

— Ah não. — O medo em sua voz estava de volta. Foi o medo que ouvi na outra noite, quando aquele filho da puta estava na casa dela. Aproximei-me dela, pronto para sentir aquela onda de raiva em chamas pelo meu corpo, mas não era quem eu pensava que era.

— Quem é aquele? — Perguntei, olhando para o rosto pálido de Madeline.

Ela parecia doente. O rubor rosado em suas bochechas estava totalmente pálido. *Por favor, me diga que não era outro maldito pervertido.*

O homem era alto, com pernas longas e magras, e parte superior do corpo musculoso. Você poderia dizer que ele passou horas na academia, aperfeiçoando seu físico. Tinha cabelo castanho-claro com uma mandíbula cinzelada e uma

grande mão segurava o braço da mãe de Madeline como se ele estivesse pronto para arrancá-lo. *Espere. Eu o reconheço.*

— Madeline? — Repeti. Ela me deu uma olhada e isso me abalou profundamente. — Esse é o seu pai, não é?

Seu tom me cortou. — *Sim.*

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Madeline

Fechei minha mão na de Eric com tanta força que pensei que poderia machucá-lo. Ele perguntou o que estava acontecendo quando o puxei para a luz do meu quarto, apagando-a, e novamente, quando joguei nós dois no meu armário escuro.

Eu odiava o escuro.

Mas odiava mais o meu pai.

O medo estava em meu estômago como um feixe de gravetos prestes a serem incendiados, a voz de meu pai sendo a gasolina e o grito de minha mãe sendo a partida. Eu sabia como isso aconteceria. Desde o segundo em que vi sua mão em seu braço, arrastando-a para a porta da frente, eu soube.

— Madeline, — Eric repetiu pela terceira vez; ou talvez fosse a trigésima, eu não tinha certeza. Posso ter perdido o equilíbrio com a súplica em sua voz. — Diga-me o que está acontecendo agora e por que diabos estamos amontoados em seu armário com você no meu colo.

Olhei para baixo, o que foi estúpido porque estava tão escuro que eu não conseguia ver nada. Eu estava sentada nele?

Me movi para descer, mas as mãos de Eric me puxaram de volta. Um arrepio passou por mim, me fazendo tremer.

Sussurrei: — Não quero que meu pai saiba que estou em casa.

Me mexi em cima dele, tentando acalmar minha respiração. Deus. Estava muito escuro aqui. O calor começou a formigar meu couro cabeludo.

Estou bem. É apenas Eric.

Racionalmente, eu sabia que era Eric. Mas a coisa com trauma e medo? Ele tinha uma maneira desagradável de distorcer a realidade.

— Pare de se mover assim, — ele falou rápido, seu tom baixo e rouco.

— Como assim? — Fiz uma pausa ao som da minha voz. Tudo soava ofegante.

Ele rangeu em meu ouvido. — Desse jeito. — Suas mãos esmagaram meus quadris para me fazer parar de me mover. *Oh.*

— Desculpe, é só... — Tentei equilibrar minha respiração. — Está escuro aqui.

— Sim, estou ciente.

— Não gosto do escuro e não gosto... — O som de algo quebrando ecoou pela casa e eu pulei, me sentindo como uma criança novamente. — Não gosto do que está por vir.

A mão de Eric soltou meu quadril e eu a senti envolver meu braço suavemente. Sua testa descansou na parte de trás do meu ombro enquanto ele corria pequenos círculos sobre minha pele. — Diga-me o que está por vir, Madeline. Por que estamos aqui? — Não tinha certeza se ele estava tentando me acalmar ou

não, mas estava funcionando um pouco. Funcionou o suficiente para eu recuperar o fôlego.

— Lembra quando você me perguntou se a razão pela qual te excluí há tanto tempo foi porque encontrei nossos pais dormindo juntos?

Seu polegar parou de se mover por um segundo enquanto ele balançava a cabeça contra minhas costas.

— Isso é verdade, mas... — Outro estrondo alto vindo do andar de baixo e um breve grito do meu pai me fizeram pular de novo, então eu disse as palavras rapidamente. — Há mais nesta história. — Respirei fundo, estremecendo antes de derramar. — Eu queria tanto te contar. Queria te contar porque eu sabia o quão errado era que eles estivessem traindo, mas não podia arriscar que você contasse para sua mãe e depois ela contasse para meu pai.

— Por quê?

— Porque meu pai é um psicopata, Eric. Ele bate na minha mãe. Em seguida, ele sai por meses e volta para casa para se desculpar depois de seu tempo fora. Apenas para fazer de novo. Se ele descobrisse que minha mãe estava dormindo com seu pai, ou qualquer um dos homens que ela traz para casa, não sei o que ele faria. Ele bate nela por causa de besteira. Ele só se perde.

Assim que as palavras saíram, os gritos ficaram mais altos. Eles estavam lá em cima agora. Eu podia ouvir o fantasma na voz da minha mãe muito mais claro.

— Você precisa se acalmar. Tome um drinque. Vamos apenas conversar. — Ela estava implorando e isso nunca era bom.

Meu peito estava apertado. Meu estômago se encheu de um pavor iminente.

A voz do meu pai rugiu e cerrei meus olhos, empurrando minhas costas ainda mais contra o peito de Eric. — Madeline sabe o que você tem feito? Como tem sido

vagabunda desde que fui embora? Que grande exemplo você deu para a minha princesa.

Princesa. Eu era a coisa mais fodidamente distante de uma princesa.

— Que ótimo exemplo eu dei? — Minha cabeça se levantou quando a voz cheia de medo da minha mãe se transformou em algo mais poderoso. *Esta é a hora em que ela se defende?* — E você?! — ela gritou, sua voz ficando rouca. — Você raramente vem para casa e, quando o faz, vem para me foder como velhos amantes e depois me joga como uma boneca de pano! Estou tão cansada disso! Cansada pra caralho. Claro que estou transando com outros homens! Pelo menos eles têm a decência de agradecer no final.

Tapa.

Um gemido suave escapou de mim e Eric estava me tirando rapidamente de seu colo. Entrei em pânico, agarrando seu braço com tanta força que ele poderia, muito bem, estar sangrando.

— Não! — Sussurrei, quase gritando. — Você só vai piorar as coisas!

Eric parou enquanto eu o puxava mais para trás. O calor de seu corpo estava me cercando, sua colônia picante invadindo todo o armário. — Madeline, eu sei que não sou o maior fã da sua mãe, mas não posso simplesmente ficar aqui sentado e ouvir um homem bater em uma mulher que não tem nem metade do seu tamanho.

— Eric, por favor! — Implorei, puxando-o de volta para onde estávamos. — Eu prometo que você vai piorar as coisas. Ele vai ficar mais zangado e é assustador quando está furioso. Sua raiva é interminável.

— Ele bateu em você? — Sua voz foi uma mordida na minha carne.

Hesitei antes de responder. — Uma vez. — Afastei a memória, minha mão distraidamente indo para minha bochecha como se a marca ainda estivesse lá. — Eu entrei no caminho.

— Madeline. — Estava de frente para ele agora, de joelhos, então nossos rostos estavam no mesmo nível. Meus olhos ajustaram um pouco na escuridão, mas tudo que eu podia ver era seu contorno. Suas mãos encontraram meu rosto e, embora fossem ásperas ao toque, ele segurou minhas bochechas como se fossem feitas de vidro.

— Minha mãe me fez prometer que eu iria me esconder se isso acontecesse de novo. E *já* saíria do meu quarto. — Balancei minha cabeça. — Ele vai parar. Ele vai. Ele vai pedir desculpas. E eles vão foder. — Engasguei com minhas palavras e empurrei como o inferno para fazer minhas lágrimas evaporarem. — E ele vai nos deixar em paz de novo e as coisas vão voltar ao normal.

— Você quer dizer normal como trancar a porta do seu quarto para que os homens não venham aqui para ter um gostinho de você? — Eric lentamente tirou as mãos do meu rosto e, por um momento, fiquei me sentindo completamente vulnerável. Mas então ele me puxou para seu corpo e me colocou em seu colo novamente. Meu armário era grande, mas o espaço em que estávamos, atrás da prateleira de sapatos, mal era grande o suficiente para nós dois. Suas pernas bateram na parede à nossa frente e as minhas bateram na parede ao nosso lado. Estávamos enredados um no outro, mas em vez de me deixar impaciente, me senti segura.

— Então, foi por isso, — ele sussurrou em meu cabelo, sua cabeça caindo no meu ombro novamente. — Foi por isso que você me excluiu? Porque estava com medo que eu contasse para minha mãe e ela contasse para o seu pai?

Minha mãe e meu pai ainda estavam gritando. Ele a estava acusando de todo tipo de coisa e ela o incentivava a se acalmar. Era muito parecido com um

carrossel; um carrossel fodido com animais de carnaval enferrujados que não paravam de girar até que alguém se machucasse.

— Sim, — sussurrei. — Eu não podia arriscar. E não conseguia entender como ainda seria sua amiga e se não contaria a você. Parecia errado.

Eric murmurou algo enquanto continuamos a ouvir meus pais. Meu pai não tinha batido nela de novo, ainda não, mas suas vozes estavam ficando mais altas. Tipo, alto do lado de fora do meu quarto.

— Onde diabos está Madeline? Vou apenas perguntar a ela. Ela não vai mentir para mim.

Errado. Eu mentiria muito bem para ele. Meu pai nem me conhecia. Éramos completos estranhos, embora eu pudesse desempenhar o papel de filha inocente muito bem quando ele estava por perto.

Meu coração começou a bater um pouco mais rápido. Minha garganta começou a fechar. Eu não conseguia respirar. Inclinei minha cabeça para cima, procurando uma fuga, mas não havia para aonde ir. Não havia outra fonte de oxigênio. Era apenas Eric comigo dentro do meu armário enquanto eu hiperventilava.

Engasguei com o ar e Eric me silenciou. — Vire-se e coloque a mão no meu coração.

Meu peito arfou enquanto eu engasgava, — O quê?

Eric rapidamente girou meu corpo para que eu ficasse de frente para ele. Minhas pernas foram em ambos os lados de seus quadris, então eu estava montada nele, mas estava muito preocupada em não conseguir respirar para me importar muito com isso. Sua palma envolveu meu pulso enquanto ele pegava minha mão e a enfiava por baixo de sua camisa. Seu peito estava quente ao toque e a pele sob

meus dedos tinha uma sensação especial; como nada que eu já tivesse sentido antes. Macio, mas rústico. Um pouco reconfortante, mas perigoso ao mesmo tempo. Suas palavras envolveram meu corpo como um casulo familiar. — Você sente o batimento do meu coração?

Balancei a cabeça, embora ele não pudesse me ver.

— Conte as batidas em sua cabeça, ok? Tente fazer o seu bater com o meu. Você tem que se acalmar, Maddie.

Meu peito estava subindo rápido, mas me concentrei na batida de seu coração. *Thump, thump, thump, thump.*

Prendi a respiração quando ouvi minha mãe implorar ao meu pai. — Madeline não está em casa. Eu já te disse isso.

As mãos de Eric seguraram minha cintura, me mantendo firme enquanto minha mão ainda descansava em seu peito. — É isso. Apenas se concentre nas batidas.

Balancei a cabeça novamente, relaxando lentamente meus ombros e respirando. Eu me senti caindo nele, desabando em seu ombro. Minha testa pousou no peito rígido, meu meio pressionando para baixo nele enquanto meu corpo ficava pesado.

Thump, thump, thump.

— É isso, — ele persuadiu quando uma de suas mãos veio e descansou atrás da minha cabeça. — Você está segura comigo.

Estou segura com ele. Eu estou?

A voz do meu pai cresceu quando ouvi uma porta bater em algo. Pulei em meu lugar, minha cabeça girando para a luz que entrava por baixo da porta do meu armário.

Um gemido quase imperceptível saiu da minha garganta.

— Madeline! — A voz do meu pai parecia agulhas sendo espetadas na minha pele, uma e outra vez. Sempre tive medo de injeções quando era pequena, minha mãe tendo que me segurar no consultório médico. Mas agora sentia milhões dela em minha pele com a raiva em sua voz. — Onde está? Você ao menos sabe onde ela está? O carro dela está estacionado do lado de fora.

Oh meu Deus. Ele virá me procurar.

Eric segurou meu rosto e trouxe minha testa até a dele. Seu sussurro eclipsou meu medo por um momento. — Não vou deixar ele te machucar.

— Madeline saiu com amigos. Eles a pegaram quando eu estava saindo. É só você e eu aqui. — *Ela está me protegendo. Ela sabe que estou aqui?* — Por favor, acalme-se. Vamos descer e conversar sobre isso como adultos. Não entendo por que está com tanta raiva. Não é como se você não tivesse casos quando parte.

Eu estava enrolada com força; cada músculo do meu corpo estava travado. Parecia que havia uma bigorna amarrada aos meus tornozelos, me arrastando para baixo.

— Você sabe disso há anos! Sabia disso quando se casou comigo. Mas eu nunca disse que não havia problema em você foder com outros homens. Talvez eu devesse simplesmente foder com eles para fora do seu sistema. É disso que você precisa?

— O que eu preciso é que você se acalme, *por favor*. — O pedido da minha mãe foi mais uma imploração. A súplica atingiu o ponto mais alto. Isso significava

que ela percebeu o olhar em seus olhos. Aquele olhar assustador, que causava calafrios na espinha.

— Vou me acalmar quando você disser.

Engoli em seco, empurrando-me ainda mais para Eric, como se ele fosse fazer tudo desaparecer.

— Dizer o quê? Podemos descer e conversar? Ou, pelo menos, saia do quarto da nossa filha.

— Talvez eu apenas te foda aqui.

As mãos de Eric seguraram minhas coxas, como se ele não pudesse acreditar no que meu pai acabara de dizer.

— Tom. Pare...

Tapa.

Esmaguei meus lábios, de repente me sentindo muito, muito chateada. O que havia de errado com ele?

— Diz. Diga agora.

— O que você quer que eu diga?

— Que você é minha. Que você continuará sendo minha, mesmo depois que Madeline fizer dezoito anos. Que você sabe que ainda vou arruinar você, mesmo que eu não possa ficar com a custódia. Vou colocá-la contra você tão rápido que não saberá o que fazer.

Espera. O quê?

O choque substituiu a raiva e o medo que eu estava sentindo. Isso me fez levantar lentamente do ombro de Eric. Minhas mãos de alguma forma encontraram seu caminho para as dele, sentando-me aberta em minhas coxas. Sentei-me nos calcanhares, ainda montada em seu colo. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia do que meu pai estava falando e estava chocada demais para entender.

— Eu sou sua, Tom. Você sabe que nunca vou te deixar. Lamento ter saído com outro homem. Apenas sinto sua falta.

Eu sabia o que significava a submissão da minha mãe. Isso significava que a luta estava quase acabando. Isso significava que estava recuando e deixando que ele fizesse o que queria, como de costume, mas ela ficou com ele o tempo todo por minha causa?

Um soluço sufocado estava batendo no fundo da minha garganta.

— Boa garota, — meu pai ronronou, e assim, a luz do meu quarto foi desligada, transformando o armário em um abismo de escuridão sem fim novamente.

E aqui eu pensando que minha mãe era uma das pessoas mais egoístas da terra.

Mas eu estava errada. Muito errada.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Eric

O armário que Madeline tinha me enfiado dentro era escuro e abafado, cheio de um perfume suave que não deveria pertencer a uma garota como ela. De repente, tudo fez sentido. A maneira como se fechava deliberadamente e ficava com medo se alguém se aproximasse demais dela. Meu peito estava rachando enquanto ela tremia no meu colo. Surpreendeu-me o quanto eu queria envolvê-la em meus braços e tirá-la deste armário estúpido e colocá-la na curva do meu braço pelo resto da eternidade.

Havia muita coisa errada com toda essa situação.

A raiva dirigida a seu pai estava boa e ainda por trás da dor que eu sentia por ela. Madeline foi cortada, mas eu era o único sangrando.

Os gritos de antes haviam sumido agora. Estávamos confinados neste pequeno espaço por tanto tempo que tudo parecia estagnado. Madeline não tinha se movido nem um centímetro desde que seus pais deixaram seu quarto. Nem mesmo uma pequena contração de sua perna.

— Então, é por isso? — Minhas mãos estavam descansando em suas coxas, minhas costas duras contra a parede atrás de mim. — É por isso que você nunca

deixa ninguém chegar perto de você? Por que nunca houve um único amigo em sua casa. Por que nunca houve um cara aqui. Nem mesmo Christian.

A admissão que eu estava lhe dando, aquela que confessava o quão de perto a observei ao longo dos anos, significava que estava dando uma trégua. Estava farto da minha pequena charada de odiá-la. Havia coisas muito maiores em jogo do que eu culpá-la pelo casamento difícil dos meus pais. *Porra*. Madeline disse que era egoísta, mas estava muito longe de ser.

— Você notou isso? — Sua voz falhou em pontos que me fizeram recuar.

— Sim. — Pausei. Minhas mãos estavam imóveis em suas pernas. Eu gostaria de poder ver seu rosto, sua expressão. Ela ainda estava à beira de quebrar? Ainda estava com medo? — Eu te conheço muito melhor do que você pensa.

A abertura de sua boca soou ao nosso redor no pequeno espaço. Você podia ouvir até a última respiração que nós dois respiramos. — Eu pinteí você para ser a vilã, Madeline. — Ri baixinho, meus dedos apertando suas coxas para chamar sua atenção. — Você não é uma vilã, de jeito nenhum.

Ela foi rápida em rebater. — Sim, eu sou. Eu fiz muita merda ruim ao longo dos anos. Eu sou vingativa e egoísta.

— Você é a pessoa menos egoísta que conheço. Você desistiu de amizades verdadeiras para proteger sua mãe. Como isso é egoísta?

Ela suspirou, seu hálito quente se misturando ao meu. — Não justifica por que eu fui uma vadia para todos. — Ela parou por um segundo antes de sussurrar para si mesma, como se estivesse percebendo isso pela primeira vez. — Talvez Hayley estivesse certa. Talvez eu fosse uma vadia porque alguém me fez sentir inferior. Agia assim, atormentava as pessoas, fazia com que me temessem em vez

de me amar, porque queria me sentir superior. Eu queria que esse poder os ferisse primeiro. — Sua risada leve foi sarcástica. — Não sou melhor que meu pai.

— Não. — Agora meus dedos estavam cravando em sua pele. — Isso não é verdade.

Como eu poderia fazê-la se ver do jeito que a via? Ela não era egoísta; estava com medo. Não queria que ninguém se aproximasse dela porque estava protegendo a si mesma e a sua mãe, mesmo sem perceber.

Madeline pressionou-se contra mim com força e meu pau basicamente convulsionou sob seu calor, mas fui rápido em ignorar. Suas mãos agarraram meus pulsos enquanto ela os erguia de suas pernas. — Preciso te lembrar de todas as coisas ruins que eu fiz? Que sabia que nossos pais estavam transando há anos? Preciso lembrar a você que todo mundo na escola me odeia, porra?

Tirei suas mãos de meus pulsos com força e a apertei mais perto de mim com uma força que despertou algo enterrado dentro do meu peito. — Pare de tentar me fazer odiar você. — As palavras rangeram entre meus dentes como uma lixa em minha língua. — Agora não.

— Você precisa me odiar, — ela rangeu de volta, seu cabelo em torno de nós dois, fazendo cócegas na pele dos meus braços. O hálito dela estava quente, visto que balançou na minha frente como um bife suculento na frente de um cachorro faminto. Meu coração bateu forte; meu sangue pulsava ao meu redor. Minhas mãos agarraram seu corpo como se ela fosse a única coisa me segurando no chão.

— Você quer que eu te odeie? Quer que te deixe aqui sozinha depois de tudo que você acabou de me dizer? — Agarrei seus quadris e sua respiração ficou presa. — Isso é muito ruim. Não vou deixar você me afastar de novo.

Segundos quentes e pesados se passaram entre nós. O armário estava estranhamente silencioso, exceto pela nossa respiração enquanto ambos deixamos

o sentimento pairar no ar. Eu finalmente a ouvi respirar fundo antes de lentamente começar a se mover sobre mim de uma forma que me fez fechar os olhos e segurar um gemido. Madeline era uma pequena granada quente em minhas mãos que estava pronta para entrar em combustão. Eu pude sentir isso. A eletricidade. A faísca. A atração entre nós. A queda emocional.

— Você está jogando um jogo perigoso agora com todas essas regras misturadas.— Minhas mãos foram para o rosto dela, meus dedos se perdendo em seus cabelos sedosos. — Num segundo você está me afastando e no próximo me puxando para perto. O que você quer, Madeline? Quer que eu te odeie? Ou é o oposto?

— Agora mesmo? Só quero você. — Ela estava sem fôlego, mal conseguindo pronunciar as palavras. Seu peito pressionado contra o meu, seus mamilos apertados esfregando ao longo da minha camiseta. — Isso é bom, e eu sei que é uma merda depois de tudo que acabamos de ouvir entre meus pais, e depois de tudo que você sabe sobre mim, mas já faz muito tempo que não me sinto assim. Você pode voltar a me odiar pela manhã.

Sufoquei um gemido. *Foda-me.*

Meu pau ficou instantaneamente duro quando ela passou as mãos no meu peito e ao redor da minha cabeça. Eu a agarrei mais forte, pressionando sua boceta no meu pau. — Madeline... — eu avisei. Não deveríamos estar fazendo isso. Seu corpinho firme tremia em minhas mãos. E eu estava perdendo rapidamente o controle de toda a racionalidade em minha cabeça. — Você tem certeza disso?

— *Sim.*

CAPÍTULO VINTE E SETE

Madeline

Isto estava tão errado em muitos níveis. Completamente fodido. Eu estava me esfregando em Eric, movendo meu corpo de uma maneira que não fazia há muito, muito tempo. E não conseguia encontrar nem mesmo um lampejo de redenção dentro da minha cabeça.

Minhas emoções estavam correndo soltas. Medo, raiva, vergonha, raiva de novo e agora desespero. Ficar trancada com Eric no meu armário muito escuro era como uma poção ilícita sendo forçada pela minha garganta. Eu estava excitada, meu corpo tomando conta de cada grama de realidade e fazendo-a desaparecer completamente. Só queria me sentir bem e estava me voltando para o pecado para fazer isso acontecer.

Minha mãe acabou de ser controlada por meu pai e, no meio disso, eu soube que ela ficou com ele por mim. A culpa estava se aproximando da esquina, espreitando como um predador nas sombras em uma noite escura e sombria. Mas eu estava afastando tudo para poder ter apenas um único segundo de felicidade antes que tudo desmoronasse.

Talvez essa fosse a maneira do meu corpo me proteger da dor que eu estava prestes a sentir.

O que quer que seja.

Não me importava.

Só conseguia me concentrar nos dedos ásperos de Eric segurando meu corpo como se ele fosse me devorar.

— Você esteve com alguém desde...? — A boca de Eric roçou a minha de uma forma hesitante e me senti como se estivesse morrendo, uma morte lenta e dolorosa. Meu corpo inteiro estava tenso. Eu sofria.

— Sim.

Ele gemeu e seus dentes afundaram em meu lábio. Meu núcleo inflamou. — Quem? — ele perguntou enquanto o soltava. Suas mãos percorriam meu corpo, um dedo deslizando pela minha espinha, me fazendo estremecer.

— Não é da sua conta. — Eu estava ofegante quando o nariz de Eric esfregou ao longo da minha bochecha. Ele rosnou quando seus dentes me arranharam. *Oh meu Deus.* — Eu estava desesperada. Queria substituir o ruim pelo bom. Então, usei alguém com pressa. Esperava que isso acabasse com os pesadelos.

Ele se afastou e eu não só odiava o escuro por outros motivos, mas também odiava porque não podia vê-lo. Imaginei seus olhos cinzentos, todos encobertos com êxtase e luxúria. — E não funcionou, — afirmou.

Gemi quando seus quadris empurraram para cima, momentaneamente parando a dor entre as minhas pernas. — Não.

Suas mãos pararam de se mover pelo meu corpo e eu o ouvi tomar um gole áspero. — Talvez não devêssemos...

Minhas palmas encontraram seus ombros, e pressionei contra ele novamente e sussurrei: — Por favor, não me faça sentir mais prejudicada do que já estou.

Ele esfregou sua dureza na minha cintura, como se não conseguisse parar. — Madeline, estou tentando ser um cara legal agora. Vou fazer você se sentir bem, se é isso que quer. Mas não se você vai se arrepender mais tarde.

— Tenho certeza de que ambos nos arrependeremos mais tarde, mas não me faça implorar, Eric. — Meu estômago afundou quando senti seu hálito quente pairar sobre minha boca.

— Diga-me se você quiser que eu pare.

Não tive a chance de dizer-lhe “tudo bem”, porque segundos depois sua boca cobriu a minha com tanta força que perdi o fôlego. Suas mãos estavam em meus quadris, me movendo para frente e para trás sobre sua dureza enquanto sua língua assaltava minha boca. Eu gemi, a fricção embaixo me fazendo agir totalmente desesperada. Ele mordeu meu lábio com força, me trazendo de volta do meu barato antes de sussurrar: — Se não ficar quieta, não posso fazer o que você precisa.

Balancei a cabeça, incapaz de falar.

— A última coisa de que precisamos é que seu pai venha te procurar.

Apertei minhas coxas em torno dele. *Jesus*. O que estava errado comigo? Esse pensamento deveria ter me assustado até a morte. Eu deveria ter descido do colo de Eric com o mero pensamento de meu pai estar por perto, mas fez o oposto. Por alguma razão, o pensamento de ser pega me fez queimar ainda mais; o que era tão fodido.

Ele estava certo. Eu estava jogando um jogo perigoso. Eric fez sentir ser invencível. E ele estava fazendo meu corpo reagir de maneiras que eu nunca conseguiria replicar. Estava implorando para ele me tocar, para fazer a dor desaparecer, e esse foi um pensamento bem-vindo, porque eu não tinha certeza se me sentiria assim novamente.

A mão de Eric deixou minha cintura e a decepção foi como ser atropelada por um caminhão, mas quando seus dedos roçaram a pele acima do meu quadril, a decepção evaporou. Eu perdi o foco. Me senti tonta. Seus lábios estavam de volta nos meus e eles eram tão macios e carnudos que eu tive dificuldade em não afundar meus dentes neles. Ele estava me deixando louca.

Quando sua mão deslizou por baixo do meu sutiã e a ponta do polegar roçou meu mamilo, meus olhos se abriram. — Eric. — Meu sussurro se transformou em um gemido ofegante.

— Shh, — ele silenciou. — Apenas aproveite o passeio. Eu sei o que você precisa. Deixe-me dar a você.

Apertei meus quadris sobre ele, precisando sentir aquela sensação áspera. Joguei minha cabeça para trás e engasguei quando ele beliscou meu mamilo. O calor tomou conta de mim e meus dedos do pé começaram a formigar.

— Por favor, — implorei, não me importando com o quão desesperada eu soasse. Ficaria em minhas mãos e joelhos se fosse necessário. — Mhm. — Seus dentes roçaram minha orelha e arrepios cobriram meu corpo. Sua outra mão, a que me moveu indo e voltando sobre sua calça jeans, foi para a frente da minha leggings e por baixo da minha calcinha rendada.

Sim. Sim. Sim.

Eu levantei meu corpo, precisando de seus dedos para fazer sua mágica. Seu polegar sacudiu sobre meu clitóris e empurrei meus quadris para frente. — Isso... isso é bom.

— Eu sei, baby. Foda a minha mão, Madeline. Faça você se sentir bem. Você disse que era egoísta. Mostre-me quanto.

Morte pela boca suja de Eric parecia uma ótima maneira de morrer. Afundei quando seu dedo entrou em mim e pressionou minha testa contra a dele. — Oh meu Deus, — resmunguei, movendo meus quadris para frente e para trás. — *Eric*.

— Shh. É isso, baby. Encontre aquele ponto.

Ele precisava parar. Tinha que parar de falar assim. Eu estava com vontade de confessar meu amor por ele. Estava chapada. Eric era uma droga. Seus dedos, sua boca, sua voz. Seu coração. Tudo isso.

— É muito... — Meus quadris estavam se movendo; seus dedos estavam bombeando para dentro e para fora, seu polegar roçando meu clitóris sensível.

— Bom. É bom pra caralho.

A boca de Eric estava na minha e isso só deixava as coisas ainda mais quentes. Eu senti um aperto lá embaixo e uma faísca de calor começar no meu couro cabeludo.

— Venha para mim, Maddie.

Meus quadris se moveram mais rápido, perseguindo uma onda pela qual eu estava absoluta e irrevogavelmente apaixonada. Meu corpo inteiro entrou em choque quando gozei. Os lábios de Eric selaram minha boca, abafando qualquer ruído possível que quisesse sair.

Uma respiração pesada me deixou enquanto eu desabava sobre ele, minha mente e corpo inteiros saciados.

Eu não tinha certeza de quanto tempo demorou, mas, eventualmente, meu peito parou de arfar e meus olhos ficaram pesados. Eric puxou o dedo de mim lentamente e choraminguei quando a sensação passou por mim. De repente, eu queria mais. Queria mais antes que amanhecesse e voltássemos para nossa versão

fodida de *nós*. Comecei a me mover, mas ele me parou. — Não mais esta noite; você precisa dormir.

Eu mal conseguia formar palavras. — Nuh-uh.

Seus lábios roçaram minha testa de uma forma doce e um pequeno pedaço do meu coração danificado se curou. — Você passou por um inferno emocional, Maddie. Vá dormir. Vou ficar com você até o amanhecer e então vou fugir. Apenas durma, ok? Eu vou afugentar os pesadelos.

De alguma forma, Eric manobrou meu corpo sem que eu soubesse e me deixou enrolada em cima dele com nossas pernas entrelaçadas. Era um espaço pequeno, mas não me importei porque isso significava que eu estava mais perto dele. Seus braços estavam em volta de mim e me senti tão bem.

Eu sabia que de manhã as coisas ficariam feias, mas agora, elas eram lindas. Me senti linda e adorada. *Inteira*.

Então fiz exatamente o que ele disse. Fui dormir e fingi que estava tudo bem.

CAPÍTULO VINTE E OITO

ERIC

Beijar Madeline era como ter uma mão no inferno e a outra no céu. Seus lábios eram tão doces como os de um anjo, mas sua língua era tão sedutora quanto o Éden. Em algum momento durante a noite, eu a carreguei para sua cama e a deitei. Seu cabelo estava uma bagunça selvagem, os fios emaranhados de minhas mãos. Suas roupas estavam desarrumadas, seu sutiã meio fora por baixo de sua camisa, mas porra, ela ainda estava de alguma forma tatuando seu nome em tinta preta espessa no meu coração.

Estraguei tudo. Fui contra tudo o que disse a mim mesmo ao longo dos anos. Eu a deixei entrar e agora não havia volta.

Eu queria torná-la minha.

Queria protegê-la.

Queria envolver minhas mãos em torno da garganta de cada pessoa que ousasse fazê-la se sentir inferior.

Meu coração estava batendo forte atrás do meu peito, minhas costelas quebrando enquanto eu pensava em como ela ficou com medo quando ouviu seu pai e sua mãe discutindo. A obstinada ex-rainha da English Prep foi substituída por uma garota frágil e medrosa que pegou meu coração em suas mãos trêmulas e espremeu a vida dele.

Minha mãe estava certa.

Madeline não era a culpada.

Olhei pela janela quando o sol estava começando a nascer. Laranjas, vermelhos e amarelos começaram a riscar o céu escuro, me avisando que era hora de me desvencilhar de seus membros macios e sair do quarto. Olhei para sua bochecha delicada, querendo beijá-la uma última vez antes de sair, mas me contive.

Ela foi dormir por volta de uma da manhã e eu não queria acordá-la. Principalmente porque não sabia o que dizer ou fazer, mas também porque ela precisava dormir.

Seu corpo magro estava aninhado em mim, dificultando desaparecer. Uma de suas pernas estava enganchada sobre a minha, sua cabeça descansando logo abaixo das batidas do meu coração. Quando me inclinei para o lado, sua perna apertou, tentando me prender. Seu braço se moveu logo abaixo do botão da minha calça jeans e meu pau ficou duro em um segundo.

Excelente.

Tranquei minha mandíbula, escorregando para fora rapidamente antes de virá-la de costas e acordá-la como eu realmente queria; com minha cabeça entre suas pernas.

Ela e eu cruzamos a linha ontem à noite, jogando a cautela ao vento e deixando nossos hormônios falarem por nós. Tentei dizer a mim mesmo que Madeline era frágil, quer ela quisesse admitir isso ou não, e que eu precisava conter meus impulsos, mas a maneira como seu corpo cantava quando a toquei fez meu cérebro disparar. Estava muito escuro no armário para realmente vê-la, mas ela era tão gostosa. Eu tinha certeza de que ainda podia sentir o gosto de sua língua na minha.

Após olhar pela janela e perceber que provavelmente quebraria o cano de esgoto que ela usava para descer furtivamente ao sair de seu quarto, espreeitei para fora da porta do quarto e escutei.

Demorou alguns segundos antes de ouvir barulho no corredor. Parte de mim, queria que o pai dela me encontrasse aqui. Talvez ele desse um soco em mim e então eu teria uma desculpa ainda melhor para arrancar sua cabeça. Claro, o pai dela pode ser um pouco maior, mas eu vinha brigando desde que me lembrava. Até mesmo Christian e eu tínhamos ido algumas rodadas.

A raiva tinha uma maneira de torná-lo mais forte do que você realmente era. E eu estaria muito mais furioso do que ele, se estivéssemos cara-a-cara.

Madeline não era sua *princesinha* como ele a chamou na noite passada. Ela era minha.

Meu pé balançou para frente e para trás ao longo da soleira de seu tapete macio e do corredor, esperando que ele saísse do quarto que eu estive alguns meses antes, vendo sua esposa ser pega pelo meu pai, mas o embaralhamento de alguns segundos atrás se transformou em gemidos baixos.

O barulho de batida repetido era muito familiar para mim.

A mãe de Madeline estava gemendo ainda mais alto agora. *Muito* alto. Eu diria que ela estava fingindo um orgasmo.

Quase ri enquanto caminhava em direção às escadas, mas a ideia de deixar Madeline me deixou impaciente, mesmo que não houvesse outra escolha. Eu não poderia sequestrá-la de sua casa só porque seu pai era um idiota misógino e abusivo com sua mãe, mas queria.

A preocupação já estava me corroendo. Não gostei da ideia de deixá-la em uma casa com um homem assim e era exatamente por isso que já estava tentando descobrir uma maneira de vê-la esta noite.

Assim que desci os degraus da frente de Madeline, peguei meu telefone do meu carro e mandei uma mensagem rápida, pedindo-lhe para me avisar quando acordasse, e então olhei a mensagem em grupo da noite anterior.

Christian: *Onde você foi?*

Ollie: *Aposto que sei onde.*

Christian: *Pare de nos ignorar. Você está com Madeline? Cara, não faça isso. Não se confunda com ela.*

Ollie: *De verdade. Você provavelmente terá febre por arranhadura de gato.*

Christian: *Aqui é Hayley. Não dê ouvidos a eles. Faça o que você quiser.*

Ollie: *Ou com quem você quiser.* 😏

Christian: *Se você está transando com ela, ótimo. Mas não se deixe envolver por ela. Madeline é tão inatingível quanto ela parece. Ela vai acender você e rir enquanto sua pele queima. E certifique-se de usar camisinha. Ouvi um boato de que ela transou com Benny Cline do Oakland High. Ele é rodado.*

Eu parei de andar. Foi esse que ela fodeu, depois de tudo?

Ollie: *Como você sabe que ele é rodado, Christian?*

Christian: *Pare enquanto pode, Ol. Eu vejo onVocde isso vai dar.*

Uma hora depois, Christian mandou uma mensagem novamente.

Christian: *Eric, por que você está nos ignorando? Com medo de te convencer a não foder a garota que você jurou que odiava?*

Ollie: *Você jurou que odiava Hayley e olhe para você agora, mano. Pronto para propor.*

Christian: *Claro que estou. E você não tem espaço para falar. Você e Piper são iguais.*

Ollie: *Da, da, da-dum. Da, da, da-dum.*

Christian: *Por que você é tão chato? Mesmo por texto?*

Ollie: *Da, da, da-dum. OH! POSSO SER A FLORISTA???*

Christian: *Você é inacreditável.*

Eu ri e continuei lendo os próximos textos, que vieram algumas horas depois.

Ollie: *ERIC! Alguém roubou o vaso da sua mãe. O que estava sobre a lareira.*

Ollie: *OH MEU DEUS. AGORA ESTÃO JOGANDO BATATA QUENTE COM ELE.*

Ollie: *E... está quebrado. Me desculpe, cara. Nós tentamos.*

Ollie: *Ok, ele não deve estar com o telefone. Ele teria aparecido se soubesse que alguém estava mexendo com a merda de sua mãe.*

Christian: *Ou ele sabe que iríamos quebrar seus braços se alguém tocasse em alguma merda que não deveria.*

Ollie: Verdade. Tudo bem, Eric. Terminamos de enviar mensagens de texto para você. Divirta-se fodendo Madeline, embora você vá negar pela manhã.

Enfiei meu telefone no bolso, ignorando meus dois melhores amigos e suas mensagens incessantes, e comecei a caminhada de volta para minha casa, que ficava a um total de quatro metros de distância. Ollie e suas brechas sábias não eram incomuns, e eu sabia que ele provavelmente não dava a mínima se eu estivesse envolvido com Madeline. Mas, Christian, era uma história diferente. Ele não estava fazendo graça da situação. Ele não confiava em Madeline e estava me informando sempre que podia. Ele sabia que eu faria o que queria no final, porque era quem eu era, mas ele também queria deixar o aviso lá fora. Respeitei isso.

Christian era o rei da English Prep, mas eu estava longe de ser nobre. Não recebia ordens dele. Fiz o meu melhor para desligar meus sentimentos quando ele e Madeline estavam juntos, porque ele era meu melhor amigo e minha ignorância por ela se transformou em ódio, mas agora as coisas eram diferentes. Eles não estavam mais juntos e eu não a odiava.

Madeline era um jogo justo.

— Estranho ver você tão cedo.

Voltei minha atenção para minha varanda, encontrando minha mãe sorrindo com uma caneca fumegante. Olhei para trás para a garagem e vi seu SUV estacionado atrás do meu Range Rover. *Quando ela chegou em casa?*

— Pensei que você estava trabalhando no turno da noite? — Devagar comecei a caminhar até a varanda, meus sapatos arrastando-se pelos degraus com facilidade.

— Noite lenta no pronto-socorro. Tenho horas extras, então fui a primeira a sair.

— Ah, entendi, — eu disse, balançando a cabeça enquanto me sentava ao lado dela no balanço. Ele rangeu ao descer e minha mãe soltou uma risada, olhando para as molas.

— Então, — ela começou, tomando um pequeno gole de seu café. Assim que ela terminou, lancei-lhe um meio sorriso e ela revirou os olhos, entregando-me a caneca. A bebida quente colombiana cobriu minha língua e, por um momento, fiquei um pouco ressentido por ela ter substituído o gosto de Madeline. — Onde você estava?

Eu deslizei a caneca de volta para ela, e ela a pegou graciosamente. — Por que fazer uma pergunta para a qual você sabe a resposta?— Eu levantei uma sobrancelha e ela sorriu para sua caneca novamente.

— Está tudo bem com Madeline?

Lembrei-me de alguns dias atrás, quando dei a ela detalhes *mínimos* sobre a provação de Madeline gritando no meu quarto. Ela não fez muitas perguntas, mas eu sabia que estava preocupada.

Olhando de volta para a casa de Madeline, respondi com integridade. — Na verdade, não.

— Posso fazer alguma coisa?

Meu peito queimava e não tinha nada a ver com o café quente que acabei de beber. Eu me senti dividindo em dois, como um pedaço rasgado de papel de caderno. Eu estava tendo um leve vislumbre de como Madeline se sentiu quando descobriu que meu pai havia traído com sua mãe. Teria sido difícil pedir-me para não dizer nada com medo de que o pai dela descobrisse. Assim como era difícil eu pedir o mesmo favor à minha mãe. — Sim. — Corri minhas mãos pela frente do meu jeans. — Você não pode dizer nada para o pai de Madeline? Você sabe... —

Engoli em seco, incapaz de encontrar seus olhos. *Era certo eu pedir isso a ela? — Que a mãe dela e... o pai...*

A mão da minha mãe pousou no meu punho cerrado, desgrudando os meus dedos de cavar na palma da minha mão. — Eric. — Eu não conseguia olhar em seus olhos. Eu me senti um merda. Não era justo que eu estivesse perguntando isso, mas também não era justo que Madeline estivesse na situação em que estava. — Você realmente acha que eu faria algo assim? O casamento deles não é da minha conta.

— Não, — me apressei, travando os olhos nos dela. Minha mãe era uma santa. Não havia nada de vingativo nela. — Eu não. Mas só tinha que dizer, só para garantir.

Ela balançou a cabeça lentamente, seu rosto se transformando em preocupação. — O que está acontecendo, baby? Você está preocupado. Eu posso dizer.

Hesitei por um momento, olhando para a casa de Madeline novamente, olhando para o Jaguar de seu pai na garagem. Não tinha certeza do que a minha mãe faria, mas parecia doentio que ninguém soubesse o que Madeline estava passando. Eu queria vir em sua defesa por algum motivo. Queria provar que Madeline não era essa pessoa horrível que todos pensavam que ela era. Queria provar seu valor para minha mãe.

Mas mantive minha boca fechada enquanto meu telefone vibrou no meu bolso.

Maddie: *Eu sei que você voltou a me odiar, mas por favor, não conte a ninguém sobre a noite passada. Ninguém pode saber, Eric.*

Eu não tinha certeza se ela estava se referindo a seu pai ou à parte em que ela gozou na minha mão.

Eu: *Diga a sua mãe que você vai ficar com um amigo esta noite.*

Ela mandou uma mensagem de volta instantaneamente.

Maddie: *Isso deveria ser alguma piada sobre eu não ter amigos?*

Ri baixinho, olhando para minha mãe de lado, que estava olhando diretamente para mim.

— Noite de cinema hoje à noite? E você se importa se eu trazer uma amiga?

Ela sorriu. — Diga a Madeline que é uma festa de pijamas. Sem pijamas, sem admissão.

Eu ri, balançando minha cabeça. Nós costumávamos dar festas de pijamas o tempo todo quando eu era mais jovem, especialmente quando meu pai estava em uma viagem de trabalho. Obviamente, fazia muito, muito tempo desde que tínhamos feito algo assim, mas parecia perfeito para Madeline. Ela precisava de um pouco de normalidade em sua vida, precisava sair de casa e se afastar do casamento fodido de seus pais.

Eu: *Minha casa, 19h. Minha mãe disse que você tem que usar pijamas.*

Maddie: *O quê?*

Eu: *Te vejo às 19 e nem tente inventar uma desculpa. Eu sei onde você mora e irei buscá-la se for preciso. Pai em casa ou não.*

Coloquei meu telefone de volta no bolso, sabendo que ela provavelmente não responderia. Minha mãe me cutucou com o ombro, devolvendo a xícara de café para mim.

— Estou aqui quando você quiser falar sobre isso, ok?

Não respondi a ela. Em vez disso, nós dois sentamos na varanda em silêncio enquanto eu tentava organizar meus pensamentos, que giravam em torno da garota da porta ao lado que jurei que nunca deixaria entrar.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Madeline

Me surpreendi como meu pai poderia se transformar de monstro em herói em questão de poucas horas. Como ele poderia saborear seu café com um sorriso radiante, dominando meu cabelo e envolvendo os braços em volta da cintura da minha mãe como se ela fosse sua casa pessoal.

Ela estava rígida, sem que ele soubesse, mas sua postura não estava nem perto de relaxada. Ela ficou na pia e olhou pela janela enquanto meu pai se sentava comigo à mesa e tomava café da manhã como se não tivesse batido em minha mãe na noite anterior.

Quando acordei esta manhã, a primeira coisa em minha mente foi Eric. Eu podia sentir o cheiro dele em minhas cobertas e seu beijo em meus lábios. Meu corpo estava saciado e relaxado. Cheio de luz. Até que me lembrei do que me levou a esse sentimento.

Pulei da cama, quase tombando no carpete, e corri para minha janela. O medo pesou sobre mim quando vi que o Jaguar do meu pai ainda estava lá, o que significava que a noite passada não foi o início de um pesadelo que se transformou em um sonho feliz. Isso significava que meu pai estava em casa e eu tinha me perdido completamente na frente de Eric.

Provavelmente foi errado o que fizemos. Eu sabia, no fundo, que seria a única ferida no final. Até onde sabia, Eric estava apenas fodendo comigo. Brincando comigo. Pode ser parte do jogo dele. Afinal, ele disse que me arruinaria.

Mas não me importei. A dor valia a pena. Eric me fez sentir tão bem e segura. Eu estava cheia até a borda de emoções. Ele era tudo em que eu conseguia pensar enquanto tomava o café da manhã; até que meu pai bateu com a mão na mesa.

Pulei quando os talheres tilintaram e olhei para ele. Seus olhos azuis brilhantes eram redondos, mas eles suavizaram no último segundo, pequenas rugas se formando nas bordas. — Princess, eu te fiz uma pergunta.

— Oh, desculpe, — murmurei, olhando ao redor da cozinha cintilante por minha mãe. *Para onde ela foi?* — O que você perguntou?

Ele se mexeu desconfortavelmente na cadeira, a camisa desabotoada no topo. — Você notou algum novo amigo da sua mãe? Alguém veio recentemente?

Não perdi o ritmo. — Não. Por quê? — Dei uma grande mordida nas minhas panquecas, me dando tempo de sobra antes de responder a outra pergunta. Recostei-me na cadeira, parecendo entediada.

— Tem certeza?

Engoli, colocando meu garfo na mesa. — Ela está em casa, exceto por algumas reuniões no clube aqui e ali e as coisas normais que ela faz, como compras de supermercado. — Não me incomodou nem um segundo com a facilidade com que a mentira saiu. Eu tenho praticado essas falas por anos.

Ele não pareceu satisfeito com a resposta, mas deixou passar. — Ok, bem, vou sair com ela hoje à noite, mas tenho que ir amanhã cedo. Você gostaria de ir também?

Absolutamente não. Por favor, vá embora.

— Por que vocês dois simplesmente não vão e têm um encontro? Já faz um tempo desde que você voltou para casa, papai. Ela sente sua falta. — *Venda isso, Madeline. Faça-o pensar que é o mundo dela. Exatamente como ela disse para você fazer.* Se eles pudessem passar esta noite, as coisas voltariam ao... normal.

Ele sorriu enquanto seus olhos escureciam. — Já faz um tempo que você não me chama assim, Princess. E você está certa. Isso foi há algum tempo. Não se preocupe, vou mudar isso em breve. Quase mudei toda a empresa. Estarei mais em casa quando as coisas se acalmarem.

Minhas bochechas continuaram a se elevar, mas por dentro, eu estava completamente exausta. Tudo que queria fazer era voltar ao meu casulo de pensar em Eric para que pudesse fingir que a realidade — essa realidade *terrível* cheia de medo e ódio — era inexistente.

Como eu iria para a faculdade quando sabia que minha mãe ficaria trancada com ele?

Forcei o resto das minhas panquecas sem nunca interromper a conversa com meu pai. Brincar de faz de conta era uma segunda natureza quando ele estava em casa, mas eu estava ficando muito cansada de ser a princess que ele pensava que eu era.

Quando encontrei minha mãe no final da tarde, ela estava no banheiro, passando o batom vermelho que meu pai sempre amou. Sua boca estava franzida, a mancha vermelha deslizando sem esforço sobre seus lábios.

— Está se arrumando para um encontro? — Eu odiava como minha voz soava desaprovadora. Ela não merecia isso.

Minha mãe encontrou meus olhos no espelho e acenou com a cabeça. — Sim, ele está me levando ao seu restaurante favorito.

Nenhuma surpresa nisso.

Balancei a cabeça, empurrando meu cabelo atrás da orelha nervosamente. Olhei por trás do ombro e fechei a porta do banheiro silenciosamente. — Papai está ao telefone com um posto de segurança. Ele está instalando câmeras.

Sua cabeça caiu, mas eu não disse mais nada. Nós dois sabíamos por que ele estava fazendo isso. Ele havia ameaçado no passado, mas nunca cumpriu, provavelmente com muito medo de que houvesse provas de que ele bateu na minha mãe.

— Ele me encontrou em um encontro na noite passada, — ela sussurrou.

Caminhei mais longe em seu banheiro amplo, me apoiando na borda da banheira. — Eu sei. Eu estava em casa.

Ela acenou com a cabeça. — Eu pensei assim.

O silêncio se instalou, nós duas incapazes de dizer o que queríamos, com muito medo de que ele estivesse ouvindo do lado de fora. Era assim que ele era: sorrateiro e implacável em sua capacidade de obter controle. Então, em vez de dizer qualquer coisa, me levantei e fui até ela. Passei meus braços em volta dela por trás e descansei minha cabeça em suas costas. Seu perfume Chanel me atingiu de frente. — Deixe-o, mãe. Sei que posso desempenhar bem o papel de boa-filha-que-adora-seu-pai, mas nunca o escolheria em vez de você. Ele pode ser minha própria carne e sangue, mas é incapaz de amar.

Sua mão trêmula pousou em cima da minha enquanto ela respirava pesadamente pelo nariz. — Há muita coisa envolvida nisso, Madeline. Eu não teria nada se partisse.

Eu a abracei com mais força. *Isso não é verdade.* — Você me teria. — Eu não tinha certeza se isso era o suficiente para ela, mas disse mesmo assim.

Seu peito estremeceu, mas rapidamente a deixei antes que a conversa se transformasse em qualquer outra coisa. Eu não queria que ele suspeitasse de nada estranho. Não queria irritá-lo. Antes de sair do banheiro, sussurrei: — Só... fique segura esta noite. Nós duas sabemos como ele pode ficar. — Em outras palavras, *ame-o como se sua vida dependesse disso.*

Um leve aceno de cabeça foi tudo o que recebi antes de sair e ir para o meu quarto. Sentei na minha cama e olhei para a casa de Eric, nem mesmo precisando reler nossas mensagens desta manhã.

Eu não tinha certeza se ele estava brincando comigo, mas não me importei. Eu provavelmente faria qualquer coisa para sair de casa esta noite. Quando meu pai estava aqui, parecia que minha casa era um campo de batalha com minas ativas por toda parte. Um olhar errado, um movimento errado e a bela ilusão de que tudo era certo seria destruída em um segundo.

CAPÍTULO TRINTA

Eric

— Esses não são pijamas. — Minha mãe fez beicinho ao entrar na cozinha.

Eu olhei para minha calça de moletom cinza e camiseta. — É assim que eu durmo.

— Não mesmo. — Ela me empurrou para fora do caminho, assumindo o controle da pipoca. — Você dorme de boxer.

Levantei minhas sobrancelhas enquanto pegava meu telefone para verificar se Madeline tinha mandado uma mensagem. Ela não tinha. Embora houvesse algumas mensagens perdidas de meu pai que eu rapidamente apaguei.

— Bem, seria um pouco estranho se Madeline aparecesse e eu estivesse assistindo a um filme com *minha mãe* de cueca, não seria?

Minha mãe voltou seu olhar para mim e riu. — Sim, você está certo. — Ela se virou. — Eu preciso te contar uma coisa.

Meu coração desacelerou e minha mão caiu no balcão quando coloquei meu telefone na mesa. — Deixe-me adivinhar, você está se divorciando do papai?

Eu sabia que essa conversa estava chegando. Estava esperando. E *Deus, eu fodidamente esperava que fosse o que ela estava prestes a dizer*. Fazia algumas semanas desde que eu a ouvi chorar em seu quarto e foi tão aliviante, exceto pelo fato de que eu substituí minha preocupação por minha mãe por preocupação por Madeline. Mas, pelo menos, uma mulher com quem me importava estava sorrindo novamente.

Eu pausei. *Quando comecei a me preocupar com Madeline; ou, pelo menos, admitir isso?*

— Seu pai disse isso?

— Huh? — Me sacudi internamente. — Oh. Não. Eu não falo com ele, lembra?

Seus olhos suavizaram nas bordas antes de despejar pipoca em três tigelas. O cheiro de manteiga fez com que minha mão se estendesse para pegar um pouco. — Você não pode odiá-lo para sempre.

— Mas você pode? — Questionei antes de jogar os grãos estourados na minha boca.

— Eu não odeio seu pai, Eric. Estou com raiva. Um pouco mortificada. Mas não o odeio. Eu não posso odiar o homem com quem criei uma vida. Isso não é justo com você.

Zombei, pegando meu telefone. — O que não é justo para mim é ouvir você chorar no seu quarto quando pensa que estou dormindo. — Seus olhos amendoados se arregalaram. — Eu o odeio por te machucar e acho que você merece coisa melhor. Se você está hesitando com o divórcio por qualquer motivo que não seja sua verdadeira felicidade, então isso que não será justo para mim.

— Querido... — Houve uma batida suave na porta e silenciosamente agradeceu a Deus por Madeline não dificultar as coisas e agir como se eu realmente não fosse buscá-la. Porque eu teria.

— Papai é um idiota egoísta, mas se ficar com ele te faz feliz, então tanto faz. Ótimo. Mas não sei se poderei olhar nos olhos dele e não sentir vontade de cuspir bem na cara dele. Não depois do que vi.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela assentiu, entendendo minha raiva. Antes de eu chegar até a porta, ela disse: — Lamento que você tenha visto. E sinto muito que você me ouviu chorar.

— Não é você que deveria se desculpar, mãe.

Suas bochechas mal se ergueram antes de se virar para o balcão.

Meu peito ficou apertado e meus ombros ficaram tensos, mas de alguma forma, tudo desapareceu quando abri a porta e vi Madeline parada lá com a porra da roupa mais fofa que eu já vi.

Não pude evitar meus lábios se partindo. Ela olhou para mim com aqueles lindos olhos azuis, suas bochechas rosadas e cheias de vida.

— O quê? — Ela cruzou os braços sobre o peito e desviou o olhar. — É melhor você não tirar sarro de mim. Tive que puxá-los do fundo da minha gaveta porque nunca os usei na vida.

Segurei uma risada e vasculhei meu olhar sobre ela. Seu cabelo, da cor do sol, estava em ondas caindo sobre seus ombros esguios. Sua pele estava sem maquiagem, mas, ainda assim, incrivelmente linda. O pijama térmico rosa claro estava confortável em seu corpo, delineando os dois montes em seu peito e deslizando sobre a curva de seus quadris. Minha boca encheu de água. Como alguém pode ser tão fofa, mas tão gostosa ao mesmo tempo?

— Eric! — Ela bateu o pé. — Isso é parte do seu jogo? Você só me convidou para vir aqui, no meu pijama idiota, para tirar sarro de mim? Vai tirar fotos e postá-las em todas as redes sociais ou algo assim? Porque me deixe te poupar o problema; as pessoas vão tirar sarro de mim de qualquer maneira. Você não pode me envergonhar mais.

Revirei os olhos antes de agarrar seu pulso e puxá-la para minha casa. A porta se fechou atrás dela enquanto eu a prendia. — Oh, nós estamos jogando um jogo, certo. Mas não é o que você pensa.

Sorri e uma onda de desejo apareceu enquanto eu observava suas pupilas dilatarem. Seus olhos semicerrados ficaram vidrados. — Convidei você porque estava ficando completamente louco sabendo que você estava a apenas alguns metros de distância, presa em uma casa que é a coisa mais distante de um lar. Não é seguro lá. Aqui é. Então, eu te convidei.

Madeline quase não vacilou, mas pude ver as rodas girando. — Não sabia que você se importava tanto com a minha segurança.

Eu parei, lentamente deixando meu braço cair quando ouvi minha mãe veio pelo foyer. Afastei-me dela e de toda sua beleza natural que ela gostava de esconder na escola com maquiagem. — Eu também não.

— Eu sei! Ele é meu favorito também. Eu quero saber mais. Espero que na próxima temporada eles nos deem mais informações sobre ele.

Minha mãe acenou com a cabeça. — Aposto que sim! Esse foi um bom momento de angústia. Vou pesquisar quantas temporadas existem. Podemos precisar fazer disso uma coisa semanal!

Madeline se sentou e cruzou as pernas com entusiasmo. Sua calça térmica rosa esfregou ao longo da minha coxa, e cada terminação nervosa do meu corpo disparou para prestar atenção. — Boa ideia!

Esfregando a mão no meu rosto, desviei o olhar das duas. Elas estavam perdidas em sua conversa sobre qualquer programa que estávamos assistindo na Netflix. Eu não tinha a porra da ideia de como o programa se chamava ou do que se tratava porque, o tempo todo, eu estava muito preocupado com a forma como a perna de Madeline continuava tocando a minha, e como ela engasgou com uma reviravolta na história, ou como suas feições se suavizavam quando o personagem principal beijava a garota. Ela era hipnotizante. Foi uma das primeiras vezes que me soltei, permitindo-me envolvê-la de verdade, mas agora, não conseguia parar.

— Alô? — Voltei minha atenção para minha mãe enquanto ela atendia ao telefone. — Oh, ei, Cammie. E aí? — Seu rosto caiu quando ela olhou para Madeline e eu. Ela esperou alguns segundos antes de dizer: — Claro. Isso não é um problema. Eu estarei aí.

Minha mãe desligou o telefone e nos deu um sorriso triste. — Desculpem, pessoal. Eu tenho que encurtar isso. Eles precisam de alguém no hospital. Aparentemente, algumas enfermeiras contraíram intoxicação alimentar na noite anterior, quando pediram comida para viagem. — Ela fez uma careta preocupada ao se levantar e começar a dobrar o cobertor. — Mas não me deixe estragar a noite. Continuem assistindo. — Ela se virou para Madeline com um rosto brilhante. — Você pode me preencher no próximo fim de semana e continuamos de onde você parou.

Parei de existir quando Madeline mostrou seus dentes brancos e perfeitos. Seu sorriso era de tirar o fôlego. De repente, fui levado de volta ao ensino fundamental quando ela apareceu na minha porta com biscoitos caseiros, dando-nos as boas-vindas ao bairro.

— Combinado!

Minha mãe sorriu mais uma vez antes de sair para vestir o uniforme. Sua partida mudou a carga no ar quase que instantaneamente. Madeline se mexeu desconfortavelmente, colocando as pernas embaixo dela. Era como se ela estivesse tentando ao máximo não me tocar.

Seus lábios se enrolaram enquanto ela soltou uma risada trêmula. Ela parecia... nervosa?

Bem, merda. *Ela estava com medo de ficar sozinha comigo?*

Uma risada oculta deixou minha garganta, por pouco, mas foi o suficiente para ela virar a cabeça em minha direção.

— O quê? — ela retrucou, linhas de raiva cobrindo seus olhos. — Por que você está rindo?

Comecei de novo, desta vez jogando minha cabeça para trás enquanto ela retumbava para fora do meu peito. — Eu só... — Tentei recuperar minha seriedade antes de encontrar seus olhos. O menor sorriso estava enfeitando sua boca enquanto ela me olhava. — Eu apenas nunca vi você nervosa. Nunca. Não assim.

Eu a vi assustada... e preocupada. Mas nervosa? Por estar sozinha comigo? Sem chance. Ela era dura como pregos. A líder da matilha. Puxando os caras pela guia em vez do contrário.

— Não estou nervosa. — Ela mudou novamente, empurrando-se ainda mais longe de mim. Se ela fosse mais longe, provavelmente pularia do sofá.

Eu fiquei sério, tirando o sorriso do meu rosto. — Você está... você está nervosa por ficar sozinha comigo depois de ontem à noite?— *Porra. Eu esperava que não.*

Ela revirou os olhos, olhando para a TV. — Por que eu ficaria nervosa? Não estou nervosa.

Estalei minha língua, sentando mais para trás no sofá. — Você está envergonhada, então?

Ela me lançou um olhar furioso. — Envergonhada por ouvir meu pai batendo na minha mãe? Um, sim. É constrangedor.

Balancei minha cabeça. — Não é disso que estou falando e você sabe disso.

Seu rosto ficou em cinquenta tons diferentes de vermelho, seu olhar mergulhou na minha boca e depois voltou para os meus olhos. — Não. — Seus cílios escuros se agitaram. — Não sei do que você está falando.

Meus olhos se arregalaram e eu ri novamente. Ela realmente fingiria? Estava fora de si? Inclinei-me mais perto, nossas pernas roçando novamente. Meu pau começou a se mover, seu cheiro preenchendo meus sentidos e fodendo todos eles. — Estou falando sobre quando você fodeu minha mão e gozou com tanta força que desmaiou depois.

Madeline respirou fundo, roubando oxigênio da minha boca. Seu peito empurrou quando ela mordeu o lábio. — Oh. Isso.

— Sim, — respondi. — *Isso*.

— Ok, vocês dois! — Minha mãe saltou para a sala de estar, o cabelo castanho preso em um coque no topo da cabeça. Ela estava vestindo seu uniforme azul-marinho com sua etiqueta de identificação pendurada na frente. — Divirtam-se. Tranquem a porta atrás de mim. Eu estarei em casa pela manhã a qualquer hora.

Lentamente me afastei de Madeline enquanto ela pegava o controle remoto para apertar o play na TV. — Tudo bem, mãe. Amo você. Tchau.

Madeline pigarreou. — Tchau, Heather.

Assim que a porta da frente trancou, meu pau endureceu.

Madeline e eu sozinhos em minha casa grande e vazia.

O que vamos fazer?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Madeline

Se recomponha, droga! Soltando pequenas baforadas de ar, continuei me repreendendo em minha cabeça, tentando desesperadamente me acalmar. Eric estava tão perto de mim que eu podia sentir seu cheiro limpo e picante. O calor de seu corpo flutuou sobre mim, me fazendo suar em lugares que nem mesmo existiam.

Cada vez que nossas pernas roçavam acidentalmente, ou talvez de propósito, minha coxa formigava.

Ele estava todo frio, calmo e controlado ali, recostado no sofá com as pernas apoiadas na mesa de café, sendo super-gostoso pra caralho sem saber. Seu cabelo escuro estava despenteado para cima, despenteado sem esforço de uma forma sexy que ele provavelmente nem pretendia fazer. Suas maçãs do rosto afiadas imploraram para eu tocá-las. Seus lábios estavam imóveis, tão carnudos e convidativos.

Eu tinha certeza que ele estava brincando comigo, dizendo coisas que me deixavam desconfortável de propósito. Ele estava me matando lenta e dolorosamente com o apelo sexual, me deixando tão excitada que eu teria que implorar-lhe para me tocar para que pudesse me tirar da minha miséria. Ele disse que estávamos jogando um jogo, e talvez estivéssemos, mas eu não tinha ideia de

quais eram as regras. Ele estava fazendo eu me apaixonar por ele para que pudesse quebrar meu coração no final? Ele estava fingindo se importar comigo para que eu me sentisse segura e então ele me deixasse com os lobos quando soubesse que eu estava fisgada? Ou ele estava realmente tentando me matar com tensão sexual?

Congelei, meus pensamentos se espalhando como bolas de gude perdidas, quando a mão de Eric apertou meu tornozelo. Ele balançou minhas pernas para cima e para cima, pousando em suas coxas enquanto minha cabeça batia suavemente no braço do sofá atrás de mim. — O que você está fazendo? — Perguntei, sentando-me, sem fôlego. *Agora ele estava me tocando?!*

— Você não vai parar de se contorcer, apertando as pernas. Você está inquieta. Apenas coloque suas pernas aqui e assista ao seu programa.

Eu não queria mais assistir ao programa. Não conseguia me concentrar no programa. Sua mãe saiu para o trabalho e nós estávamos apenas sentados aqui, sozinhos, na sala mal iluminada com as cores da TV dançando ao nosso redor.

Talvez eu devesse ter voltado para casa.

Olhei para a janela, me perguntando se minha mãe e meu pai já voltaram. Uma parte de mim estava preocupada que ela fizesse um movimento errado ou olhasse para o garçom por muito tempo, fazendo meu pai ficar com raiva. Mas eu tive que me lembrar que minha mãe era uma mulher adulta e ela sabia como jogar suas cartas direito, na maioria das vezes, pelo menos.

— Então, o que você disse a seus pais sobre esta noite? — Eric perguntou, sua mão ainda descansando no meu tornozelo.

Limpei a garganta para que minha voz não soasse tão desesperada e exausta como eu realmente me sentia. — Disse a eles que estava saindo com amigos e que eles deveriam ter um encontro noturno.— Mantive meus olhos na TV, mas eu realmente não estava assistindo. — Eu disse ao meu pai que minha mãe sentia

falta dele, então talvez ele esqueça que ela estava em um encontro com outro homem na noite anterior.

Senti o sofá se mexer quando ele assentiu. Seu polegar começou a roçar a pele nua do meu tornozelo, para frente e para trás, para frente e para trás. Algo começou a girar no fundo do meu estômago, mas eu estava gostando demais para me levantar e me mover.

Continuei assistindo ao show, olhando para a tela colorida, mas não consegui registrar um único segundo do que estava acontecendo. À medida que cada minuto passava e a mão de Eric subia pela minha perna, correndo os dedos para frente e para trás, eu estava tão tensa que não pude evitar minha explosão. Me empurrei para cima, o sofá engolindo meu corpo. — O quê você está fazendo?!

Até minha voz estava tensa, as palavras quase me sufocando quando saíram.

Eric lentamente virou seu olhar tempestuoso e se agarrou a mim com tanta força que quase agarrei sua mão e a empurrei entre minhas pernas.

— Estou gostando do show.

Eu estava bufando, meu peito subindo e desmoronando em um ritmo cada vez mais rápido. — Bem, fico feliz que um de nós possa prestar atenção nisso! Você está me deixando louca!

Seu sorriso era escuro e sexy, a borda de sua mandíbula se tornando mais nítida. — Não. Eu quero dizer *este* show. — Ele apontou o queixo para mim, suas sobrancelhas levantando para mostrar seus cílios escuros.

Engoli em seco. — O quê? — Seu dedo ainda estava brincando sobre meu tornozelo, subindo até meu joelho e nas costas. Mesmo através do meu pijama, o atrito estava causando arrepios.

Eu queria mais.

— Estou gostando do show que você está apresentando, Madeline.

— Que show? — Eu estava ofegante e era tão constrangedor, mas não consegui me levantar e sair. Eu não queria. Seu toque fez a sala balançar e balançar da maneira mais deliciosa.

Mais.

Me senti escorregando mais para baixo, minhas pernas envolvendo as dele. Meu rosto estava quente. Foi como entrar em uma banheira de água quente, sentindo o calor da água inundar minha pele.

— Você está gostando do meu toque. — Ele lambeu o lábio inferior, sua língua saindo rapidamente antes de desaparecer. Fiz beicinho quando ele puxou de volta em sua boca. — Você se contorcendo... incapaz de ficar parada porque a química entre nós está em alta. — Ele se virou, seu dedo subindo mais alto. — Graças à noite passada.

— Por que você está fazendo isso? Faz parte do plano de me arruinar? Destruir-me como eu destruí você?

Ele sorriu. — Você não me destruiu. Só me deixou louco. Me fez te odiar. — Sua mão parou de se mover e minhas esperanças desabaram.

Não. Por favor, não pare.

Eu estremei.

— Mas... — Meus olhos se arregalaram enquanto seus olhos me atravessaram como um tornado imparável. — Acho que não te odeio mais.

Me senti corajosa com seus olhos em mim. Senti a garota enterrada ganhando vida com suas palavras esperançosas. Eu sabia que, fora desta casa e de volta em nossa realidade normal de nossa hierarquia fodida, considerada como colegial, não

éramos nada. Eu era a leprosa da escola. Seus amigos me *odiavam* e até mesmo os professores queriam me ver quebrar e queimar. Eu estava danificada além do alcance, empurrando para longe o trauma apenas para me assombrar em meu sono. Mas aqui? Escondida dentro de paredes grossas, sozinha com nada além de palavras inúteis nos separando? Eu não me importava se ficaria pior depois. Não me importava se eu sentisse o gosto amargo do amor deixado para trás quando seguirmos por caminhos separados.

Eu queria o garoto da porta ao lado, mesmo que ele me odiasse no final.

A perna que sua mão estava queimando se abriu mais, caindo para o lado como um convite sacrificado. — Ódio ou não... — Peguei a mão dele, passei-me pelo joelho e coloquei no cócs da calça. — Eu ainda imploro que você me toque.

Os olhos de Eric estavam semicerrados, suas narinas dilatadas. Meu meio estava latejando, meus mamilos endurecendo com o único pensamento de nossos corpos colidindo.

Tudo que eu conseguia pensar enquanto Eric olhava para mim com seus olhos sugadores de alma e boca beijável era, *meu, meu, meu*.

Ele era a coisa mais distante do meu, mas agora, eu poderia fingir.

Suas mãos agarraram meus quadris e ele me puxou ainda mais para baixo no sofá. Minha cabeça bateu na almofada suavemente enquanto ele tirava minha camisa fina por cima da minha cabeça. Arqueei minhas costas quando seu hálito quente atingiu meu peito, bem entre a renda do meu sutiã. Ele inalou como se não conseguisse o suficiente. — A mesma coisa se aplica, — ele sussurrou. — Diga-me se você precisar que eu pare. — Então, ele se lançou para frente e selou um beijo na minha boca. Sua língua entrou, girando ao redor com uma urgência que nós dois sentimos. Abri minhas pernas, empurrando para cima em sua dureza, querendo afastar a dor que apenas se intensificou.

— Tão gostosa, — ele murmurou contra meus lábios, mordendo e puxando, me fazendo gemer de necessidade.

Eu estava tão desesperada; era absolutamente mortificante o quão obcecada eu estava com seu toque. Era uma loucura. *Isso* era selvagem. Eric e eu éramos completamente imparáveis.

Quando tirou sua boca da minha, inalando uma golfada de oxigênio, ele arrancou sua própria camisa e a jogou do outro lado da sala. As luzes da TV dançavam ao longo de seus músculos ondulantes, seu peito sem qualquer falha, apenas montes e vales de protuberâncias tonificadas, implorando para ser lambido. Ele puxou-se de volta para baixo, arrastando o nariz sobre a curva dos meus seios pesados, ambos derramando para fora do meu sutiã. Quando senti a maciez de sua língua lambar uma linha do meu peito até meu umbigo, quase desmaiei.

— Eric, não me faça implorar por isso.

Eu o senti sorrir ao longo da minha pele. — Implorar parece bom. Diga-me o quanto você quer, baby.

Não, ele não me pediu apenas para implorar.

Meus quadris sacudiram para cima e suas mãos os agarraram, empurrando-me para baixo, me esfregando nele. Passei os dedos sobre o sutiã, precisando de algum tipo de estímulo para não gritar, mas, então seus dedos encontraram os meus e ele os entrelaçou.

Seu olhar era escuro e pesado, a luxúria cobrindo cada característica que eu aprendi a amar. — Deixe-me ouvir você dizer isso.

— Dizer o quê, — ofeguei, ainda arqueando meu corpo para o seu toque, como se eu morresse sem ele. — O que você quer que eu diga?

Seu olho estremeceu. — Diga que você nunca parou de se importar comigo. Diga que você sempre sentiu a atração que eu senti. Diga que você me quer tanto quanto eu quero você.

Se ele soubesse.

Meu olhar nunca deixou o dele. — Eu quero você. — Minhas palavras sacudiram a sala. — Sempre quis. — Eu desviei o olhar, me impedindo de dizer algo que arruinaria completamente o momento.

Eric parou de respirar. Seus olhos pingaram de um lado para o outro entre os meus, uma pequena linha de preocupação se formando entre seus olhos, como se ele estivesse tentando decidir se eu estava sendo sincera ou não. Minha mão vacilou quando estendi a mão e alisei a ruga. — É a verdade, — eu disse com convicção. — Agora me fode como se você me amasse; ou me odiasse. Qualquer um. Apenas me foda, Eric. Tire-me da minha miséria.

Seus olhos brilharam e eu senti a estaca quente e em chamas atravessar meu peito. Minhas calças e calcinhas estavam abaixadas e na metade do quarto quando sua boca quente e úmida escorregou entre minhas pernas e me cobriu de dentro para fora. A escuridão encheu minha visão, meus dedos puxando as grossas mechas de seu cabelo.

Isso era uma coisa tão íntima para mim porque eu nunca fiz isso. Na maioria das vezes, os caras queriam que eu os chupasse, e então eles me tocavam antes de fazermos sexo. Era uma troca rápida para conseguir cinco segundos de prazer, mas isso? Isso me fez sentir adorada. Como se Eric se importasse que eu me sentisse bem.

Meus olhos abriram quando um rolo de êxtase entorpecente começou a se infiltrar ao meu redor.

Ele iria me destruir, porra, e eu quis dizer isso tanto física quanto emocionalmente.

CAPÍTULO TRINTAE DOIS

Eric

Ela estava tao quente porra, e apertada, e tinha gosto de céu na minha boca. Tudo dentro de mim, estava corrompido. A única coisa que eu queria era fazer essa garota minha. Eu queria sua boca, sua boceta, sua mente, seu coração. Eu queria tudo.

O corpo de Madeline se moveu como uma stripper enquanto ela fodia meu rosto. Seus quadris rolaram e resistiram e eu lambi até a última gota que sua boceta me deu.

Isso mesmo, baby.

Eu sabia que ela estava perto de gozar porque seus quadris se moviam mais rápido e seus gemidos eram irreconhecíveis. Meu pau nunca esteve tão duro na minha vida. Era doloroso e desconfortável, e a única coisa que eu queria fazer era transar com ela. Mas eu era um cara paciente. A garota sempre ganhava primeiro; era assim que era.

— Eric, — ela sibilou entre os dentes cerrados, tão perto de transbordar. Sorri contra seu clitóris e escovei meus dentes sobre ele, enviando-a em frenesi. Meu dedo não estava nem na metade do caminho para dentro de suas paredes molhadas quando ela apertou o cerco e cavalgou para a felicidade.

Meus olhos se fixaram nela enquanto seus lábios rosados se separaram, fazendo aquele pequeno e adorável "O" com sua boca. Suas bochechas estavam em chamas; o suor brilhava em sua linha de cabelo. Seu corpo tremia em minhas mãos, mas estávamos longe de terminar.

Eu poderia ficar aqui a porra da noite toda e fodê-la neste mesmo sofá. Me lixei para o fato de que estávamos na minha sala de estar.

Sua respiração ainda estava acelerada, seu corpo tremendo com doces pequenos estremecimentos do alto. Seus olhos azuis estavam encapuzados e cheios de luxúria quando ela se sentou nos cotovelos e olhou para mim em toda a sua glória.

No passado, eu nunca me permitiria imaginá-la assim. Sempre pensei que ela era quente como o inferno, fodível, uma das garotas mais atraentes da English Prep; seu cabelo loiro era como avistar o sol nascente, seus lábios rosados sempre parecendo tão macios e beijáveis. E embora eu sempre tenha me sentido excessivamente atraído por ela, incapaz de evitar que minhas mãos a tocassem quando estávamos sozinhos, não me permiti evocar essa imagem, porque eu sabia que isso iria me consumir completamente. E assim foi. Seus olhos tinham tanto desejo e necessidade que, mesmo que fosse uma situação de vida ou morte não tocá-la, eu ainda faria.

Sempre soube que haveria um dia em que teria Madeline à minha mercê e sabia que, quando esse dia chegasse, eu a destruiria em três segundos com vingança.

Mas quando se tratava de Madeline, o ódio era uma emoção fugaz, porque, em vez de destruí-la, eu queria fazer o oposto.

Madeline e eu travamos os olhos enquanto eu limpava minha boca, a sensação dos meus lábios inchados esfregando as costas da minha mão. Ela observou sem tentar esconder o desejo crescente, seus olhos se arregalando com

cada um dos meus movimentos lentos. Eu desci sobre ela, empurrando seu corpo de volta para uma posição deitada. A alça do sutiã estava solta sobre o ombro, o cabelo sedoso cobrindo o tecido rendado.

O contato que nossa pele manteve foi como mil fogueiras iluminando a sala escura. Tudo parecia quente e confuso. Estávamos em uma névoa. Bloqueado pela luxúria.

Meus dedos formigaram quando puxei a outra alça para baixo para encontrar a dobra de seu cotovelo, seu peito quase totalmente exposto. Ela arqueou as costas, nunca deixando meu olhar e desabotoei o pedaço de tecido com um clique habilidoso, e logo, ela estava totalmente nua.

A protuberância em minha calça de moletom estava pulsando, doendo, quase tão forte que pensei que pudesse cair. O menor roçar de seu joelho contra mim me fez sugar o ar.

A cabeça de Madeline inclinou ligeiramente antes de um brilho malicioso aparecer nos olhos.

Sua mão trêmula deixou meu antebraço enquanto eu descansi acima dela, observando suas belas curvas tonificadas. Ela era pequena, mas tinha uma constituição atlética – anos e anos como líder de torcida, eu tinha certeza. Abaixei-me até ela, meu pau coberto descansando em seu calor, enquanto ela traçava uma linha com o dedo: do topo do peito até a base da barriga.

O que ela estava fazendo?

Os olhos de Madeline se fecharam por um momento conforme sua perna subia e ela enganchou um dedo do pé no topo da minha calça. Eles se moveram apenas o suficiente para eu me levantar e tirá-las completamente. Eu pairava sobre ela, seus cílios grossos balançando para frente e para trás enquanto sua mão continuava a subir e descer em seu corpo.

Ela estava me provocando?

Ela estava. Estava fodidamente. Sua mão parou logo acima de seu clitóris quando ela olhou para mim. Seu lábio foi capturado por seus dentes de repente e quando ela começou a se movimentar como eu tinha feito um momento antes, quase gozei.

— É esta a sua maneira de implorar, Madeline? — Perguntei enquanto pegava meu telefone, pegando um preservativo escondido entre ele e a caixa. — Porque preciso que você saiba o que está pedindo. Tem certeza de que é isso que você quer?

Parte de mim estava um pouco nervoso quando a pergunta saiu da minha boca.

— Eu sei exatamente o que estou pedindo, Eric. Mas vou dizer de novo, caso você esteja preso nessa sua cabeça.

A camisinha estava colocada, e minhas mãos bateram em suas pernas com força enquanto a puxava para baixo ainda mais e me posicionava.

— Foda-me... *por favor*. — O desespero ficava bem em uma garota como ela. Eu queria cada parte dela.

Ela estava desesperada para que eu a fodesse e eu estava desesperado para que ela me deixasse fazer.

— Só porque você disse por favor. — Sorri.

Seu olhar lascivo ficou escuro por um momento antes de ela abrir as pernas longe e chegar atrás de mim e me empurrar forte e rápido.

— Uau, — grunhi, a euforia me fazendo perder toda a linha de pensamento. *Eu ia perder a porra da minha cabeça com ela.*

Não houve tempo para pensar. Depois que fui enterrado dentro dela, não consegui parar. Empurrei e ela me encontrou no meio do caminho. Sua cabeça foi jogada para trás, empurrando seus seios perfeitos bem na minha cara. O desejo me agarrou. Eu estava arrasado com a necessidade de fazê-la se sentir bem novamente porque, acredite ou não, isso *me* fazia sentir bem.

Meu braço em volta de suas costas, meu outro segurando seu seio. Seu pequeno botão se apertou sob minha palma e eu empurrei ainda mais rápido. Meus lábios estavam em seu mamilo e, uma vez que passei meus dentes sobre ela, seu corpo inteiro tremeu conforme sua boceta sugava cada grama de vida que meu pau tinha a oferecer.

— Maddie, — gemi, enterrando-me nela tão profundamente que pensei que estaria permanentemente embutido em suas paredes.

Estávamos ambos sem fôlego, nossos membros emaranhados um no outro. Eu não tinha certeza de onde ela começava ou terminava. Nossos corpos estavam colados um ao outro, nossa mistura de suor, nossos cheiros separados se tornando um.

Eu sabia, naquele momento, que nunca seria capaz de voltar disso. — Nossa, — sua voz sonolenta finalmente sussurrou.

Eu finalmente saí de cima dela, mas em vez de sair correndo, continuei segurando seu corpo saciado em meus braços.

— Mmm, — respondi, incapaz de formar uma única frase coerente.

— Cansada. Estou cansada.

Balancei a cabeça, puxando-a ainda mais perto. — Durma, — a silencieei, tirando o cabelo de seu rosto. — Eu tenho você. — Quando olhei para baixo, sua orelha delicada estava pressionada contra meu coração e ela já estava dormindo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Madeline

O pânico mergulhou em meu corpo quando meus olhos se abriram. Eu deitei perfeitamente imóvel em um lugar macio, coberto por um cobertor grosso enquanto minha cabeça descansava em um travesseiro em forma de nuvem. *Onde...?*

De repente, me sentei, meus olhos se ajustando ao quarto escuro. Assim que percebi onde estava, meu corpo começou a relaxar um pouco. Eric não estava em lugar nenhum, mas estar envolvida em suas cobertas me fez sentir segura, especialmente porque eu estava à beira de outro pesadelo sombrio. Olhei para seu relógio, que marcava pouco depois da meia-noite, enquanto arrastava as cobertas comigo para espiar pela janela de seu quarto. O Jaguar do meu pai estava desaparecido na garagem e eu não tinha certeza se isso significava que ele já saiu para seu voo ou se ele e minha mãe ainda não voltaram do encontro.

Fui mandar uma mensagem para minha mãe para fazer o check-in, mas não consegui encontrar meu telefone. Ou minhas roupas.

Elas provavelmente ainda estavam lá embaixo.

— Cara, que porra é essa?

Encontrei a porta do quarto de Eric parcialmente aberta, permitindo que vozes fracas passassem.

— O quê? — Eric perguntou, sua voz mais distante do que a primeira.

— É por isso que você tem nos ignorado? Você realmente está transando com ela? — Era Ollie, irmão de Christian e melhor amigo de Eric. *O que ele estava fazendo aqui?*

— Quem disse que estou transando com ela? — O tom de Eric era indiferente e colocou preocupação em cada pensamento cheio de esperança que eu tive desde que acordei.

— As roupas dela... por todo o chão. — *Oh, que bom. Os dois irmãos Powell estão aqui.*

— E daí se eu estiver? — Eric perguntou, parecendo mais irritado do que antes.

— Cara. Ela é tão inacessível quanto parece. Qual é o seu fim de jogo aqui? Foda-se a loucura dela?

Inacessível. Christian teve coragem de *me* chamar de inacessível. E eu estaria mentindo se dissesse que meus sentimentos não foram feridos quando ele me chamou de louca.

— Cala a boca, Christian. Você não sabe nada sobre ela. Por que você está mesmo aqui?

— Estamos preocupados com você, cara. Você tem nos ignorado; ainda mais depois de nos contar sobre seu pai e a mãe de Madeline. — O tom de Ollie era mais suave do que o de seu irmão, como se ele realmente se importasse.

Ele contou a eles sobre minha mãe. Excelente.

— É esse o seu plano? — Christian explodiu. — Você está transando com ela para se vingar do seu pai? E a mãe dela?

Meu coração parou repentinamente. O calor revestiu cada centímetro da minha pele, mas meu corpo estava frio ao toque. Puxei os cobertores até o queixo, ouvindo com ainda mais atenção.

— Christian. Afaste-se, — Eric ferveu, sua voz quase assassina. *Ele não negou. Era esse o seu plano?*

— Não. — Meus olhos se arregalaram com a mordida no tom de Christian. Christian estava tão pensativo quando eles chegaram. Ele lutava com os punhos e não pensou duas vezes sobre isso. Ele era exigente e até um pouco assustador às vezes. Havia uma razão para ele ser o líder da English Prep.

— Eu não vou deixar você ser sugado pelos jogos dela. Você está sofrendo, entendemos, mas Madeline não é boa para você e nem para ninguém. Ela é má e fria.

Ai. Mas ele não estava errado. Eu não era boa para Eric. De jeito nenhum.

— Você já se perguntou por quê?

Ignorei a coceira ardente na parte de trás do meu pescoço, que geralmente indicava que eu estava tendo urticária. — Porquê o quê?

— Por que ela é assim?

Ollie falou dessa vez. — Essa é a parte em que você tenta nos convencer de que ela é uma boa pessoa? Estamos apenas tentando ajudá-lo, Eric. Nós não damos a mínima para quem você está fodendo, contanto que você tenha sua cabeça no lugar.

Eu odiei isso. Aqui estava eu, sentada no quarto de Eric, ouvindo uma conversa com seus melhores amigos sobre por que ele deveria ficar longe de mim.

Meus sentimentos não foram exatamente feridos por causa de seus insultos, mas mais ainda porque eles não estavam falando nada além da verdade.

— Christian? — Eric disse seu nome em questão. Um longo período de silêncio veio depois; tanto tempo que pensei que poderia ter sido pega ouvindo.

— Não, — Christian finalmente respondeu. — Nunca me perguntei por que ela era assim.

Alguém bateu palmas. — Exatamente. Você não perguntou porque nunca se importou com ela.

— Ok. Então?

Eu estava sentindo um sério aumento da tensão, embora eu estivesse no andar de cima e em uma sala completamente diferente. Minha pele estava formigando.

A voz de Eric estava fria e calma. — Você se lembra daquela vez em que brigamos no primeiro ano lá no gramado na English Prep?

Eu lembro. Lembrei-me vividamente. Foi mortificante para eu assistir. Eles estavam brigando. Suas gravatas da Marinha foram puxadas de seus pescoços; sangue e grama manchavam suas camisas brancas e calças cáqui. Meu estômago estava embrulhado.

Christian era meu namorado na época, mas não estava nem um pouco preocupada com ele. Eu estava preocupada com Eric. Ele estava sofrendo e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir. E ali foi onde comecei a desligar meus sentimentos.

— Sim, eu me lembro. Você desistiu no final.

Christian se lembrava da luta corretamente. Eric *desistiu* depois que travamos os olhos. Algo se passou entre nós. Mágoa? Tristeza? Nunca decifrei o que era, porque naquela época, eu o empurrei tanto para fora da minha vida que era como olhar para um estranho.

— Você e todos os outros pensaram que essa era a nossa luta até o topo. Quem queria ser o rei todo-poderoso da English Prep, Eric ou Christian?

Ouvi uma risadinha leve, que provavelmente veio de Ollie.

— Eu não estava lutando para me tornar um maldito rei idiota, Christian.

A voz de Christian vacilou. — Então por que você estava?

A risada de Eric foi cínica. — Eu dei o primeiro soco porque estava farto de ver você e Madeline juntos. Estava tão cansado de ouvir como você a fodeu como se ela não fosse nada para você. — Houve uma pausa e eu estava na beira da cama, ansiosa para ouvir mais. — Eu a tive primeiro, porra, e então ela me excluiu e de alguma forma caiu bem em seus braços e você não se importou com ela. Você nem se perguntou a merda importante! Como por que ela nunca o convidou para sua casa! Por que você nunca conheceu o pai dela! Por que ela era tão idiota com cada pessoa com quem ela já tinha entrado em contato.

Oh meu Deus. Isso era ruim. Isso era tão ruim. Me senti tão incrivelmente pequena ao ouvi-lo falar assim. Eu o machuquei quando o excluí. O magoei ainda mais quando saí com seu melhor amigo.

Eu fodi com Eric. *Eu.* Eu fiz isso.

Christian estava absolutamente certo. Eu não era boa para Eric.

A primeira vez que o excluí foi porque era egoísta; apenas preocupada comigo mesma. Desta vez? Eu seria a abnegada. Eu era totalmente errada para Eric. E, eventualmente, ele veria isso.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Eric

Meus punhos abriram e fecharam mil vezes enquanto eu olhava para meus dois melhores amigos com suas mandíbulas caídas e olhos arregalados. Ollie estava saltando os olhos para frente e para trás entre mim e Christian, provavelmente se perguntando qual de nós daríamos o primeiro soco.

Não pude evitar gritar. — Então você vai ficar aí e me dizer que ela não é boa para mim? Bem, então o que diabos você foi para ela por todos esses anos? Huh?

O vermelho começou a pintar os cantos dos meus olhos. A sala estava se fechando. Eu estava puto pra caralho, e era principalmente irracional porque Christian e Madeline não eram nada mais do que amigos de foda com um título vago, mas, ainda assim, o pensamento dela sendo tão frágil e quebrável estava na minha mente.

Madeline escondeu alguma merda séria do caralho. Mas ninguém se atreveu a cavar um pouco, nem mesmo seu namorado na época.

— Eu nunca disse que fui bom para ela. Todos nós sabemos que eu estava ferrado antes de Hayley. — Ele parecia preocupado, suas sobrancelhas escuras se juntando conforme caminhava pela sala de estar, pisando no sutiã de Madeline com as mãos nos quadris. — E daí? O que há de tão errado com a vida dela então?

Fiz uma pausa, olhando para os degraus que levavam ao andar de cima para onde ela estava dormindo. Se havia uma coisa que eu sabia, era que ela queria manter as coisas privadas. Era toda a razão de ela ser tão desligada.

— Só saiba que você não é o único com esqueletos no armário, ok? E dê o fora. Você teve sua chance com ela. Não precisa mais fazer essas perguntas.

A mandíbula de Christian apertou enquanto ele olhava para mim. Ollie se levantou, meio entrando entre nós. Mas depois de alguns segundos, o rosto de Christian relaxou como se algo tivesse se apoderado dele. — Você sabe muito bem que não estou agindo dessa forma porque me importo com Madeline, Eric. Não fique com ciúmes. Eu me importo com você, Eric. Você é meu... — Ele olhou para Ollie antes de balançar a cabeça. — *Nosso* melhor amigo. Só queremos que você seja inteligente. Você tem estado distante e, por um tempo, bebeu até a porra do coma em todas as festas.

Suspirei, desviando o olhar. *Sim, bem. Merda acontece.*

— Eu não aprovo você e Madeline porque acho que ela é superficial. Acredito que ela vai te foder eventualmente. É o que ela faz. Eu a vi fazer isso para muitas, muitas pessoas.

Suas palavras estavam se enterrando em um buraco maior, mas eu ainda não conseguia imaginar dizer-lhe o que eu sabia. O que ela estava passando.

— As pessoas mudam, — a voz de Ollie quase não notada. — Você fez. — Ele estava olhando para Christian com as sobrancelhas levantadas até a linha do cabelo. — E não para escolher lados ou qualquer coisa, mas foi provado para nós, uma e outra vez, que nem sempre sabemos o que se passa por trás de portas fechadas. — Ele encolheu os ombros. — Pegue minha namorada, por exemplo.

Todos nós paramos e nos encaramos, um trio de irmãos sem palavras. Christian finalmente baixou o olhar e recuou. Ele me deu mais uma olhada antes

de se virar e sair para a porta da frente. — É melhor você ter cuidado com ela, Eric. Ela tem garras afiadas. — Antes de sair da minha casa, ele parou com um pé fora da porta. — E se eu soubesse que ela foi sua primeiro, nunca teria tocado nela. Você sabe disso, certo? — Ele olhou para mim e, pela primeira vez em todas as nossas vidas, vi uma lasca de remorso em seus olhos.

Assenti. — É verdade o que dizem, você sabe.

— O quê? — Ele meio que se virou para mim, sua mão na maçaneta com Ollie por perto.

— Hayley derreteu seu coração.

Ollie riu enquanto Christian revirou os olhos agressivamente. — Vá se foder.

Ollie gargalhou, seguindo-o para fora após me dar um primeiro solavanco.

Estiquei meu pescoço de volta para as escadas, pronto para voltar para Madeline.

Eu ouvi tudo que Christian e Ollie disseram, mas nada disso realmente importava. Eles não a conheciam como eu.

Ninguém conhecia.

Depois de pegar as roupas de Madeline e reorganizar os travesseiros no sofá, voltei para cima para ver como ela estava. A porta do meu quarto rangeu quando a empurrei. Eu me inclinei contra o batente da porta de madeira e observei seu corpo enrolado, emaranhado em meus lençóis.

Seu cabelo estava caindo em ondas por todo o meu travesseiro, o brilho suave da lâmpada de cabeceira lançando uma sombra delicada sobre o osso da sua bochecha alta. Ela seria uma musa incrível para um pintor ou escultor com seus traços suaves e angelicais. Eu estava quase com ciúme por não poder capturá-la assim e engarrafá-la para sempre.

Christian estava certo? Madeline acabaria me fodendo no final? Agarrei suas roupas com mais força, me perguntando se eu tinha me metido em algo muito profundo. Ela não era o que diziam ser. Ela não era uma garota maluca e fodida com garras afiadas. Estava assustada e frágil, embora distante quando se tratava de outras pessoas, mas eu ainda estava envolvido por ela, querendo protegê-la e estar lá para ela.

Depois de colocar suas roupas dobradas no final da cama, sentei em cima das cobertas e continuei olhando para seu rosto. Seus olhos tremeram algumas vezes antes de relaxar novamente, seu peito subindo e descendo em um ritmo constante.

O brilho dos faróis chamou minha atenção da janela, e eu a deixei sozinha na cama, querendo dar uma olhada melhor.

O Jaguar do pai de Madeline entrou em sua garagem, estacionando logo atrás do BMW preto de Madeline. Sua porta se abriu e uma perna alta saltou. Ele usava calça escura e uma camisa de botão branca engomada, com os primeiros botões abertos. Seu cabelo claro estava penteado para trás, sua mandíbula raspada. Quando ele deu a volta para o lado do passageiro e abriu a porta, a mãe de Madeline saiu, e ela foi jogada contra o capô tão rápido que mal tive tempo de piscar.

Meu coração ricocheteou com o aumento do estresse. Eu não me importava particularmente com a mãe de Madeline e nunca conseguiria tirar a imagem da minha cabeça de sua bunda no ar e o pau do meu pai enterrado dentro dela, *mas* o pensamento do pai de Madeline usando suas mãos como armas e seu olhar de aço como um aviso fizeram meu corpo inteiro tremer.

Continuei voltando para a noite anterior, quando Madeline estava tremendo em minhas mãos. Ele a assustou, e eu não aceitei isso muito bem.

Meu queixo rangeu de um lado a outro enquanto ele pairava sobre sua mãe, assumindo que a lua e as estrelas eram suas únicas testemunhas.

Descansei meu braço ao longo da janela, olhando para baixo severamente enquanto ele puxava o vestido dela e enrolava sua perna em seu traseiro. Sua cabeça estava virada como se ela estivesse tentando fingir que ele não estava em cima dela, fodendo-a com o que parecia ser sua mão. Meu estômago revirou quando ele inclinou o rosto para ela e a beijou. Suas costas se arquearam e ele sorriu como a porra do demônio.

Ela foi rapidamente girada com a bunda para cima, o vestido enrolado até os quadris, e ele empurrou nela por trás. Tive que me virar e parar de assistir por um momento, porque fiquei enojado com isso. Que babaca do caralho! Ele não conseguia ver que ela não estava se divertindo? Ou ele simplesmente não se importava? Ela não o estava empurrando, não fisicamente, mas mesmo de onde eu estava, pude ver que ela estava apenas esperando até que o momento passasse. Não houve lampejo de desejo em suas feições, nenhum orgasmo de boca aberta impulsionado pelo prazer. Nada. A única coisa que vi foi uma expressão vazia e olhos baixos.

Depois de me certificar de que Madeline ainda estava dormindo, olhei para trás através do vidro apenas para vê-lo fechando o zíper da calça e sorrindo como a cobra que era. Ele virou a mãe de Madeline de volta e puxou seu vestido para baixo antes de bater sua boca na dela. Suas costas estavam eretas como uma vareta, seus membros rígidos como se ela tivesse ficado paralisada.

Ele murmurou algo para ela que mal fez sua boca se erguer em um sorriso antes de voltar para seu Jaguar e voltar para a garagem. Ela se levantou e esperou, vestida pela metade, até que as luzes traseiras dele se apagassem.

Então, ela rapidamente disparou para os arbustos e se curvou na cintura. Seu corpo se sacudiu e se debateu. Quando se levantou, ela enxugou a boca e olhou para a janela de Madeline.

Desviei do caminho antes que ela me encontrasse à espreita como um maldito cretino. Não era de se admirar que ela dormiu com meu pai ou qualquer outro homem que trouxe para casa.

Se eu tivesse que ficar com aquele homem, também gostaria de fugir.

Ainda não a desculpava por dormir com um homem casado, mas, pelo menos agora, eu tinha um pouco de percepção.

Meu pai, por outro lado?

Ele não tinha desculpa.

Nenhuma mesma.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Madelaine

Poderia contar, por um lado, o número de vezes que dormi abraçada com um cara. Uma vez, adormeci com Christian, mas não estávamos abraçados como amantes há muito perdidos ou mesmo como o casal que ambos fingíamos ser. Para ser honesta, Eric foi o único cara ao lado de quem eu adormeci, com nossos membros emaranhados como um nó, nossa pele roçando uma na outra como um fio elétrico, pronto para nos queimar vivos.

Engoli meu egoísmo e deslizei para fora de seu braço pesado. Suas feições se contraíram por um momento, a massa de cílios escuros delineando seus olhos fechados enquanto eles se fechavam, mas logo, tudo relaxou novamente, e eu pude observar a suavidade de sua mandíbula afiada e nariz reto. O cabelo escuro e espesso de Eric estava caído sobre sua testa, arranhando suas sobrancelhas. Sua bochecha estava virada para longe de mim, a suavidade dela me implorando para correr meu dedo ao longo da curva cinzelada. Eric era perigosamente atraente; ele fez tudo despertar quando me encarou. Sempre havia um leve mergulho no meu estômago quando ele pegava meu olhar, algum puxão automático entre nós, como se estivéssemos amarrados na cintura pela mesma corda. Ele estava com o peito nu enquanto dormia, seu peito expandindo movendo-se sem esforço com cada respiração que fluía.

A depressão começou a se instalar conforme eu puxava meu sutiã e calcinha de volta. O tecido da minha camisa e calça parecia pesado contra o meu corpo — desconfortável — como se soubesse que, poucas horas antes, eu tinha as mãos de Eric correndo ao longo da minha pele.

Muita merda aconteceu entre mim e Eric. Não é como se fôssemos melhores amigos e tivéssemos nos afastado devido à idade, ou como se eu tivesse me mudado e perdido o contato. Em vez disso, foram anos e anos desfilando seu melhor amigo na frente de seu rosto depois que eu inevitavelmente o magoei e o expulsei da minha vida tão rápido que ele nem conseguia estender a mão para pedir ajuda. Ouvi-lo me defender para seus amigos me fez sentir muito quente, como se o sol tivesse se posto e tocado meus ombros, mas era errado.

Não tínhamos futuro. Eu o machuquei. Minha mãe ajudou a arruinar o casamento de seus pais. Seus amigos me odiavam. Eric merecia algo muito melhor. Mesmo quando cuspiu coisas odiosas na minha direção e riu quando alguém escreveu *vagabunda* no meu armário com marcador permanente pela décima quinta vez desde as férias de Natal, ele ainda merecia coisa melhor.

Dei-lhe uma última olhada antes de ir até sua porta, na ponta dos pés, pegando meu telefone no caminho. Minha mãe mandou uma mensagem em algum momento, depois que eu voltei para a cama e adormeci após ouvir Eric com seus amigos, que meu pai foi para o aeroporto horas atrás. *Graças a Deus.*

Disse a mim mesma que era melhor assim. Minha mãe e eu poderíamos voltar para nossas vidas falsas, girando em torno de verdades abafadas, e Eric poderia voltar a me odiar e tudo voltaria ao normal.

Não haveria mais pensamentos de culpa, não haveria mais borboletas cheias de esperança em meu estômago, *nada*. Eu poderia voltar a sentir absolutamente nada, exceto aquele pouquinho de medo que eu continuaria a afastar até que finalmente desaparecesse.

Um pé estava no corredor quando congelei, minhas costas voltando a atenção.

— E onde você pensa que está indo?

Merda.

Girando lentamente, empurrando meu cabelo por cima do ombro, mordi meu lábio. Desviei meus olhos dele, incapaz de dizer uma única palavra. *Diga algo, Madeline.*

Minha primeira reação foi atacar, ser a mais cruel que eu pudesse ser para que ele simplesmente me deixasse ir. Mas algo dentro de mim, começou a se curar no mesmo segundo em que ele me protegeu. A coisa melhorou ainda mais quando ele me defendeu para seus amigos.

— O que é isso? — ele perguntou, sua voz sonolenta.

Assisti com medo quando ele pegou o bilhete que eu deixei, ironicamente na parte de trás do pedaço estúpido de papel de caderno que ele segurou pela janela outro dia.

Um gole desceu pela minha garganta enquanto eu agarrava meu telefone, olhando para longe.

Ele riu, e vacilei enquanto Eric amassava o papel do caderno e, em seguida, estremei completamente quando ele pousou no chão.

O silêncio passou entre nós, cada um esperando que o outro quebrasse o gelo. Eu sabia que tinha que ser a única a fazer isso, então fiz o que sabia fazer de melhor; eu o excluí. — O que você esperava, Eric? — Perguntei, colocando minhas mãos trêmulas em meus quadris para estabilidade. Seu olhar permaneceu lá por um momento conforme ele se sentava em sua cama, o cobertor caindo em seu colo. — Você esperava que entrássemos na English Prep na segunda-feira, de mãos dadas, agindo como um casal poderoso? — Uma risada cheia de fôlego me deixou.

— Eu ouvi tudo que Christian e Ollie disseram momentos atrás e eles estavam absolutamente certos. Eu não sou boa para você. Para qualquer um. — Doeu dizer isso, mas era a verdade.

— Então você ouviu toda a conversa entre nós? — A mandíbula de Eric rangeu para frente e para trás com raiva contida. — Então você me ouviu defendendo você, certo?

Meu estômago começou a cair, o medo puxando-o por todo o caminho até o chão. — Sim. Isso é parte do problema.

Eric tirou os cobertores de suas pernas e se levantou rapidamente, ajustando o cós do moletom em volta dos quadris delgados. Eu odiava o quão bom ele parecia. Isso me fez vacilar por um momento. — Como isso é parte do problema?

Joguei minhas mãos para cima, olhando para a janela além dele. — Eu não estou me intrometendo entre você e seus amigos. Não deveria discutir com eles sobre a garota que você acabou de foder. Eles me odeiam. Todo mundo na escola me odeia. Sua mãe *deveria* me odiar. E não vamos esquecer que minha mãe arruinou o casamento dos seus pais! Eu mal conseguia olhar sua mãe nos olhos, muito menos seu pai! Ele sabia que eu sabia que eles estavam fodendo ocasionalmente. Ele até acenou para mim depois, como se não fosse grande coisa. Vamos apenas fingir que tudo está bem conosco? Porque se há alguma coisa que eu sei, é que você não pode simplesmente continuar empurrando a verdade para debaixo da porra do tapete. Tudo vai sair eventualmente.

Eric olhou para mim atentamente enquanto eu discursava. Ele ficou no mesmo lugar, ao lado de sua cama, com o brilho quente da lâmpada delineando seu corpo como se fosse um deus. Segundos se passaram, talvez até horas, antes que ele finalmente inclinasse a cabeça e o encarasse. — Você não pode fazer isso de novo.

Me endireitei, recuando para o corredor, assim não estávamos nem no mesmo cômodo. — Fazer o quê?

— Você não vai conseguir me excluir de novo. Não estou deixando você.

A raiva veio à tona. Raiva e medo. Eu me senti confusa por dentro, incapaz de identificar exatamente do que estava com raiva e do que deveria temer. — Você não pode me dizer o que eu posso e não posso fazer, Eric. Nunca dei a ninguém o poder de mandar em mim e não vou começar agora.

Uma risada sombria veio dele e arrepios correram para minha pele. Ele estava na minha cara rapidamente com a mão em volta das minhas costas como uma cobra golpeando seu oponente. Seu olhar tempestuoso caiu sobre mim como uma nuvem negra sobre o oceano. — Você não quer que eu toque em você? Tudo bem. — Engoli em seco, meus seios empurrando para cima, esfregando ao longo de seu peito. Ignorei como meu corpo faiscou. — Você não quer que eu te beije? Ótimo, também. Eu não vou te beijar a menos que você implore por isso. Você não quer que nós demos as mãos e ajamos como a porra de um casal poderoso? *Beleza*. — Seu rosto se aproximou do meu, seus lábios quase desapareceram, tornando difícil lembrar onde eu estava. O chão trovejou sob meus pés com a proteção de seu tom. — Mas que Deus me ajude, se eu avistar um Porsche vermelho na sua garagem, estarei na sua casa tão rápido que você nem terá tempo de entrar em pânico. E se eu vir aquele Jaguar elegante e caro estacionado bem atrás do seu carro, estarei no seu armário com você, segurando sua mão enquanto seu pai exige que sua mãe se curve aos pés dele. E se algum deles, ou qualquer um, por falar nisso, colocar a mão em você sem o seu consentimento. — Eric estendeu a mão e agarrou meu rosto com tanta força que eu não poderia desviar o olhar, mesmo se quisesse. — Vou arrancar a porra dos braços deles de seu corpo.

Meu lábio começou a tremer. Uma queima de fogo de sentimentos arranhou meu peito, implorando para ser liberado, pois eu desejava que eles ficassem parados. *Como? Como ele ainda poderia ser tão protetor comigo mesmo quando eu o estava afastando novamente?* Engoli a tristeza na minha garganta e mordi meu

lábio para que parasse de balançar como a garota fraca que eu me tornei. Os olhos de Eric se fixaram nos meus, seus dedos cravando em minha pele. — Você me empurrou uma vez, Maddie, e jurei que nunca mais lhe daria o poder de fazer isso de novo. — Sua mão de repente desapareceu do meu rosto e seus dedos soltaram minha camisa que ele segurou por trás. Ele se curvou pela cintura e pegou o pedaço de papel amassado do caderno e o ergueu. — Então, não, não vou parar de me preocupar com você. Obrigado pela recomendação, no entanto.

Vá embora, Madeline. Porra, vá embora agora.

Eu dei um passo para trás, e depois outro, nenhum de nós quebrando o controle que tínhamos um sobre o outro. Não conseguia entender que meu plano não funcionou. Que ele ainda não estava desistindo, mesmo depois que eu o lembrei de tudo de ruim que veio associado a mim. *O que faço agora?*

Logo antes de me virar para descer as escadas, Eric me deixou com, — Avise-me quando os pesadelos voltarem, Maddie. Estarei lá quando você precisar de mim, embora eu saiba que você vai dizer a si mesma que não.

Eric estava errado.

Eu precisava dele. Ele simplesmente não precisava de mim.

Os próximos dias foram alguns dos piores que já tive na English Prep, e isso queria dizer algo, porque nada fora do comum aconteceu. Ninguém mexeu comigo. Ninguém tentou me fazer tropeçar no refeitório ou me chamou de puta enquanto eu passava. *Vagabunda* foi magicamente apagada da frente do meu armário também.

Foi tudo muito estranho, mas não me permitiria perguntar a Eric se ele tinha algo a ver com isso. Eric era uma zona sem olhar, sem falar e sem pensar. Claro, dois em cada três deles eram quase impossíveis de cumprir. Pensei nele 24 horas por dia, 7 dias por semana. Até sonhei com ele ontem à noite quando consegui dormir, com muito medo de que ele tivesse razão, de que os pesadelos voltassem. E eles fizeram, exceto que era um pesadelo inteiramente novo.

Este era tudo sobre Eric. Em vez de algum canalha entrando sorrateiramente em meu quarto para me apalpar, era Eric. Gostei, mesmo acordando com uma umidade entre as minhas pernas, mas de alguma forma meu sonho mudou e ele saiu do meu quarto e começou a foder minha mãe no corredor.

Dizer que eu estava fodida seria um eufemismo.

Era ainda mais confuso que eu disse a Eric para ficar longe de mim e parar de se preocupar comigo, mas não conseguia parar de procurá-lo cada vez que entrava no refeitório. Nossos olhos se encontravam brevemente, e ele segurava meu olhar o tempo todo perguntando de forma não verbal: *mudou sua mente?* Eu rapidamente desviaria o olhar e fingia estar fazendo meus negócios.

Durante todo o tempo na aula de história, meu pescoço formigou como se pequenas aranhas estivessem rastejando. Sempre que eu colocava meu cabelo atrás do ombro, pegava seu olhar demorado em mim, fazendo meu rosto corar e minhas costas suar.

Eu estava exausta quando cheguei em casa da escola, apenas para ficar ainda mais exausta tentando me forçar a parar de olhar para a janela de seu quarto, com muito medo de que ele estivesse lá como um guarda-costas, mas, por outro lado, eu estava com ainda mais medo de que ele tivesse ido embora, festejando na cabana.

O que precisava era que ele me deixasse em paz, para que eu pudesse me aquecer na autopiedade e no medo. Mas o que eu queria era que ele continuasse

me observando e me fazendo sentir o tipo de nervosismo que você fica quando está prestes a dar seu primeiro beijo.

Eu era patética. Cavei meus calcanhares, me perguntando onde aquela garota feroz, a “eu-não-preciso-de-ninguém”, que eu costumava ser.

Gemi, chutando a saia do meu uniforme até a metade do chão do meu quarto. Eu coloquei minhas costas em minha janela, ignorando o fato de que eu dificilmente poderia me impedir de olhar para ele a cada três segundos. Minha mãe tinha sumido, vejam, provavelmente tentando recuperar sua autoestima depois que meu pai a desintegrou alguns dias atrás.

Depois de tirar minha camisa, fui até meu armário para colocar algo confortável. Tive o desejo de mandar uma mensagem de texto para algumas das minhas velhas amigas, aquelas que não necessariamente me intimidaram depois que Christian me afastou da escola inteira, mas também não me alcançaram. Eu não me importaria de perder meu tempo com elas, mesmo que não fossem realmente amigas para começar. Isto é, se elas quisessem ser vistas comigo.

Revirando os olhos, abri meu armário e acendi a luz, apenas para dar um grito digno de filme de terror. Minha mão voou para o meu peito. — Que diabos, Eric! — Tropecei para trás, pisando na minha camisa que eu joguei ao acaso no chão e caindo de bunda com um whoosh.

Suas palmas estavam em mim em um instante, puxando-me para os meus pés. Sua grande mão tirou meu cabelo bagunçado do meu rosto. — Você está bem?

Se eu tivesse alguma força de vontade sobrando em meu corpo quando se tratava dele, teria arrancado meu braço de suas mãos. Mas em vez de fazer isso, fiquei lá, em nada além de minha calcinha, sutiã e meia-calça até o joelho, completamente sem fôlego. — Eu... eu...

Eric ergueu as sobrancelhas enquanto seus lábios se inclinavam para cima. Dei um passo para trás e ele largou meu braço.

— O quê você está fazendo no meu armário, Eric?

Eric desviou o olhar momentaneamente, o que era incomum. Ele estava tipicamente me queimando de dentro para fora, seus olhos escuros e temperamentais sempre treinados para os meus como se estivessem sugando minha alma. — Não me preocupando com você, é isso.

Eu apertei os olhos e cruzei os braços sobre o peito. Eric molhou os lábios e engoliu em seco, a garganta subindo e descendo. Minha pele corou.

Rapidamente me movi ao redor de seu corpo como se ele tivesse peste bubônica e estendi a mão para pegar a primeira camisa que pude encontrar, que era uma velha camisa de líder de torcida da English Prep. *Bons tempos*. Eu a vesti rapidamente e peguei uma calça jeans que estava no chão.

Eric observou cada movimento meu com um olhar cuidadoso. Ele estendeu a mão e esfregou a parte de trás do ombro e suspirou alto. Lancei meu olhar para baixo em seu pescoço, que estava ficando mais e mais vermelho conforme os segundos passavam.

— Vejo que sua mãe não está em casa de novo, — afirmou ele, ainda meio parado no meu armário.

Apertei os olhos novamente, ignorando-o. — O que você estava fazendo no meu armário?

— Você me disse para não me preocupar com você. — Sua bochecha se contraiu. — Então, sou eu não me preocupando com você.

Aonde ele queria chegar? — Aonde...

A palma quente de Eric envolveu meu pulso conforme ele me puxava para o armário rapidamente. Ele se virou, colocando minhas costas em sua frente e fechando a porta. O interruptor da luz foi desligado e o pânico começou a me invadir.

— Eric, — eu disse. — Você sabe que não gosto do escuro. Pare com isso.

— Shh, — ele me silenciou, esfregando as mãos ao longo dos meus braços cobertos de arrepios. Ele sussurrou em meu ouvido, sua respiração fazendo cócegas em algo sensível, — Olhe para cima.

Minha cabeça se inclinou lentamente, meu cabelo caindo nas minhas costas. Eu suspirei. Meus olhos estavam embaçados e meu coração derreteu até o chão com uma única respiração.

— Apenas no caso de eu não estar aqui. — Suas mãos ainda estavam em meus braços, esfregando para frente e para trás da maneira mais confortável enquanto nós dois olhamos para o teto que parecia ser uma centena de estrelas brilhando no escuro.

Um sorriso suave enfeitou meus lábios enquanto eu continuei a olhar para cima. — Isto...

Eu não tinha palavras. Odiava o quanto eu gostava dele se preocupando comigo e me protegendo. Isso ia contra tudo que eu defendia, porque, no fundo, eu sabia que confiava em Eric com tudo que tinha e não conseguia me lembrar da última vez que realmente confiei em alguém.

Não havia nenhum plano corrompido dele para fazer eu apaixonar por ele apenas para me esmagar no final. Ele não estava fazendo isso para se vingar de seu pai e minha mãe. Estava fazendo isso porque era *ele*. O menino que era ferozmente protetor acima de tudo.

Eu ainda estava sem palavras enquanto olhava para cima, descansando minhas costas ao longo de sua frente robusta. — Eu não sei o que dizer.

— Você sabe o que dizer... — Ele fez uma pausa antes de se inclinar para o meu ouvido novamente. — Você simplesmente não vai.

Ele estava certo. Eu estava com muito medo de dizer algo de que pudesse me arrepender mais tarde. Ele não conseguia ver que eu estava tentando ser altruísta? Que estava tentando mudar? Por que ele estava tornando isso tão difícil para mim?

O dedo de Eric roçou minha pele como uma pena, fazendo meu coração parar de bater. Sua mão pousou no meu ombro por um momento antes de subir e acariciar meu pescoço. — Eu posso sentir seu pulso disparando, Maddie. — Parei de respirar, esperando que ajudasse a disfarçar a maneira como ele estava me afetando. Eu esperava que ele não pudesse ver como estava me fazendo tropeçar com minhas palavras. — Você sabe quantas vezes peguei você me olhando hoje? Com aquele olhar triste de cachorrinho em seus olhos?

Minha cabeça mal balançou. Sua mão ainda estava descansando ao longo do meu pescoço e me encontrei pressionando contra ele ainda mais. Eu não conseguia parar. Não conseguia parar, maldição.

Ninguém nunca havia me afetado dessa forma antes. Ele estava me consumindo. Eu me senti enlouquecida. Meu sangue estava zumbindo.

— Trinta e uma.

Sem chance.

— Malditas trinta e uma vezes, peguei você me olhando. Quer explicar isso?

Trinta e uma?!

Balancei minha cabeça novamente. Não confiei em mim mesma para falar. As mãos de Eric de repente caíram do meu corpo e a decepção foi inovadora.

Ele me girou para encará-lo, sua mão agarrando meu queixo. Ele o inclinou para cima, nós dois agora olhando para as estrelas que brilham no escuro acima de nossas cabeças, rodeadas por roupas penduradas esfregando ao longo de nossos braços. — Bem, até você poder admitir que me quer da mesma forma que eu quero você, sem qualquer merda que qualquer outra pessoa diga, pelo menos você terá isso para lembrá-la de que está segura no escuro.

Eu não estava segura sem ele.

— As estrelas não vão me proteger, — falei sem fôlego, olhando-o nos olhos. Tudo ao nosso redor estava sombreado, mas com as estrelas de neon acima, nossos rostos brilhavam.

Sua cabeça se inclinou. — Não, mas eu posso.

Mais um silêncio pesado caiu entre nós antes que ele trabalhasse sua mandíbula de um lado a outro e desse um passo para longe de mim. Suas mãos caíram quando a luz voltou e a porta se abriu. Ele colocou a distância necessária entre nós, e eu odiei isso.

— Não te odeio mais, Maddie. — Eric me deu um sorriso indiferente, quase parecendo triste. — Mas você já sabia disso, certo?

Eu queria tanto estender a mão para ele que doía. Dando um passo à frente, disse: — Por favor, pare.

— Parar o quê?

— Pare de fazer eu me arrepender de ser uma boa pessoa. Estou realmente tentando aqui, e você está estragando tudo. — Dei mais um passo em direção a ele.

— Estou tentando ser abnegada, Eric. Pela primeira vez na porra da minha vida, estou tentando fazer a coisa certa.

Ele fez uma careta, me encontrando no meio do caminho. — Você acredita que está sendo altruísta porque está me afastando? Novamente? Você acha que é ruim para mim? — Ele riu sarcasticamente, passando a mão debilmente pelo rosto. Seus olhos raivosos me penetraram e lambi meus lábios ansiosamente. — Desde quando você se importa se é ruim para alguém, Madeline?

Um suspiro exausto me deixou. — Estou tentando fazer melhor, Eric. Eu quero ser altruísta. Você estará melhor sem mim. Você me viu? Estou um caco. — Meu peito começou a arfar e meus braços tremeram. Meu tom começou calmo, mas, de repente, ficou caótico. As palavras saíam da minha boca tão rápido que nem o fôlego conseguia recuperar.

Eric jogou os braços para cima. — Porra, Madeline! Como posso fazer você se ver do jeito que eu te vejo? — Ele se virou rapidamente, virando-se de costas para mim por um segundo antes de voltar e gritar: — Você me excluiu da sua vida porque estava protegendo sua mãe! Ela traz para casa os malditos cretinos que tentam transar com você na sua cama à noite! Você se fez passar por essa garota terrível e malvada para poder proteger a imagem perfeita que você e sua mãe criaram em suas cabeças. — As veias dos antebraços de Eric estavam inchando enquanto ele apertava os punhos. — Ok, você sabe o quê? Tudo bem. — Ele ergueu as mãos novamente. — Sim, você era uma vadia. Você foi fria e calculista em seus esforços de garota má. — Me afastei da aspereza em sua voz. — É isso que você quer ouvir? Huh? — Ele entrou na minha frente. Meus olhos lacrimejaram enquanto eu examinava a dor e a fúria que vinham dele em ondas. — Bem, adivinhe? — ele cuspiu. — Eu ainda te amava pra caralho, mesmo então.

As lágrimas correram para a superfície, caindo pelo meu rosto tão rápido que não consegui enxugá-las rápido o suficiente. — Bem, isso é muito ruim, Eric! Você não pode amar alguém como eu.

— Quem disse? — Ele enxugou minhas lágrimas com força, suas sobrancelhas escuras juntando-se em um monte retorcido no seu rosto.

— Eu! — Gritei. Um soluço estava tentando escapar do meu corpo, mas eu o quebrei em pedaços antes que tivesse uma chance. — Eu estou uma bagunça! Meu pai é abusivo. Estou tenho medo do escuro. Quase não durmo. Sou uma fodida vítima de estupro. Todos me odeiam! Você deveria me odiar! Por que você está tão decidido a me consertar? Me protegendo? Eu não estou inteira! Estou quebrada em pequenos pedaços. Não sobrou nada de mim para amar.

— Isso não é verdade. Você não está quebrada. — As mãos de Eric envolveram a parte de trás do meu cabelo e ele pressionou nossas testas juntas.

Meu peito se abriu e as lágrimas correram pelo meu rosto como gotas de chuva dançando no para-brisa. Eles estavam espalhados por toda parte, pingando rápido. Eu chorei ainda mais forte, e Eric tentou o seu melhor para enxugar até a última lágrima.

— Como posso fazer isso parar? — ele finalmente perguntou, seus polegares entrando e limpando meu rosto.

Engoli, recuperando meu controle por um segundo. — Você não pode. Passado é passado. Acredite em mim, Eric, se pudesse mudar, eu mudaria. Eu faria tudo diferente.

A batida da porta de um carro nos fez parar. Seus polegares pararam de se mover. Eu parei de fungar. Eric esticou o pescoço para trás, ainda me segurando e então todo o seu corpo enrijeceu. Ele era como uma parede de tijolos, todos os músculos travados com força.

— Eric? — Podia ouvir a urgência em minha voz. — É meu pai?

— Não.

Ah, não. — É... é... é...?

As feições de Eric suavizaram por um segundo. — Relaxe, Maddie. É meu pai.

— Seu pai? — Resmunguei.

A veia na têmpora de Eric estava para fora e pronunciada. — Você fica aqui, — disse ele, antes de deixar cair as mãos. — Esta conversa não terminou. Mas preciso cuidar de uma coisa.

— Eric... — Avisei. Ele estava sofrendo. Estava sofrendo, usando essa dor e transformando-a em raiva. Observei a lenta inclinação de sua sobrancelha quando ele olhou pela janela. Senti o momento da deslealdade percorrer seu corpo. Então eu vi quando ele endureceu. — Não faça nada que, depois, vai se arrepender.

Ele riu enquanto saía do meu quarto. Sua voz tinha um tom mordaz venenoso. — A única coisa de que vou me arrepender é não ter feito isso antes.

Oh, Eric.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Eric

Eles sempre dizem que você vê vermelho quando está com raiva. Vermelho era a cor do demônio, uma cor raivosa, a cor do sangue. Mas tudo o que vi foi preto. Um profundo e sombrio abismo de pura escuridão.

No momento em que vi seu estúpido carro esporte estacionado na garagem, meu sangue gelou. Ele não tinha permissão para simplesmente aparecer. Não estava tudo bem que ele tentasse se aproximar e falar com minha mãe cara a cara porque ela não estava atendendo suas ligações. Eu não era estúpido. Eu sabia como era o desespero. Para ser honesto, parecia muito com eu tentando chegar até Madeline.

Tal pai, tal filho, eu acho. Mas ele teve coragem de aparecer em casa. E foi exatamente isso que eu lhe disse, quando cruzei o pedaço de grama verde e pousei na entrada de concreto.

— Você tem coragem de aparecer do nada.

Meu pai se virou, olhando para mim por um breve segundo e depois para a casa de Madeline. Algo cintilou por trás de seus olhos cinzentos e foi um tapa na cara. — Você tem coragem de olhar para lá também.

— Eric, — ele avisou. — Estou meio cansado dessa atitude elevada e poderosa que você tem comigo.

Ri sarcasticamente. — Assim como estou meio cansado de você brincar com a mamãe e tentar me colocar do seu lado.

Pegando meu telefone do bolso, li sua última mensagem em voz alta. — *Eric, eu sei que você ainda está com raiva porque o coloquei em uma situação injusta e que você me viu em uma posição comprometedora...* — Eu ri e continuei lendo. — *Mas, por favor, entenda que amo você e sua mãe. Quero consertar as coisas. Eu cometi um erro.*

Meu telefone desligou e o coloquei de volta no bolso. Quando encontrei seu rosto novamente, ele estava apertando sua mandíbula lisa, o músculo pulando em sua têmpora. — Você não quer dizer... erros, pai?

Nada em seu rosto bronzeado se moveu. Sem olhar para baixo, sem torcer o nariz. Nada. Na verdade, ele parecia entediado.

— Do que você está se referindo, Eric?

Sorri, e esperava que ele percebesse ser tão cretino quanto ele. — Eu sei que você tem fodido a mãe de Madeline, entre outras, por anos, pai. *Anos, porra.*

Seu rosto empalideceu quando ele deu um passo para trás. — Isso não é verdade. Pare de encher a cabeça de sua mãe com mentiras. Não é de admirar que ela não atenda minhas ligações e esteja ameaçando o divórcio.

Bom para ela.

— Você realmente tem a audácia de ficar aí e mentir na minha cara? — Perguntei em um tom uniforme. A raiva estava borbulhando, os gritos de minha mãe ecoando na minha cabeça, o rosto triste de Madeline quando ela me contou por que me expulsou de sua vida há tanto tempo. Era a calma antes da

tempestade. Eu estava pronto para socar meu próprio pai bem na porra da sua cara. Ele era um idiota egoísta.

— Eric. — Sua voz ficou mais profunda, como se ele estivesse me repreendendo.

— Admita. Você tem transado com ela desde que nos mudamos para o bairro.

Ouvi uma porta se abrir e não tinha certeza se era a minha ou a de Madeline. Eu preferiria que nem ela, nem minha mãe, ouvisse essa conversa, mas isso era inevitável. Continuei perseguindo meu pai, observando-o lutar por palavras.

— Isso não é verdade...

— Sim, isso é. — Um ding disparou no meu peito ao som da voz de Madeline.

— Madeline. — Meu pai olhou para além de mim e quase explodi.

— Não se atreva a dizer o nome dela assim. — Podia sentir a coragem em minha boca enquanto minhas palavras entravam. Seu rosto vacilou por um momento antes de somar dois mais dois.

Sim. Isso mesmo. Estou transando com a filha da sua amante. Ficou chocado?

Outra porta se abriu e minha mãe apareceu na escada da varanda. — O que está acontecendo aqui? Brett? O que você está fazendo aqui?

— Ele estava saindo, mãe.

Ele estalou para mim. — Não, não estou. — Então se virou para ela, baixando a voz. — Precisamos conversar, e desde que você, — ele olhou para mim, — ambos têm me ignorado. Eu pensei em passar por aqui.

— Brett. — Minha mãe estava cansada. Ela trabalhou em um turno na noite passada e não voltou para casa antes de eu ir para a escola. Olhei para seus olhos sonolentos e cabelo bagunçado.

— Heather. Nós precisamos conversar. Você mesma disse.

Faça-o sair, mãe.

— Tudo bem, — ela suspirou. — Vamos.

— Mamãe. — Empurrei meu pai, empurrando-o com força. Sua mão se estendeu e ele agarrou meu braço com força. — Tire sua mão de mim, — rosnei, ouvindo um suspiro à frente.

— Eric. — Minha mãe estava me avisando, mas não havia necessidade. Eu sabia exatamente o que estava fazendo.

— Eu ainda sou seu pai e você vai me respeitar. Você não vai falar comigo assim.

— Oh sério? — Perguntei, arrancando meu braço de suas mãos. — O que você vai fazer? Me cortar? — Eu ri. — Oh, espere. Você já fez isso. — Olhei para o céu, o sol apenas começando a se pôr. — Você não vai pagar a faculdade? Eu não poderia me importar menos. — Nós nos encontramos cara a cara, os dois da mesma altura. — Você sempre me ensinou a respeitar os mais velhos, mas arruinou meu respeito por você, o que significa que vou dar um soco na sua cara se descobrir que você a machucou novamente. Então, vai lá, ouve o que ela tem a dizer, e depois aceita.

— Eric, baby, acalme-se. — A voz da minha mãe estava distante, embora ela estivesse a apenas alguns metros de distância. Tudo estava distante, exceto pela sensação de sangue quente correndo em minhas veias. Não consegui evitar que as palavras saíssem.

— E como você ousou continuar fodendo a mãe de Madeline quando sabia que a filha dela estava guardando o seu segredo. Você ao menos percebe o quanto de dor causou? Não apenas com a mamãe, mas comigo e Madeline também?

Meu pai parecia pasmo. Estava atordoado, como se eu tivesse realmente dado um soco nele. Ele abriu a boca, mas não saiu nada. Eu estava pronto para jogar algo mais em seu rosto, mas senti duas pequenas mãos pousarem em meus antebraços tensos. — Eric, vamos lá.

Olhei para baixo e vi Madeline olhando para mim com seus olhos azuis. Ela estava preocupada. — Vamos apenas dar o fora daqui. Vamos.

— Não, — Falei enquanto ela me puxava para longe. — Eu, pelo menos, quero que ele admita.

Ela balançou a cabeça levemente, esfregando a palma da mão macia no meu braço. — Ele sabe a verdade. Ele não precisa admitir. Vamos embora, ok?

Eu olhei de volta para meu pai, que estava agora com o rosto pálido. Ele parecia doente, mas talvez eu fosse o doente, porque me deixava feliz vê-lo assim. Ferido. Minha mãe gritou para Madeline. — Madeline, você dirige. Ok?

Madeline assentiu rapidamente, continuando a me arrastar para longe.

— Me ligue quando ele sair, — consegui dizer para minha mãe. Ela me deu um aceno gentil e me soprou um beijo. Eu poderia dizer que ela estava preocupada também. Podia ver em seu rosto. Mas ela não precisava se preocupar comigo. Posso ter ficado chateado, mas ainda quis dizer cada palavra que disse a meu pai.

— Onde você quer ir? — Madeline perguntou quando saímos de nosso condomínio fechado. Seus dedinhos tamborilavam no volante de maneira nervosa e ela ficava olhando para mim.

— Cabana. — Estiquei meus dedos na perna vestida com jeans, enrolando e desenrolando. A adrenalina ainda estava correndo alta e minha pele estava queimando, provavelmente estava quente ao toque.

Olhei para os dedos agora congelados de Madeline enrolados no volante com força. — A cabana. Ok, sim. Eu te levo lá.

Por que ela estava tão preocupada?

— Você está bem? — Finalmente consegui perguntar, ainda olhando para seus dedos apertados.

Seu cabelo loiro pegou um brilho com as luzes internas quando ela brevemente chamou minha atenção. — Eu? Estou bem. A questão é... você está bem?

Zombei, relaxando no assento de seu carro. — Eu estou bem. Nunca estive melhor.

— Eric, — ela suspirou. — Você quase deu um soco na cara do seu pai. Você não está ótimo.

O pisca-pisca ligou enquanto Madeline subiu na rodovia. — Ele teve o que mereceu.

— Não posso discutir aí. Sua mãe é literalmente a pessoa mais legal que já conheci. Seu pai é um completo idiota por deixá-la ir.

Eu ri. — Por que você acha que ele está se esforçando tanto para tê-la de volta?

Uma risada triste a deixou, preenchendo o pequeno espaço. — Você acha que ela vai aceitá-lo de volta?

Cerrei minha mandíbula e estalei meu pescoço, olhando para as linhas borradas pela janela. — Eu espero que não. Ela merece coisa melhor.

— Concordo.

Nenhum de nós disse mais nada enquanto ela continuava a nos levar para a cabana. Música suave tocava nos alto-falantes e não ajudou em nada para acalmar nenhum de nós. Minha mão ainda estava doendo para socar algo, e Madeline ainda estava tensa. Ela não parava de suspirar, os dedos balançando a cada poucos segundos no volante. — O que você tem? — Finalmente perguntei.

— Huh? — Ela girou em minha direção por um momento antes de voltar para a estrada. — Eu? Nada.

— Você está nervosa. Por que você está nervosa?

— Eu não estou nervosa.

Uma risada entrecortada saiu da minha garganta. — Sim, você está. Por que está nervosa? Você tem medo de ficar sozinha comigo de novo? Tem medo de não conseguir continuar com essa sua farsa?

Ela me lançou um olhar feio, seus lábios redondos franzidos. — Não!

Levantei uma sobrancelha e seus ombros caíram quando ela virou para a estrada de cascalho. — É só... o que as pessoas vão dizer quando eu aparecer com você todo quente e incomodado na cabana?

Segurando uma risada, me inclinei em direção a ela. — Você acha que estou quente e incomodado agora?

Observei como seus olhos se arregalaram, seus cílios grossos que quase não tinham mais rímel de suas lágrimas anteriores piscando. — Isso não foi o que eu quis dizer.

Eu ri, me endireitando no assento e olhando pela janela. — Sim, ok.— Fiz uma pausa antes de dizer: — Você pode parar de se preocupar. Ninguém está na cabana.

Assim que estacionamos, Madeline colocou seu carro no estacionamento e girou a chave. — Não é comigo que estou preocupada, Eric. É com você. Você realmente quer que as pessoas nos vejam juntos?

— Você sabe muito bem que não dou a mínima para o que as pessoas pensam de mim, Maddie.

Ela suspirou, abrindo a porta e puxando as chaves da ignição. Algo chamou minha atenção no último segundo e colocou uma pausa em toda a merda que estava acontecendo na minha cabeça. Minha raiva havia evaporado.

Peguei suas chaves rapidamente e ela voou de volta para seu assento. — O que você está fazendo...

Sua expressão mudou de confusa para envergonhada; ou talvez até embaraçada. A luz do domo brilhou em suas bochechas rosadas e eu sorri. — O que é isso? Estamos agarrados às nossas velhas pulseiras da amizade, não é?

— Uh... — Ela desviou o olhar. — Não sei do que você está falando.

Sorri ainda mais. — É absolutamente adorável que você esteja fingindo não saber o que é isso. Pergunte onde guardo a minha.

Madeline me deu uma última olhada antes de perceber que não havia motivo para mentir. Ela revirou os olhos de brincadeira e notei o leve deslizar de seus

lábios. — Oh, tanto faz. — Ela arrancou as chaves da minha mão rapidamente e disparou para fora do carro, batendo a porta na minha cara.

Eu ri, balançando a cabeça enquanto saía de seu carro e a seguia. Os pensamentos turvos de meus pais estavam voltando lentamente à vista, e a agressão reprimida de impedir meu punho de voar para o nariz de meu pai estava começando a pegar fogo novamente. Eu precisava de uma saída antes de puxar o corpo de Madeline para o meu e me enterrar nela como se ela fosse meu próprio porto seguro pessoal.

Eu estava sendo honesto com ela quando disse que não a beijaria novamente. Não, a menos que me pedisse.

Ela poderia fingir o quanto quisesse, mas nós éramos inevitáveis. Eu iria quebrá-la. Iria quebrá-la para me dizer como ela realmente se sentia, ouvi-la implorar, então eu a arrumaria de volta com a porra de um único beijo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Madeline

Já fazia algum tempo desde que eu estive na cabana. A última vez que estive aqui foi quando Christian me evitou na frente de todos, e eu agi como uma rainha desesperada por uma coroa quebrada. Meu estômago revirou com o pensamento.

Achei que Christian terminar comigo, seria a pior coisa que me aconteceria durante meu último ano do ensino médio.

Quão errada eu estava?

Pulei com o som da porta trancando atrás de mim. Eric deu a volta, seu cheiro irritantemente delicioso flutuando ao meu redor conforme ele acendia a luz e entrava na área da toca. Para tantas festas quanto os meninos da English Prep davam aqui, o lugar ainda estava em bom estado. Sofás grandes e confortáveis cercavam uma lareira com uma TV no alto da lareira. Os redemoinhos de bronze e marrom na bancada de mármore brilhavam sob as luzes como se tivessem sido enceradas recentemente. O chão estava limpo, nem uma partícula de sujeira à vista. Nada de latas de cerveja espalhadas ou preservativos usados. Nada apareceria na manhã seguinte a uma extravagância na cabana.

— Você contrata uma empresa de limpeza depois das festas aqui? — Perguntei, meu olhar persistente. Era surreal vê-la assim. Era muito maior do que eu pensava sem todos amontoados dentro.

— Nah. — Eric foi até a geladeira e tirou uma cerveja. — Christian, Ollie e eu geralmente limpamos no dia seguinte. Ou nós fazemos com que um estagiário faça.

Balancei a cabeça, empurrando meu cabelo atrás das orelhas sem jeito.

Por que isso era tão estranho? Seria porque ele me viu no meu pior momento? Ou foi porque o vi no dele?

— Quer uma? — Ele perguntou, recostando-se no balcão. Eric era tão alto que poderia ter se sentado no balcão e suas pernas ainda teriam batido no chão.

— Qual é a ocasião? — Perguntei, observando-o com um olhar atento enquanto seus lábios envolviam a garrafa de cerveja.

Depois de tomar um gole, ele encolheu os ombros. — Não batendo na bunda do meu pai na frente da minha mãe, eu acho.

Sinceramente, pensei que ele daria um soco em seu pai se eu não tivesse descido correndo os degraus da varanda e agarrado seu braço. Sua pele parecia fogo, queimando minha palma quando a tocamos. Ele estava tremendo, a raiva cegante estava logo abaixo da superfície. Heather deu uma olhada para mim quando ele pisou no rosto de seu pai, e isso foi tudo que eu precisei para correr como sua barreira.

— Você vai me fazer beber sozinho?

Olhei para cima e vi Eric me observando com esperança em seus olhos. Beber com Eric era provavelmente uma das piores coisas que eu poderia concordar em

fazer, mas coloquei um pé na frente do outro e logo uma garrafa de cerveja foi colocada em minha mão e o sabor maltado estava em minha língua.

Sua bochecha se ergueu, seus cílios escuros se abrindo. — Isso, garota.

Eric passou por mim, tomando outro gole de sua cerveja. No momento em que limpei o sorriso do meu rosto, me virei e ele estava sentado no sofá na área de lazer. As almofadas moldaram-se perfeitamente ao seu corpo. Ele puxou o cabelo escuro para trás com uma mão habilidosa, exibindo todas as linhas definidas de seu rosto. — Você pode sentar, sabe.

Mudei meu olhar para o local ao lado dele e meu estômago apertou.

— Eu não estava mentindo no outro dia quando disse que não tocaria em você.

Afastando a decepção que havia causado a mim mesma, dei um passo para dentro da sala, ainda segurando minha garrafa de cerveja em uma das mãos. Senti minha decepção lentamente se transformar em ciúme. Com ciúmes de quê? Eu não tinha certeza. A garrafa de cerveja que seus lábios estavam tocando? O pensamento dele tocando outra pessoa porque eu o afastei?

— Você me tocou antes, — eu disse, dando outro passo mais perto.

Seu olhar escureceu. — Não como eu queria.

Mmmhm. Apenas me acenda na porra do fogo.

— Eric, — eu avisei.

— Sente-se, Madeline. Vamos apenas respirar. — Ele fez um barulho cansado enquanto esfregava o rosto com a mão. — Você e eu estamos fazendo isso há semanas. Não sei se tenho energia agora. Não depois de quase dar uma surra no meu pai.

Certo. Eu esqueci tudo sobre aquele pequeno incidente por um momento. — Você está bem? Tipo, realmente está bem?— Perguntei enquanto me aproximava dele.

Eric olhou para mim e seus lábios se endireitaram. — Não sei. Quero dizer...— Ele desviou o olhar, olhando pela porta de vidro que levava ao convés. — Eu ainda estou muito bravo. — Ele agarrou sua garrafa de cerveja com tanta força que pensei que fosse quebrar. — Ainda me sinto empolgado. — Ele apontou a garrafa para mim. — Daí o álcool.

A culpa me bateu no ombro. — Eu deveria ter te contado antes, sobre ele.

Ele olhou para mim, o cinza em seus olhos um pouco menos tempestuoso. — Você teve seus motivos.

Fechei os olhos, finalmente me sentei no sofá e caí para trás até minhas costas baterem na almofada macia. Balancei minhas pernas, mas as mantive dobradas para que não o tocassem. — Tudo está tão confuso.

— Sim, está.

Meus olhos se abriram quando Eric tocou minha perna com a palma da mão. Mesmo através do meu jeans skinny, senti a queimadura que ele deixou para trás. Eu sabia que estava tudo na minha cabeça, mas ainda olhei para baixo para me certificar de que minha perna não estava pegando fogo.

— Vamos jogar um jogo, — ele meditou, com um sorriso na voz.

— Um jogo? — Perguntei nervosamente.

Ele acenou com a cabeça, seus lábios formando aquele sorriso perigoso que me deixou inquieta. Sentei-me, puxando-me para uma posição sentada com minha cerveja enfiada em minhas coxas. — Como o quê?

Eric pensou por um momento e, quando me lançou um olhar malicioso, meus nervos se intensificaram. Um olhar assim dele *nunca* foi bom.

— Você parece terrivelmente travesso aí, Eric, — sussurrei, tomando outro gole da minha cerveja para acalmar o nervosismo.

— Verdade ou Desafio?

Desviei o olhar, incapaz de me concentrar em qualquer coisa além do fato de que estava perdendo minha batalha de resistir ao Eric rapidamente.

— Você realmente acha que é uma boa ideia?

— Tudo o que tenho são boas ideias, Maddie.

Ri em minha mão. Sua palma estava de volta na minha perna e isso foi tudo que eu precisei para concordar. — Tudo bem. Eu acho que isso vai te ajudar a se acalmar aí com toda aquela testosterona raivosa.

Ele riu enquanto se levantava e ia para a cozinha. Eu o ouvi murmurar baixinho. — Isso é improvável.

Quando ele voltou, ele apagou as luzes e colocou quatro cervejas na mesa de café na nossa frente.

— Mesmo? — Perguntei, olhando para eles. — Tentando me embriagar?

Ele balançou sua cabeça. — Não. Tentando me embriagar. Agora quem vai primeiro?

— Eu vou. — Sentei-me, juntando minhas pernas para sentar de pernas cruzadas. Eu puxei meu cabelo em um rabo de cavalo alto e tomei outro gole da minha cerveja antes de me virar para Eric, que estava olhando para mim com ceticismo. — O quê?

— Você está bem aí, Bob Barker⁴? Planejando ganhar um jogo cruzado ou...?

Uma risada borbulhou e saiu voando da minha boca antes que eu batesse minha mão sobre ela. — Você realmente acabou de me chamar de Bob Barker?

— Você está se preparando para este único jogo de Verdade ou Desafio como se estivesse prestes a apresentar o maior game show do mundo. Parecia adequado.

Eu ri de novo antes de suspirar e entrar na zona. Teria que ser tudo mãos à obra para este aqui, porque eu tinha jogado Verdade ou Desafio muitas vezes no passado, especialmente em festas, e *sempre* ficava sujo.

— Ok, você está pronto? — Perguntei, olhando furtivamente.

Eric parecia completamente imperturbável e relaxado enquanto se sentava no sofá com uma mão em volta da garrafa e a outra em sua coxa.

— Eu estou pronto. Continue.

— Ok. — Eu respirei fundo. — Verdade ou Desafio?

Ele respondeu rapidamente. — Verdade.

As opções eram limitadas aqui. Eu não queria cruzar a linha que tracei, tornando isso sexual desde o início, porque isso não iria me ajudar de forma alguma. Também não queria mencionar nada sobre nossos pais ou a situação em que nos encontrávamos, então perguntei a primeira coisa segura que pude pensar.

— É verdade que você nunca disse a uma garota que a amava antes?

Eric se afastou, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas. — O quê?

⁴ Ator e apresentador americano, conhecido por apresentar o programa The Price is Right.

Dei de ombros, levando minha cerveja aos lábios. — Estou curiosa para saber se os rumores são verdadeiros. Você é o assunto do vestiário feminino. — Especialmente agora que os irmãos Powell foram levados.

— Explique.

Dei de ombros. — É só que... todas as garotas que já estiveram com você, compararam suas notas. Como uma espécie de comparação e contraste.

— Elas comparam e contrastam o que exatamente?

Eu já podia sentir a mudança na conversa. — Você sabe... — Enrolei. — Apenas coisas.

O rosto de Eric ainda estava confuso e revirei os olhos.

— O que você espera quando estive com quase todas as garotas do último ano, Eric? Elas são obrigadas a falar.

Ele lambeu os lábios, parecendo curioso. — Bem, o que elas dizem?

Lembrei-me de alguns meses atrás, quando Sara, Cassie e Missy, de quem eu costumava ser amiga, todas líderes de torcida, é claro, falaram sobre como Eric sempre foi muito confortável no quarto, mas completamente independente de outra forma. Não importava o número de encontros ou sexo casual que elas tiveram com ele, Eric nunca disse a uma garota que a amava. Na verdade, as palavras exatas de Missy foram: — Eu nem tenho certeza se ele *gostou* de mim.

— Elas disseram que você não é muito... vocal.

— Vocal? — ele questionou, pegando uma nova cerveja.

Revirei os olhos, ficando repentinamente muito irritada com a conversa. — Elas disseram que você fode tão bem que parece fazer amor, mas você nunca disse isso.

Eric jogou a cabeça para trás e riu tanto que o sofá balançou. Minha boca se abriu enquanto o observava dar um tapa no joelho com força.

— Por que isso é tão engraçado? — Perguntei.

— Elas pensam que eu as amo? — Seus olhos estavam arregalados, suas bochechas coradas de tanto rir. — Elas estavam falando sério?

— Não! — Eu meio que ri, tentando remediar a conversa. — Na verdade. Bem, não sei. Acho que era mais porque elas estavam pescando para ver se você amava mais alguém.

Suas risadas estavam começando a desaparecer. — E alguém confessou?

Meus lábios caíram ao mesmo tempo que minha esperança. — Então você disse a uma garota que a amava?

Só fiz a pergunta porque presumi que fosse verdade; que ele não disse a uma garota que a amava.

— Sim.

Estaca no coração.

— Ok. — Eu estava me afastando rapidamente desse assunto antes que ele percebesse o quanto isso me incomodava. — Então. Agora é a sua vez.

Sua risada foi baixa, como se estivesse tentando segurá-la. Eu não ousaria olhá-lo, no entanto, com medo de que ele visse como eu estava com raiva. Eu não tinha o direito de ficar com raiva, mas estava. Estava com raiva e ciúme e, de

repente, precisava de outra cerveja. *Era assim que ele se sentia quando eu estava com Christian?* Oh meu Deus. Eu era uma pessoa terrível pra caralho. Mais uma razão para ele ficar longe de mim.

— Verdade ou Desafio? — ele finalmente perguntou depois que eu ainda não queria olhar para ele.

— Verdade. — Não havia nenhuma maneira de aceitar um desafio dele.

— Te incomoda saber que eu já disse a uma garota que a amava?

Agarrei a cerveja em minha mão, concentrando-me no copo frio sob minha palma. *Mantenha o foco. Aja com calma.* Eric se mexeu ao meu lado e os pelos dos meus braços se arrepiaram. — Não, — respondi.

Eric se inclinou mais perto e, droga, ele cheirava tão, tão bem. — Preciso lembrá-la das regras deste jogo?

Olhei para ele com o canto do olho. Ele sorriu. — Diga a verdade. Te incomoda que eu disse a uma garota que a amava?

Um ciúme horrível percorreu minhas veias. *Claro que me incomodou!* Queria arrancar o cabelo dela e nem sabia quem era. A velha Madeline estava rastejando de volta e eu precisava excluí-la, mas a voz provocadora de Eric estava presa na repetição. *Isso te incomoda?*

— Eu acho que provavelmente me incomoda tanto quanto já incomodou você que eu transei com seu melhor amigo.

Nossos olhos se encontraram e a sala foi repentinamente carregada. Se houvesse velas acesas, todas estariam mais brilhantes, suas chamas queimando tudo à vista. O olhar de Eric escureceu e o meu fez o mesmo. Ele se inclinou ainda mais para o meu espaço e eu disse a mim mesma para recuar, mas meu corpo era muito teimoso.

— É a minha vez de novo porque você mentiu. — Seu hálito quente cheirava a cerveja e algo atraente. Eu não disse nada quando ele perguntou: — Verdade ou Desafio?

Meus olhos caíram para sua boca enquanto as palavras se acumulavam. Sua língua escorregou para molhar seu lábio e meu coração acelerou.

— Verdade. — *Ainda não aceitando um desafio dele.*

— É verdade que você costumava me procurar em uma sala lotada após beijar meu melhor amigo?

Meu rosto ficou quente, como se eu estivesse perto demais de um incêndio. *Merda.* — Não.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente. — Minha vez de novo.

Eu não disse nada porque ele estava certo. Eu estava mentindo descaradamente.

— Verdade ou Desafio?

Eu provavelmente deveria ter escolhido um desafio, considerando que ele estava jogando sujo, mas, novamente, *ele estava jogando sujo*, então um desafio não seria do meu interesse também.

— Verdade.

Eric colocou sua garrafa na mesa na nossa frente, e sua mão pousou logo abaixo das minhas pernas cruzadas. O sofá afundou, trazendo nossos rostos ainda mais próximos. — É verdade que você costumava me imaginar quando vocês dois transavam?

Meu coração bateu forte contra meu peito. Eric estava jogando sujo pra caralho. Ele estava fazendo isso de propósito, querendo me irritar. Estava provando um ponto. Nós dois sabíamos que eu o queria. Ele só queria que eu admitisse.

— Sim, — respondi com sinceridade, segurando o jogo em minhas mãos.

Seu queixo se inclinou ligeiramente, seus olhos ficando semicerrados. Ele gostou de ouvir que eu o imaginei, e odiei admitir, mas gostei também.

— Sua vez, *Maddie*.

Eric estava jogando sujo, mas eu também podia jogar sujo. — Verdade ou Desafio, *Eric*?

Seus olhos brilharam. — Desafio.

Desafio?

Sorri, me aproximando dele. Nossos lábios estavam roçando e eu me senti toda eletrizada. — Te desafio a me beijar.

Seu nariz roçou no meu e me preparei para o impacto. Eu queria ver as estrelas atrás dos meus olhos. Queria sua língua emaranhada com a minha, apesar de meus apelos anteriores para que ele percebesse que eu era altruísta e tudo de bom.

— Eu disse que não te beijaria até que você implorasse.

— Mas é Verdade ou Desafio, e você escolheu Desafio. — Nossos lábios estavam roçando um no outro apenas o suficiente para me fazer latejar. — Preciso lembrá-lo das regras, Eric?

Ele rosnou, mantendo os olhos nos meus. Sua boca se abriu ao mesmo tempo que suas pupilas dilataram e parei de respirar quando seus lábios bateram nos meus. Sua língua entrou, me trazendo de volta à vida, antes que ele se afastasse tão rápido que quase choraminguei.

Sua voz estava rouca quando um gole desceu por sua garganta. — Verdade ou Desafio, Maddie?

Eu estava ofegante. — Desafio.

Ele sorriu. — Vou te dar duas opções.

Meus olhos se estreitaram.

— Te desafio a: um, — ele ergueu um dedo, — implore para eu te tocar, já que eu não faria isso de outra forma, *ou dois*, — ele ergueu outro dedo, — toque a si mesma.

A sala ficou quente com suas palavras sedutoras. Minha boca se abriu enquanto eu olhava para ele e seus olhos cheios de luxúria e lábios carnudos. — Este é um jogo perigoso, arriscado... — Sussurrei, empurrando minha garrafa de cerveja para o lado.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Qual deles? Verdade ou Desafio? Ou o jogo que estamos jogando há semanas?

Lambi meus lábios. — Ambos.

Ele assentiu. — Então, o que vai ser? Você quer que eu toque em você, Maddie?

Deus, sim.

Algo perverso se mexeu dentro de mim conforme notava sua respiração ficar mais pesada. Ele estava excitado e eu estava me alimentando disso como o diabo se alimentando de um pecado. — Eu quero. — Sorri timidamente enquanto tirava minha camisa e a deixava cair no chão. — Mas também quero me tocar.

A sobrancelha de Eric se ergueu quando suas pupilas dilataram. Comecei a traçar meu dedo ao redor da copa rendada do meu sutiã enquanto ele observava cada movimento meu. — Verdade ou Desafio, Eric?

Ele continuou me observando. — Verdade.

— É verdade que você quer assistir?

Ele piscou lentamente, sua boca abrindo apenas ligeiramente. — Sim.

Meus mamilos endureceram instantaneamente, meu dedo movendo-se perigosamente perto da borda da minha calça jeans.

— Verdade ou Desafio? — Eric sussurrou, recostando-se na almofada do sofá, me dando mais espaço para explorar.

— Desafio.

Ele apertou a mandíbula, a mão agarrando a calça jeans. — Te desafio a desabotoar sua calça jeans.

Feito.

Meu dedo tremeu ligeiramente quando empurrei o botão de metal pela fenda e novamente quando abri o zíper. Os únicos sons eram o zíper e a mudança de Eric e eu no sofá a cada poucos segundos. Nós dois estávamos basicamente espumando pela boca, prontos para despir um ao outro, mas se eu sabia alguma coisa sobre Eric, era sua teimosia. Ele realmente não iria me tocar até que eu pedisse. Talvez

ele estivesse tentando ser respeitoso, especialmente porque sabia o que aconteceu comigo, ou talvez ele só quisesse ganhar o jogo.

— Verdade ou Desafio, Eric?

Eric continuou observando meus dedos enquanto eles mexiam no topo da minha calcinha, abaixando-se por um momento e depois voltando a subir. — Desafio. — A única palavra parecia um tijolo caindo no chão.

— Eu te desafio a se tocar também.

Ele gemeu, jogando a cabeça para trás, as cordas dos músculos estalando para frente e para trás. Desabotoou a calça jeans, enquanto me olhava fixamente, e segurou seu pau na mão. Era difícil para eu ver, porque ele estava trabalhando sob a cueca, mas a expressão de alívio em seu rosto quando se tocou me deixou ainda mais molhada.

— Então, quem vai quebrar primeiro? — Perguntei quando seus olhos voaram para os meus. — Isso vai acabar comigo, implorando por você ou você implorando por mim?

— Oh, com certeza vou tocar em você, Madeline, — disse ele entre os dentes enquanto levantava o colo e deslizava sua boxer para baixo até as coxas. Ele jogou a cabeça para trás novamente quando se agarrou com força.

Oh.

— Mas eu prometo que sou mais teimoso do que você. — Seus dentes brancos agarraram seu lábio inferior enquanto observava minha mão desaparecer na minha calcinha. — Você será a única implorando.

Não reconheci minha voz quando disse: — Veremos, Eric.

Mas eu sabia, no fundo, que seria a única a sucumbir. Parecia que eu não tinha absolutamente nenhum autocontrole quando se tratava de Eric.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Eric

OH, foda-me. Madeline. Madeline. Madeline.

Mas de verdade. *Foda-me.*

Eu não conseguia parar de olhar ou me bombar. Queria ir devagar para que eu pudesse durar mais que ela, mas santo Jesus Cristo. *Eu te desafio a se tocar também.* Jurei que nunca deixaria essa garota ter a vantagem quando se tratava de nós, mesmo que ela estivesse invadindo meu cérebro a cada segundo de cada dia, mas eu estava pronto para me curvar a seus pés e implorar para me deixar adorar cada parte de seu corpo.

Havia uma pequena sarda em seu estômago tonificado, logo acima do osso do quadril direito. Continuei tentando me concentrar nisso, em vez de seus gemidos famintos e a mão ágil dentro de sua calcinha, mas foi inútil. Eu poderia ter sido um cego e ainda gozaria por todo o lugar ao som dela, quem dirá a visão.

Os quadris de Madeline arquearam para cima conforme ela empurrava a calça jeans até os tornozelos. Parei de me bater por tempo suficiente para arrancar o jeans pelo resto do caminho antes que minha mão estivesse de volta no meu pau.

Apertei e bombei, vendo seu dedo desaparecer na calcinha novamente, e eu estava voando de ciúme. *Quero te tocar.*

Sentindo-me apertar em todos os lugares certos, cerrei meus olhos. — Isso é bom, Maddie? — Perguntei, tentando o meu melhor para fazê-la perder essa porra de jogo estúpido que tínhamos acontecendo.

— Mhm, — ela murmurou, mal fazendo os sons audíveis.

— Seria melhor se eu estivesse em você, — sussurrei, me forçando a diminuir o ritmo. Meus quadris queriam avançar lentamente. Queria tanto transar com ela que não conseguia ver direito.

— É bom para você também? — ela perguntou quando sua mão parou por um segundo.

— Ótimo, — resmunguei, bombeando mais rápido.

Olhei para seu rosto, e ela estava me observando trabalhar com olhos caídos e lábios úmidos e brilhantes que imploravam para eu fodê-los. *Ela* estava me implorando para fodê-la sem dizer uma única palavra.

— Vai me deixar fazer você se sentir bem, Maddie? — Perguntei, tentando o meu melhor para provocá-la sem realmente tocá-la. — Você não quer minhas mãos em seu corpo? Vagando. Tocando. Acariciando.

Minha mão começou a se mover mais rápido conforme ela continuava engolindo todas as minhas palavras sujas. Ela gostou. Gostou tanto que não conseguia nem se concentrar em si mesma. — Por que você parou? — Perguntei, indo mais devagar agora. O líquido seminal brilhava na ponta do meu pau e, quando a olhei, ela estava lambendo os lábios.

Seus olhos se fixaram nos meus tão rapidamente que congelei. Minha mão congelou também.

— Foda-me.

Ela fez...?

— Foda-me agora, Eric, ou juro por Deus, vou gozar sozinha em três segundos. — Sua mão mergulhou de volta em sua calcinha, mas antes que ela pudesse ir muito longe, agarrei seus quadris e esmaguei minha boca na dela. Ela gritou, montando em meu colo com sua calcinha quente e molhada. Meu pau latejante empurrou para cima em seu sexo com um único fio de algodão nos separando. Madeline jogou a cabeça para trás, empurrando seus seios cobertos na minha cara.

Desabotoei seu sutiã e o joguei atrás de mim antes de enterrar meu rosto em seu peito, lambendo e chupando a pele macia. Ela levantou a bunda e eu deslizei a calcinha rosa por suas coxas e pelos tornozelos, deixando-a cair no chão. — Tem certeza que quer isso, Maddie? — Perguntei, esperando que ela não me negasse.

Minhas mãos agarraram sua bunda nua e se meu pau não empurrasse em suas dobras quentes logo, eu morreria, porra. Madeline consumia cada parte de mim.

— Eu quero, — ela sussurrou, se afastando um pouco para olhar para mim.

Palavras não ditas foram trocadas entre nós, algo de que apenas ela e eu fazíamos parte. Pedacos quebrados do passado estavam sendo remendados; verdades silenciosas estava vindo à tona.

— Bom, — Sussurrei, pegando um preservativo e colocando-o rapidamente. — Lembre-se dessa conversa quando você voltar a me afastar pela manhã. Lembre-se deste momento. — Comecei a empurrar em sua boceta apertada, meu peito apertando. — Certo. Aqui. — Segurando sua nuca, puxei seu rosto para o meu e a beijei sem fôlego. Nossas bocas foram moldadas, beijos quentes e lentos compartilhados entre nós. Sua pele começou a ficar lisa ao toque, nossos corpos se

movendo graciosamente no início e depois mais ásperos no final. Pela primeira vez na minha vida, não fui movido pela luxúria, mas sim por algo diferente.

Madeline arrancou sua boca da minha, jogando a cabeça para trás enquanto balançava para frente e para trás. Beijeí seu pescoço e peito, empurrando para cima para encontrar seu ritmo constante.

— Eric, — ela gemeu, sua boceta apertando com uma tensão que me disse que eu estava condenado para o resto da minha vida.

— Eu tenho você, — sussurrei ao longo de sua pele. — Eu tenho você pelo tempo que precisar. — Movi minha mão ao redor de onde nossos corpos se encontravam e esfreguei meu dedo sobre seu clitóris, quebrando-a em pequenos pedaços ao meu redor.

Suas mãos agarraram minha cabeça enquanto ela cavalgava seu orgasmo, e eu a agarrei ainda mais forte enquanto cavalgava o meu.

Nós dois desabamos de volta no sofá, acalmando nossa respiração enquanto eu puxava para fora dela. Madeline nunca me soltou, suas pernas enroladas nas minhas e sua cabeça enterrada na curva do meu pescoço.

Minha mãe me mandou uma mensagem um pouco mais tarde, dizendo que meu pai tinha ido embora e eu poderia voltar para casa.

Mas, de maneira alguma, eu voltaria para casa. Não agora.

Ficar neste lugar recluso com Madeline era o único lugar que eu queria estar.

Mesmo sabendo que ela estaria me afastando pela manhã.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Madelaine

Nenhuma única palavra foi compartilhada entre mim e Eric esta manhã. Nada foi dito, exceto ontem à noite, em um ponto quando ele me carregou para o andar de cima da cabana e me deitou na cama, perguntando se eu ainda tinha pesadelos à noite.

Eu estava com sono, grogue respondendo-lhe com nada além da verdade. — *Só tenho pesadelos quando não estou com você.* — Ele me puxou para seu corpo e envolveu minha perna ao redor da dele. Sua cabeça assentiu contra a minha, roçando meu cabelo. Ele beijou minha testa, e então nós acordamos esta manhã quando seu alarme soou e nos vestimos com nada além de nossa respiração compartilhada.

Meu estômago deu nós durante todo o caminho para nossas casas. A mão de Eric repousou na minha coxa e isso só piorou as coisas. O sol estava começando a nascer quando parei na garagem e meio que odiei porque ele podia me ver claramente agora. Ele provavelmente podia ver todas as incertezas acontecendo na minha cabeça.

Eric segurou minha perna por um minuto enquanto nos encarávamos. Acho que ele estava esperando que eu dissesse alguma coisa, para quebrar o gelo que

havia derretido na noite anterior apenas para congelar de volta pela manhã, mas eu não sabia o que dizer.

Eu o queria. Queria tudo com ele. O status. Chamá-lo de meu namorado. Sair em encontros. Ficar abraçados. De mãos dadas na escola. Eu queria o negócio real, mas como isso poderia ser possível?

Ontem mesmo, Eric estava pronto para dar uma bronca no pai por algo que ele fez com *minha* mãe. Havia muitas perguntas e incertezas quando se tratava de nós. Eu estava hesitando em me deixar cair muito forte por ele por causa do passado.

Então, durante o dia inteiro na escola, mantive minha cabeça baixa. Durante a aula, ignorei o formigamento ao longo do meu pescoço que me disse que Eric estava me observando. Durante o almoço, encarei minha saia xadrez enquanto beliscava minha salada com medo de chamar sua atenção e ver a decepção que ele tinha ali.

Eu mexi com o coração dele, quando éramos apenas adolescentes, e aqui estava eu fazendo isso de novo; mesmo que pelo motivo certo.

Meu telefone vibrou enquanto eu ficava de costas para a janela do meu quarto, sabendo que Eric provavelmente estava parado lá.

Eric: *Evitação. Sempre uma ótima tática.*

Eric: *Eu tenho que dizer, estou gostando da vista.*

Meu coração disparou enquanto eu agarrava meu telefone na minha mão, incapaz de digitar nada de volta. A única coisa que ficava repetindo na minha cabeça eram as palavras da noite passada: lembre-se *desse sentimento quando você voltar a me afastar pela manhã.*

Como se eu pudesse esquecer.

Eric: *Estou indo para a cabana para uma festa. É o aniversário de Piper.*

Algo frio tomou conta de mim.

Eric: *Além disso, minha mãe está trabalhando e eu preciso desabafar antes de falarmos de manhã sobre o que ela e meu pai discutiram na noite passada.*

Foi quando decidi enviar uma mensagem de volta.

Eu: *Avise-me se precisar de alguma coisa depois que vocês conversarem. Tenho certeza que tudo ficará bem.*

Eric: *Por que você não se vira?*

Meu estômago estava estranho, como se eu estivesse em uma montanha-russa onde não queria estar.

Eric: *É porque você sabe que sentirá algo quando olhar para mim?... Não gostaríamos disso, não é? Você pode me implorar para te foder de novo.*

Senti alguma raiva em sua mensagem, mas não tinha certeza. Talvez isso fosse melhor? Talvez deixá-lo com raiva de mim, fosse um bom motivo para ele ficar longe.

Eric: *Você não está enganando ninguém, Maddie. Nem mesmo você. Te vejo amanhã.*

Minha sobrancelha enrugou.

Eu: *O que tem amanhã?*

Ele mandou uma mensagem de volta rapidamente.

Eric: Você disse que tem pesadelos quando não estou dormindo ao seu lado. Então, te vejo amanhã à noite. Desculpe, não posso ficar esta noite... você sempre pode vir para a cabana comigo.

Eu queria. Queria tanto ir com ele que meus olhos começaram a lacrimejar. Mas eu balancei minha cabeça e joguei meu telefone na minha cama, esperando que ele não percebesse o quão irritada e frustrada eu estava.

Não era culpa dele.

Era minha.

Ele mandou uma mensagem mais uma vez antes que eu ouvisse seu carro ligando na garagem.

Eric: Não se esqueça de trancar a porta, Maddie.

Parte de mim, queria mantê-la desbloqueada no caso de ele decidir voltar para casa mais cedo. Mas eu sabia que era improvável, então me arrastei até lá e tranquei antes de decidir segui-lo até a cabana para fazer papel de boba na frente de todos que me odiavam.

CAPÍTULO QUARENTA

Eric

Eu preferia estar em qualquer outro lugar, do que onde estava no momento. A cabana estava apinhada de meus amigos, todos intoxicados com cerveja barata e até um pouco de maconha pairando no ar. Estava sentado no mesmo lugar que fodi Madeline na noite anterior e a única coisa que pude fazer foi assistir Christian se inclinar para trás no lugar ao meu lado, sabendo que ela deitou lá e se dedilhado menos de vinte e quatro horas atrás.

Meu rosto estava quente e a cerveja cobrindo minha língua não fez absolutamente nada por mim. Queria estar com Madeline, escondido em algum lugar com as luzes baixas, com sua boca na minha. Ou foda-se, talvez até acariciando. Eu não me importava. Só queria estar com ela e queria ter certeza de que ela estava bem.

— Christian, pare com isso, — Hayley se divertia ao meu lado enquanto Christian esfregava o nariz em seu pescoço. Ollie estava na cozinha, cortando o bolo — que era, possivelmente, o bolo mais feio que eu já vi — que fez para Piper, distribuindo pedaços para quem quisesse; que era realmente qualquer um com fome.

— Não, — Christian murmurou.

O ressentimento começou a preencher minha cabeça. Ele sabia a sorte que tinha por estar sentado com Hayley, tocando-a em público? Quando Madeline me deixaria fazer isso? *Algum dia*, ela me deixaria fazer isso?

Pensei que a tinha quebrado ontem à noite. Achei que tinha enfiado na cabeça dela que não me importava com o que as pessoas pensavam, ainda menos com o que meu pai pensava. Sim, ok, nossas famílias estavam envolvidas em algum drama fodido que pertencia a uma novela, mas isso realmente não nos afetava mais.

Meu pai fodeu tudo.

Sua mãe também.

Ninguém precisava contar a seu pai monstro o que acontecia. Eu sabia que não contaria a ele. Na verdade, esperava nunca ter de ficar cara a cara com ele.

Tomando outro gole de cerveja, deixando queimar o fundo da minha garganta, olhei para o meu telefone, apenas para não ver nenhuma mensagem perdida.

Pergunto-me o que ela está fazendo.

Examinei a sala, ignorando as garotas que estavam piscando para mim, pedindo uma foda rápida sem realmente pedir.

Então, percebi.

Meus dedos voaram sobre meu telefone rapidamente, um sorriso malicioso dançando em meus lábios.

Eu: Como vai? Mamãe trouxe alguém para casa? Especificamente, alguém em um Porsche vermelho?

Sua mãe não esteve muito em casa desde que o pai de Madeline partiu, mas ela também não trouxe ninguém para casa.

Madeline respondeu rapidamente.

Madeline: *Estou bem. Não. Ela ainda não voltou para casa.*

Eu: *Legal. Eu só estava checando. Mas preciso desligar. Missy continua tentando roubar minha atenção.*

Eu ri, desligando meu telefone. Eu estava jogando uma mão do manual de Christian. A quantidade de vezes que ele usou outra garota para deixar Hayley com ciúmes, às vezes até usando Madeline, foi quase cruel, mas funcionou no final.

— Ei, Hayley? — Eu a cutuquei com meu cotovelo. Ela se virou do colo de Christian e olhou para mim.

— Sim?

— Em uma escala de um a dez, quão fodidamente furiosa você ficou quando Christian balançou outras garotas na frente do seu rosto para te deixar com ciúme? Você sabe, antes de vocês dois recobrem o juízo?

Hayley fez beicinho ao pensar no passado. — Um sólido dez. Na verdade, — ela soltou um pequeno rosnado e bateu no braço de Christian, — acho que ainda estou brava.

Ele fez uma careta antes de sorrir. — Isso não é justo. Eu só estava tentando fazer com que você visse que tinha tesão por mim, mesmo quando disse que não. — Seus lábios se curvaram. — Agora olhe para nós.

Hayley revirou os olhos. — Claro que neguei ter tesão por você. Você me disse que me odiava. — Então, um pequeno sorriso apareceu em seu rosto quando ela olhou para mim. — Porque perguntas?

Me inclinei para trás e segurei meu telefone, esperando a mensagem chegar.
— Sem motivo.

Missy chamou minha atenção do outro lado da sala, e eu dei-lhe uma inclinada com meu queixo. Ela me deu uma olhada, jogando seus cachos ondulados para trás. — Eu? — murmurou.

Balancei a cabeça, abrindo meu telefone.

Madeline: *Missy Rhodes?*

Eu: *Sim.*

— Ei, Eric. — A voz de Missy estava estridente como um rato e pensei que meus tímpanos tivessem explodido com o som.

— Ei. — Olhei-a. — Quer me fazer um favor?

Ela mordeu o lábio em uma tentativa de ser sexy. *Desculpe, Missy. Já estive aí, fiz isso. Em dobro.* — Como o quê?

— Sente-se no meu colo por alguns instantes, tire uma foto e poste.

Seus ombros delicados caíram, seu top curto escondendo a faixa de pele nua abaixo de seu umbigo. — Só isso?

— Mhm, — respondi, empurrando meu telefone de volta no bolso.

— O que eu ganho com isso? — ela perguntou, cruzando os braços desafiadoramente.

Preguiçosamente girei meu olhar ao redor da sala. — Cerveja grátis, boa erva, pontos de popularidade por sentar no meu colo por alguns momentos.

— Já sou popular.

Meu olhar escureceu. — Por enquanto.

Christian deu uma risadinha e Hayley enterrou o rosto nas mãos. Missy lhes lançou um olhar cauteloso antes de mudar de atitude. — Ok, claro.

Pisquei. — Obrigado.

Então, ela sentou no meu colo, tirou uma foto, postou e se levantou. — Tem certeza que é tudo que você precisa? — A esperança brilhou em seus olhos antes de eu assentir.

— Sim, obrigado. — Pisquei novamente, e suas bochechas coraram antes que ela se virar e voltar para suas amigas, olhando para mim a cada poucos segundos.

— Tentando deixar Madeline com ciúmes? — Hayley perguntou, segurando uma risada.

— Algo parecido. — Mais como fazê-la cair em seus sentidos.

A cabeça de Christian estalou para frente. — Tem certeza que quer deixá-la com ciúmes? Ela parece ser do tipo que acerta os faróis quando está com raiva.

Eu zombei. — Ela não ousaria. — Fiquei sóbrio por um momento. — Você não a conhece como eu.

Ele deu de ombros, puxando Hayley de volta para seu pescoço e beijando-a na lateral da cabeça.

E eu?

Recostei-me e esperei o show começar.

Se Madeline sentisse pelo menos uma fração do que eu sentia, ela estaria aqui em breve.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Madeline

Minha mão balançou como uma folha enquanto olhava para a foto. Eu odiava as redes sociais porque sabia como eram falsas, mas também sabia que era como crack para adolescentes; principalmente porque costumava ser crack para mim.

Assim que recebi a mensagem de Eric, meu coração caiu no chão. Ele sangrou por todo o lugar, ciúme escorrendo de cada vaso aberto.

Então, uma vez que recuperei minha compostura, percebendo que ele provavelmente estava tentando chegar até mim, abri a conta do Instagram de Missy e foi quando meu corpo inteiro congelou.

A cabeça de Eric estava totalmente perto dos seios estúpidos e empinados dela. Ele tinha uma cerveja em uma mão e a outra estava enrolada em sua cintura enquanto ela se sentava em seu colo.

O fogo revestiu minha pele e o calor picou meu couro cabeludo. Saltando da cama, comecei a andar de um lado para o outro no chão do meu quarto.

Isto era melhor.

Ele deveria estar com outra pessoa.

Alguém que não era fodida como eu.

Alguém que não tinha um drama digno de um diário em sua porta dos fundos.

Alguém que a porra da escola inteira não odiava.

Não.

Não me importava.

Caminhei até o meu armário, brevemente olhando para as estrelas que brilham no escuro antes de puxar para baixo meu suéter rosa empoeirado de manga longa e minha minissaia preta justa. Coloquei meus Doc Martens, amarrando-os rapidamente, e passei um pouco de brilho labial de cereja.

Eu estava sendo conduzida por uma inveja louca e, apesar da parte racional do meu cérebro que sabia muito bem se eu aparecesse na festa, arrancando Missy do colo de Eric, seria rotulada como muito mais do que a leprosa da escola, ainda coloquei meu carro em movimento e dirigi-me para a cabana.

Eric sabia o que estava fazendo.

E eu estava caindo direto em sua armadilha.



Estacionei bem no final da estrada de cascalho abaixo da cabana, um pouco ao lado, caso precisasse fazer uma fuga rápida.

Meus pés pararam por um segundo. *Não haverá fuga rápida.* Se eu fosse fazer isso, faria direito. Por meses, estive encolhida. Minha boca permaneceu fechada; minha cabeça permaneceu abaixada. Eu deixava todo mundo passar por cima de mim. Os deixava me chamar de vagabunda; ignorava-os quando jogavam lixo no meu armário. Minha coroa estava torta e eu não tinha energia para endireitá-la.

Eric estava me empurrando para um território que eu não queria necessariamente mais estar, mas aprendi que, quando se tratava dele, eu não tinha voz. Ia entrar na festa de aniversário de Piper com confiança e olhar para ele e para todos os outros bem nos olhos.

E se Missy estivesse em seu colo, eu a arrancaria. Não porque quisesse cair no status de “garota má” novamente, mas, porque eu realmente não tinha autocontrole. *Fodendo-me na noite anterior e depois se aproximando de Missy. Que audácia!*

O cascalho rangeu sob minhas botas, meu coração batendo forte no peito. Eu estava nervosa, mas minha necessidade de mostrar a todos que Eric era meu superava em muito o nervosismo.

Senti um pequeno pedaço da velha Madeline voltar ao lugar e gostei. Gostava de ter um propósito novamente.

A porta se abriu e empurrei meu cabelo loiro para trás do ombro. Meus lábios tinham gosto de cerejas quando corri minha língua sobre eles, examinando a cabana enquanto eu entrava em uma guerra completa.

Os maxilares caíram.

Os olhos se arregalaram.

Nem uma única pessoa falou. A única voz era Juice Wrld tocando nos alto-falantes.

Encontrei Eric instantaneamente, meus olhos indo direto para o lugar em que estávamos ontem à noite, nus e ofegantes como animais raivosos.

Claro que foi lá que ele escolheu se sentar.

O sorriso em seu rosto se alargou quanto mais nos encaramos e isso me deixou quente. Eu estava com raiva, mas também um pouco animada.

Desviei meus olhos quando ouvi uma voz feminina sussurrar: — *O quê ela está fazendo aqui?*

Missy era a fonte da voz. Ela estava no meio da sala, com um dos braços do jogador de futebol sobre os ombros.

Eric me enganou. Ele me atraiu para cá.

Cortei meu olhar de volta para ele, que deu de ombros inocentemente.

Caminhando mais para dentro da cabana, mantive meu queixo reto e meus ombros nivelados. Estaria mentindo se dissesse que não é intimidante estar em uma sala cheia de pessoas que eu já intimidei para meu próprio benefício. Isso deixou minhas costas pegajosas e meu estômago embrulhado. Mas parecia certo. Como se fosse um passo na direção certa.

Mudei-me para a área da cozinha, com todos ainda me olhando como se eu estivesse sob os holofotes de um palco, sozinha. Alguém havia cortado a música e, se houvesse um microfone, agora seria a hora de tocá-lo algumas vezes antes de falar.

Piper e Ollie estavam parados no balcão, cada um com um prato de bolo nas mãos. Ela estava usando uma bandana com uma coroa de aniversário, parecendo adorável e doce. Me odiava por ter sido malvada com ela.

— Sinto muito atrapalhar sua festa de aniversário, Piper. — Puxei meu Doc Marten e tirei um cartão-presente que estava entre a meia e a bota. Deslizei sobre o balcão, e ele pousou logo abaixo de seu prato de bolo levitando. Ela tirou o prato do caminho e olhou para baixo. — Feliz aniversário. Eu sei que você gosta de café gelado, então...

Ela olhou para mim brevemente antes de olhar para baixo novamente. Ouvi murmúrios ao nosso redor. — Você me deu um presente de aniversário? — Olhei ao redor. Eu não era boa em ser legal. Isso me fez contorcer, mas era o mínimo que eu poderia fazer ao invadir uma festa para a qual não fui convidada. Piper era legal. Se fosse qualquer outra pessoa, eu não teria me importado.

— É de cem dólares...

Me mexi nervosamente antes de cruzar os braços e encolher os ombros. *Isso foi demais?*

Ela me encarou e depois olhou para Hayley do outro lado da sala, que ergueu os ombros e ergueu os lábios. Piper estendeu a mão e deslizou o cartão em sua direção e colocou-o no bolso de trás. — Ok... bem, obrigada.

Dei-lhe um aceno de cabeça e disse: — Eu irei embora em breve. Só preciso dar um tapa em Eric, e então vou embora. Sinto muito por atrapalhar sua festa de aniversário.

Ninguém riu, exceto Hayley. Piper fechou os lábios com uma risada fraca. — Fique o tempo que quiser.

— Mas ninguém a quer aqui, — alguém disse do outro lado da sala. Eu nem queria saber quem disse isso.

A voz de Hayley cortou a sala. — É a festa de Piper e a cabana de Eric. Se eles disseram que ela pode ficar, então ela pode ficar.

Agradei silenciosamente a Hayley com meus olhos e ela mal me deu um aceno rápido.

Então, mudei meus olhos para Eric, de novo, que ainda estava dando aquele sorriso de menino mau irritantemente atraente.

Estreitei meus olhos e ele ergueu uma sobrancelha como se me perguntasse o que eu faria.

A sala começou a ficar pesada, todos observando nosso olhar fixo. Meus pés me puxaram para frente, pisando em alguns copos vazios, e antes que eu percebesse, estava bem na frente dele. Nossos joelhos roçaram quando ele se sentou no sofá, olhando para mim com seus cílios escuros espalhando-se sobre suas bochechas.

— Lugar interessante para sentar, — eu disse, olhando-o de cima.

— Claro que é, — ele respondeu preguiçosamente.

Sua mão envolveu a parte de trás da minha coxa e algumas pessoas engasgaram. Odiei que estávamos fazendo um show para todos, o que era tão surreal porque, antes de Christian e eu terminarmos, era tudo o que fazíamos. Fazíamos um show para que todos mantivessem os nossos status.

— Você está me forçando a ser a pessoa que eu queria enterrar, Eric.

— O que você quer dizer? — ele perguntou, inclinando a cabeça para olhar melhor para mim.

Quase todo mundo estava olhando para nós, até mesmo Hayley e Christian.

— Por um segundo, pensei que teria que entrar aqui e arrancar Missy do seu colo pelos cabelos. — Alguém engasgou, provavelmente ela. — E isso não é mais

quem eu sou. Não quero ser aquela garota que inflige dor e humilhação nos outros. Não desejo mais ser essa versão de mim mesma.

Falei a última parte mais calmamente, porque era constrangedor admitir, principalmente na frente de todas aquelas pessoas.

Eric se colocou de pé enquanto me agarrava pelos quadris. Meu coração subiu para minha garganta quando olhei para ele. Uma sensação densa de vulnerabilidade obstruiu meus sentidos e não gostei disso. — Acho que eu pegaria uma combinação das duas. Gosto de cada versão de você. — Seus olhos suavizaram nas bordas e, de repente, eu não me importava com mais nada, exceto ele.

— Vamos, — sussurrei, agarrando seu pulso. — Aonde estamos indo?

— Eu não me importo. Eu só quero que todos nesta sala saibam que você é minha.

Ele sorriu quando eu o olhei. — Desafio aceito. — Então, ele puxou o pulso para trás, me girou e me levantou pela minha bunda e envolveu minhas pernas em volta de sua cintura. Mantive o choque escondido do meu rosto, mas ele sorriu para mim como se fosse me devorar na frente de cada pessoa nesta sala. Sua cabeça enterrada na curva do meu pescoço, meu cabelo o eclipsando do resto da sala. Seu hálito estava quente quando atingiu minha pele sensível. — Vamos foder e vamos gemer o mais alto possível. Essa é uma maneira segura de avisar a todos.

Meu núcleo acendeu e eu me empurrei para ele. Suas mãos cravaram ainda mais forte em minhas coxas, bem embaixo da minha bunda.

— É uma maneira segura de ser rotulada de vagabunda também. — Mantive meu olhar no dele, muito absorta no momento para ver o nojo nos rostos de todos.

— Ninguém vai te chamar assim. — Ele se afastou e olhou para mim com um olhar sombrio. — Agora não.

Havia aquele garoto protetor que eu cresci desejando. Quem poderia imaginar que eu teria um cara para me proteger assim? Tão feroz e inflexível.

Lambi meus lábios, o gosto de cereja revestindo minha língua. — Então vamos.

Seus olhos caíram para a minha boca antes que ele rosnasse animadamente e me carregasse para cima.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Eric

Na manhã seguinte, Madeline e eu saímos da cabana ao mesmo tempo, para voltar para nossas casas. Parei na minha garagem no exato momento em que ela puxou para a dela e eu estava fora do banco do motorista tão rápido que consegui abrir a porta e ajudá-la a sair de seu carro. Agarrei seu corpo e a puxei para o lado, batendo a porta. Suas costas bateram na tinta preta e suas pernas se alargaram, deixando minha coxa entrar furtivamente.

— Você age como se não tivéssemos feito sexo há algumas horas; *de novo*. — As maçãs do rosto dela se ergueram, uma linda cor rosa pintando a pele delicada. Seu cabelo ainda estava uma bagunça da noite anterior, sua saia amassada por ter sido jogada no chão.

— Não posso evitar, — murmurei enquanto alisava seu cabelo. — Eu disse que tenho dificuldade em manter minhas mãos para mim mesmo. Você sabe quanto tempo me castiguei por sequer olhar em sua direção? Por quanto tempo me recusei a imaginá-la enquanto batia uma?

Ela meio que revirou os olhos, sorrindo. — Você tinha muitas garotas para foder. Por que você precisava se masturbar?

Uma risada profunda reverberou em meu peito. — Você simplesmente não tem ideia, não é?

— O quê? — Seus dedos deslizaram nas presilhas do meu cinto.

— Não importava quantas garotas eu beijasse, tocasse ou comesse. Eu *sempre* ficava desapontado no final.

Ela revirou os olhos novamente. — Como isso é possível?

Inclinei seu queixo para trás e escovei minha boca sobre a dela. — Porque elas não eram você. — Suspirei. — Sempre foi você.

Madeline abriu sua boca para dizer algo. Seus olhos se fixaram nos meus. Algo mudou entre nós. Senti meu peito se abrindo. Mas nós dois desviamos nossa atenção quando a mãe de Madeline parou em sua garagem, estacionando bem atrás do BMW de Madeline.

Nós nos afastamos instantaneamente, o momento entre nós quebrando. A culpa desmoronou em seus traços, o brilho atordoado e melancólico em seus olhos desaparecendo.

— Eu tenho que falar com minha mãe... sobre a outra noite com meu pai. — Olhei atrás de mim para minha casa. — Ela está esperando para falar comigo antes de dormir de seu turno na noite passada.

Não conseguia olhar para a mãe de Madeline. Eu não queria. Então, assim que Madeline assentiu, girei nos calcanhares e corri até os degraus da minha varanda sem olhar para trás.

— Mãe, — gritei enquanto entrava pela porta da frente, enfiando as chaves no bolso. — Estou em casa.

— Ei, baby, — ela respondeu. — Estou na cozinha.

O cheiro de café flutuou por todo o foyer, arrastando-me para onde ela estava com duas canecas fumegantes no balcão.

— Obrigado. — Estendi a mão e peguei uma, envolvendo minha mão em torno da cerâmica.

Minha mãe estava nervosa, isso eu poderia dizer, e isso não me agradou muito, porque significava que tudo o que ela estava prestes a dizer seria a merda errada.

— Você se divertiu na cabana?

Eu bebi um gole, fixando-me em seus olhos preocupados. — Eu fiz. Surpresa, papai não me baniu ainda. Ele só tomou todo o restante.

Ela colocou sua caneca na mesa, o barulho um som indesejável aos meus ouvidos. — Precisamos conversar sobre o seu pai.

Caminhei até a mesa da cozinha, colocando minha caneca em cima. Eu tinha certeza de que precisava de algo para me aterrar com o crescente olhar de apreensão em seus olhos. — É por isso que estou aqui às 8 da manhã de um sábado, mãe. — Minha sobrancelha se ergueu quando me inclinei para trás na cadeira e cruzei os braços sobre o peito. Eu podia sentir as batidas do meu coração atrás das minhas costelas.

— Seu pai e eu decidimos trabalhar nas coisas.

O que eu imaginei na minha cabeça foi pular da mesa e enlouquecer, pisoteando para frente e para trás enquanto a lembrava de que eu tinha que ouvi-la chorar em seu quarto por meses e meses e como a observei trabalhar até a morte no hospital apenas para que ela tivesse algo para fazer além de lidar com suas besteiras.

— Eu sei que você está chateado, — disse ela, com a voz vacilante.

— Está certo, estou. — Eu a perfurei com um olhar. — Ele machucou você.

Seu olhar mudou para sua caneca. — E ele te machucou.

Sim, ele fez isso.

— Mas você tem que entender. Eu conheço seu pai há muitos, muitos anos, Eric. Já passamos por muitos altos e baixos. — Ela suspirou e eu não conseguia nem olhar para ela.

A decisão não era minha. Eu era filho deles, não a porra do conselheiro matrimonial. Mas o pensamento dele voltando para nossas vidas como se não tivesse feito nada de errado fez meu sangue correr quente. — É só... — Ela fez uma pausa, certamente esperando que eu olhasse para ela, mas não fiz.

Levantei-me rapidamente, a cadeira raspando o chão sob meus pés. — Você não precisa explicar. — A respiração que inalei parecia respirar em um milhão de pequenos cacos de vidro enquanto eu cambaleava em minha raiva. — Preciso saber se ele está se mudando de volta, porque se ele está... — Olhei pela janela da cozinha acima da nossa pia, olhando para a casa de Madeline.

— Não! — ela falou rapidamente. — Estamos trabalhando em algumas coisas, mas isso não significa que ele tenha passe livre. Ele ainda vai morar na

cidade, e nós vamos morar aqui; bem, eu vou, porque, no outono, você vai para a faculdade.

— Talvez.

Ela me deu uma olhada. — O que isso significa?

— Papai disse que não pagaria pela minha faculdade se eu não parasse de ignorá-lo.

Ela balançou a cabeça. — Isso não é verdade, mas acho que você precisa falar com ele, Eric. — Minha mãe se aproximou de mim na ponta dos pés e me deu um abraço por trás. — Ele quer se desculpar.

Ele provavelmente só disse isso para fazê-la feliz, porque até agora, meu pai nem reconheceu que ele fodeu tudo. Só mandou mensagens de texto furiosas e ameaçadoras desde o dia em que minha mãe o expulsou.

Quando minha mãe se afastou, finalmente me virei e olhei para ela. Eu estava impaciente por dentro, irritado e frustrado, mas não mostrei isso a ela. — Contanto que você esteja feliz, eu estou bem, mãe. — Comecei a me afastar e comecei a descer o corredor. — Mas só porque você o perdoou, não significa que o perdoei.

Porque, como você pode perdoar alguém que nem mesmo tem a decência de admitir que está errado?

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Madeline

Eric: Sem netflix e relaxamento esta noite com minha mãe. Ela foi chamada para trabalhar.

Meu coração deu um pulo. *Finalmente.* Eu estava esperando que Eric me mandasse uma mensagem desde que ele fugiu para sua casa esta manhã quando minha mãe chegou de "*uma noite com um amigo*". O que realmente significava que ela ficou na casa de algum homem em vez de trazê-lo para casa.

Eu não poderia estar realmente brava com isso, porque pelo menos ela não os estava trazendo mais para perto de mim, mesmo assim, eu queria sacudi-la e perguntar por que não tínhamos acabado de sair. Mas toda vez que eu mencionava meu pai ou perguntava sobre ele de qualquer forma, ela saía da sala resmungando sobre não querer falar sobre isso.

Ela nem perguntou sobre Eric e eu esta manhã. Passou direto por ele, como se não tivesse dormido com o pai dele.

Afastando o pensamento de minha mãe, mandei uma mensagem de volta para Eric.

Eu: *Então, isso significa que não podemos assistir Netflix e relaxar, ou...?*

Eric: *Eu já estou chegando. Abra a porta do seu quarto.*

Imediatamente fiquei tonta. A noite passada foi um turbilhão louco entre nós. De eu entrar na cabana, me restabelecendo com todos, reivindicando Eric sem me importar com quem viu. Depois que a onda passou esta manhã, entrei um pouco em pânico. Eu não tinha certeza de como a escola seria na segunda-feira, mas o que estava feito, feito estava.

Eu estava nisso. Egoísta ou não.

Depois de destrancar a porta do meu quarto, corri para a minha janela e olhei para Eric caminhando pela grama orvalhada. Ele estava vestindo tênis cinza escuro, seus Nikes e um moletom escuro com o capuz puxado para cima. Ele não olhou para minha janela, mas em pouco tempo, eu o ouvi subindo os degraus.

Minha porta se abriu e a felicidade começou a fazer cócegas na minha pele, mas então ele fez contato visual comigo e minha felicidade desapareceu.

— O que há de errado? — Lentamente me aproximei dele enquanto ele olhava para o chão. Ele suspirou alto, os punhos cerrados ao lado do corpo. — É sobre o seu pai? O que sua mãe disse esta manhã?

Eu queria enviar uma mensagem para ele e perguntar como as coisas foram, mas não queria parecer pegajosa. Nunca fui uma namorada de *verdade* antes, o que parecia tão patético, mas Christian e eu nunca fomos assim. Nunca nos intrometemos na vida um do outro; precisamente por isso permanecemos em nosso relacionamento falso e apático por tanto tempo.

A linha da mandíbula de Eric estava afiada quando ele olhou para além de mim, suas têmporas pulsando, suas maçãs do rosto salientes como uma pedra. — Eric? — Perguntei de novo, agarrando seus punhos flexíveis.

— Ela o está aceitando de volta.

Sem chance.

— Mesmo depois... — Me impedi de trazer à tona o único ato que nos separou.

Ele inclinou a cabeça, olhando para o teto como se o pensamento fosse inconcebível. — Sim, — grunhiu. — Mesmo depois de foder sua mãe; e quem mais ele fodeu.

Vacilei, aquele acesso irritante de culpa me atingindo.

Um rosnado alto escapou dele conforme ele abria os punhos de minhas mãos. Ele levou uma mão à ponte do nariz, seus olhos se fechando. — Eu sinto muito.

— Você não tem nenhum motivo para se desculpar, — sussurrei, agarrando sua mão novamente e puxando-a para longe de seu rosto.

Seus olhos se abriram. — Eu não queria ficar com raiva. Seu pai é muito pior do que o meu. Eu só estou... — Sua cabeça balançou para frente e para trás, e empurrei seu capuz para trás. As mechas escuras de seu cabelo estavam úmidas do banho e o cheiro de seu shampoo encheu meu quarto.

— Ei, está tudo bem. — Eu o silencieei, puxando-o para mim. Os braços de Eric envolveram meu corpo e sua cabeça veio e descansou na minha. Ele acenou com a cabeça algumas vezes antes de se afastar e tomar meus lábios nos dele.

Sempre havia uma atração instantânea entre nós. No segundo em que nossos lábios se tocaram, as luzes brilharam, o chão balançou sob nossos pés, minhas costas arqueadas para pressionar contra seu peito duro. Eric me agarrou com mais

força, me girando e me empurrando para baixo na cama. Ele estava em cima de mim, puxando minha camisa para cima e minhas calças para baixo com um olhar de desejo puro e selvagem em seus olhos. Havia um brilho lá e eu o segurei completamente.

Exceto...

— Eric. — Sua boca pairou sobre a bainha da minha calça enquanto ele olhava para mim por baixo. — Eu... — Desviei o olhar, incapaz de observar sua reação. — Eu, hum... é só...

— O que há de errado, Maddie? Estou indo muito rápido? Eu pensei que depois da noite passada... — Ele imediatamente se afastou, e apertei minhas pernas ao redor dele.

— Não é isso. — *Realmente não era isso.*

Empurrei as palavras antes que pudesse impedir a vulnerabilidade. — Eu só queria avisar que não fiz nada... na minha cama... nunca. Exceto quando... — *Por que isso era tão difícil de sair?* Meu estômago ficou enjoado.

— Exceto quando você foi molestada?

Isso elevou a vulnerabilidade a um nível inteiramente novo. Eu queria estar de volta à festa ontem à noite, enquanto usava minha confiança como uma máscara de aço.

Eric tentou escapar do meu aperto na coxa, sua mão tocando suavemente no meu joelho. — Vamos parar esta noite.

— Não! — Eu insisti. — Só queria avisar você, caso eu surtasse.

Ele me lançou um olhar severo, examinando todo o meu rosto. — Tem certeza? — Balancei a cabeça rapidamente, espalhando minhas pernas. Sua mão

acariciou minha coxa lentamente, ficando cada vez mais alto, até o ponto que eu queria que ele encontrasse. — Como podemos fazer isso funcionar para você, então? Diga-me o que você precisa, baby.

Descobri que o amava quando ele me chamou assim. Isso fez algo perverso comigo, como um botão que ele pudesse apertar e que imediatamente me deixou molhada.

— Por que você não me deixa ficar no comando? — Perguntei, estendendo minha mão entre nós para tocar sua dureza. Passei minha mão sobre ele, sentindo-o pular atrás do meu toque.

Os olhos de Eric imediatamente ficaram escuros, seus lábios carnudos se espalhando. — Deixar você ficar no comando? — Ele sorriu maliciosamente. — Se é isso que você precisa...

Acho que é o que nós dois precisamos.

— É, — respondi, sentando-me e deslizando para fora de suas mãos. Eric puxou o moletom das costas e o deixou cair no chão, deitado na cama, exibindo seu abdômen de aço.

Montei nele, esfregando meu sexo sobre seu comprimento duro antes de pegar meus dedos e traçar cada músculo abdominal perfeito com um leve toque. Meus lábios roçaram sua orelha quando me ergui um pouco, provocando-o com pequenos beliscões em sua pele antes de deslizar para o meu local favorito.

Seus quadris flexionaram quando meus dedos mergulharam em suas calças, puxando para baixo seu jogging e boxer em um movimento rápido. Ele saltou livre com um assobio enquanto eu soprava uma respiração rápida sobre seu comprimento.

— Porra, Madeline, — assobiou. Assistir Eric encolher debaixo de mim de necessidade foi a maior excitação de todas. Ele estava tão quente com os olhos cerrados e as bochechas manchadas. Sua mandíbula estava cerrada, seu abdômen tenso. — Eu sonhei com isso, — forçou enquanto eu corria minha língua sobre ele.

— Sobre o quê? — Perguntei, agarrando-o com força com a minha mão.

Seus olhos se abriram com a resposta. — Sobre foder essa sua boquinha linda.

O desejo me empurrou para o limite e o agarrei, chupando longamente e forte. Seus suspiros eram irregulares enquanto seus quadris empurravam para me encontrar no meio do caminho. Eu geralmente começava devagar, mas algo sobre a maneira como suas palavras me atingiram me fez mover minha cabeça o mais rápido que pude. Queria que ele sentisse a atração. Eu queria ser a única a fazer Eric gozar tão rápido e forte que ele nunca conseguiria esquecer.

— Madeline, *porra*. Diminua a velocidade antes que eu goze.

— Nuhuh, — murmurei, chupando e puxando. Eu o senti ficar mais largo e mais duro, como se isso fosse possível. A mão de Eric foi para a parte de trás da minha cabeça, empurrando para baixo uma vez antes de me puxar de volta e me virar de costas.

— Deixe-me foder você, — ele ofegou, puxando minhas calças pelas minhas pernas. — *Por favor*.

Eu nunca poderia dizer não a ele. Não importava que, nesta mesma cama, fui molestada. Não importava que fui quebrada inacreditavelmente numa noite no escuro sob essas cobertas, porque Eric estava pegando aquela memória horrível e destruindo-a pouco a pouco. Ele me fez sentir forte novamente. Me fez sentir completa. A cada beijo em meus lábios, eu sentia minhas cinzas voltando à vida. Aquela garota quebrada e vulnerável estava renascendo.

Balancei a cabeça enquanto Eric esperava pela minha resposta e quando ele conseguiu, empurrou em mim rápido e forte. Eu estava molhada e pronta, já movendo meus quadris para encontrar aquele ponto doce que me fez esquecer tudo no mundo exceto ele.

A língua de Eric empurrou em minha boca e nós nos beijamos rudemente. Os lábios estavam sendo puxados; os dentes sendo batidos.

— É isso aí, baby. — Sua mão encontrou seu caminho por baixo do meu sutiã e ele apertou. — Encontre aquele lugar que você gosta. Deixe-me cuidar de você.

Ele estava em toda parte. Nublou cada um dos meus sentidos. Seus lábios e mãos tocaram cada parte do meu corpo.

— Deus, Eric, — gemi, sentindo-me chegar ao limite. — Acho que posso estar te amando. — Então, explodi. Meus dedos do pé se enrolaram e eu estava acabada. O êxtase assumiu e meu corpo tremeu enquanto ele batia em mim mais uma vez.

— Bom, — disse ele entre beijos. — Porque eu acho que também te amo. E não dou a mínima para o que alguém tem a dizer sobre isso.

Nem eu.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Eric

— Ei, linda. — Sorri, esgueirando-me ao lado de Madeline enquanto ela cavava dentro de seu armário. Eu escaneei meu olhar pelas costas dela descansando meu ombro ao longo dos armários de metal. Seu cabelo cor de sol caía pelas costas em ondas volumosas. Sua saia xadrez quase me implorou para levantá-la para que eu pudesse ver a cor da calcinha que ela estava usando.

— Olhos aqui em cima, Eric, — ela repreendeu enquanto fechava seu armário. — Eu pensei que você tivesse dito que não ia forçar muito hoje.

Ri baixinho. — Não. Você me pediu para levar as coisas devagar na escola hoje. Eu nunca concordei com isso. — Olhei ao redor do corredor. Quase todo mundo estava boquiaberto, exceto meu grupo de amigos. — Por que eu deveria? Quero que todos saibam que você é minha.

Madeline revirou os olhos. — Ninguém me quer, Eric. Lembra? Eu sou a perdedora da escola. Não há necessidade de mostrar sua posse. — Ela desviou o olhar e mordeu o lábio.

Meu polegar o puxou de seus dentes e um pequeno pop soou perto de nós. — Mas você gosta disso, não é?

Seus olhos azuis se arregalaram. — O quê? Não.

— Oh, sério? Lembro-me de você entrar na cabana há dois dias, reclamando-me, querendo dizer a todos que eu era *seu*.

Ela suspirou quando começou a caminhar para a próxima aula, tentando ao máximo não olhar ninguém nos olhos. — Isso é porque todo mundo quer você. Ninguém me quer.

Bufei enquanto agarrava sua mão e entrelaçava nossos dedos. — Perdedora da escola ou não, os caras ainda olham para você.

— Não, eles não olham.

Paramos de andar e eu a puxei um pouco para trás. Ela inclinou a cabeça, me olhando. — Você se lembra de eu ter sufocado Taylor algumas semanas atrás? — Ela acenou com a cabeça, olhando por cima do meu ombro. Odiei vê-la se encolher. Minha garota era forte. Ela precisava mostrar isso. — Isso é porque ele fez um comentário sobre você chupando o pau dele. Alguns outros caras também. — Eu a puxei para perto, sua respiração engatando. — Não volte para aquela garota assustada, Maddie. Você pode ser forte e legal. Altruísta e confiante. Quem se importa com o que eles pensam? Se eu quiser beijar você, vou beijar.

Ela estava respirando um pouco mais pesada, olhando para minha boca enquanto eu dizia a palavra beijo. — E você estará sentada comigo na hora do almoço. Não aceito não como resposta. Não podemos ser nós apenas escondidos em seu quarto. Eu te amo demais para te esconder.

Ela corou, desviando o olhar. — Você não me ama.

— Sempre amei. Sempre irei. — O sino tocou acima de nossas cabeças, e dei-lhe um beijo rápido nos lábios antes de me afastar e dar um tapa na bunda dela. — Agora vá para a aula. Te vejo no refeitório.

Seu rosto ficou vermelho e foi surreal vê-la ficar tão agitada. Ela tinha uma cara de poker muito boa na escola; muitas pessoas não poderiam quebrá-la.

Quando me virei para seguir Christian e Ollie, os dois balançaram a cabeça. Ollie estava segurando um sorriso enquanto ajustava a gravata, e Christian estava com o rosto impassível, como sempre, enquanto segurava a mão de Hayley.

— Você vai nos dar os detalhes dela? Conte-nos o que você estava tão determinado a esconder na outra noite? Explique por que ela sempre foi uma vad...
— Hayley puxou Christian antes que ele pudesse terminar a frase, e foi uma coisa boa, porque eu estava prestes a colocá-lo em um armário.

Em vez disso, quebrei meu pescoço. — Não sabia que você se importava tanto.

Christian olhou para mim. E o encarei de volta. Ele abaixou a cabeça e balançou.

— Ele se preocupa com você, — respondeu Hayley por ele. — Todos nós fazemos. — Ela sorriu e deu um tapinha no meu peito enquanto caminhávamos para a aula. — Estou muito feliz em ver você feliz.

Pisquei para ela, antes de ir sentar na minha mesa, apenas para contar as horas até o almoço.

Demorei apenas dez segundos no refeitório antes de perceber que quase todos os alunos da English Prep me olhavam de lado, tentando descobrir qual era o meu jogo. Missy foi corajosa o suficiente para perguntar enquanto eu estava na fila do

almoço, procurando por Madeline na sala para que eu pudesse ter certeza que ela realmente se sentou à minha mesa.

— Eu pensei que você odiava Madeline como o resto de nós. — Ela colocou a mão no quadril no típico estilo de garota má. *De novo, por que eu transei com ela?*

— As coisas mudam, Missy, — falei, passando por ela para pegar um refrigerante. — Muito parecido com a sua cor de cabelo em constante mudança. Qual é a sua cor natural?

— Você deveria saber. Você já estive lá embaixo uma ou duas vezes. — Ela piscou enquanto suas amigas riam atrás dela.

Eu arqueei uma sobrancelha, pronto para retaliar. — Hmm, — pensei em voz alta, parecendo entediado. — É uma pena que eu não consigo me lembrar muito de quando comi você. Acho que você não é tão memorável. Sempre a mesma coisa. Apenas mais uma conversa chata.

Ela engasgou, suas bochechas ficando vermelhas enquanto ela olhava ao redor da linha em movimento. — Oh, tanto faz. Isso não é verdade. Se foi, por que você voltou para uma segunda rodada?

Eu simplesmente disse a verdade. — Porque você foi fácil, é por isso.

A risada alta de Ollie veio atrás de mim, mas a afastei.

O rosto de Missy empalideceu enquanto tentava pensar em algo bom para dizer, mas não conseguiu, porque ela era fácil e sabia disso. — Olha, — comecei, pegando uma fatia de pizza e colocando-a na minha bandeja. — Não quero ser um idiota. Eu não gosto de rebaixar as garotas. Mas, — dei-lhe um olhar que a fez vacilar, — mantenha o nome de Madeline fora da sua boca e nós ficaremos bem, certo?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Uau.

— O quê?

— Nunca pensei que veria o dia em que você iria defendê-la. Me faz pensar o quê mudou.

Ela fez. Isso é o quê.

Missy deve ter encerrado a conversa, porque jogou o cabelo para trás do ombro e começou a conversar com as amigas.

— Também me faz pensar, — disse Ollie por trás do meu ombro. Quando me virei, ele estava evitando contato visual comigo. Até começou a assobiar, como se não fosse ele quem tivesse dito isso.

Eu não tinha certeza se algum dia conseguiria contar a verdade aos meus amigos. Era assunto de Madeline. O abuso, a agressão sexual. Esses eram dois assuntos muito pessoais, e Madeline não confiava nas pessoas facilmente.

— Você só vai ter que confiar em mim, Ollie. Eu te contaria se pudesse.

Ollie passou a mão pelo cabelo loiro antes de concordar. — Eu entendo. Apenas saiba que estamos aqui para ajudá-lo, Madeline ou não. Eu já conversei com Christian. Ele vai se afastar.

inclinei meu queixo e levantei um punho. Ele bateu e nós juntamos o resto de nossos almoços. Assim que voltei para a nossa mesa, Piper e Hayley já estavam comendo e falando inflexivelmente entre mordidas sobre algo que eu não me importava. Christian estava conversando com Kyle e Ollie já estava na metade do caminho com sua comida, embora nós tivéssemos pegado nossos almoços ao mesmo tempo.

Fiquei de pé até que peguei uma mecha de cabelo loiro na fila do almoço. Madeline estava segurando uma xícara na mão, balançando para frente e para trás em seus pés, tentando decidir o que ela queria beber. Ela estava tão gostosa em seu uniforme de colegial. Entendi por que ela achava que ninguém a queria mais: Por ser publicamente cancelada e seus amigos lhe darem as costas, mas ela era realmente estúpida se pensava que os caras desta escola não desejavam estar entre suas pernas.

Ri baixinho enquanto dava um passo para trás para longe da mesa, pronto para lembrá-la de que ela não deveria desistir de sentar-se comigo. Mas assim que me afastei, ouvi o estrondo de algo à frente. O refeitório se aquietou por um momento, ou talvez fosse apenas na minha cabeça, porque o olhar de pânico no rosto de Madeline me rasgou como uma porra de uma britadeira. Sua bebida estava espalhada no chão ao redor de seus pés, seus olhos azuis grandes e redondos.

— Ela está paralisada? — Piper perguntou honestamente. — O que há de errado com ela? Alguém tirou a bebida da mão dela?

— Eric. — A voz de Hayley foi uma espécie de aviso, mas continuei a olhar para Madeline e seus maneirismos. *O que estava acontecendo?* — Você reconhece aquele homem?

Meus olhos passaram por Madeline e me fixei em um homem mais velho parado ao lado do Diretor Walton perto das duas portas de carvalho do refeitório. Ele era alto e claramente muito rico pela aparência de seu terno. Seu cabelo escuro não se moveu um centímetro, provavelmente cheio de um gel caro, quando ele acenou com a cabeça para algo que o Diretor havia dito. O homem não tinha interesse sobre o que quer que fosse a conversa, porque seus lábios se curvaram para cima enquanto ele olhava para Madeline. Ele piscou e minha visão turvou.

Olhei para trás, para Madeline, que estava lentamente dando um passo para trás, para longe de sua bebida derramada. Suas bochechas naturalmente rosadas não tinham cor, combinando com a brancura de sua blusa da escola.

Quem diabos era...

Minha cabeça se inclinou de forma predatória conforme eu voltava minha atenção para o homem. O Diretor Walton o estava incentivando a dar uma olhada em algo do outro lado da sala, acenando com a cabeça e caminhando lentamente para o que quer que fosse.

— Ollie, — eu lati, não deixando meu olhar desviar do homem. — Vá olhar pela janela. Diga-me se você vê um Porsche vermelho-cereja estacionado na frente. — *Porra, não poderia ser.*

Ollie deve ter reconhecido a vileza na minha voz, porque ele se levantou e saiu de seu assento antes mesmo das palavras saírem da minha boca. — Indo, — ele gritou de volta.

Quanto mais eu olhava para o homem, mais meu coração batia forte. Minha pele coçou quando o sangue veio correndo para a superfície. Queria tanto olhar para Madeline, mas estava com muito medo de tirar os olhos do homem, com muito medo que ele escorregasse das minhas mãos antes que eu pudesse chegar até ele.

— Sim. — Ollie voltou correndo. — Há um Porsche vermelho. O que está acontecendo?

As portas do refeitório abriram e fecharam e eu vi a ponta do cabelo de Madeline quando ela fugiu. Rosnei, observando o homem olhar para ela enquanto ainda fingia ouvir o Diretor Walton.

— Hayley e Piper, vão verificar Madeline. Eu sei que vocês não gostam dela, — dei a ambas um breve olhar suplicante, — mas é importante.

As duas se levantaram imediatamente.

— Eric, — Christian avisou, entrando em minha visão. — O que quer que você esteja prestes a fazer, pare. Eu vejo esse olhar. Conheço esse sentimento. Enrole-o de volta. Eu não posso te tirar de tudo o que você está prestes a fazer. O Diretor Walton está bem ali.

Passei por ele e fixei meus olhos no alvo.

— Eric. — A mão de Christian agarrou meu braço e a arranquei, pronta para atacá-lo.

— Se alguém estuprasse Hayley, o que você faria? — Minha pergunta saiu a todo vapor. Foi como se eu tivesse metaforicamente esmagado um objeto contundente em sua cabeça.

— Eu o mataria.

Eu estava a apenas alguns metros de distância da dupla de homens quando me virei e olhei para Ollie e Christian. — Pare-me antes que eu faça. Não quero ir para a prisão.

Ambas as mandíbulas ficaram frouxas.

Ollie balançou a cabeça. — Cara. Tem certeza que ele...?

— Sim, — rebati. — Vocês dois queriam saber o que eu estava escondendo. Aqui está a porra da sua resposta. — *Parte disso.*

A raiva estava começando a me cegar quando bati no ombro do homem. Ele e o Diretor se viraram, com as sobrancelhas franzidas.

— Eric... — O Diretor Walton olhou por trás do meu ombro para se dirigir a Ollie e Christian. — Rapazes. O que foi?

— Senhor, — eu calmamente comecei, ignorando o Diretor. — Você dirige um Porsche vermelho?

Ele ficou confuso no início. — Sim, por quê?

— Então, — ri ameaçadoramente. — Você sabe quem é Madeline, correto? A loira para quem você acabou de piscar?

O queixo do homem projetou-se para frente, seus olhos me dando um aviso que eu agarrei e joguei atrás do meu ombro.

— Vou tomar isso como um sim.

Enrolei meu braço para trás e bati no rosto dele com tanta força que minha mão ficou dormente.

Essa raiva que estava começando a me cegar antes? Bem, assumiu completamente o controle e tudo ficou escuro.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Madelaine

Isso é carma. Eu deveria saber que o carma não acabou comigo. Ela era uma cadela sorrateira e, no segundo em que baixei a guarda, voltou como um gato preto em um beco abandonado.

Por que ele estava aqui?

O suor escorreu pela minha testa, deixando uma faixa de umidade por todo o caminho até o meu queixo.

Ele veio aqui de propósito?

Meu corpo tremia na cabine vazia, minhas mãos descansando na parede de azulejos marinho acima do banheiro.

Era uma coincidência?

Eu não conseguia respirar. O oxigênio era inexistente. Imagens e sentimentos horríveis de medo, culpa e fraqueza estavam caindo sobre mim com força, e não havia como me proteger.

Nenhum mesmo.

Meus olhos lacrimejaram quando me inclinei sobre o vaso sanitário e vomitei. Tossi e cuspi, arranhando meus pulmões para deixar o ar entrar.

E se ele ainda estivesse lá fora?

Eu balancei minha cabeça. Ele não poderia chegar até mim. Este não era meu quarto escuro no meio da noite. Havia luzes e uma sala aberta com muitos olhos.

De repente, a cabine começou a ficar muito claustrofóbica. Minha mão mexeu na fechadura, algumas vezes, antes que ela finalmente se abrisse e eu caí de joelhos no ladrilho duro, tentando fugir do pequeno espaço.

— Madeline!

— Oh meu Deus. Você está bem?

Voei para minha bunda, minhas palmas pousando no chão atrás de mim. Meu corpo tremeu de novo, tremendo de uma maneira que eu não conseguia controlar.

Oh meu Deus. Por que não consigo parar de tremer?

O rosto de Piper era uma mistura de preocupação e pena quando ela olhou para Hayley. — Ela está branca como um fantasma.

— Pegue uma toalha de papel molhada.— Hayley se abaixou e agarrou meu queixo suavemente. — Ei, respire, Madeline. Tudo bem.

Balancei minha cabeça. *Eu não consigo respirar.*

A bile revestiu minha língua e minhas mãos foram ao redor da minha garganta enquanto eu esfregava para cima e para baixo. Engasguei quando mais lágrimas nublaram minha visão.

— Olhe para mim. — Travei no rosto de Hayley quando algo frio atingiu minha testa. Piper me silenciou e eu percebi na hora o quão sortudas elas eram por terem uma a outra. Por ter uma melhor amiga. — Diga-me o que você vê, Madeline. O que você vê?

Você... sendo muito legal comigo.

— Legal, — engasguei.

Sua sobrancelha franziu quando ela afastou o cabelo escuro.— O que você sente? Toque em alguma coisa. Traga-se de volta ao chão.

Levantei minha mão e toquei a frieza em minha testa. Era a toalha de papel molhada de Piper. Era reconfortante. — Frio. Úmido.

— Bom, — Hayley encorajou. — Isso é bom. O que você cheira?

— Vômito.

Hayley sorriu atrás de uma risada enquanto Piper ia atrás dela e lavava o banheiro.

— Aí está, — ela disse, colocando as mãos nas minhas. — Basta respirar fundo.

Balancei a cabeça, me sentindo confortada que meu peito estava subindo e descendo novamente. Respirar estava ficando mais fácil. Meu estado de pânico estava diminuindo.

— Você é boa nisso,— Piper sussurrou, vindo atrás de Hayley.

— Christian e Ollie me ajudaram em um ataque de pânico uma vez. Lembrei-me do que eles fizeram.

Nós três ficamos amontoadas por alguns minutos, respirando juntos como se estivéssemos tendo uma aula de meditação. Inspira profundamente, expira profundamente.

Não conseguia nem entender a situação em que estava. Hayley e Piper estavam no banheiro comigo, me ajudando, sendo legais comigo, e eu nem tinha energia para me importar que elas estivessem me vendo assim.

Na verdade, quase tive vontade de me agarrar a elas. *Espera.*

— Onde está Eric? — Perguntei, ficando de pé com a ajuda de Piper.

Hayley fez uma pausa. Seus lábios se esfregaram enquanto ela olhava para Piper em busca de ajuda.

Houve um arrepio de pânico que rasgou minha espinha. *Espera.*

— Ele nos enviou aqui para ajudá-la.

— O que você quer dizer?

Piper recostou-se na pia, cruzando os braços sobre o blazer marinho. Eu não conseguia olhar para o meu reflexo no espelho atrás dela. — Bem... — Ela parecia desconfortável. — Ele viu você meio que... surtando. Todo o refeitório viu, na verdade.

Ah, não. Não, não, não.

— Diga que ele não... — Minha mão bateu na boca quando tentei acalmar minha respiração.

O telefone de Hayley apitou e ela o tirou do bolso do blazer. Piper e eu corremos atrás de seu ombro para ler o texto. Ela nem se incomodou em esconder isso.

Christian: *Eric está na merda. Tenho certeza que o cara vai prestar queixa. Eric fodeu com ele. Madeline está bem? Eric não vai se acalmar até que eu responda e o Diretor Walton provavelmente morrerá de ataque cardíaco se ele não o fizer.*

— Oh meu Deus. — Cobri meu rosto com as palmas das mãos. — Isto é ruim. Isso é muito ruim.

— Madeline. — Hayley puxou minhas mãos para baixo. — O que aconteceu?

Encarei seus olhos esmeralda. — Isso é ruim, Hayley. Isso é tão ruim. O que eu vou fazer? — Fechei meus olhos, querendo desaparecer. — É exatamente por isso que eu disse a ele para ficar longe de mim! E se o Diretor contar ao meu pai?!

— Quem era aquele cara? — Hayley perguntou novamente. — O quê ele fez pra você?

Voltei minha atenção para a dela. — Ele me estuprou, entende? Ele me estuprou.

Seus ombros caíram, mas ela manteve as mãos em volta dos meus pulsos. Piper engasgou.

— Eu sei o que você está pensando. — Minha voz tremeu quando tentei me manter firme. — Eu mereci... após inventar aquele boato.

Lágrimas silenciosas rolaram pelo meu rosto e caíram em nossas mãos unidas.

— É carma, — falei. — Eu sei.

Hayley e Piper não disseram nada e isso me fez sentir ainda pior. Eu não queria necessariamente que elas dissessem que eu estava errada; na verdade, acho

que teria me sentido melhor se elas dissessem que eu estava certa. Mas o silêncio delas me consumiu.

O sino tocou acima de nossas cabeças, mas nenhuma de nós se moveu.

Hayley finalmente baixou minhas mãos e eu mantive meu olhar em nossos sapatos unidos.

— O que eu faço? — Não fiz a pergunta a ninguém em particular. Eu deveria ir ao escritório? Devo ter certeza de que Eric está bem? *Aquele garoto estúpido e protetor!* Veja no que o meti.

Todas as nossas três cabeças balançaram para o alto-falante do intercomunicador logo acima da porta do banheiro quando ecoou, — Madeline Haynes para o escritório do Diretor Walton.

Ah, Merda.

Hayley colocou as mãos em meus ombros. Seu olhar era de aço e determinado. — Mantenha seu queixo erguido. Não se atreva a mostrar a esse fodido que ele te deixou fraca. Essa não é você, Madeline.

Piper me deu um aceno reconfortante e veio passar os dedos no meu cabelo, alisando a bagunça selvagem que eu tinha certeza que estava.

Balancei a cabeça uma vez que as mãos de Hayley caíram. Uma respiração instável deixou meu peito e me virei.

— Madeline, — disse Hayley enquanto eu estava parada com minha mão na porta. Olhei por cima do ombro e ela e Piper estavam olhando para mim. — Ninguém merece isso. Estamos aqui para ajudá-la, ok? — Piper acenou com a cabeça, e eu esperava que elas pudessem saber o quanto suas palavras significavam para mim antes de me virar e marchar até o escritório.

Aqui vamos nós, porra.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Eric

— Hayley disse que ela está bem, então se acalme para que eu possa falar com o Diretor Walton alguns detalhes. — A voz de Christian era um estrondo baixo, apenas alto o suficiente para eu e Ollie ouvirmos. — Não é a porra do Diretor Walton, você precisa se acalmar. É aquele filho da puta que, *com sorte*, está sangrando em seu escritório agora.

Seu sangue ainda estava em meus dedos, seco agora, mas ainda estava lá. Manchei minha camisa de novo, tentando limpar as evidências, o que não adiantou porque todos no refeitório viram a luta. Meu olho estava inchado e fechado, mas não me importei. Ele estava pior que eu.

Ele era maior que eu?

Não por muito, mas ele era.

Ele era mais forte?

Pode ser.

Mas quando alguém que você ama era ameaçada, você ganhava uma força inegável.

— Eric. — Virei meu olhar para frente quando a voz do meu pai ecoou pelo pequeno escritório. A Sra. Boyd, a recepcionista, chamou o Diretor Walton no segundo em que viu meu pai entrar.

— Que porra você está fazendo aqui? — Perguntei, levantando-me. Seus olhos imediatamente foram para o meu, e ele cerrou os maxilares, colocando as mãos nos bolsos.

— Eles não conseguiram falar com sua mãe, então me ligaram. O que diabos aconteceu? — Ele estava com raiva, mas eu estava com mais raiva. — Isso é sobre mim? Você estava lutando agora para chamar minha atenção?

Zombei, batendo-me de volta no banco. — Sim, pai. Era exatamente por isso que eu estava batendo na cara de um homem adulto. Porque queria que meu pai viesse me salvar. — *Idiota do caralho.*

— Um homem adulto? O quê? — Os músculos que seguravam sua expressão tensa, caíram. — Pelo amor de Deus. Você bateu em um professor?

Ollie riu baixinho.

A Sra. Boyd falou de sua mesa. — Ele agrediu um dos membros do nosso conselho.

O rosto do meu pai empalideceu. — Você estava... — Só então, a porta se abriu e a mãe de Madeline entrou.

Simplesmente perfeito. Meu pai deu um passo para trás. — O que você está fazendo aqui?

A mãe de Madeline percebeu a cena rapidamente, notando meu rosto inchado e minha camisa ensanguentada. Seus olhos percorreram meu pai, procurando seu rosto com um olhar frenético, e depois até os nós dos dedos.

— Quem? — ela me perguntou, ignorando meu pai.

De uma maneira fria como uma pedra, respondi a sua vaga pergunta. — Ele dirige um Porsche vermelho. Não entendi direito o nome dele. Você deve saber já que ele era um de seus namorados, no entanto.

O Diretor deve ter feito a pergunta, porque ela sabia a quem eu estava me referindo quando fez a pergunta.

— O que está acontecendo? — meu pai exigiu, ficando ainda mais ereto, olhando de mim para a mãe de Madeline.

Antes que alguém pudesse responder, a porta do escritório do Diretor Walton se abriu e ele ficou lá, com o rosto de cereja, olhando para mim. — Seu filho agrediu um dos membros do conselho, é isso que está acontecendo.

Levantei-me rapidamente, com raiva de novo. — Você entendeu o motivo? — Gritei. — Você perguntou-lhe *por que* eu o ataquei?

A voz delicada da mãe de Madeline guinchou ao meu lado. — Onde está minha filha?

— Eu gostaria de saber o mesmo, — disse enquanto cruzava os braços sobre o peito antes de lançar um olhar furioso ao Diretor Walton. — Onde está a *vítima* real desta situação? Alguém ao menos a verificou, porra?

— Vítima? — meu pai perguntou.

Desta vez, me virei para meu pai e respondi: — Sim, pai. Aquele membro do conselho ali? A única acusação ameaçadora? Ele estuprou Madeline. Então, eu retaliei.

Ele segurou meu olhar e eu esperava que ele me encarasse ou parecesse desapontado, mas em vez disso, seus ombros caíram um pouco. Houve uma queda

em sua expressão fria por um único segundo fugaz antes de ele se virar e olhar para o Diretor Walton.

— Eu sugiro que você encontre minha filha. — A mãe de Madeline era menor, uma sósia da Tinker Bell, exceto pelo cabelo mais comprido, mas até eu podia sentir sua raiva do outro lado da sala.

Todos nós nos viramos quando a porta do escritório se abriu novamente e Madeline entrou.

Parecia que eu levei um tiro no peito. Seu rímel estava torto, nenhum sinal de vida em seus olhos.

Sua mãe engasgou com um grito colocando os braços em volta de seu torso esguio. — Eu sinto muito. Sinto muito. — Ela ficava se repetindo sem parar, ficando cada vez mais agitada e todos na sala ficaram desconfortáveis. O Diretor Walton pigarreou, mas a mãe de Madeline nem percebeu. Ela se afastou, segurando o rosto coberto de lágrimas de Madeline.

Olhe para mim, baby. Eu precisava que Madeline olhasse para mim.

A voz de sua mãe tremeu. — Você não tem que entrar naquele escritório, Madeline. Podemos sair agora.

O Diretor Walton pigarreou novamente, desta vez mais alto. Meu pai ficou na frente de Madeline e sua mãe, quase bloqueando-as dele. Eu não tinha certeza se ele as estava protegendo dele ou o contrário.

Mudei meu olhar de volta para Madeline, mas ela ainda não olhava para mim. *Por que você não olha para mim?*

— Ele está prestando queixa? — Madeline dirigiu sua pergunta ao Diretor Walton, afastando sua mãe.

O Diretor Walton acenou com a cabeça. — Isso é o que ele está afirmando, sim.

— Madeline, — avisei.

Ela me ignorou. — Diga a ele que não irei à polícia se ele retirar as acusações.

— Você não tem provas. — O homem saiu de trás da porta entreaberta do Diretor Walton como uma cobra maquinadora e eu rosnei.

— Não fale com ela, porra! Nem mesmo olhe para ela, caralho! — Minha voz sacudiu a sala. Meu pai ficou na minha frente enquanto Christian agarrou meu antebraço. Ele estava de pé agora, com Ollie.

Madeline deu um passo em direção ao homem, todos olhando para ela comandar a sala com a respiração suspensa. — Como você sabe? — perguntou. Eu podia ouvir o medo em sua voz, mas também podia ouvir a força. — Você realmente quer apostar se eu tenho provas ou não? Como você sabe que não fui para o hospital depois que você saiu?

O filho da puta ainda estava com nariz e lábio arrebatados. O sangue estava seco em sua camisa social branca, assim como a minha. *Eu deveria ter quebrado a porra dos braços dele.* Ele fez uma careta, sabendo que toda a sala saberia que pedaço de merda ele era se mordesse a isca. Mas ele tinha escolha? Apostaria em sua ameaça?

— Retire as acusações, — ela insistiu. — Ou juro por Deus que irei até à Delegacia agora e contarei-lhes tudo sobre você entrando sorrateiramente em meu quarto, sussurrando em meu ouvido que eu queria você mesmo quando eu disse que não. E como você colocou a mão na minha boca e puxou minhas calças para baixo, tudo enquanto minha mãe estava dormindo na *porra* do quarto ao lado.

Os ombros de meu pai ficaram tensos e seus punhos cerraram. — Eu aceitaria a oferta dela e, se fosse você, sairia desta sala imediatamente.

O Diretor Walton mudou sua atenção de Madeline para o membro do conselho, esperando. Todo mundo estava esperando.

O homem finalmente grunhiu, caminhando de volta para o escritório do Diretor Walton por um momento antes de voltar com sua jaqueta apertada nos nós dos dedos arrebatados. Madeline se mexeu quando ele fez o caminho para passar. A cabeça dela virou para o lado com desgosto, ou medo, talvez ambos, enquanto ele passava. Ela agarrou o pulso de sua mãe, puxando-a de volta, quando ela estava prestes a segui-lo com sua raiva trêmula.

— Não faça isso, mãe, — ela sussurrou. — Vamos para casa. Por favor.

Os olhos de sua mãe lacrimejavam quando ela aceitou o pedido de Madeline. Seus lábios tremeram e um breve suspiro de ar a deixou enquanto tentava se recompor. Então ela acenou com a cabeça uma vez e assim que ouvimos pneus cantando, as duas se viraram para sair.

— Madeline. — Corri para frente, mas ela puxou sua mãe ainda mais rápido, tentando se afastar de mim. — Madeline, olhe para mim.

Sua cabeça mal se virou e nós olhamos. Medo. Ela estava lutando contra algo por trás daqueles olhos azuis; eu podia ver isso claro como o dia. *Do que você tem medo, baby?*

— Não se atreva, — sussurrei. Não se atreva a me excluir, porra. Não agora.

Ela lambeu o lábio inferior trêmulo, mudando seu olhar para todos os outros na sala. Suas mechas leves balançaram na frente de seu rosto quando ela continuou a se virar, caminhando através da porta do escritório com sua mãe sem uma única palavra para ninguém.

— Dê a ela um pouco de espaço, Eric. — Meu pai apareceu enquanto eu estava de pé, olhando para o local onde ela estava como um cachorrinho perdido. *Do que ela ainda estava com medo?* Estava com medo que ele voltasse? Estava com medo de que ele voltasse sorrateiramente para o quarto dela?

Não disse nada quando o Diretor Walton chamou meu pai e eu em seu escritório para discutir o que precisava ser feito sobre meu ato impulsivo de violência, mesmo dadas as circunstâncias. A Sra. Boyd me deu uma bolsa de gelo para o olho e um pano úmido para o sangue em meus dedos. Minha mãe finalmente apareceu e foi uma provação para toda a família. Fiquei em silêncio o tempo todo, muito preso na minha cabeça.

O sinal final tocou para o dia e minha mãe, meu pai e eu estávamos todos saindo do escritório antes que eu percebesse.

Espera.

Corri de volta para o escritório do Diretor Walton com minha mãe gritando atrás de mim.

— Eric? — ele perguntou, tirando a mão do rosto. — O que é?

— Você ligou para o pai dela? — Algo que eu não sentia desde os cinco anos me agarrou pela garganta.

— Madeline?

Balancei a cabeça, o medo só piorando.

— Sim, liguei para ele antes de falar com a mãe dela. Ele disse que estava a caminho, mas deve ter se encontrado com elas em casa. Por quê?

Madeline.

Era por isso que ela estava com medo.

Porra. O que eu fiz?

Corri para fora das portas do escritório, puxando minhas chaves para fora da minha calça enquanto contornava meus pais.

— Eric! Onde você está indo?

Empurrei meus colegas saindo para ir para casa passar o dia, alguns até mesmo caindo no chão em minha poeira. Meu pai ecoou ao fundo enquanto corria atrás de mim.

Que porra eu fiz?

Minha mão tremia quando empurrei minha chave na ignição e saí correndo do estacionamento, buzinando para qualquer um em meu caminho. Ollie e Christian estavam empurrando as pessoas para trás, segurando o tráfego para eu passar. Eles não tinham a porra da ideia do que estava acontecendo, mas eles estavam nas minhas costas de qualquer maneira.

Tudo que eu sabia era que precisava chegar à casa de Madeline antes que seu pai chegasse.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Madeline

Minha mãe nos levou para casa; meu carro ainda estava estacionado na escola. Durante todo o trajeto até nossa casa, ela chorou. Seus ombros tremeram quando lágrimas silenciosas caíram. Eu não sabia o que dizer. Não acho que ela fez também.

Assim que entramos na garagem, ela desligou o carro e enxugou os olhos com cuidado. Sua mão vagou até a minha e ela apertou-a algumas vezes e ficamos sentadas em silêncio por muito, muito tempo. Eventualmente, nós duas saímos e começamos a subir os degraus.

— Estou bem, mãe. Não é grande coisa, — finalmente disse, precisando dizer algo para que a dor ecoante não me cegasse. — E isso pode ficar entre nós.

— Não está bem. E seu pai vai descobrir, Madeline.

— Não. — Balancei minha cabeça agitadamente, cruzando meus braços sobre meu blazer. — Quem vai contar a ele? Certamente não você ou eu. — Dei-lhe um olhar penetrante. — Se ele descobrir, sabendo que foi um dos seus... — As palavras morreram na minha língua.

Pneus guinchando voaram pela estrada e minha mãe e eu ficamos paralisadas. Desejei que fosse Eric correndo atrás de mim ou talvez apenas um carro aleatório que desviou para perder um esquilo na estrada. Mas de alguma forma, nós duas sabíamos quem era.

— Vá para o seu quarto e não saia.

Meu estômago embrulhou. — Como ele já sabe? — O Jaguar do meu pai apareceu quando voou para a garagem.

— Madeline. — Minha mãe agarrou meus braços e me empurrou para dentro de casa. — Vai. Tranque sua porta.

Seus olhos azuis, da mesma cor viva que os meus, me impressionaram. — Não dei a você nenhuma razão para confiar em mim. Mas preciso que você confie em mim agora. Vai. Não saia até eu mandar. Não importa o quê.

O medo e a submissão que minha mãe sempre usava no rosto como uma fina camada de maquiagem não eram mais visíveis para mim. Elas tinham de alguma forma se transformado em algo que eu não reconheci.

Ela respirou fundo quando a porta do meu pai bateu. — Vai.

Seu tom vibrou com o medo em meu peito e eu rapidamente corri, pulando passos em três para correr para o meu quarto. Bati a porta, mexi na fechadura até que ficasse segura e afundei no tapete felpudo, abraçando os joelhos contra o peito.

Meu telefone apitou algumas vezes e quando o retirei, esperando que fosse Eric — embora eu tivesse saído sem dizer uma única palavra a ele — me senti mal.

Desconhecido: *Aquele cara realmente te estuprou?*

Desconhecido: *Olá. É Hayley, você está bem? Eu só queria saber como você estava.*

Desconhecido: *Uau. Ouvi dizer que você foi estuprada. Isso explica porque você parou de transar com os caras.*

Cara: *Ei. Eu sei que não falamos mais, mas sinto muito pelo que aconteceu. Se os rumores forem verdadeiros, quero dizer. Claro que parecia quando Eric pirou.*

Ignorei cada mensagem e apertei o telefone contra meu peito quando ouvi a porta da frente bater.

Talvez eu devesse ligar para 9 1 1?

Ele nem tinha batido nela ainda, mas eu sabia que iria. Ele sempre fazia.

Suas vozes subiram pelas escadas e eu queria cobrir meus ouvidos.

— *Você sabe como é constrangedor receber uma ligação do Diretor dizendo que minha filha foi estuprada por um homem que estava transando com minha esposa? Isso é mesmo verdade?*

— *Isso é tudo com o que você se preocupa? Deveria se preocupar com nossa filha! Quem se importa com o quão constrangedor isso é! Sua filha foi violada sexualmente.*

Algo bateu; um grito de minha mãe foi o próximo. Meu coração começou a pular; minha cabeça começou a latejar com o aumento do estresse.

— *Você deveria ter sido estuprada. Você sempre foi um lixo! Uma vagabunda suja. Não suporto nem te olhar. Onde ela está? Quero saber todos os detalhes e quero que você também se sente e ouça. Talvez, então, você se sinta tão mal por trazer um homem assim para esta casa que vai se matar. Madeline ficará melhor sem você.*

Coloquei minha mão sobre minha boca para me impedir de gritar.

— *Bem, eu deixei você entrar e você é tão ruim quanto! Bater em mim quando tem vontade, me foder como se eu fosse feita para o seu prazer pessoal e nada mais. Você não é mais homem do que ele.*

— *Você está defendendo o homem que estuprou sua filha?*

Não, pai. Ela está tentando fazer com que você veja que está ferrado também.

Houve outro estrondo alto e eu pulei de pé.

— *Você gosta disso? Huh?* — Lá estava. Aquele tom psicótico em sua voz que deixou meu cabelo em pé. Tirei meu blazer dos ombros e olhei para a janela. Metade de mim, queria que Eric viesse em meu resgate novamente, mas a outra metade não o queria em qualquer lugar perto de meu pai.

— *Você gosta de ser estuprada? Talvez eu apenas te foda agora para que saiba como é!* — A risada do meu pai me deixou doente. — *Oh, espere. Eu esqueci. Você é uma vagabunda que provavelmente vai gostar de qualquer maneira.*

Minha mãe gritou e algo quebrou. Um prato? Uma moldura?

Aproximei-me da minha porta, algo me puxando para frente. Eu estava farta de estar com medo. Estava tão cansada de ouvir isso repetidamente. Havia grandes lacunas no tempo em que meu pai desapareceria antes de voltar, mas quando ele aparecia, era como se o tempo não tivesse passado.

Um arrastar de pés e passos apressados soaram abaixo. Abri minha porta apenas uma fresta e, em vez da voz do meu pai, era a da minha mãe.

— *Sai.*

— *Você está maluca? Você não vai atirar em mim, porra. Você não terá nada se me matar. Você vai para a prisão. Madeline ficará sozinha. Abaixei a arma.*

Meus olhos se arregalaram.

Corri pelo corredor e inclinei-me sobre o corrimão, olhando para minha mãe, que estava segurando uma pistola preta em suas mãos trêmulas. Sua camisa estava rasgada pela gola e seu cabelo parecia ter sido puxado. Seu jeans estava desfeito na parte superior. Meu pai rondava a sala de uma forma predatória, o que fazia sentido porque era exatamente isso que ele era: um predador. Alguém que ficava parado e esperava até que a presa passasse e então as destruía repetidas vezes. E eu odiava dizer isso, mas minha mãe era a pior tipo de presa; caindo na armadilha uma e outra vez.

Desci as escadas lentamente na ponta dos pés. Eu não tinha certeza do que me possuía além do fato de que alguém tinha que ceder. Estávamos em um ciclo interminável e fodido de medo, mágoa e traição. Já era hora de meu pai enfrentar a verdade e que pessoa melhor para cuspi-la do que sua princesa arruinada.

Minha mãe chamou minha atenção primeiro e ela balançou a cabeça, a boca em uma linha firme. Meu pai estava muito ocupado olhando para a arma em suas mãos, tentando encontrar uma maneira de colocá-la no chão antes que ela o colocasse no chão. Suas mãos estavam em punhos ao lado do corpo, seus amplos ombros extensos enquanto ele andava.

— Eu vou matar você, antes que você me mate, — ele ferveu, dando um passo em direção a ela.

Vi uma centelha de medo no rosto dela, aquele pequeno show de que ela não era tão confiante quanto queria.

Assim que eu disse: — Pai, — ele pulou em cima dela e os dois caíram no chão. Gritei, minha mão correndo para cobrir minha boca quando minha mãe caiu no chão, batendo com a cabeça na mesa. O sangue escoou instantaneamente da ferida, mas ela não desistiu. Ela murchou debaixo dele quando ele se deitou sobre seu corpo, pegando a arma.

Meu pai era muito maior do que ela; ele acabaria vencendo no final.

A adrenalina correu por mim, possuindo-me com força para correr e intervir, mas minha porta da frente se abriu e Eric entrou correndo. Seu cabelo estava bagunçado, seu rosto marcado pela preocupação. Sua camisa estava ensanguentada e, embora seu olho estivesse machucado, ele ainda parecia forte e pronto.

— Quem diabos é você? — Meu pai se levantou, tirando a arma de minha mãe no último segundo. *Não!* Ela choramingou, segurando a cabeça enquanto estava em posição fetal no chão atrás dele. Acho que ela estava dentro e fora da consciência, muito fraca para ficar totalmente presente, mas muito forte para se soltar totalmente. A arma foi apontada para Eric e eu fiquei entre os dois como uma barreira. Seus braços voaram quando ele mudou seu olhar de mim para meu pai.

— Abaixе a arma, — Eric disse calmamente.

Os olhos de meu pai estavam selvagens com seu temperamento crescente. — Eu perguntei quem diabos você é. Você é aquele que estuprou minha filha? E fodeu minha esposa também?

Eric ainda estava de pé com as mãos para cima enquanto dava passos de bebê em minha direção. — Eu disse para abaixar a arma, senhor. Não estuprei sua filha.

Meu coração estava preso na minha garganta. Encarei meu pai, me concentrando em como seu rosto estava ficando vermelho. — Papai, pare.

Ele se virou na minha direção, apontando a arma na minha direção com o dedo no gatilho. Eu gritei.

— Ele estuprou você, porra?

— Não! — Eu gritei, ouvindo portas de carro do lado de fora.

— Isso tudo é culpa da sua mãe! — gritou com mais raiva. Quanto mais tempo ficávamos juntos na sala, mais irritado ele ficava. Talvez ele estivesse com vergonha de eu estar vendo-o assim. Ou talvez estivesse tão cego por sua própria raiva pessoal que não conseguia entender o que estava fazendo.

A arma me deixou, apontada para minha mãe. O jeito como o bico apontou diretamente para sua cabeça foi premeditada e os olhos do meu pai brilharam como se ele fosse o mais feliz, com cada grama de controle. — Você merece morrer, — ele sussurrou quando a porta se abriu. Não tive a chance de ver quem era porque, em vez disso, corri e mergulhei na frente da minha mãe e então a arma disparou.

Afinal, eu era altruísta.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Eric

— Madeline! — Gritei tão alto que minha voz saiu rouca. Meu coração saiu disparado do peito e a dor foi tão forte que olhei para baixo para ver se era eu quem havia levado o tiro.

— Eric! — Meu pai apareceu quando comecei a correr para frente.

Vermelho. Tudo que eu podia ver era vermelho. Sangue vermelho vindo de Madeline e sua mãe. Tudo se moveu em câmera lenta. O rosto do meu pai balançando para frente e para trás na minha frente, ele me puxando para trás com toda a força, o suor escorrendo pela testa. Minha mãe apareceu, já de joelhos na frente de Madeline, colocando as mãos na barriga para estancar o sangramento.

Outro tiro soou e, de repente, o caos estava de volta. Minha mãe gritou, baixando a cabeça enquanto mantinha as mãos firmes em Madeline.

O pai de Madeline caiu lentamente no chão, tombando como as torres gêmeas, caindo de joelhos e depois atingindo o rosto primeiro.

— Madeline! — Gritei, ganhando a habilidade de empurrar meu pai. Caí de joelhos em uma poça de sangue.

— Empurre para baixo em seu estômago, agora. Mantenha a pressão. — Minha mãe estava tentando manter a calma, mas estava em pânico. Verificou a respiração da mãe de Madeline porque, em algum momento, ela examinou-a.

— Mantenha seus olhos abertos, Madeline. Ok?— Minha mãe estava pairando sobre o rosto, sorrindo. — Vai ficar tudo bem.

Madeline estava tremendo debaixo de mim; sua blusa encharcada de sangue. Minha mão estava molhada e pegajosa.

— Mãe, — consegui engasgar, sentindo minha alma se partir em duas.

— Temos que ir para o hospital. Mal podemos esperar por uma ambulância. Pegue-a e você corre para o carro o mais rápido que puder. Coloque a mão de volta na barriga dela, no segundo que você entrar. Estou bem atrás de você.

Fiz exatamente o que ela disse, voando pela casa, passando por meu pai, que estava ao telefone com o 911.

— Fique até a chegada da polícia, — gritou minha mãe para meu pai.

— Vai! — ele gritou.

Isso não estava acontecendo. Isso não estava acontecendo, porra.

— Eric, isso dói. — A mão de Madeline apertou minha camisa e eu a silencieei.

— Eu sei, baby. Eu sei. Não fale. Estou bem aqui.

Minha mãe olhou para trás com sangue por toda a camisa e mãos enquanto ela segurava o volante. — Não a deixe fechar os olhos, Eric. É vida ou morte.

Um vazio que eu nunca experimentei antes agarrou-se aos meus ossos como um resfriado profundo conforme eu pressionava com mais força seu estômago.

Encarei o rosto frio e úmido de Madeline. Seus olhos estavam ficando pesados, sua respiração superficial. — Madeline, — lati. — Olhe para mim, baby.

Seus olhos tremeram como se estivesse tentando se concentrar. Ela finalmente fixou os olhos em mim e eu pressionei com mais força sua barriga. Sua mão agarrou minha camisa novamente, o que foi bom. Isso significava que ela ainda tinha alguma força.

— Você se lembra daquela vez que assistimos a um filme juntos pela janela do nosso quarto? — Perguntei, tentando pra caralho manter minha compostura.

Madeline engoliu em seco, seu rosto bonito e pálido estremecendo.

— Nós escrevíamos notas para frente e para trás e as erguíamos durante os comerciais, comentando sobre tudo o que havíamos assistido até agora. — Sua barriga apertou embaixo de mim e ela começou a ofegar. *Eu não vou perdê-la, porra.*

Ela ainda estava presa em mim, sua mão ainda enrolada na minha camisa.

— Assim que estiver melhor, vamos assistir de novo. Não me lembro o nome dele, mas vamos assistir de novo.

Olhei para frente e estávamos parando no hospital. Minha mãe voou pela área de emergência, nossos flashes indicando que *éramos* a emergência.

— Brink. — A voz de Madeline parecia distante. Fraca. Muito fraca. — Era Brink.

A porta do carro se abriu e eu nos empurrei para fora, correndo atrás de minha mãe, que já havia passado pelas portas.

As coisas aconteceram rapidamente. Madeline foi arrancada de meus braços e jogada em uma maca. Sua cabeça caiu para o lado, rolando levemente quando

seus olhos começaram a fechar. O sangue estava por toda parte. Eles rasgaram sua blusa em duas, os botões estourando por todo o chão. Minha mãe estava pressionando seu ferimento agora, correndo com as enfermeiras de plantão.

— Tiro no abdômen. Não olhei muito, com medo de que ela sangrasse, mas estou pensando em pneumotórax. Ela vai precisar de uma toracotomia com colocação de dreno torácico.

Então, todas elas desapareceram atrás das portas de vaivém, e eu fiquei lá, sozinho, com o sangue de Madeline em minhas mãos.

— Eric! — Ollie e Christian apareceram enquanto eu estava contra uma parede na área de emergência. Algumas enfermeiras me reconheceram como filho de Heather, e logo se espalhou a notícia sobre o que havia acontecido. Elas se ofereceram para me ajudar a limpar, dando palavras encorajadoras sobre Madeline. *Heather é a melhor enfermeira de trauma que temos. Tudo ficará bem. Você precisa de alguma coisa?*

O que eu precisava, porra, era saber o que estava acontecendo.

— Cara, você está bem? — Ollie agarrou os lados do meu rosto, puxando meu queixo para encontrar seu olhar. — Nós te seguimos para casa. Existem policiais e ambulâncias por toda parte. Seu pai nos disse para vir aqui para ver como você estava. Ele disse que estará aqui em breve.

Balancei minha cabeça para frente e para trás lentamente. Eu estava atordoado, como se estivesse chapado, mas não do tipo bom. Esse era o tipo de êxtase que o deixava paranoico, mas também congelado no tempo.

— Eric, — Christian apareceu. — Fale conosco. Madeline está bem?

— Eu não sei, — respondi, minhas mãos ensanguentadas penduradas ao meu lado. Eu nem tinha certeza de quanto tempo havia passado desde que a tiraram de meus braços.

— Fale conosco, — disse Ollie. — O que podemos fazer?

Balancei minha cabeça novamente. — Eu... eu não sei.

— Eric, — a voz de Christian se aprofundou. — O que aconteceu?

Pisquei uma vez, tentando me concentrar em qualquer coisa além das minhas mãos ensanguentadas. — O pai dela atirou nela.

— O quê? — Ollie gritou.

Mesmo que minhas mãos estivessem sujas, ainda as trouxe e passei pelo meu cabelo, puxando as pontas. — Ele foi atirar em sua mãe, mas Madeline a bloqueou. — Eu olhei os dois na cara. — Ele era abusivo. Já fazia muito tempo. Sempre que ele voltava para casa, ele batia na mãe de Madeline por besteira. Mas... — Eu mal conseguia pronunciar as palavras. Em parte por culpa minha e difícil de aceitar. — Quando tudo na escola deu errado, o Diretor Walton ligou para o pai de Madeline e disse-lhe o que tinha acontecido com ela. Ele deve ter aparecido na casa delas, pronto para lutar, porque quando entrei, a mãe de Madeline já estava sangrando. Havia vidro quebrado no chão e Madeline estava morrendo de medo. Havia uma arma. Aconteceu tão rápido. Ela foi muito rápida. — Algo rasgou dentro do meu peito e rapidamente me virei e soquei a parede atrás de mim, minhas juntas desmoronando em agonia.

Não me importei, no entanto. Nem um pouco.

Pura angústia passou por mim. Era enlouquecedor. Eu estava perdido. Havia algo de atormentador em querer consertar algo que estava completamente fora de suas mãos.

Braços em volta de mim; eu não tinha certeza de quem até que Christian disse: — Seus nós dos dedos já tiveram o suficiente, Eric.

— Se ela morrer, porra, Christian, — falei, descansando minha cabeça contra a parede fria com seus braços ainda em volta de mim. — Nunca mais poderei me olhar no espelho. Eu deveria tê-la protegido melhor.

— Ela não vai morrer, Eric. É a porra da Madeline. Ela é lutadora demais para morrer.

Eu esperava que sim.

— Seu pai está aqui, — disse Ollie.

Os braços de Christian caíram e, no momento em que me virei, os olhos frenéticos de meu pai me encontraram e ele correu para frente. Me afastei, incapaz de fazer qualquer coisa, apenas me manter em pé. Eu queria cair no chão.

— Eric. — Suas mãos envolveram meu bíceps e ele apertou com força. Seus olhos lacrimejaram quando ele segurou minha nuca e a trouxe em um abraço. — Vai ficar tudo bem.

Um soluço de cortar a alma saiu do meu peito e rasgou a sala como um terremoto. A mão do meu pai apertou minha cabeça enquanto ele mantinha meu rosto abaixado. *Porra.*

— Estou aqui, filho. Tá tudo bem.

Era engraçado como algo tão urgente na minha vida não parecia mais tão grande. Meu ódio por meu pai foi ofuscado pelo fato de que a vida de Madeline estava em perigo por causa de um erro que cometi.

— E se ela morrer? — Perguntei, me puxando para trás. Senti a umidade em minhas bochechas, mas não fiz nenhum movimento para enxugá-la.

— Ela não vai. — Ele estava confiante em sua resposta.

— Como você sabe?

Ele me deu uma olhada. — Porque sua mãe é a melhor maldita enfermeira que existe. Ela não vai deixá-la morrer.

O som de portas de vaivém nos separou um do outro enquanto minha mãe desabava. Ela ainda estava coberta de sangue, mas parecia aliviada em nos ver ali. Sua máscara foi puxada para baixo quando me deu um sorriso triste. Ela passou os braços em volta de mim rapidamente antes de recuar e olhar para o meu rosto. — Ela está bem. — Ela tirou meu cabelo da testa suada. — A bala não acertou as coisas importantes. Seu pulmão entrou em colapso, mas tiramos a bala e a consertamos. Ela está na UTI por enquanto, mas acho que ela vai ficar bem, baby.

Ela estava bem?

— Deus, — resmunguei, quase me curvando para me equilibrar. — Tem certeza?

Seus olhos castanhos brilharam. — Tenho certeza. — Então ela olhou para meu pai. — Como está a mãe dela?

— Eles a trouxeram logo depois que a polícia apareceu. Estava incoerente. Eles acreditam que ela teve uma concussão. Fiquei e dei-lhes um resumo do que aconteceu. — Ele desviou o olhar antes de balançar a cabeça, aceitando algo.

Estendeu as mãos e puxou minha mãe em seu peito, envolvendo os braços em torno de seu pequeno corpo. A bochecha dele descansou sobre o cabelo dela e ele sussurrou: — Eu pensei que o segundo tiro tivesse ido em sua direção.

— Eu também.

— Coloquei as coisas em perspectiva muito rápido para mim.

Ela se afastou por um momento, uma única lágrima rolando por sua bochecha e caindo no chão. — Eu também.

Ele se inclinou e beijou sua testa e ela fechou os olhos.

Em todos os meus dezoito anos de vida, não acho que os vi expressar tanta emoção com tão poucas palavras. Algo começou a se curar entre eles, e estava tudo bem para mim.

— Agora, — minha mãe se afastou e me deu uma olhada, — você precisa se limpar.

— Não vou embora.

Ela se aproximou e limpou meu rosto de algo. — Você realmente quer que Madeline acorde e veja você assim? — Baixei os olhos para o meu uniforme manchado de sangue e para as mãos com crostas. Sua voz estava abafada. — Você parece uma cena de crime, Eric. Tome um banho. Então você pode voltar imediatamente. Eu não vou deixá-la, ok?

— Você vai ficar? — Concordei.

Ela acenou com a cabeça. — Eu vou ficar e checá-la. Não é meu turno, mas posso mexer alguns pauzinhos. Vou verificar a mãe dela também. Nem sei se alguém a informou.

Minha testa franziu quando meu pai começou a me puxar pelo braço.

— Onde está o pai dela?

Ela olhou para meu pai, confusa, depois de volta para mim. — Ele está morto, Eric.

— Oh, merda, — Ollie murmurou. — Então...

Meu pai falou dessa vez. — O segundo tiro foi ele atirando em si mesmo. Ele atirou em si mesmo depois de atirar em Madeline.

Oh, porra.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Madeline

Eu estava congelando. Tão incrivelmente frio. Meus olhos permaneceram fechados enquanto puxava o cobertor mais para perto, mas ainda estava com frio. Meus olhos se agitaram; o quarto estava escuro. Não estava escuro como breu, mas não era o brilho normal da luz do meu quarto que eu estava acostumada. Quando ajustei meus olhos mais algumas vezes, examinei a sala e comecei a me sentar antes de sentir uma dor na lateral do corpo.

Um gemido baixo me deixou quando olhei para baixo e vi um cobertor de algodão branco que não reconheci. Eu estava com uma... camisa azul? Vestida?

Eu estava com uma camisola de hospital e havia algo pendurado na lateral da minha costela. Meus dedos encontraram um tubo que levava a algum lugar abaixo.

O pânico começou a surgir, um monitor próximo apitando alto. A porta se abriu e, quando vi o rosto de Heather, fiquei ainda mais confusa.

Eu estava sonhando?

— Madeline? — Voltei minha atenção para uma cadeira aninhada no canto da sala.

— Mamãe? O que há de errado com sua cabeça? — Minha mãe tinha uma bandagem enrolada na testa, mandando suas mechas loiras em várias direções diferentes.

Então me dei conta.

Eric lutando.

Meu pai.

Gritos.

A arma.

— Oh meu Deus! — Engasguei antes de gritar de dor.

— Deite-se, querida. — Heather estava vestida com um uniforme, parecendo sempre alegre. — Seu pulmão entrou em colapso, então você precisa ir com calma, ok?

Me deitei lentamente, tentando assimilar tudo o que estava sendo jogado na minha cabeça. Eu não conseguia lembrar o que era real e o que sonhei. Muitos pesadelos ocorreram na minha cabeça nos últimos meses que eu não tinha mais certeza do que era realidade.

— O que aconteceu? — Sussurrei, saltando meu olhar para frente e para trás da minha mãe para Heather, que estava olhando para os monitores e escrevendo algo.

— O que você lembra? — Minha mãe perguntou, parando ao lado da minha cama. A mão dela descansou na minha, mas não era reconfortante. Ela estava tremendo.

— A arma, — respondi rapidamente. Quanto mais rápido eu soubesse a verdade, mais rápido o pânico iria embora.

Ela acenou com a cabeça.

Meu estômago estava vazio, mas não da maneira que me dizia que eu estava com fome. Parecia vazio porque havia algo o corroendo. — Ele...? — Isso não poderia ser possível. — Ele...? — Limpei a garganta enquanto tentava puxar meus ombros para trás para parecer forte. — Papai atirou em mim?

— Sim. — Sua cabeça caiu. — Bem, ele estava mirando em mim, me disseram, e você passou na frente.

Fechei os olhos antes de querer fazer a próxima pergunta. Minha voz quebrou enquanto eu dizia as palavras. — Ele se matou? — Afastei o visual, incapaz de realmente chegar a um acordo com ele.

— Sim.

O silêncio envolveu a sala. Heather havia escapulido em algum momento, deixando-me sozinha com minha mãe. Eu a queria de volta aqui como um amortecedor. Como uma espécie de conforto.

— Diga alguma coisa, — ela sussurrou. — Fale comigo.

Balancei minha cabeça, irritada por meus olhos estarem lacrimejando e irritada por não saber exatamente por que estava chorando. Meu pai atirando em mim? Ou nele mesmo? — Eu... eu não sei como me sinto.

Ela balançou a cabeça quando eu pisquei para afastar o borrão. — Eu também. — Apertei sua mão de volta, incapaz de dizer qualquer coisa porque estava sem palavras. Havia muito para classificar e muito para absorver. Eu era boa em empurrar coisas para longe, e provavelmente empurraria isso para longe,

junto com a imagem do rosto do meu pai depois que ele atirou em mim, por um bom tempo.

— *Mãe*, — a voz de Eric soou atrás da porta e tentei me sentar novamente.
— *Por favor, deixe-me entrar.*

— Eric. Ela está conversando com sua mãe; dê-lhe um segundo.

Minha mãe chamou minha atenção e me deu um sorriso triste. — Esse é um menino determinado.

A porta se abriu e minha mãe recuou, dando outro aperto na minha mão. — Podemos conversar mais tarde.

— Maddie. — Era como se ele estivesse estendendo a mão e colocando meu coração de volta no meu peito com um pequeno empurrão.

Eric entrou correndo, evitando minha mãe. Ele estava vestindo jeans e uma camiseta enrugada. Ele estava perturbado, seus olhos escuros sombreados por tudo o que estava acontecendo em sua mente, o que mudou instantaneamente quando ele se aproximou de mim.

Meu lábio estava trêmulo e tudo doeu de repente. No segundo em que me fixei nele, realmente me permiti sentir tudo. Tudo voltou correndo para mim, especialmente a expressão de agonia em seu rosto quando ele me impediu de sangrar no carro de sua mãe. Me lembrei de tudo.

— Ei, ei, ei, — ele calou-se, abaixando-se e agarrando meu rosto. Suas mãos enxugaram minhas lágrimas. — Você está bem. Você está bem.

Fechei meus olhos, segurando um grito.

— Estou aqui, — ele silenciou, se abaixando e beijando o topo da minha cabeça. — Me diga o que você precisa.

— Você, — mal consegui dizer.

Ele segurou meu rosto e trouxe sua testa até a minha. — Você sempre me teve, baby. Mesmo quando eu fingi que não.

Solucei e isso queimou meu peito, mas fiquei parada, não querendo sair de seu abraço. — Eric?

— O quê? — perguntou, ainda olhando para mim. Eu desviei o olhar por um segundo antes que ele trouxesse meu rosto de volta ao dele. — O que é? Você precisa de mais remédio para dor? Você quer que eu chame minha mãe?

Estremeci, descansando minha cabeça no travesseiro. — Não. — Soltei um suspiro muito instável. — Você sabe o que pensei logo depois... — Inalei, ignorando a dor. — Logo depois que eu fui... estuprada?

Sua sobrancelha franziu enquanto ele permanecia em silêncio, sua mão ainda em volta do meu queixo.

Respondi rapidamente. — Você.

— Eu?

Balancei a cabeça novamente. — Tudo que eu conseguia pensar era o quanto queria que você arrombasse minha porta da frente e viesse ao meu quarto e me salvasse de... — Desviei o olhar, incapaz de olhá-lo nos olhos. — Tudo. Meu pai. O homem que entrou furtivamente em meu quarto. Eu mesma. Tudo que eu queria era você. — Comecei a divagar nervosamente. — O que é tão idiota porque não conversávamos há anos, não realmente, e parece tão obsessivo e patético.

O dedo de Eric se esticou e ele o colocou sobre meus lábios para me silenciar. Ele traçou seu polegar em torno deles antes de se abaixar e me beijar suavemente na testa novamente. — Sempre estarei aqui para te salvar. Sempre vou protegê-

la, mesmo que você seja forte o suficiente para se proteger. — Seus olhos cinzentos se aprofundaram. — Você me entende?

Balancei a cabeça, uma única lágrima molhando minha bochecha. Eric a limpou antes de ir e agarrar a cadeira em que minha mãe estava sentada e puxá-la para a beira da cama. Ele se sentou, segurou minha mão e disse: — Durma, baby. Vou até te proteger dos pesadelos, ok?

— Eu sei que você vai, — sussurrei, apertando sua mão antes de voltar a dormir.

— Ok, mais um passo, — Eric sussurrou em meu ouvido. Sorri ao dar um último passo e o senti me empurrando para o meu quarto por trás.

— Posso abrir meus olhos agora, — suspirei. — Eu só não queria ver onde... — Não consegui terminar minha frase, não queria trazer nada à tona sobre o que tinha acontecido uma semana antes em minha sala de jantar.

Ele mordeu minha orelha, sua mão ainda cobrindo meus olhos. — Não. Eu tenho uma surpresa.

Minha palma tocou seu pulso. — Uma surpresa?

— Mmhm.

Ouvi a porta do meu quarto se abrir e o carpete estava macio sob meus pés.

— Ok, você pode abri-los. — As mãos de Eric se foram e meus olhos se abriram.

— Oh meu Deus. — Eu ri quando meu queixo caiu. — Quando fez isso? Quando você teve tempo?

Eric não saiu do meu lado. Logo depois de receber alta do hospital, tive minha primeira sessão de terapia. Eric ficou sentado na sala de espera o tempo todo, enquanto eu estranhamente conhecia meu terapeuta e mal tocávamos na base de tudo que havia acontecido com meu pai e o estupro.

Eric entrou mais no meu quarto, batendo em um dos balões – que ocupava todo o meu quarto; antes de sorrir. — Eu não fiz isso.

— Ok... — disse hesitantemente. — Então quem fez? Minha mãe?

— Leia a nota. — Ele inclinou a cabeça para a minha mesa. Lentamente me aproximei, ainda tentando pegar leve.

Se Eric tentar levar o crédito por isso, ele está mentindo. Isso foi tudo nós.

Bem-vinda ao lar, Madeline. Esperamos que você se sinta melhor logo.

Vamos reservar um lugar na mesa do almoço para você.

XO. Hayley e Piper

(Christian e Ollie também ajudaram, mas não assinam seus nomes.)

— Não se mova, — Eric sussurrou. — Fique assim.

— O quê? — Meio que ri antes de ouvir um som de estalo de seu telefone.

Colocando o bilhete de volta na mesa, coloquei minha mão no quadril. — Você acabou de tirar minha foto?

— Eu fiz. — Ele piscou, suas bochechas subindo para me mostrar um sorriso que eu não via há algum tempo. — Você estava bonita, toda sorridente. É muito estranho você sorrir.

Pensei por um momento antes de ele aparecer na minha frente, inclinando minha cabeça para trás com um único dedo sob meu queixo. — Não faça isso. Não vá para aquele lugar escuro. Você pode ser feliz, Madeline. Não foi sua culpa.

— Meu terapeuta disse que era normal eu me sentir culpada, mas, eventualmente, teria que aprender que não foi minha culpa. — Olhei nos olhos de Eric e eu poderia dizer que ele viu através de mim. Realmente pensei que era minha culpa.

— Nunca saberemos por que ele fez isso. Talvez ele soubesse que era a única maneira de mantê-la segura. Ou talvez simplesmente não estivesse em seu estado de espírito certo. Ou talvez tenha sido ele quem se sentiu culpado.

Dei de ombros, voltando minha atenção para a janela. — Pode ser. — Eu odiava continuar trazendo isso à tona. Que não conseguia parar de me sentir tão sobrecarregada.

— Ei, — ele chamou, segurando meus ombros levemente. — Eu amo você.

O frio foi levado pelo calor. Sorri, apenas um pouco, mas eu sorri. Minhas mãos envolveram os lados do rosto de Eric, e eu trouxe sua boca até a minha. — Eu sei. Também te amo.

Sua língua se enroscou na minha e ele gentilmente empurrou meu corpo contra o dele. Um leve gemido deixou meus lábios e seus olhos tempestuosos se

estreitaram quando ele se afastou. — Não me tente. Não temos permissão para fazer sexo. Não com uma ferida recente.

Eu sorri. — Eu sei. Só gosto de provocar você. — Era estranho como eu podia facilmente passar de uma sensação de peso a leve em questão de segundos.

Eric grunhiu, gentilmente me puxando para o seu lado e envolvendo um braço em volta de mim. Nós dois olhamos para a calçada onde seus pais estavam, ironicamente, exatamente como nós. Seu pai tinha um braço envolto no ombro de Heather, e minha mãe estava de pé com os braços cruzados sobre o peito. Eles pareciam ter deixado o drama do caso para trás. Era surpreendente, mas Eric e eu decidimos que não nos permitiríamos mais ficar no meio disso.

Olhei para a placa de *Vende-se* no meu quintal. — Por mais feliz que eu esteja por deixar esta casa e todas as coisas ruins associadas a ela, eu realmente não estou bem por não sermos mais vizinhos.

Eric olhou para mim, sorrindo. — Não se preocupe. Você não pode me manter longe de você.

Sorri timidamente. — E se eu for para a faculdade no... — Pensei por um momento. — Alasca?

Ele se virou para olhar pela janela. — Então, comprarei parkas correspondentes para nós.

Eu ri, imaginando-o em um casaco e ele também riu antes de nos levar até a minha cama e ligar a TV. — O que vamos assistir? — Perguntei, tentando aceitar o fato de que, embora tudo na minha vida fosse louco e instável, as coisas com Eric eram o oposto. Ele era meu lugar seguro. Meu normal.

Eric se sentou, recostando-se nos travesseiros enquanto eu tentava ficar confortável. Ele empurrou o resto dos balões flutuantes para fora do caminho antes de sorrir timidamente. — Brink.

E com isso, me aconcheguei ao lado dele o melhor que pude com pontos cobertos em meu lado e ficamos deitados na minha cama pelo resto da noite.

EPÍLOGO

Madelaine

— Isto é estranho, certo? — Corri meus dedos pelo meu cabelo, alisando as pontas por baixo do meu boné de formatura. — Eu estou nervosa.

Hayley e Piper estavam paradas bem à frente, embaixo de uma das árvores perenes que ladeavam a entrada da English Prep, com Ollie e Christian por perto. Elas estavam esperando por mim e eu estava protelando.

— Baby. — Eric golpeou minhas mãos para fora do caminho. — Relaxa. Você tem se sentado à nossa mesa de almoço nos últimos meses. Por que isso é diferente?

Olhei para as meninas novamente. — Porque agora estou prestes a ficar sozinha com elas enquanto você, Christian e Ollie vão para o seu lado da linha. — Fiz beicinho. — Eu não terei você como minha âncora. Meu amortecedor.

Eric riu enquanto colocava seu boné de formatura da Marinha. Seu cabelo escuro e rebelde estava saindo dos lados. Estendi a mão e afastei uma mecha escura de seu olho.

Suspirei quando minha mão caiu. — Eu só queria que as coisas fossem diferentes. Eu queria ir para o passado e levar tudo embora. Nem sei como elas podem me suportar depois de ter sido tão... vadia.

Eric ficou sério, suas sobrancelhas se aglomerando em sua testa, sua massa espessa de cílios piscando. — Sem arrependimentos, Maddie. — Ele segurou minha cintura, puxando-me para ele pelo material áspero do meu vestido de formatura. O sol estava acima de nossas cabeças, o brilho quente de quase verão brilhando através dos galhos das árvores ao nosso redor. — Nossas experiências nos moldam em quem devemos ser, baby. Até mesmo o ruim.

Um pequeno sorriso surgiu em meus lábios antes que eu estendesse a mão e o beijasse febrilmente. Ele apertou meus quadris, passando sua língua em minha boca. A felicidade floresceu dentro de mim, borboletas esfregaram suas asas e me levaram a um estado de êxtase.

Quando se afastou, sem fôlego, e balançou a cabeça, ele disse: — Será que algum dia, vou me cansar de beijar você?

Deus, eu esperava que não.

— Madeline! Venha pra cá! — Piper gritou, jogando as mãos para cima. Seu cabelo acobreado era liso e reto, caindo sobre os ombros. Hayley sorriu ao lado dela, acenando para nós. As maçãs do rosto brilhavam de felicidade.

Eric agarrou minha mão e caminhamos até seu — meu? — grupo de amigos. Eric e Ollie bateram os punhos e ele e Christian acenaram com a cabeça.

— Foto de grupo? — Piper sorriu, puxando seu telefone.

Nossos colegas de classe estavam espalhados, os veteranos com bonés e batas, os juniores e o resto dos alunos do último ano em seus uniformes escolares.

Ollie choramingou. — Não consigo acreditar que estarei aqui sozinho no ano que vem. Odeio que você esteja em uma grade acima de mim.

Christian riu. — É chato ser o irmão idiota, hein?

Esmaguei meus lábios enquanto ele me encarava. — Não é por isso que estou um ano abaixo e você sabe disso.

— Calma, calma, baby. — Piper bateu levemente em seu peito. — Ele está apenas brincando. Basta pensar, você vai ser o rei da English Prep no próximo ano.

Ollie revirou os olhos. — Mal posso esperar. Enquanto você estará na faculdade, eu vou estar girando meus polegares com esses perdedores.

Todos nós rimos antes de Christian pegar o telefone de Piper e nos reunirmos para tirar uma foto. Eric beijou o lado da minha bochecha antes de estalá-la, e eu não pude evitar meu xiiiiis.

— Ok, temos que ir nos sentar! — Hayley deu um beijo na bochecha de Christian e arrastou Piper e eu com ela em direção à nossa seção da cerimônia de formatura.

Uma vez que estávamos sentadas, todos nós nos inclinamos para frente e olhamos para o corredor, sorrindo para os meninos. Ollie de alguma forma conseguiu sentar-se com a turma de formandos. Como? Eu não fazia ideia. Ele apareceu com seu uniforme escolar ao lado de Eric e Christian, que estavam usando seus vestidos da marinha.

Assim que me acomodei em meu assento, cruzei as pernas e olhei para o palco. O Diretor Walton estava no pódio, o sol bem alto acima de sua cabeça com nuvens dançando atrás. Meu estômago revirou quando mudei minha atenção para as cinco cadeiras alinhadas ao lado dele. Minha mão desceu sobre a perna de Hayley enquanto eu engolia em seco.

Os membros do conselho estavam aqui?

— Ele não está aqui, — ela sussurrou quando o Diretor Walton começou a falar sobre o ano.

— Ele não está? — Perguntei antes de deixar escapar uma respiração presa.

Ela balançou a cabeça, seu cabelo castanho curto roçando seus ombros. — O pai de Christian conversou com o Diretor Walton.

Meu queixo caiu.

— E o pai de Eric também estava lá. — Ela fez uma pausa enquanto todos aplaudiam por algo que o Diretor havia dito. — E Ann.

— Quem é Ann?

Piper se adiantou para poder olhar além de Hayley para mim. — A ex-assistente social de Hayley sua mãe, mas não realmente, adotiva.

Afundi de volta em minha cadeira, sentindo-me completamente surpresa e oprimida de gratidão.

Hayley deu um tapinha na minha mão antes de apertá-la e Piper se inclinou para frente para sorrir novamente.

O resto da cerimônia passou rapidamente e, logo, meu corredor estava fazendo fila para receber nossos diplomas. Hayley se virou antes que seu nome fosse chamado. — É engraçado, — ela riu. — Sinceramente, não tinha certeza se conseguiria sair dessa escola viva.

Piper riu ao meu lado.

— Você sabe o quê? — Eu disse, pronta para ser real com elas pela primeira vez em toda a minha vida. — Nem eu.

O nome de Hayley foi chamado, mas antes de apertar a mão do Diretor, ela desceu correndo as escadas e deu um abraço em mim e em Piper. Todos nós rimos e de alguma forma formamos um vínculo que eu não pensei que fosse possível.

— Este é o próximo estágio de nossas vidas, gatas, — Piper disse antes de deixar Hayley ir.

Olhei para Eric e todos os três meninos estavam radiantes. Eric me deu uma piscadela, e eu soube naquele momento que o colégio pode não ter sido o melhor momento da minha vida como todos disseram, mas teve alguns dos melhores momentos e isso era bom o suficiente.

Fim

UMA ÚLTIMA PALAVRA.

Uau. Eu não posso acreditar que a Série English Prep acabou. Esses livros significam muito para mim. Há uma grande parte de mim em cada livro e posso dizer honestamente que esta série mudou minha carreira (no bom sentido)! Esta série me atingiu. Essas histórias vieram da minha alma, cada palavra fluiu de mim (quase) sem esforço. Isso não significa que foram fáceis de escrever, nem mesmo um pouco, mas pareciam certos. Encontrei minha casa nesta série e só quero agradecer a todos que leram a Série English Prep e também se apaixonaram por esses personagens. Agradeço MUITO todo o seu apoio.

Xoxo. SJ